

MD Magno



**Pedagogia Freudiana**  
**Seminário 1992**  
**2ª Edição**

**NOVAMENTE**  
editora

O direito de impressão é pessoal e intransferível.

VERSÃO  
E-BOOK



MD Magno

# Pedagogia Freudiana

Seminário 1992

2ª edição



**NOVamente**  
editora

VERSÃO  

---

E-BOOK

**NOVAMENTE**  
editora

é uma editora da

**UNIVERSIDADE DE DEUS**

*Presidente*  
Rosane Araujo

*Diretor*  
Aristides Alonso

Copyright 2004 © MD Magno

*Preparação do texto*  
Potiguara Mendes da Silveira Jr.

*Editoração Eletrônica e Produção Gráfica*  
NovaMente Editora

*Editado por*  
Rosane Araujo  
Aristides Alonso

**...etc.**  
Estimulando a expansão do conhecimento

M176p

---

Magno, M. D. (Machado Dias), 1938-  
Pedagogia freudiana : seminário 1992 / M.D. Magno. – 2. ed. - Rio de Janeiro :  
Novamente, 2010.  
386 p. ; 16 X 23 cm.

ISBN – 978-85-87727-53-4

1. Psicanálise – Discursos, ensaios, conferências. I. Título.

CDD- 150.195

---

Direitos de edição reservados à:

**UNIVERSIDADE DE DEUS**

Rua Sericita, 391 - Jacarepaguá  
22763-260 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil  
Telefax: (55 21) 24453177  
[www.novamente.org.br](http://www.novamente.org.br)

VERSÃO  
E-BOOK

# Sumário

## 1. PEDAGOGIA / DIDÁTICA / EDUCAÇÃO

Tectonia e atectonia da psicanálise – Três perspectivas em psicanálise: neurose (Freud), psicose (Lacan), morfose (MD Magno) – Prolegômenos à *Pedagogia Freudiana* – Distinção entre Pedagogia, Didática e Educação.

11

## 2. AQUELA PEDRA NO SAPATO DE FREUD – 1

Determinação, simetria e reversibilidade segundo a tese do Pleroma – Entendimento do recalque a partir da quebra de simetria (Haver desejo de não-Haver) e do Revirão – Conceito de recalque depende do conceito de fixação – Tópica do recalque: Recalque Originário (ROr), Recalque Primário (R1Ar) e Recalque Secundário (R2Ar).

31

## 3. AQUELA PEDRA NO SAPATO DE FREUD – 2

Esquema da *pedra angular do edifício da psicanálise* – Crítica à idéia de *rochedo da castração* (Freud) e *passe* (Lacan) – Função fixante e recalcante das formações do Haver sobre o Revirão – Recalque originário freudiano como Recalque Primário – Ordem metafórica do Recalque Secundário – Aspecto protético e reificante do Secundário – Crítica à noção de falo e Nome do Pai.

51

#### 4. FIXAÇÃO E RECALQUE

Positividade e negatividade das fixações e seu regime de revirão – Dinâmica das fundações mórnicas como atratores do recalques secundários – Crítica a ‘perversão’ e ‘fobia’ como entendimento da dinâmica recalcante e recalcada das fixações – Apresentação geral de neurose, morfose e psicose em sua relação com o recalque.

73

#### 5. INSISTÊNCIA, RECALQUE, HIPER-RECALQUE

Marcel Duchamp e o retorno *de* Freud – Caráter estético e insistente das fixações – Inscrição da passagem de Primário (impossível modal) a Secundário (interdição) no Revirão – Dinâmica das fixações como forças recalcantes e recalçadas – Redução do Nome do Pai a processo de metáfora ou transporte do impossível ao proibido – Hipótese do hiper-recalque como terceiro grau de reificação.

91

#### 6. NOMINALISMO LEGAL

Nome do Pai é um *ready-made* – Nominalismo legal: Nome do Pai como possibilidade de *qualquer* nomeação – Modernidade e pós-modernidade da psicanálise – Dinâmica do recalque na neurose e na psicose – Dupla hipótese de psicose a partir de hiper-recalque e excessiva suspensão.

109

#### 7. PORÉM EVENTURAL

Tese do Pleroma é *genérica* – Reconsideração da noção freudiana de *prova de realidade* – Entendimento vetorial progressivo-regressivo de fixação e recalque – Dinâmica da insistência estética no vetor progressivo da morfose e da neurose – Dinâmica do hiper-recalque na vetorização regressiva da psicose.

129

#### 8. MEGALEGORIA E RECALQUE

Dinâmica como resultante da energética geral do psiquismo – Vetorização como escri-

ta mínima dessa energética – Proposição de novo eixo vetorial: tópico, liminar e intensivo – Vetorização liminar entre Ser e Haver – Aplicação do vetor liminar na neurose – Apresentação do eixo intensivo.

151

### 9. C7H17N03

Relação entre sonho, fixação e conhecimento – Desenvolvimento da noção de graus de reificação: analogia, metáfora e hipóstase – Retomada dos eixos de vetorização do recalque – Vicissitudes do recalque na neurose, morfose e psicose.

169

### 10. HUMANA SEXO-HAÇÃO

Apresentação das fórmulas quânticas da sexuação em Lacan – Sobre o Quarto Sexo (sexo desistente) e Terceiro Sexo (sexo resistente) – Posição hierarquicamente superior do sexo resistente – Reconsideração da escrita lacaniana: sexo consistente ('homem') e inconsistente ('mulher') como modalizações do sexo resistente – Lugar da diferença sexual – Estatuto da desistência, resistência, consistência e inconsistência – Um (gozo consistente), Múltiplo (gozo inconsistente) e Genérico (gozo resistente) – Identidade sexual: múltipla, fractal e subdita ao processo de revirão.

191

### 11. ...ETC.

Recapitulação dos temas tratados no Seminário – Lançamento do *...etc* – *Núcleo de Estudos Transdisciplinares da Comunicação* – Postura da psicanálise como referencial de abordagem da filosofia, epistemologia e ciência – Vetorização do recalque na neurose, morfose, psicose e tanatose.

209

### 12. EU (E OUTRAS POESIAS)

Sobre a noção de prótese na Nova Psicanálise – Inscrição de *Eu* no Revirão – Função *shifter* é assujeitamento às funções protéticas da língua – S (A) barrado como última

instância de Sujeito em Lacan – Pedagogia do Sujeito como processo de aproximação do Cais Absoluto.

227

### 13. MAIS ALÉM DO SOM E DA FÚRIA

Obra de Marcel Duchamp resulta no conceito de Revirão – Comentário sobre o *L'Il y a*, de Emmanuel Lévinas – *Deserto* como Cais Absoluto – Função hiper-recalcante do Haver – Morfose-limite, neurose-limite e psicose-limite – Como situar a loucura originária.

243

### 14. A MORTE NÃO É HAVIDA (HAVIDA É A PULSÃO DE MORTE, SINGULAR)

Inscrição de *das Ding* e Falo n'ALEI Haver desejo de não-Haver – Condição lógica da existência em Aristóteles, Lacan e na Nova Psicanálise – Negação da função fálica em sua relação com o Haver como UM e como fractalização – Singularidade sexual é condição de polaridade sexual – Consistência e inconsistência como polaridades sexuais.

261

### 15. A MORTE NÃO É HAVIDA – 2

Comentários sobre o mazombismo brasileiro – Entendimento da fantasia em Lacan como declinação da fantasia primordial (Haver desejo de não-Haver) – Posição sexual como resultante de processos recalcantes neo-etológicos e mórficos – Questões sobre o Seminário *Encore*, de Lacan – Vontade de poder em Nietzsche é percurso de volta do Cais Absoluto – Para Nova Psicanálise “desejo é necessariamente de impossível”.

275

### 16. SORVETE COM NIRVANA

Fundamento místico da psicanálise está indicado na experiência de Haver com'Um – Vínculo Absoluto reestatui possibilidade de vínculo – Nova Psicanálise como mistagogia



e maiêutica – “A psicanálise não é um ceticismo” – Vínculo Absoluto como condição de simpatia e de reconhecimento de diferença – Esclarecimento do fundamento ‘místico’ da psicanálise.

291

### 17. “ PAI, NÃO VÊS QUE ESTOU QUEM MANDA?”

O que pode ser um *sonho de despertar* – Passagem de vigília a sono e de sono à vigília – Reconsideração de amor, hipnose e sugestão a partir do conceito de transferência – Dois extremos da transferência: predisposições etológicas (analisáveis) e Vínculo Absoluto (incompreensível) – Questionamento do caráter necessariamente alienante da transferência e da hipnose.

307

### ANEXOS

Teorema do *Sexo Pasolini* – Sobre a verdade – Comentários

323

### SEMINÁRIO DE MD MAGNO

381



# 1

## PEDAGOGIA / DIDÁTICA / EDUCAÇÃO

Primeiramente, quero agradecer a presença de vocês, muito simpática... Não sei se tenho alguma coisa que interesse a vocês... Agradeço ao nosso caro colega, Professor Carlos Alberto Messeder, que bravamente conseguiu este local. Agradeço também ao Professor Muniz Sodré de Araújo Cabral.

O Seminário, que venho levando há mais de quinze anos, continua na seqüência de seu próprio percurso. Neste semestre, trago-o para a Universidade Federal do Rio de Janeiro, o que já poderia ter feito há bastante tempo, mas por causa de outros compromissos não pude situá-lo aqui...

Intitula-se, este ano, *Pedagogia Freudiana*, apesar de tantos fazerem a suposição de que a pedagogia nada tem a ver com o freudiano. Tentarei mostrar que, muito pelo contrário, tem tudo a ver. Também porque, segundo decisão da Unesco, este é o Ano Comenius. Este cavalheiro, Jan Komensky, chamado J. Amos Comenius, na sua obra escrita em latim, é considerado o fundador da Didática, e muito prezado pelos ditos educadores. Juntando, então, o tema de Pedagogia Freudiana com o ano Comenius, tentei que este Seminário fosse realizado no Auditório Anísio Teixeira, pertencente à Faculdade de Educação, que fica exatamente em frente a este: era juntar o simbólico com o simbólico. O Diretor da nossa faculdade, a Escola de Comunicação, solicitou realmente o auditório, mas recebeu como resposta que já estava comprometido. É uma pena!

Gostaria que fosse lá para tentar prestar uma homenagem ao meu querido mestre, Anísio Teixeira, que não foi apenas meu professor de faculdade, mas com quem tive a honra, o prazer e a sorte de conviver bastante intensamente nos seus últimos oito anos de vida, e que exerceu grande influência sobre o meu percurso. Mais do que mestre e professor universitário, ele era um amigo que me orientou bastante.

Minha relação com isso que chamo de Pedagogia, para além do que tentarei mostrar aqui, é coisa antiga. É mesmo a porta por onde entrei desde o dia seguinte da minha formatura de graduação para o trabalho universitário e cultural em geral. Comecei minha carreira universitária trabalhando com Anísio no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, que é um dos órgãos do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, ambos criados por ele. Também, por outra ironia do destino, concomitantemente, iniciei meu trabalho como assistente da cátedra – naquele tempo existia isto – de Didática Geral, cujo titular era o Prof. Luis Alves de Matos. Alguns dos presentes ainda se lembram de quando eu trabalhava lá: foram meus aluninhos...

\* \* \*

O modo como vou chegar a essa tal Pedagogia Freudiana é muito particular e, certamente, para acompanhar meu procedimento, aqueles que ainda não estão acostumados com minha maneira de existir dentro do campo do saber e adjacências terão que fazer algumas adaptações comportamentais e intelectuais. Em primeiro lugar, uma questão de estilo. Na medida em que o que interessa fundamentalmente é o que possa acontecer no nível disso que se chama Inconsciente, em todas as suas manipulações, em qualquer lugar que compareça, minha linguagem não está necessariamente subdita à censura, a não ser que eu queira, que me interesse. A expressão acadêmica não é meu forte, não porque eu não a consiga, mas porque não quero.

Na tensão entre o Saber e a Verdade, que é o lugar onde podemos surpreender melhor o que se chama de Inconsciente, em nossa prática cotidiana,

isso faz borbulha, e há grande diferença entre um discurso regrado estritamente pelo saber e outro acossado pela verdade. Este tem que se deixar mais ou menos à vontade no sentido de colher a expressão freqüentemente tal qual ela aparece. Mesmo naqueles que dizem acreditar que há Inconsciente, e até nalguns que supõem que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, porque Lacan queria assim, não posso reconhecer os indícios de uma prática compatível com essa estada, na sua relação com o Inconsciente, quando o que apresentam é uma fala regrada pela censura do saber e do academicismo. Em termos de expressão, no que o Indiscernível me faz faltar aqui e ali no que diz respeito à minha palavra, a expressão me chama a dizer, em níveis mais ou menos misturados, o que me pareça compatível com a necessidade dessa expressão. Então, palavrão para mim é termo técnico. Para um analista, palavrão é termo técnico.

Há um livrinho, muito mal falado, talvez com razão, do chamado Saint-Exupéry, o *Pequeno Príncipe*, que, por mais que se ria dele, tem uma estorinha muito engraçada: certo cientista oriental descobriu algo de extrema importância, e vai fazer uma conferência, no Ocidente, com as suas roupas tradicionais, etc. Ninguém dá a menor bola. Ele deixa passar algum tempo e retorna de smoking, aí todo mundo achou que a teoria dele era importantíssima. A Universidade sofre um pouco disto. Todo lugar sofre um pouco disto.

Aviso, então, de saída, que essa adaptação estilística é necessária na medida em que não sou propriamente o Professor Mauricinho, que é muito “sério”. Seriedade para mim não se confunde com unha encravada, prisão de ventre ou discurso censurado. Seriedade está na tentativa de rigorizar o seu percurso, quando diz respeito à psicanálise sobretudo, na pressão da verdade, quer se consiga ou não dizer alguma coisa a respeito dela.

Outra adaptação necessária – e aí já do ponto de vista de embasamento teórico – decorre do fato de eu freqüentemente ver as minhas produções, valham elas o que valerem, tomadas num certo mal-entendido. Isto, na medida em que se quer aplicar determinado escopo de leitura a um discurso que não é compatível com este escopo. Ou bem se aceita o postulado do que fundamenta

esse procedimento, e se faz a leitura segundo esse embasamento, se não, não há papo. É o samba do crioulo doido: é tentar crivar o discurso de uma maneira em que ele está completamente por fora do modo de sua operação.

Ninguém tem obrigação de seguir esse discurso, mas pelo menos para acompanhá-lo na escuta é preciso esse mínimo de adaptação, de se dar conta de que algo ali procede de maneira diferente. Depois, se quiserem escutar, é pegar ou largar. Não sou afeito a fanatismos. Acho que uma construção teórica não passa de ferramenta. Toda a questão é saber se a ferramenta é mais ou menos apurada, eficaz, aqui ou ali. Só isto.

\* \* \*

A psicanálise, que diabo é isso? Lacan a definia como sendo esta pergunta. O que é muito saudável: manter de pé a questão de não se saber do que se trata. Como coisa muito jovem, recente, não passa de cem aninhos, a psicanálise ainda é muito confusa, mal traçada, misturada, pouco refinada nos seus processos teóricos, apesar de todo o esforço que, desde Freud até Lacan, se fez no sentido de depurar os conceitos.

Uma coisa que me pergunto é a respeito da *tectonia* da psicanálise. No sentido da arquitetura: onde fica o chão, onde ela se assenta? Como está estruturado seu edifício? Em função de uma gravidade local deslocada ou ausente? O que tem qualificado, queiram ou não, eu ter por acaso chamado o que venho fazendo de *Nova Psicanálise*, e que alguns resolveram seguir com este nome, bate justamente aí neste ponto na medida em que pretendo construir, para meu uso, um aparelho teórico para a psicanálise em mais avançada possível atectonia.

Eu diria mesmo que o discurso de Freud, em função de sua época, das coletas teóricas que fez, é inteiramente tectônico. É uma arquitetura com chão, com força de gravidade regrando os arcobotantes, as cúpulas, e sobretudo organizando as fundações num terreno até mesmo pouco regrado pelo próprio discurso dele, tomado de empréstimo de uma arqueologia um pouco antiga.

É como se o sistema freudiano fosse um aparelho *geocêntrico*: tudo se encaminha gravitacionalmente para a base, para o centro de um planeta. Centro este que atua na superfície da terra freudiana e que não é senão o famoso Complexo de Édipo, tomado de empréstimo da mitologia e da literatura grega clássica, mesmo que, no final, tenha desembocado na Pulsão de Morte. Com o que, chamamos pouca atenção para que se deveria, fazendo uma leitura retrospectiva de toda a produção de Freud, deslocar radicalmente o geocentrismo e a tectônica da arquitetura freudiana – o que não aconteceu de fato, embora Lacan tenha tentado também.

E o vetor freudiano, a partir dessa tectônica do Complexo de Édipo, em que ele procurou um território, e também a partir das experiências de escuta e da cultura da sua contemporaneidade, não pôde fazer senão um encaminhamento mais ou menos linear, colocando todos os processos e os achados deste processo na dependência da linearidade e do embasamento tectônico nesse famoso Complexo. O que situa sua operação num regime muito antigo e veementemente criticável de um complexo paterno.

Aí chega Lacan, entende que aquela coisa não deve ser bem assim e dá uma de Kepler. Resolve mexer nessa tectônica e mesmo no sistema de gravitação do pensamento freudiano, o qual, na descrição sucinta que acabo de fazer, é facilmente redutível, nessa linhagem primeira, a uma estruturação *clássica* do ponto de vista estilístico. Lacan resolve romper com o geocentrismo freudiano e parte para um *heliocentrismo*, que abarroca o processo: retira a circunferência centrada no Édipo e coloca seu Sol no foco de uma elipse que faz aquele tombamento, aquele deslizamento, tipicamente *barroco*. Isto, no que o movimento de uma gravitação sobre uma elipse resulta, acompanhado geometricamente, numa certa dança espiralada. Por isso, chamo de barroco. Lacan, então, taca um tal de Nome do Pai no foco desta elipse como o sol do seu sistema heliocêntrico. Ou seja, o centro de gravidade do sistema lacaniano acabou sendo o tal significante Nome do Pai. É um gigantesco passo: para quem acreditava em Édipo, já é um bocado de abstração.

Mesmo que Lacan, assim como Freud com a Pulsão de Morte, tenha, no seu percurso final, desistido desse heliocentrismo, sobretudo quando aborda topologicamente a psicanálise e introduz o Nó Borromeano, que é algo que dá a pensar nos efeitos lógicos que pode trazer... Ele faz isto justamente num Seminário que – para não faltar com sua palavra dada de nunca mais falar no Nome do Pai, quando foi expulso da Internacional por causa disto – intitula *Les non-dupes errent*, Os não-patos erram. É justo aí – e acho que os lacanianos não se deram conta disto até hoje – que o tal do Nome do Pai vai um pouco para o beleléu, ou pelo menos exige questionamento.

Então, o vetor lacaniano, diferentemente do freudiano, não é sequencial em sentido linear, apesar das famigeradas cadeias do significante, ou significantes da cadeia. E, sim, um percurso progressivo-regressivo na medida em que Lacan leva muito a sério o conceito de *só-depois*, *Nachträglichkeit*.

\* \* \*

É por aí que começa a questão fundamental das minhas colocações, queiram vocês aceitá-las ou não.

Não me satisfaz o geocentrismo de Freud, justo porque houve Freud e houve a invenção da Pulsão de Morte. Como também já não me satisfaz o heliocentrismo de Lacan, justo por causa de Lacan, e porque ele saltou fora dos gonzos do foco elíptico do seu sistema solar na sua última etapa de reflexão.

É assim que os leio, e no que leio assim, quer me parecer necessário e urgente montar um aparelho absolutamente atectônico, nem geocêntrico, nem heliocêntrico, mas que pudesse – e aí o golpe pode deixar de ser kepleriano e passar a ser einsteiniano, se quiserem como metáfora – passar a ser centrado num relativismo radical das energias que sustentam o grande sistema do universo pensante da psicanálise.

Esse golpe, eu o dou com a introdução de um postulado – possível de ser demonstrado: tenho tentado todos esses anos – de que a estrutura, se



quiserem chamar assim, ou a Coisa do psiquismo humano, se apresenta como o que chamo de *Revirão*, e que me parece mesmo ser algo da espécie humana. Todo mundo é darwinista, queira ou não, por causa de um vício intelectual de procurar uma psicogênese. Mesmo Lacan, que era absolutamente contra a psicogênese, não deixou, nos seus começos, de montar aparelhos – criticáveis, até por ele mesmo – na linearidade de um processo de acrescentamento, como, por exemplo, a repentina entrada do significante furando a ordem do Inconsciente.

O próprio desenvolvimento da psicanálise e de outros estudos e saberes, até mesmo os chamados científicos, que pude percorrer, me dão indício de que, por mais macacos que sejamos, esta espécie já surge com a catoptria na sua estrutura psíquica, de maneira que, se esta passa a ser o centro excêntrico e a construtura atectônica da arquitetura desse psiquismo – assim como, por exemplo, construir uma nave estelar, onde a gravitação fica inteiramente deslocada –, este centro descentrado, melhor dizendo: excêntrico, talvez melhor ainda: esquisito, é estruturado como um Revirão. Ou seja, tudo que se põe para ele, põe ao mesmo tempo uma oposição e exige pensar um terceiro lugar, que, mais estes dois outros da oposição, constitui a construtura dessa atectônica.

A espécie nasce assim. E é aí, sobre o processo de Revirão, que virão incidir os *recalques* capazes de quebrar a simetria. Isto, em função mesmo de uma quebra originária de simetria pelo simples fato de que o Haver há e o não-Haver não há. E a declinação desta quebra de simetria, dentro de um aparelho exigente de simetria perenemente, é que vai constituir os caminhos e descaminhos do recalque nas formações do Haver, assim como nas formações do Inconsciente. Sem partir deste postulado, nada que eu digo é compreensível e não adianta aplicar saberes freudianos e o lacanês corrente porque não vai empatar.

Esse sistema, na verdade ek-cêntrico, eu deveria, diferentemente do clássico freudiano, e do barroco lacaniano, chamar de *maneiro*, no sentido do bom entendimento do maneirismo como estilo na expressão humana: na medida

em que se dobra sobre si mesmo, repete seu próprio ciclo sobre o próprio umbigo da sua atectonia. E como postulo, por causa mesmo do Revirão, que o Real é puro espelho, o maneirismo do sistema é absolutamente catotocêntrico, ou seja, centrado no espelho na sua mais pura concepção (e não nesse aparelhinho idiota dos espelhos com que a gente se olha antes de sair de casa).

Qual é a tectônica de uma nave espacial? O que é uma relatividade generalizada para pensar o Inconsciente? É progressivo-regressivo como Lacan colocou seu sistema, ou gira sobre si mesmo numa tensão de sair de si mesmo? A forma serpentinata de Michelangelo é centrada num ponto ou num eixo, que é inteiramente bífido. Basta olharmos suas esculturas e as dos maneiristas do seu tempo. Bífido no que esse centro perde a sua tectonia, no que os movimentos se encaminham simultaneamente para lados opostos.

Eu diria também que o vício freudiano – todos temos nosso vício – é ter tentado hapticamente segurar a psicanálise em seus conceitos por uma perspectiva de *neurose*. Ou seja, o ponto de vista da perspectiva centrada, quase que perspectiva linear renascentista, de Freud, foi o ponto de vista da neurose. Daí todos os descaminhos que tem que percorrer para tratar do que não fosse estritamente neurose. Que fez Lacan? Deu-se conta disto, e no que disto se deu conta apostou numa das vias da psicose como ponto de vista do seu processo de perspectivação. O que é notório desde o começo da sua tarefa teórica: sua tese de doutorado, aos trinta e um anos de idade, sobre o famoso caso Aimée. Então Lacan segue uma *via psychosis* – diferentemente da *via neurosis* freudiana –, mas centrada no modelo paranóico da psicose. Não é por menos que ele propõe o entendimento de qualquer conhecimento como paranóico, e é, suponho eu, o verdadeiro autor, no paralelismo com o surrealismo contemporâneo a ele, do que se chama de *paranóia crítica*, desenvolvida pictoricamente por Salvador Dalí. São os dois grandes autores do centramento do processo psíquico na psicose paranóica.

A mim, o que fez questão depois desses dois – a neurose e a psicose paranóica estando mais ou menos concebidas – foi a existência do que chamo

*Morfose*, que, de maneira cambeta e hemiplégica, vinha sendo tomada até então numa de suas ramificações, com o nome de perversão. Não que eu esteja centrando meu pensamento aí, mesmo porque pretendo tentar mostrar e demonstrar, se possível, que a perversão, isto não existe, não serve para nada. Perversão não é um conceito, é um pré-conceito e merece urgente a lata de lixo. É um erro de roteiro e um preconceito pré-psicanalítico. Investiu-se pela psicanálise adentro, e é preciso curá-la. Mas o que aí vai embutido e amplificado – pois, para mim, é apenas parte de um grande processo que chamo morfose – induz a repensar a psicanálise não em torno disto, mas em torno da psicose na medida em que os autores, mesmo lacanianos, se não sobretudo, não conseguem discernir entre perversão e psicose. Ou seja, o questionamento a partir da provável existência da morfose me conduz a requestionar a psicose.

É, então, outra *via psychosis*, mas que não pretendo centrar sobre a psicose paranóica, e sim sobre uma *esquizologia dialética*, cujo escopo geral tenho a pretensão de tentar dar conta não para chegar a nenhum saber absoluto, mas para tentar, quem sabe, um saber ab-solvido por aquilo que já situei com o nome de Hiperdeterminação.

\* \* \*

Dados o postulado do Revirão e a construção do Esquema que chamei de Pleroma, por uma questão de termo antigo, eu gostaria de fundar o que tenho para dizer sobre uma verdadeira *Mathesis Universalis*. A qual se escreve como formulação de uma Fantasia originária, primordial, que se lê: Haver desejo de não-Haver,  $A \diamond \tilde{A}$ , e que se põe como a Lei desse processo e como seu imperativo absoluto.

Para Lacan, pelo menos ao tempo do *Seminário XI*, que tive o prazer de traduzir, eram quatro os conceitos fundamentais da psicanálise, na ordem em que ele colocou: Inconsciente, Repetição, Transferência e Pulsão. No que articulo como Pleroma, só há um conceito fundamental para a psicanálise: o

conceito de Pulsão, inscrito como movimento de libido e estruturado como Revirão. Daí, deste único conceito, imediatamente quase, é que se deduzem os outros conceitos basais. Não fui o único a dizer isto. Uma mulher genial, sem as ferramentas adequadas no seu tempo, e talvez não muito dotada para desempenhos teóricos, embora excelente analista, já o tinha dito. Chamava-se Melanie Klein. Os conceitos de Inconsciente, Repetição, Transferência, e sobretudo o de Recalque, decorrem do de Pulsão, descoberto tardiamente por Freud, que arrola todo seu processo com o nome de Pulsão de Morte.

Subseqüentemente, em função do Revirão, que acolhe o que há de pulsional na sua estrutura de oposições com o seu terceiro lugar, nessa *dialética*, melhor do que dialética, pois, para mim, não se trata de chegar a nenhum hegeliano final de Tese, Anti-Tese e Sin-Tese. Muito pelo contrário, o que se põe como Tese diante de uma Anti-Tese tem que se defrontar com uma Ek-Tese em sua neutralidade para resultar, quando resulta, numa Pró-Tese. E o homem é um fabricante de próteses: a indústria pura do artifício protético, seja em que nível for.

A Pulsão de Morte é a Pulsão devida, a Pulsão de Vida, não há outra, como um imperativo absoluto – se quiserem, podem chamar de categórico porque não há como escapar dele, mas que não tem que ser achado por nenhum processo de descobrimento de fundamento moral legal, já que, segundo o postulado, isto se põe – do Haver como do Falanjo. Um imperativo que, no entanto, não obriga a nada, apenas dá a chance. Não obriga a nada no nível de uma escolha, mas obriga absolutamente à derrocada do que quer que se apresente, segundo o seu Desejo na vocação do mortal. Isso põe uma hiperdeterminação, onde suspeito poder colocar um Sujeito da Denúncia, que seria melhor chamado Denúncia de Sujeito, como fundamento ético, e que, repito, no entanto não obriga necessariamente.

A fantasia primordial, como imperativo absoluto, Pulsão de Morte pura, é: A◇Ã. Então, nosso problema é, primeiro, o de haver desejo de não-Haver, ou seja, de não haver desejo de Haver. A rigor, não há nenhum desejo que tenha a ver com o Haver. Desejo só tem a ver com não-Haver. No entanto,

dada a quebra de simetria porque o não-Haver não há, esse desejo fica condenado às *resistências* do Haver, porque não dá para passar a não-Haver. Então, não se trata de nenhum otimismo, mas dá para gozar assim mesmo.

Restar no Haver é uma consequência impositiva de não haver o não-Haver, porque isto é impossível. Diferentemente, então, do que se propôs antes, estou dizendo que o desejo é desejo de Impossível. No entanto, nada obriga o homem a restar no Haver, embora ele não possa passar a não-Haver por impossibilidade, porque a Morte não há para o homem: ele se estraçalha antes de atingi-la. O que ele pode é perecer (ingloriamente) na tentativa de conseguir a morte impossível.

A impossibilidade de fato, dada a quebra de simetria, porque o não-Haver não há, inscrita de algum modo no Haver, dada sua catoptria que exige essa última simetria, impossível, e exige de direito, dada a catoptria do Real, põe o Haver como *imanência* e imposta pelo impossível não-Haver, imanência pura, com este sonho de transcendência de simetria, que é condenação do Haver à sua própria imanência.

É o efeito dessa imanência do Haver em suas formações (diferenciadas) que empresta a essas formações (mesmo às formações humanas) o caráter de resistência pura, a qual não é senão insistência na sua consistência, apesar da inconsistência (pelo menos temporal) dessas formações.

Assim, Lacan tem razão em dizer que não há nenhum desejo de saber – ninguém quer saber de nada – não há nenhuma pulsão epistemológica senão como desistência de alcançar o não-Haver desejado e declinação (clinâmen) desse desejo em mera insistência, por causa da resistência. Quando não tem Tu, vai tu mesmo! É a raposa e suas uvas: não dá para alcançar o que quero, então vamos brincar de desejar esses possíveis que estão por aí, mas nada obriga...

A epopéia do conhecimento (do progresso, portanto, como da criação) é impulsionada pela resistência das formações do Haver que suportam a nossa ek-sistência de desejantes do impossível (Ã). Ou seja, não é possível desejar (ou seja, continuar desejando) o impossível senão cuidando da resistência dessas

formações – este é que é o grande drama da nossa situação: para continuar desejando o impossível é preciso cuidar das resistências porque, se não, não vou nem conseguir desejar o impossível. Mas, também não é obrigado, alguns desistem. Faca de dois gumes, uma vez que essa resistência (no esquecimento do desejo que faz alguma dessas resistências valer a pena) pode muito bem calar o desejo que a justifica.

O Outro, famigerado grande Outro, o novo Papai-do-céu, a cujo desejo Lacan remete o desejo do homem – *le désir de l'homme est le désir de l'Autre* –, só se nos apresenta como reconhecente (desejo nosso de reconhecimento declinável em demanda de amor) enquanto desejante subdito, também Ele, à mesma nossa condenação – que não é senão a condenação do próprio Haver.

Como se vê, desejar o Impossível (o que só é possível na condenação à imanência do Haver) é a Lei férrea, imperativo absoluto, a que está sujeito (ou seja, assujeitado) o Homem. Aí é preciso fazer uma distinção. Uso o termo *Sujeito* em duas acepções: estar assujeitado a isso é existirem indivíduos dessa espécie, que Lacan quis chamar de falante, no sentido verbal; mas não é grande coisa, não faz brotar imediatamente nenhum Sujeito, no sentido nominal, que é aquele que, a partir de um evento, consegue imediatamente dizer seu nome em relação a esse acontecimento. Este é Sujeito, o resto é tudo assujeitado.

Esse homem, assim assujeitado, só “escapa” da Lei por sua insistência nela mesma, e quando tem ocasião, chance (fortuna, tiquê), de passar eventualmente de sujeito verbal (assujeitado) a Sujeito nominal, ou Sujeito propriamente dito, pela imposição de um passo (a mais) que ele dê de dentro de sua situação (vejam aí uma influência de Alain Badiou). Fingimento de escapar da Lei no que a reinstaura pela inauguração do novo. Novo para quem? Para o Homem, pois é impossível pensar que haja (por todos os séculos dos séculos) qualquer novo para o Haver (a não ser que seja novo de-novo). Como dizia Salomão, não há “nada de novo sob o sol” – mas não é bem “sob o sol”: não há nada de novo para alguém do não-Haver. Embora haja sempre possibilidade de algo de novo *para o Homem*.

Esses são prolegômenos no sentido de reendereçar a conversa e para tentarmos chegar ao que quero tratar este ano com o nome de *Pedagogia Freudiana*.

\* \* \*

Terei tempo mais adiante de comentar – de novo, porque já fiz isso uma vez – esses autores que querem que a psicanálise nada tenha a ver com a pedagogia. O que me parece demissão, se não mesmo entrega do ouro ao bandido. Ao contrário, quero dizer que a psicanálise *é* uma pedagogia, nada mais.

O último livro de Gilles Deleuze – junto com Félix Guattari –, o qual não tenho que necessariamente seguir em seus passos – mas, contra a vontade de assassinato no campo do saber e da universidade, é preciso tirar o chapéu e fazer reverência a quem existe pensadamente –, *Qu'est-ce que la philosophie?*, na página 17, diz alguma coisa que serve para ilustrar muito bem o espírito, se não a carne, pelo menos, do que quero vir a colocar como pedagogia freudiana: “Os pós-kantianos giravam em torno de uma *enciclopédia* universal do conceito, que remetia sua criação a uma pura subjetividade, em vez de se darem uma tarefa mais modesta, uma *pedagogia* do conceito, que devesse analisar as condições de criação como fatores de momentos que restam singulares. Se as três idades do conceito são a enciclopédia, a pedagogia e a formação profissional comercial, só a segunda pode nos impedir de cair dos cimos da primeira no desastre absoluto da terceira, desastre absoluto para o pensamento, quaisquer que sejam, é claro, os benefícios sociais do ponto de vista do capitalismo universal”.

Para nosso uso, durante este nosso percurso, para efeito de manejo, farei uma distinção-arbitrária, escolhida por mim – entre Pedagogia, Didática e Educação. Utilizarei estes três termos em situações diversas, de maneira a acolher para a pedagogia o que me interessa no que diz respeito à psicanálise.

O autor que me fornece boa ferramenta para essa distinção é Alain Badiou mesmo. Em seu livro *O Ser e o Evento*, desenvolve uma ontologia

matemática de índole conjuntista, mediante a qual estabelece distinções que terão efeitos no campo do político, sobretudo pela distinção matemática entre *pertinência*,  $\in$ , e *inclusão*,  $\subset$ . Como sabemos, a pertinência de um elemento a uma multiplicidade – que Badiou chama de “apresentação” deste elemento –, no que esta multiplicidade é contada por um, como um conjunto, esta apresentação põe uma estrutura da situação, conta uma situação múltipla por um. Badiou procura a diferença deste um que conta uma situação na sua apresentação como pura pertinência, e difere isto da inclusão das partes desse conjunto. Como também sabemos, o conjunto das partes de um conjunto excede, é superior, ao conjunto de seus elementos.

Badiou, então, chama de multiplicidade ordinária todo conjunto que não pertence a si mesmo, para não cairmos no paradoxo de Russell. Não pertencendo a si mesmo, este limite se põe e não há a possibilidade de se paradoxalizar o processo. Quando se pensa nessa paradoxalidade, ele chama de conjuntos eventurais, *événements*. Aí o conjunto das partes passaria a pertencer a si mesmo. Assim, tomando o que ele chama de meta-estrutura – que é contar para além da conta-por-um de um conjunto com seus elementos, em termos de pertinência; contar o conjunto das partes deste conjunto, o excesso; é a conta da conta –, ele aponta que aí há uma *excrecência* dessa meta-estrutura sobre a estrutura.

Ou seja, a estrutura é a conta-por-um de uma situação qualquer e a meta-estrutura, como excrecência, é o estado da situação. Isto tem a ver, por exemplo, com a relação da Sociedade com o Estado. O estado como meta-estrutura excrecente de uma situação social, e uma sociedade, no que diz respeito à pertinência de seus elementos, podendo se contar por um, deixando essa conta numa espécie de limbo equívoco entre a estruturação e a inconsistência dessa multiplicidade. Isto permitiria à situação acolher melhor as suas inclusões, diferentemente de um estado que, não querendo saber da pertinência dos elementos, mas apenas da conta das partes situadas destes elementos, não tem condições, por essa vontade excrecente, de dar conta das pertinências.



Temos, assim, a meta-estrutura como estado da situação, excrecente; a estrutura como multiplicidade contável por um, interessada na pertinência dos seus elementos; mas, também, aí dentro de um conjunto situado nessa situação, as *singularidades*. Os singulares são, para ele, por vertente matemática, aqueles elementos que, apresentados na situação como tais, no entanto, não conseguem ser representados nessa situação, na medida em que a representação se refere à meta-estrutura, à conta da conta, à excrecência. Isto é simples de entender: o estado não nos conta em nossa singularidade. Para o estado, somos o tal fulano, com tal carteira de identidade, tal família, pertencente a tal escola, que fez isto ou aquilo. O estado não pode me incluir. A rigor, não pode incluir ninguém nas possibilidades das suas singularidades como emergência de verdade, enquanto indiscernível, acoplado a essa pega com o vazio que há na relação do singular com a situação e com o estado.

O estado como meta-estrutura, a singularidade e a situação –, vejam isto na “Meditação 8” de *O Ser e o Evento* – dão chance a Badiou de falar em *excrecência* do estado, *normalidade* da situação e *singularidade* dos elementos. Uma situação é abordável em sua *normalidade* quando seus pertinentes, seus elementos, se apresentam e representam para a situação e para o estado. Há, pois, apresentação na situação e representação no estado, e isto é o normal. É *excrecente* quando se representa sem se apresentar: aquilo que excede na conta da inclusão, na conta da conta, excede sobre a pura apresentação dos elementos, não se apresenta, se não o conjunto faria parte de si mesmo e cairia num processo de paradoxo. Ou seja, a excrecência do estado se representa, mas não se apresenta. A *singularidade* se apresenta, mas não tem representação. A sociedade pode até lidar com ela, mas o estado não a leva em conta.

Como isso parece ser necessário em sua ontologia matemática, Badiou dirá que toda situação é duas vezes estruturada: estruturada como apresentação e meta-estruturada como representação. Isto é o ser da situação: apresentar-se e representar-se. Apresentar-se na sua normalidade e representar-se na sua excrecência: a conta da conta se reduplica para verificar-se a si mesma.

Assim, não adianta querer lutar contra a existência do estado, confrontar-se diretamente com ele. É pura tolice: toda vez que houver modificação, recai-se na conta da conta, e lá vem o estado de novo. Não há saída. Contra aqueles que lutaram durante décadas para a extinção do estado, ele aposta na singularidade. O movimento político, as possibilidades de dizer a verdade, o novo, dependem daqueles que vivem à beira do vazio, porque se apresentam sem nenhuma representação e aquilo é um sítio eventural, ou seja, um lugar, onde acontecimento é viável.

“Toda situação ordinária comporta, diz ele na p. 111, uma estrutura, segunda e suprema ao mesmo tempo, pela qual a conta-por-um que estrutura a situação é por sua vez contada por um” – isto é a excrescência do estado. “Há um excesso irremediável, dos submúltiplos sobre os termos” – p. 113. A estrutura tem por domínio os termos da situação, e a meta-estrutura as partes da situação.

\* \* \*

Vamos à minha distinção (arbitrária) entre Pedagogia, Didática e Educação.

Estou chamando, segundo a vertente ontológica proposta por Badiou, de *Pedagogia* o que diz respeito à *singularidade*, a isso que mora à beira do Vazio. Uma pedagogia trata, uma por uma, as possibilidades de sítio eventural na vida das pessoas. É um exercício que, em grego, se diz *askesis*: ascese dos processos antrópicos, segundo uma hipótese de sua estrutura, da sua apresentação na situação à beira do vazio como provável sítio eventural. A pertinência, no sentido matemático, permite pensar o múltiplo sem recorrer ao um, embora a conta-por-um se possa fazer. É pensar a pertinência sem ter que necessariamente recorrer ao um, ou seja: pensá-la dentro do regime da inconsistência dá chance às possibilidades eventurais deste habitante da beira do vazio.

Chamarei *Didática* o que é da ordem da *normalidade*. Na história da Educação, a didática é a tentativa de transmissão, supostamente facilitada por

ensino, por instrução, de um saber – daquilo que é da ordem da enciclopédia, do arrolado no um da estrutura – constituído como tal.

O que é da ordem da pedagogia, por mais que tenha relações com os saberes, com o estado, está visando a singularidade – o que encontramos em tratados de pedagogia como sendo o fino do fino. É uma inveja da psicanálise, antes de ela existir: levar as crianças ao desenvolvimento pleno de suas potencialidades... Uma ova! Se tentarem, verão aonde vão dar! A didática, por sua vez, é absolutamente enciclopédica: sabe-se isso e arruma-se de maneira a transmitir do melhor modo possível a nós, crianças (quem não é criança para uma didática?), este saber normal.

Chamarei *Educação* o que é da ordem da *excrecência*. Observem que não temos nenhum Ministério da Pedagogia, nem da Didática, mas sim Ministério da Educação. É aquilo que, no regime suposto da transmissão, não está interessado no desenvolvimento, nas potencialidades talvez possíveis de serem adscritas a uma singularidade, nem tão somente à transmissão de um saber na sua não raridade enciclopédica, mas quer educar o desgraçado, colocar o sujeito no regime da meta-estrutura de ele ser contado apenas na sua relação com a parte de que ele é parte, porque não é outra coisa senão parte. Seja como for, com o passar do tempo, a educação no mundo transformou-se em um problema ministerial, uma questão de estado: imposição de um modelo de meta-estrutura para o antrópico como estado de uma situação no mundo.

Estou, então, chamando de pedagogia o que tem a ver com o singular; de didática, ao que pese a alma de Comenius, que também andou firmemente por aí, a transmissão da normalidade enciclopédica; e de educação o que denota o “teje preso” como particularidade na parte da meta-estrutura que construí.

Para situar algo que virei desenvolver melhor depois, e de que já tenho falado há algum tempo, o que chamo de *perversidade social* pode ser inserido aí nesse lugar. A perversidade social a que me refiro é a própria sociedade tratar as suas possibilidades de singularidade com a cabeça do estado, ou seja, remeter ao que é da ordem da meta-estrutura o que poderia transar dentro da

sua estruturação. E isto me parece generalizado hoje em dia. Estamos vivendo uma época franca perversidade social.

Na vertente da psicanálise como pedagogia, quero mostrar que o que Freud trouxe deve ser investido como a pedagogia no regime do singular, na tentativa de atingimento de uma *Solidária Solidão*. Há um *Vínculo Absoluto* entre os desta espécie – o problema é que ele é vazio, não determina nenhum comportamento – que constituiria, se quiséssemos assim, uma Arrelição psicanalítica. Vínculo este que é estarmos todos condenados à imanência a um Haver, apesar de nosso desejo de não-Haver. E isto nos torna a todos absolutamente iguais perante a Lei, ou seja, absolutamente diferentes em toda manifestação dentro da imanência.

Forjei, sem muita certeza, o termo *Diferocracia* para pensar o vínculo absoluto, que nos desvincula imediatamente em nossas mani-festações. A Lei sendo aquela, não havendo outra, e que diz: A  $\Diamond$  ã. A igualdade absoluta perante a lei coloca ALEI – numa palavra só – de uma falta radical e absoluta de qualquer enunciado legal, a não ser por invenção e consentimento: pacto.

Aí vamos nós à *Solidária Solidão*, que é mais ou menos parecida com a Doute Ignorância de Nicolau de Cusa, e com o que já tratei como Dura Gentileza nas relações entre os humanos. O vínculo absoluto, podemos encontrá-lo naquilo que destaquei do poema *Ode Marítima*, de Fernando Pessoa, como conceito de *Cais Absoluto*: o lugar à beira do não-Haver, e que nos vincula a todos. O que nos vincula, o que vincula os assujeitados – e quando conseguem dar-se conta disto, podem assumi-lo eticamente – é a hiperdeterminação de suas assujeições, e não a mera determinação ou sobredeterminação. Mediante a qual hiperdeterminação algum raro Sujeito nominal eventualmente pode comparecer.

Há, então, a possibilidade da sacração do vínculo, o qual não me diz nada de conteudístico, de enunciado, do que me ocorre dentro da imanência, mas é sagrado na medida em que o *Sacer* não é senão o Imundo, está fora de qualquer mundo possível, e que é absolutamente desejado por nós como

não-Haver. Este vínculo é sagrado, sujo, porque Imundo, e porque intocável. A dessacralização geral, aplaudida por Marx, é reconhecimento final de que o *Sacer* absoluto e único é o que não-Há, enquanto Impossível, portanto Intocável (*noli me tangere*), o que resulta em sagração do vínculo. O vínculo absoluto é sagrado enquanto marca dentro do Haver, a qual se chama vazio, do *Sacer* impossível (Ã).

\* \* \*

Lacan não acreditava em pedagogia? Tomem o Seminário (inédito) *Les non-dupes errent*, p. 35 da minha edição pirata: “O interesse de juntar assim no nó borromeano o simbólico, o imaginário e o real, é que daí resulte, não somente que resulte, mas que deve resultar, quer dizer, que se o caso é bom (...) – basta cortar qualquer uma das rodinhas de barbante para que as duas outras estejam livres uma da outra. Em outros termos, se o caso é bom – deixem-me implicar que é o *resultado da boa pedagogia*, a saber, que não se falhou em sua nodulação primitiva se o caso é bom, quando há uma dessas rodinhas de barbante que lhes falta, vocês devem ficar loucos. E é nisso que, no bom caso, o *caso que chamei de liberdade*, é nisso que o bom caso consiste, a saber, que se há algo de normal é que quando uma das dimensões lhes “manca” – não é “faltar”, e sim “mancar” mesmo – “por uma razão qualquer, vocês devem ficar absolutamente loucos”. Ele está, a revés, construindo uma pedagogia do nó borromeano, pois que está constituindo o psiquismo como nó borromeano, dizendo que aquela é a boa pedagogia.

Não é o meu caso. O nó borromeano me serve muito, mas quero constituir uma *Pedagogia do Revirão*. Aliás, brilhantemente introduzida, por uma maneira mais para o poético, por um livro também recente, belíssimo, de Michel Serres, *Le Tiers-instruit*, O Terceiro-instruído, onde se tenta a pedagogia de um corpo cruzado, como ele chama, que se aproxima bastante do que quero chamar Pedagogia do Revirão ou *Pedagogia do Falanjo*.

*Pedagogia Freudiana*

Para chegarmos à Pedagogia Freudiana, temos que fazer um longo percurso. Terei que me delongar aqui em coisas como neurose, morfose, psicose, etc., na tentativa de exposição de uma tópica, uma dinâmica e uma economia estritamente, baseadas no *Recalque*.

19/MAR

## 2

### AQUELA PEDRA NO SAPATO DE FREUD-1

No meio da caminha tinha uma pedra  
Tinha uma pedra no meio da caminha...  
(Paródia de Drummond)

Quero tratar, hoje, de uma pedra que tinha no sapato do Freud.

Terminei a sessão anterior dizendo que, para chegarmos a uma Pedagogia Freudiana, teremos, que fazer um pequeno percurso e tratar de questões como neurose, psicose e morfose, no sentido de pensar uma tópica, uma dinâmica e uma economia estritamente do *Recalque*. Os começos deste questionamento estão transcritos em dois Seminários meus de 89, intitulados *A pedra angular* e *Da pedra angular*. Estou, então, querendo tratar a pedra angular da pedra angular.

\* \* \*

Freud disse uma vez – *Standard Edition*, vol. XVIII, p. 168 – que “mesmo supondo que temos um conhecimento completo dos fatores etiológicos que decidem um dado resultado, entretanto, o que sabemos sobre ele é somente sua qualidade, e não sua força relativa. Alguns deles são suprimidos por outros porque são muito fracos e, portanto, não afetam o resultado final. Mas nunca

sabemos de antemão quais dos fatores determinantes se provarão mais fortes ou mais fracos. Sabemos somente no fim que aqueles que tiveram sucesso devem ser os mais fortes. Portanto, a cadeia de causação só pode ser sempre reconhecida com certeza se seguirmos a linha da análise, ao passo que predizê-la ao longo dessa linha de síntese é impossível”.

Isso põe séria questão para os viciados do estruturalismo de tal modo que as famigeradas estruturas clínicas têm servido sobretudo para tapear a angústia, propriamente religiosa, dos novos padres fantasiados de psicanalistas, ou como *cameratta* renascentista para os minuetos intelectuais do Professor Mauricinho. A não ser que sirvam um pouco de meras balizas precárias e provisórias para o entendimento medíocre do singular de uma situação psíquica...

Nas abordagens que os analistas fazem das questões cruciais da psicanálise, sobretudo no que diz respeito à patologia e nosologia, vemos, desde Freud, uma séria confusão, um embaralhamento talvez indevido de construções heterogêneas que, embora na tentativa esforçada de explicação, talvez não tenham condições de ser tratadas conjuntamente no mesmo nível. Por exemplo, a sobreposição de tópicos: um grande baralho, uma grande confusão. E isto é responsável por certa grosseria no tratamento teórico dos acontecimentos numa análise. As tópicos de Freud – a primeira: Inconsciente, Pré-Consciente e Consciente; e a segunda: Ego, Id e Superego – e a grande baderna que sua mistura faz nos textos psicanalíticos... Seria de bom alvitre tentar separá-las ou, pelo menos, construir alguma que não ficasse nesse emaranhado.

Como sabemos, há uma tópica topológica que Lacan tentou introduzir com real, simbólico e imaginário, que também se vê misturada, com sérios efeitos de baralho, a outra tópica lingüística lacano-saussuriana: S/s – o que tem feito grandes confusões.

Freud colocou com o nome de Pedra Angular da psicanálise – sobre a qual supunha dever repousar, num certo momento de seu percurso, todo o edifício da psicanálise – o conceito de Recalque. E a partir do que tenho introduzido com o título de Revirão e de sua aplicação sobre o conceito de



recalque, prefiro tentar pensar uma tópica descritiva desses acontecimentos no seio do psiquismo, baseada no recalque. Assim, distinguirei – e ficarei no seio disto – Recalque Originário (Ror), Recalque Primário (R1ar) e Recalque Secundário (R2ar); a possibilidade de transiência entre estes níveis de recalque; e a indecidibilidade mesmo, em certos momentos, das fronteiras entre eles.

Por outro lado, na medida em que a estruturação do que chamei de *Pleroma* como Esquema geral assim o exige, estamos diante da questão do Revirão e da afetação que sofre dos processos de recalque. E aí, estamos também diante da obrigação de pensar o conceito de *determinação* e *indeterminação*.

Coloquei anteriormente que: indeterminação, nem pensar, pois tudo é determinado. No nível das determinações, se acolhermos a tese do Pleroma, veremos que há determinações apontáveis, designáveis, distinguíveis, discerníveis, que se acumulam em determinado momento de um processo e que poderíamos chamar de *sobredeterminação*, no sentido freudiano. Mas há também o que coloquei como *hiperdeterminação*, que é a causação do movimento de suspensão, de neutralização, de fazer surgir o vazio no seio do Haver, de mesmo fazer os movimentos que apontam para o caos, para a indiscernibilidade: a determinação suprema e inarredável do não-Haver sobre o Haver. Embora dê a impressão de se tratar de indeterminação, não o é. Tudo é determinado como Freud o dissera. Só que temos: *sobredeterminação* calculável, reconhecível; e *hiperdeterminação*, que neutraliza o processo e abre as fronteiras para o advento de algum acontecimento, para a indiscernibilidade que cerca todas as situações, para o caos que está prometido em todos os movimentos, etc.

É igualmente importante, para pensarmos o recalque em função, em presença, do Revirão, a distinção entre *simetria* e *dissimetria*: a simetria e sua quebra, a quebra de simetria. A simetria está inscrita n' ALEI:  $A \diamond \tilde{A}$ , o que é a imposição do Desejo como desejo de simetria, e a quebra de simetria pelo simples fato de que o não-Haver não há. Daí, as possibilidades de decadência, de declinação, de clinâmen, deste fato bruto que ALEI designa, que é haver

desejo de impossível. A quebra de simetria, a dissimetrização, vai operar como constância dentro do Haver. No entanto, sem conseguir apagar o movimento que ALEI designa, pois todo e qualquer movimento dentro do Haver é movimento desejante no sentido de não-Haver, embora impossível.

Também importante ao pensarmos o processo de recalque atuando sobre o que é da ordem do Revirão, é a questão de *reversibilidade* e *irreversibilidade*. Assim como o procedimento disso que querem chamar de *Inconsciente*. Não o chamo assim, pois Inconsciente, para mim, é o que se passa entre Haver e não-Haver. Eu até roubaria do último capítulo do livro de Deleuze, *Qu'est-ce que la philosophie?*, o termo, se não mesmo o conceito, de *cérebro*, para acabar com essa coisa. De Inconsciente, todo mundo fala. De psicanálise, também. Quem não sabe o que é psicanálise, ou o que é o Inconsciente?! Lacan dissera que psicanálise é a pergunta: o que é a psicanálise? É uma maneira de definir. Hoje em dia, psicanálise e Inconsciente são coisas absolutamente claras em suas definições: são o cu da Mãe Joana, onde todo mundo mete, a mão... É uma definição como outra qualquer...

Cérebro, não é necessariamente um órgão: há cérebros eletrônicos, e ninguém sabe que outros tipos ainda vêm por aí... O cérebro dos Anjos é o lugar de articulação de toda a enciclopédia e mais os deslizos, os desvios, que a hiperdeterminação força sobre ele. E assim como tem, por sua vocação desejante, uma exigência de simetria – embora quebre a cara dessa simetria no encontro do Impossível, mas não abra mão desse pedido, demanda, de simetria segundo o desejo do seu movimento originário pulsional –, também tem uma exigência de reversibilidade. Isto, na medida em que o que quer que se lhe apresente pode se lhe apresentar, no reviramento da situação, como justo o oposto daquilo. Seja o que for, seja até o Haver (que lhe coloca um não-Haver desejado, que, aliás, nem há), pela exigência de reversibilidade, assim como pela exigência de simetria, quebra a cara no irreversível das formações do Haver, que acabam reduzindo a momentos mais ou menos longos de *resistência* absoluta o desejo, a vontade, de reversão que o cérebro exige.

O drama do cérebro é: constituir-se como simetria absoluta, e não topar com ela; constituir-se como reversibilidade absoluta, e não topar com ela; e ter que viver na situação difícil – no entanto, mais ou menos manejável – e lidar com a simetria e com a reversão.

\* \* \*

Para falar a respeito do Recalque, como pedra angular de toda a psicanálise, temos que mexer em alguns pontinhos.

A tese lacaniana de que, segundo Freud, não é a moralidade que cria o recalque, mas, ao contrário, é o próprio recalque, no seu modo de operação, que depende da estrutura mesma da pulsão – e isto tem sido uma grande bandeira, sobretudo de lacanianos, para tirar o “seu” da reta da questão das repressões – está correta no nível da oposição entre Haver e não-Haver, A/Ã, mas, melhor pensada, fica prejudicada (se não até mesmo neste nível aí) pelo menos no nível de sua declinação. Isto, na medida em que são as formações do Haver – digamos, entre outras coisas, a *moralidade do corpo* – que exercem a repressão suficiente e eficiente na formação dos recalques.

Virou moda dizer: “O recalque é uma questão de estrutura. Então, não se pode mais falar que há repressões, fundando recalques...” Uma ova! O fato de a estrutura dar a base da produção de toda e qualquer modalidade de recalque não retira de modo algum o conceito de repressão, ainda que seja feita por essa estrutura. Ou seja, esse tipo de tese não mexe um milímetro, não desloca nenhum milímetro a tese de Marcuse de haver mais-repressão.

Daí uma grande ambigüidade (ou equivocidade) da causação do recalque. Se é consequência estrutural, nem por isso deixa de dever às moralidades disponíveis, isto é, a toda e qualquer formação do Haver enquanto pura resistência ao Revirão. E resistência, opressiva, repressiva e recalcante, se não mesmo hiper-recalcante, como veremos oportunamente.

Às vezes a gente se aproveita mal de certos momentos, mais ou menos oportunos, ou inoportunos, de um grande pensador. No Seminário sobre

As *Psicoses*, p. 150 e 152 da edição francesa, Lacan diz duas coisinhas sobre *liberdade*, que são um caso muito sério. A respeito da liberdade individual: “Está aí algo que merece em todos os pontos ser comparado com o discurso delirante”. Mais adiante: “A psicanálise não se põe jamais no plano do discurso da liberdade (...) [o qual é] sempre, imperceptivelmente ou não, delirante”... Exatamente como o de Freud, como o de Lacan *et pour cause*. Como não? Se Lacan quer chamar atenção para o fato de que, diante das determinações (dele, e não das minhas), falar pura e simplesmente de liberdade, sem entender o processamento destas determinações, pode ser tolo? Entretanto, em função delas mesmas, ainda que seja um Outro abstrato, como ele coloca, toda e qualquer vez em que se tome a palavra no sentido do que, muito mais tarde, ele vai verificar com o nome de *Vers un signifiant nouveau*, está-se falando da liberdade, ainda que delirante, só falta ter sucesso onde Freud fracassou.

Na página 165 do mesmo Seminário – que é velho, pois há um Lacan depois, mas as pessoas lêem essas coisinhas, ficam tão deslumbradas que acabam com sua angústia de uma vez por todas dizendo: “Negócio de recaique, é estrutural; negócio de liberdade, não tem”, ou seja: servidão voluntária, graças a Deus! –, Lacan diz que o discurso da liberdade, enquanto delirante deve ser atribuído ao ego, pela via do ego ideal – que ele lá chama de “gêmeo” do ego, não entendo porque.”Não há, portanto, *ego* sem esse gêmeo, digamos, prenhe de delírios”. E o que isto tem a ver com liberdade? O que tem a ver, lá adiante na obra mesma de Lacan, com a possibilidade infinita de dizer um significante novo? Prender-se aqui é não ter entendido nem o Lacan todo.

E há a tal da Lei. A perversidade social ambiental, ampla, geral e irrestrita de hoje em dia, fica tão feliz com esse negócio de haver a Lei. Claro que há, mas vamos entender um pouco melhor de que Lei está sendo falado na psicanálise, mesmo por Lacan. Um jovem psiquiatra, a meu ver imbecil, que freqüentara inoportunamente o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, disse para a mãe de um seu cliente psicótico – a qual me contou muito satisfeita

por achar que era possível – que: “Temos que meter a Lei dentro dele...” É nisso que dá! Temos que meter a Lei na porrada, de preferência... É capaz de entrar... Em termos lacanianos, tratar-se-ia da tal da entrada do simbólico. Como se mete o simbólico lá nas pessoas? A questão toda é saber exatamente de que simbólico estamos falando.

Quero relembrar que, no caso do meu Pleroma, ALEI, como se pode depreender de seu valor estritamente simbólico em Lacan, não é um imperativo puramente formal, embora vazio, que “não diz nada, não prescreve nada, não quer dizer, propriamente falando, nada” – o que é a leitura, a meu ver correta em dado momento, de Bernard-Henri Lévy, em seu famoso livro *Le Testament de Dieu* [Paris, Grasset, 1979], que a colheu como vontade formal. Pelo contrário, no sentido do Pleroma, ALEI quer dizer *tudo que terá sido dito*. O futuro anterior é a determinação mesma d’ALEI.

No Pleroma, ALEI – que faço questão de escrever assim – emana do Real, o qual, por haver em catoptria, determina que haja desejo de não-Haver, aliás impossível. ALEI se escreve:  $A \diamond \tilde{A}$ , é a Fantasia Primordial do Haver, e não há outra. E emana da catoptria do Real. Não há simbólico puro, a não ser que haja não-Haver. O artifício está na alma do Haver. Pelo clímax d’ALEI, por suas declinações, ela propicia todas as quebras subseqüentes de simetria, inclusive as que costumamos chamar de propriamente simbólicas. ALEI se diz no Simbólico, tanto é que a escrevo, mas emana do Real, da catoptria do Haver: ela pode ser experienciada, não é mera postura simbólica nascida de não sei onde. Ela nasce da estrutura mesma do Haver, do Real do Haver, segundo o postulado da catoptria radical do Real, e a experiência de cada um é desejar o impossível e quebrar a cara eventualmente, ainda que seja numa impossibilidade menor.

Daí que – considerando o que chamo de Revirão, na catoptria radical do Haver e na catoptria radical desse cérebro de nós anjos – é sobre o Revirão, é sobre a simetria e a reversibilidade radicais, que serão aplicados, em função de não haver o não-Haver, as dissimetriações sucessivas que fundarão todas as possibilidades do Recalque, em qualquer nível que

compareça. Daí que eu preferi tentar, até mesmo no campo da patologia e da nosologia, estabelecer só por via de recalque as estruturas que aí possam eventualmente ser lidas. Não é preciso conceitos como *Verleugnung* ou *Verwerfung*, que são apenas emanações dos recalques.

Seria muito bom que fôssemos ficando livres de termos que a própria produção da história da psicanálise acabou impondo como sujeira em nosso processo de pensamento. Não vamos ficar na mitologia, com o idiota do Édipo, com a piroca cortada de Kronos, donde vem o “complexo de castração”. Não há castração nenhuma! Isto é coisa de bárbaro, é barbarismo! O que temos é quebra de simetria aqui e ali. Não há castração alguma, a não ser figurada mitologicamente naquelas bobagens gregas ... Vamos limpar o terreno, parar de falar nessas bobagens, e ajudar um processo de abstração e entendimento das coisas com muito mais frieza, mais calma.

A Lei é, portanto:  $A \diamond \tilde{A}$ , o que tem as leituras que tem:

1. Simetria absoluta de direito, dada a construtura catóptrica do próprio Haver. Porque Há Desejo de não-Haver, tudo se põe como simétrico, de direito.

2. Dissimetria de fato pelo simples fato de que o não-Haver não há.

Ou seja:

1. O Desejo, de direito, implica a quebra de simetria de fato. Seria a “castração” do Outro, do Haver: quebra de simetria, de fato, implicada em Haver, por direito, desejo de não-Haver.

2. Quebra de simetria, “castração”, de fato, implica o desejo de direito.

O Inconsciente, propriamente dito, que não é meramente o desenho desse cérebro, é o que se passa entre  $A$  e  $\tilde{A}$ , com suas declinações, como, por exemplo, o que se passa entre Saber e Verdade e entre a Enciclopédia e o Indiscernível.

\* \* \*

Gostaria de começar a articular – não sei por quanto tempo, quantas sessões, quantos anos, décadas – o que se pode fazer com a famosa pedra angular do Recalque trazida por Freud.

Como sabemos, os fundilhos da questão do Recalque, em Freud, estão no que chamou de *Fixação* e nunca definiu muito bem. Mas não é difícil entender através da obra dele e da nossa experiência. Já tratei disto em meu Seminário de 89.

Fixação não é senão o que quer que aconteça nas vicissitudes da energia indiferenciada – na medida em que não a queiramos chamar de “sexual”, porque não há outra –, que se chama libido. É, dizia Freud, a viscosidade dessa libido em aderir aqui e ali. Eu diria mesmo que a questão é de aderência, de implicação, onde ela passa, ou seja, nas formações do Haver.

A tal da fixação é, então, em qualquer nível onde compareça, pura e simplesmente haver *resistências* na passagem da libido, as quais são as formações que o Haver tem para oferecer (se não, ele seria absolutamente caótico e indiferenciado). Isto se decanta em elementos biológicos, em elementos ditos simbólicos, elementos neuróticos, o que quiserem. Onde quer que determinada formação aconteça, ela resiste, e a aplicação de libido que há ali, tanto para ela resistir quanto para tentar se transformar, chama-se aderência da libido. Ela se fixa de algum modo nas formas em que essas formações lhe apresentam.

Daí que isso é absolutamente indiferenciado do ponto de vista de bem e mal: *há* formações, *há* resistências, *há* investimento libidinal ali, portanto, viscosidade da libido, e *é* assim! Só que, seja na ordem do Haver, pensado na sua totalidade, na sua plenitude, seja na ordem daquele cérebro, do Anjo, tanto faz, ALEI, o movimento dessa libido é no sentido de desejar o que não há. O movimento da libido não está nem um pouco interessado nas resistências enquanto tais, e sim em fluir. Freud chamava isto de princípio do prazer, para aquém do qual inventou um princípio de realidade. Eu já disse que não há nada além do princípio do prazer. O que há é o princípio do prazer e as resistências.

O movimento da libido só obedece a sua ALEI própria:  $A \diamond \tilde{A}$ . E isto, pelo caminho, passa e esbarra em todas as formações do Haver, que são parciárias, resistentes, mas que não podem deixar de ser socorridas, só correntes,

por esse movimento de impulso libidinoso, que é o movimento d' ALEI como Pulsão de Morte.

Mas, para o Haver na plenitude da sua temporalidade, assim como para o cérebro do Falanjo, aqui e agora, a qualquer momento, essa ALEI põe que o que quer que compareça é absolutamente abordável pela via do Revirão. Ou seja, nesse movimento de fluxo da libido, segundo a pulsão que há – que é de Morte, não há outra –, o que quer que compareça, comparece segundo uma radical indiferença na longa temporalidade do Haver, ou na estrutura absolutamente simétrica e reversível do Desejo, que está em jogo no cérebro.

Generalizando, o conceito de fixação é: toda e qualquer parada, paralisia, por aderência de qualquer formação do Haver, em qualquer nível. O conceito de recalque, em Freud, é decorrente de e não funciona sem o conceito de fixação, embora uns e outros tenham se aproveitado de certos movimentos textuais dentro de sua obra para sugerir que a fixação é que depende do recalque. Uma ova! Sem fixação não haveria possibilidade, para Freud, de pensar nenhum recalque. Ele põe a fixação como o que dá embasamento inscrito, *niederschrift*, para o próprio processo de recalçamento.

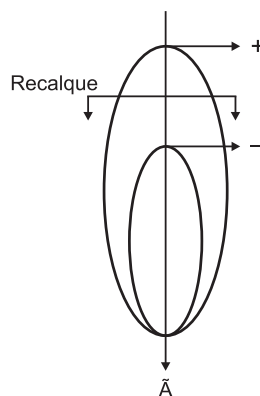
Estou, então, dizendo que o conceito de recalque, aqui como em Freud, depende do processo de fixação. Se o movimento é absolutamente simétrico, e se, por seu desejo, está interessado no processo de reversibilidade absoluta, no encontro com as fixações o que vai acontecer? O que está fixado *oprime*, *reprime*, *inibe* esse movimento. É estrutural? Sim, porque o Haver deseja o não-Haver, e não vai consegui-lo já que o não-Haver não há. Mas isto não me tira motivo de dizer que é uma grande sacanagem. O não-Haver não havendo, me oprime. É óbvio que me oprime, pois que eu o desejo. E este tipo de opressão, lá embaixo, será nomeável, distinguível. Aí a sacanagem é infinita. Então, vamos parar com isso de viver com o rabo entre as pernas, porque “a estrutura é recalcante”... A estrutura é recalcante, mas o meu desejo não é!

Em havendo Revirão, tenho a construção triádica, e não binária, de haver oposição. Tenho também que fazer a suposição de algum lugar, um ponto



de bifididade, onde a oposição se esvazia, e não de araque, mas sim segundo o modelo, a forma mesma, de sua construção.

Haver recalque, em qualquer nível, em qualquer situação, é, na exigência do desejo radical de simetria e de reversibilidade, as próprias formações fixantes e fixadas do Haver criarem um recorte – semelhante ao que Lacan apontou como *refente*, como recorte longitudinal sobre uma banda de Moebius – separando as faces (opositivas) e pondo para valer uma única das vertentes. Ou seja, simplesmente recalcando a outra, ou, pelo menos, oprimindo, reprimindo a outra por sua própria maneira de ser fixada. Uma fixação simplesmente reprime a minha possibilidade de deslanchamento radical.



É claro que faz parte da não estupidez humana saber lidar com a quebra de simetria – que Freud chamou “castração” – mediante o princípio de parciaridade – que chamou “princípio de realidade” –, porque, se não souber lidar, mata-se o boneco que carrega essa liberdade. É preciso uma diplomacia com o boneco, com o macacão, porque o mesmo macaco, que porta a máquina, que é sua essencialidade mesma enquanto homem, enquanto desta espécie, é aquele que, morrendo, carregará a máquina com ele. Esta é a sacanagem! Tenho, então, que ter diplomacia para com o macaco para continuar a ser gente, e não para me tornar um macaco de circo a mais. Há diferença entre

manter-se a diplomacia para continuar a ser gente, e fazer concessões diplomáticas ao macaco para ser domado por ele.

\* \* \*

Como Freud não podia entender que o recalque comparecesse pura e simplesmente porque lhe deu na telha, ele procura uma razão estrutural e diz que para que haja o recalque secundário – este que é cotidiano nosso –, é preciso de algo, de uma estrutura, que servisse como atrator de sua possibilidade de aparecimento. A isto, chamou de recalque originário, mas nunca o apresentou. É uma construção teórica no sentido de dar uma razão de existência ao recalque secundário. Então, para Freud, tudo opera no nível do secundário e se faz uma construção no nível abstrato, teórico, de um recalque originário, que servisse como atrator desse recalque secundário.

Colocarei uma idéia de Recalque Originário, que não é o que Freud chama de originário; de Recalque Primário, que talvez se pareça com o que ele chama de recalque originário; e de Recalque Secundário, no nível do metafórico.

Estou tentando aqui, no nível da pedra angular, uma *tópica do recalque*, pura e simplesmente. Posso fazer isto porque há a hipótese do Revirão. Repetindo, então, digo que há Recalque Secundário, que opera mais ou menos no desenho daquilo que Freud chamou de recalque secundário; há Recalque Primário, que opera em outra região; e há Recalque propriamente Originário, o qual só é construído na medida do meu postulado teórico, mas que, uma vez postulado, é isto e está encerrado. Como? Se há o Haver e o não-Haver não há, se o Real é pura catoptria, se ALEI é: Haver desejo de não-Haver, está aí construído, mostrado e demonstrado o Recalque Originário.

Ou seja, o não-Haver não há, ALEI é que o Haver deseja não-Haver, mas é impossível, e isto segundo a catoptria absoluta do Real, que é puro espelho. Portanto, n' ALEI já se escreve, mediante a intervenção do próprio Real, o Recalque Originário. Uma vez que o Desejo deseja o Impossível, que não há, ele funda o Recalque Originário e devolve ao Haver, e ao que lá

possa acontecer – as efemérides do Haver, as peripécias do tesão –, o que lhe sobra, que é o Haver em sua plenitude. O que ficou perdido para sempre? O não-Haver, que não será atingido porque simplesmente não-há. Portanto. Recalque Originário.

Para o Haver, como para o cérebro do Anjo, o Recalque Originário é assim e, em assim sendo, vai-se declinar segundo as formações do Haver. Toda vez que o Haver deixa de ser pura neutralidade de seu próprio caos, pura indiferença, talvez, de seu vazio como Real, e cai em formações, está caindo em fixações, portanto, em resistências, que são, por natureza, opressivas da sua absoluta possibilidade de reversão, de Revirão. Portanto, estão fundados opressivamente, repressivamente – recalques, que são, em primeira instância, para nós outros macacos sofrendores disso, o que poderíamos chamar agora de *Recalque Primário*.

Um cavalo, um cachorro, qualquer bicho parecido conosco, porque vertebrado ou mamífero, é determinado não só na sua forma biológica como no seu comportamento pelos etogramas que traz inscritos, se é que vamos acreditar nos etólogos. Ainda que estes programas etológicos sejam abertos, elásticos e tenham aprendizagem aí possível, isto pouco importa, pois é etologicamente dado. Nós outros, embora parecidíssimos com o macaquinho da melhor estirpe, não somos só assim. O mesmo boneco, na sua construção (que, para não chamar de biológica e deixar em aberto, chamo de) *autossomática*, assim como na sua constituição *etosomática* (que é possível que tenham como têm os macacos) e em alguns elementos que a etologia está tentando estudar enquanto elementos etológicos da espécie humana, além disso esse novo animal, é o caso de dizer, porta o *cérebro*, que se estrutura como Revirão e que o especifica.

O que especifica a espécie humana não é talvez nem mesmo a complexidade do cérebro, que lhe permite ser muito mais capaz de aprender do que um macaco, um cachorro. É pouco, pois um cérebro eletrônico é capaz disso. O que especifica é que, além disso tudo, ele é absolutamente catóptrico em sua constituição como espécie. Ou seja, está submetido, segundo Freud, ao

Princípio de Prazer absoluto: o que quer que venha é bem-vindo; o que quer que se diga é bem dito.

Então, em termos do que acontece como Recalque Primário, seja qual for a ordem de construção – pouco me importa uma biogênese, ou mesmo uma psicogênese, ou que o feto dure tanto tempo para se fazer –, quando existe espécie, na história como no útero, se existe como tal, o que a qualifica, classifica, situa é o Revirão.

Posto isso, o que quer que se defronte, mais ou menos opressivamente, com o Revirão é fundação de recalque. Ter o tipo de mão que, tenho, por exemplo, é uma estupidez, deles, dos macacos, não minha; ter esta anatomia, é uma estupidez; é um fóssil diante da minha existência como Revirão puro. Qualquer biólogo decente, hoje, sabe que o corpo humano é um fóssil biológico. Se continuasse, segundo as leis dos princípios darwinianos, evoluindo enquanto biologia, acho que seríamos meio monstruosos do ponto de vista da anatomia: teríamos roda, hélice, asas, essas coisas que estão faltando... A gente sai daqui, pega seu carrinho, o avião: é prótese, o dia inteiro, todo mundo é protético... Isso é opressivo, repressivo e recalcante do quê? Das possibilidades que o Revirão como essencialidade da espécie exige. Que tenho eu a ver com o fato de ter nascido branco, macho, de cabelo de tal cor? Se não que isso me oprime? E tem babaca que acredita nisso, e ainda vai oprimir os outros!

Recalque Primário é, então, o que quer que seja da ordem do Haver. As montanhas são belas, o sol pode ser uma gracinha, mas às vezes me oprimem. Porque é apenas sol, não consegue ser sol e anti-sol: é idiota. E não porque é Real, pois o Real não é idiota, e sim pura catoptria. Idiotas são as realidades, ou seja, as fixações: as formações do Haver.

Recalque Primário é – porque há o Originário, porque não se pode passar de vez para o não-Haver – recair-se dentro do Haver, explodidamente, em formações. Formações que são resistências, opressivas ou curtíveis, mas que inexoravelmente têm essa dupla face. No caso da espécie angélica, nós outros, as formações todas são opressões sobre o Revirão e, portanto, recalcanes das possibilidades avessas a essas formações.

Freud tinha razão quando chamou de recalque originário o que quero chamar de Recalque Primário, pois, para que haja recalque no nível secundário, é preciso que alguma coisa dê essa chance. Ou seja, antes ainda de ter condições de surgir o que chamamos de recalque propriamente dito, no nível secundário, que Lacan quer chamar de simbólico, sobre o que ele é modelado? Sobre os Recalques Primários, que estão aí na própria ordem autossomática, etossomática do homem. Em função de que, posso chamar isto de recalque? Da essencialidade da espécie, que é absolutamente revirante, indiferente a isto, até ao corpo que tem, pois isto tem raízes na quebra de simetria original, a qual vem se transformando para o Primário e o Secundário. Tenho que obedecer à pura e simples existência da quebra de simetria, e não às suas formações. Isto no sentido de poder dialogar com elas para que eu não morra disso, e possa continuar desejando no nível absoluto e abstrato do Revirão da minha essencialidade.

\* \* \*

Porque há Recalque Originário e Recalque Primário em relação ao Revirão, é que há – e Freud viu com clareza – possibilidade de *Recalque Secundário*, que não é senão aquele que se pode produzir no nível do que é estritamente simbólico, por exemplo, no sentido de Lacan, melhor dizendo, no nível das possibilidades de jogo do cérebro do Anjo. No Primário, estamos para aquém do cérebro do Anjo. Quando o sol é o careta que é, isto é uma espontaneidade do artifício do Haver, que as pessoas gostam de chamar Natureza. Então, temos artifícios espontâneos – que os tolos chamam de natureza – e artifícios industriais, aqueles operados pelos que podem forçar a reversão do espontâneo, chamados Homens ou Anjos.

No nível do Secundário, o que acontece é como formação, portanto, fixação, portanto recalcante, capaz de produzir um recalcado.

Notem que o Revirão está funcionando no nível do Originário: Revirão absoluto, mas dá de cara com a dissimetria do Impossível. No nível do Primário:

Revirão absoluto, mas dá de cara com a quebra da simetria das formações do Haver, impossibilidades modalizadas espontaneamente: nosso corpo, o chão, o planeta, o sol...

No Secundário: Revirão absoluto. Quando Freud diz que (o seu) Inconsciente – que estou chamando de cérebro, para evitar confusão – não tem inscrição de morte, de sexualidade, de tempo, que é um doido varrido, é sim! Ou seja, é absolutamente disponível nas suas possibilidades de Revirão: temporal, espacial, de marcação de morte, de sexo, não tem nada disso. Nada obriga, pois o que quer que se lhe coloque, ele diz: “Pois sim”, e vira ao contrário. Ou então: “Pois não”, e vira para outro lado.

No nível Secundário, nada é mais *soft*, macio, diferentemente das formações do Haver que são duras. Basta ler Ilya Prigogine para ver que o planeta tem que dar mil voltas, em milênios, bilênios, para virar e entrar no caos de novo. Mas aqui é rapidinho, *software*: leva para casa, mexe nos botõezinhos, vira pelo avesso fácil, fácil, como qualquer bebê, antes de ficar estúpido.

Rapidamente revira, simetria total, reversibilidade absoluta. Mas isto não sobrevive sem fazer concessões às formações fixadas, que lá estão, da própria corporeidade, por exemplo. E isso oprime.

Aí, então, é tudo livre, puro princípio do prazer. Se deixar assim, será uma loucura total, a esquizofrenia radical. Mas não fica assim, e não é preciso ninguém oprimir, pois já há opressão suficiente por aí: já sou oprimido por meu corpo, pela temperatura ambiente, pelo peso, por ter que carregar a gravidade nas costas, a lei de frontalidade... Porque não posso andar para trás? Alguns psicóticos começam a andar assim, e têm toda razão. Coisa mais idiota só poder andar para frente! Isto já é recalque suficiente.

É nesse nível Secundário que teremos que repensar uma série de coisas, inclusive, para situar de modo relativo estritamente ao recalque, o que possa ser neurose, psicose e morfose.

O que acontece aí é pura imitação, *mimesis*, se quiserem: um mimetismo radical. Se não quiséssemos gozar Lévi-Strauss, diríamos que é a passagem de

Natureza a Cultura. Nada aí, absolutamente nada, é, por si, recalcante. Não há marcação de espécie alguma, é puro princípio do prazer, desde Freud. Mas, em função das formações do Haver em todos os níveis, aí também é preciso alguma produção nessas formações, se não, não funciona e vai tudo para o brejo esquizofrenicamente. Cila e Caribde: ou a estupidez, ou a loucura, já dizia Fernando Pessoa.

Portanto, se não tiver recorte, será a loucura. Então, tem que ser um pouco stupidificado. Em que nível? No nível de recortes sobre o Revirão absolutamente simétrico (Originário) que há por aí. Os recortes serão feitos sobre um modelo que o serzinho humano já vem aprendendo desde que nasceu, se não antes, de estar reprimido e tendo que produzir recalques pela sua própria construção corpórea. Serzinho humano é aquele que revira, e não o macaquinho que tem mãozinha, ou seja, estupidez.

Passagem de Natureza a Cultura é isso e nada mais, se é que existe. O que passa de Natureza a Cultura são as formações do Haver, os artifícios espontâneos, inclusive nossa corporeidade, que são limitados no nível Secundário. Sobretudo no que se chama de Neolítico, onde se tentava inventar alguma coisa para vazar certa ordem, certa organização, às possibilidades de reinscrição das diferenças e perpetuação de suas marcações.

Recalque Secundário sendo, então, a imitação disso como recorte dentro das possibilidades do cérebro e do Haver, imitando diretamente do espontâneo do Haver – o que chamamos Natureza.

Toda vez que retiro um pedaço, que pego uma formação e trago como recalcante para dentro da ordem do Secundário, estou simplesmente repetindo, por imitação, qualquer formação do Haver, seja biológica ou outra, que se tornou fixação limitadora e recalcante no nível Primário.

ALEI, mesmo não sendo meramente formal, mesmo que descenda da catoptria do Real, no que diz: Haver desejo de não-Haver, põe-se como Vazio absoluto. Por isso, aí nesse nível, ela não prescreve coisíssima alguma a não ser as forças recalcentes que me vêm de algum lugar e que tenho que reelaborar do jeito que puder, mas a cujos conteúdos não estou subdito de modo algum.

Portanto, a tal da Lei, toda vez que inscreve o que quer que seja no seu nome, é aquilo que, no freudismo, chama-se de *pura perversão*, seja o que for.

Como Lacan já disse, toda vez que, no lugar vazio de inscrição do que lá jamais esteve, nem nunca estará, eu inscrever uma formulação qualquer para nomeá-lo, estou sendo, no mínimo, perverso – seja o que for que lá escreva, porque é um lugar vazio e a se manter vazio eternamente. Não que se vá deixar de escrever, mas que não se xingue os outros de perversos.

A tal de Cultura, cujo mal-estar, sendo o processo de reinscrição imitativa do Recalque Primário no nível Secundário, forjando fixações no interesse das ocasiões. Que tenhamos que fazer isso, tudo bem, talvez nos seja absolutamente necessário operar continuamente os recalques secundários, mas acreditar neles é, no mínimo, doença, e, no máximo, absoluta estupidez.

A Cultura é solidificação do que é pura finitação do que é Primário. Ou seja, diante do processo radicalmente catóptrico do cérebro, o que quer que se venha fixar é por imitação de algo que se leu como formação do Haver. A tal passagem de Natureza a Cultura, a interdição do incesto, de Lévi-Strauss, é simplesmente uma invenção neolítica que vai copiar alguma formação do Haver para botar a ordem que quiseram botar naquele momento. O sintoma dura até hoje. E eu com isso? Existe outra coisa que trataremos mais adiante: a passagem de Cultura a Natureza, que é muito mais grave. Está em Marx, com o nome de reificação.

\* \* \*

O recorte feito, do lado da positividade do que é aproveitado, é recalcante. O recalque inteiro não é isto, é sim o recorte e o pano de fundo de onde foi recortado.

Não é exequível manipular-se o mundo sem o estabelecimento desse recorte. Se fôssemos curados, operaríamos com o que Freud chama de juízo forclusivo, juízo puro, e não com a neurose, por exemplo.



Ou seja, ao invés de aproveitar como recalçado, tomaríamos a estrutura de recalque e operaríamos na sua suspensão em relação com o fundo e com a forma, se quisermos pensar gestalticamente.

Assim, recortamos aqui e ali como seres livres para estabelecer recalques em função de nossos desejos e flutuações das circunstâncias, acontecimentos e eventualidades: estratégias. Mas fazemos parte de uma grande massa que simplesmente não tem a menor condição – ainda, pelo menos – de trabalhar com estratégias. São recalcados mesmo, ou seja, são animalizados, ou seja, vivem na imitação obrigatória do tal de natural.

Uma coisa é operar recortes, diferenças, fazer escolhas, outra, é viver submetido a essa imitação no recalçamento de uma possibilidade que é absolutamente nossa, e que muitas vezes está emperrando o processo da vida do homem no mundo, os processos sociais, etc. Isto porque há uma quantidade maior de “macacos”, primatas, neo-primatas, funcionando em cima de uma neo-etologia absolutamente construída no nível Secundário, e que acredita naquilo e o coloca como regra.

Daí eu estar insistindo na questão da Lei. O que mais vemos hoje são lacanianos, como aquele que mandou enfiar a Lei no rabo do psicótico, ficarem dizendo: “A Lei...” Estão é falando de regras sociais. Lei não é isto. Regras sociais, regras de direito, etc., são meras regras, e não devo acreditar nelas. Posso usá-las aqui e ali, em função do que supuser que seja melhor no momento. Quem acredita em legalismo é dodói, é aquilo – que não gosto de usar o nome, e mostrarei porque – que chamam de “perverso”. Este é que é o perverso verdadeiro.

02/ABR



### 3

## AQUELA PEDRA NO SAPATO DE FREUD – 2

Continuarei tratando dos níveis de recalque para pensar uma tópica estritamente sobre os conceitos de Recalque Originário, Primário e Secundário, todos em submissão ao processo de Revirão.

Coloquei a oposição determinação/indeterminação, mostrando que indeterminação não há, e que, do lado da determinação, temos a dupla: sobredeterminação, do ponto de vista interno do que acontece no Haver, e hiperdeterminação, na relação do Haver com o não-Haver, produzindo as franjas do determinado. Tratei também a questão da simetria e sua quebra – simetria e assimetria –, e da reversibilidade e irreversibilidade dentro do Haver.

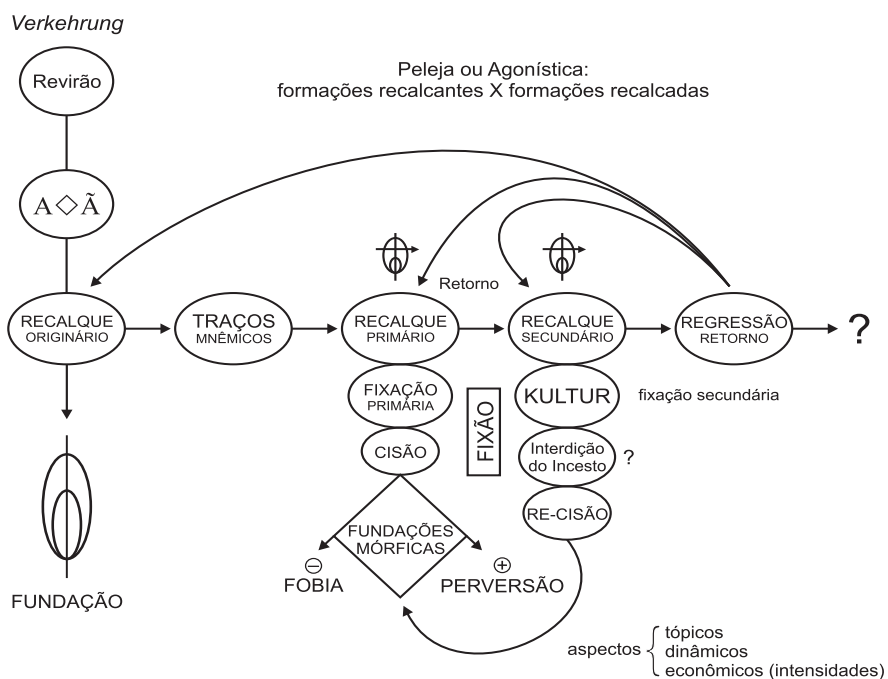
Sobre essas questões poderemos pensar o que se passa enquanto recalque nos seus três níveis em série.

Não esquecer que, como o nome está dizendo, quebra de simetria não é de modo algum ausência de simetria. Há quebra justamente porque há insistência da simetria. Isto é, o princípio de catoptria – que coloco como o que instaura o Real mesmo do Haver – funciona inexoravelmente entre o Haver e o não-Haver como: Haver desejo de não-Haver,  $A \diamond \tilde{A}$ . Este princípio é de direito, o que significa a insistência na simetria. Porque, de fato, o não-Haver não há, é que há quebra de simetria.

Justamente a quebra de simetria primordial (*arché*, originária) é que obriga a simetria (interna) do Haver, como Revirão, pois esbarra no não-Haver e retorna sobre si mesma. Ao mesmo tempo que há essa aqui-quebra que

opera como atrator, para dentro do Haver, de toda subsequente quebra de simetria no interior do Haver como clinâmen, declinação, desta quebra primeira, é a insistência da simetria que vale na fundamentação da sua própria quebra.

## A PEDRA ANGULAR do edifício da psicanálise: O Recalque como conceito suficiente



Só a plena consideração da “pedra angular” pode dissolver o “rochedo da castração”.

\* \* \*

Quando digo “aquela pedra no sapato do Freud” não é só de brincadeira. Não é à toa que Freud caminhava mal na sua tentativa, ou tentação, de ultrapassar o famoso “rochedo da castração”. Estou juntando as duas pedras – rochedo da castração e pedra angular da psicanálise – num único pedregulho dentro do sapato de Freud, o que o impediu de andar direio. Ou seja: por

considerar mal, não levar até às últimas conseqüências a fundamentação que fez da psicanálise sobre o conceito de recalque, por ter não conseguido fazer disso um conceito realmente fundamental e genérico, ele acaba esbarrando no rochedo da castração, onde pensou haver um impasse para a psicanálise.

Como sabem, Freud fez a suposição de que a navegação de qualquer análise esbarraria necessariamente num rochedo da castração que – na medida em que o imaginário dos corpos ainda siderava demais seu olhar, ou sua escuta, sei lá – teria dupla face: o “protesto macho” e a “inveja do pênis”. Isto é uma falta sua de análise, uma falta de ter conseguido ultrapassar a pedra dentro do sapato. Mesmo porque protesto-macho, qualquer um tem: basta ultrapassarmos o regime da aceitação de qualquer pessoa, seja qual for seu sexo, e veremos como protestará machamente, se tiver força para isto. Inveja do pênis, quem não tem? Se não tiver do outro, tem do jumento, porque “não dá pra competir”...

O rochedo da castração, então, não poderia ser removido do sapato sem plena consideração da outra pedra, aquela dita angular do recalque como conceito fundamental. As duas, metidas na mesma questão, são uma só pedra dentro do sapato de Freud. É isto que precisamos dissipar. É claro que os lacanianos dirão que Lacan já resolveu esta questão: levantou o impasse e criou o *passee*. Só falta ver...

Lacan, numa certa *Proposição*, prometeu que o *passee* se daria de certo modo absolutamente, até hoje, inconsecutível e indiscriminável como passagem do tal do analisando a analista. Isto, mediante uma estrutura de reconhecimento absolutamente impossível de ser praticada, na medida em que precisaria ter alguém, desembaraçado do processo, para fazer o reconhecimento. Até posso acreditar – porque *quero* acreditar, já que conheci a “peça” com certa intimidade – que daria talvez para colocar o próprio Lacan neste lugar (para mim, daria), mas não foi assim que ele escreveu. Lacan escreveu uma estrutura de *passee* disseminada entre diversas pessoas que, certamente, estavam muito mais interessadas nas lutas intestinas de seus rochedos particulares de castração – o que ficou evidente na história daquela Escola – do que na verdadeira consideração de uma possibilidade de *passee*.

Quando faço a acusação de uma pedra no sapato da psicanálise, que primeiro habitou o sapato de Freud, não é no sentido de procurar uma razão de passe, e sim de repensar o conceito de recalque a partir da intervenção do Revirão e do reconhecimento, portanto, de um Recalque Originário, um Primário e um Secundário. Isto, para ver que há outras maneiras de suspender o tal rochedo da castração. E, sobretudo, de deixar em suspensão a questão da (praticamente indiscernível) passagem de analisando a analista. É indiscernível na medida em que tem a ver com alguma verdade, singular, em cada caso, e que seria preciso descobrir-se que tipo de força, de força – é o caso – , pode produzir a interpretação de um acontecimento criador de um analista.

Estou retirando tanto o rochedo do impasse quanto o passe por reconhecimento, e, me perguntando se é possível, no futuro, pensarmos que tipo de *evento*, de acontecimento, numa análise, é capaz de, mediante força, receber nomeação para que haja analista. É a força de uma verdade, de um indiscernível no campo da própria discernibilidade. Talvez seja este um dos interesses mais importantes da conceituação que Alain Badiou fez n’*O Ser e o Evento*: o aparecimento do analista como surgimento de Sujeito, de um sujeito realmente nomeado, mediante força. Como forçar a barra?...

\* \* \*

O Recalque, chamo-o de Originário, quando se refere pura e simplesmente ao – de fato inarredável – desejo, no campo do Haver, como sendo: Haver desejo de não-Haver, o qual esbarra no fato inelutável de que o não-Haver não há. Daí, teremos a decadência, a declinação, de todas as possibilidades de quebra de simetria dentro da *insistência* de simetria que há no Haver.

O que está por trás de tudo isso, como pano de fundo, é o postulado: há estrutura catóptica para o ser humano. E digo mais: há estrutura catóptica para o próprio Haver. Mas fiquemos no regime que interessa mais de perto à

questão psicanalítica: a função catóptrica nos processos humanos. Se este postulado é aceito, a estrutura originariamente, especificamente – o que faz o genérico da situação do Falanjo –, é de Revirão, de catoptria pura. A estrutura começa a receber forças aplicadas sobre ela que obrigam a quebra de simetria. A primeira quebra sendo justamente que não-Haver não há. Então, há que se virar para dentro da situação e ali operar a catoptria, operar o princípio de simetria que terá quebras sucessivas.

No caso do falante, no nível do que chamei Recalque Primário, o que podemos reconhecer na quebra de simetria – ou seja, no aparecimento da diferença e, portanto, dos diferenciados e diferenciáveis – são as formações dentro do Haver. As formações do Haver já são coalescências que fazem resistência ao processo de reviramento constante do desejo, do movimento libidinal do próprio Haver. Ou seja, se isto ficasse na sua neutralidade, simplesmente reviraria eternamente. Mas continua revirando eternamente, só que com sérias resistências: as formações diferenciadas são, em si mesmas, as resistências ao movimento de seu reviramento.

No caso da nossa espécie, uma criança – não digo uma criança que nasce, mas que está para nascer –, se é da espécie, se não é mero bicho, aquilo, ela – a partir de algum momento da sua produção, da sua gestação, da sua gênese –, já está na máquina da competência de reviramento. Mas, além de aquilo receber a competência de reviramento na sua própria formação, recebe também uma porção de formações parciárias – sua própria corporeidade, o mundo em que vive, as sensações ambientais, etc. – que são formações localizadas do Haver. Portanto, o conjunto de tudo isso é *recalcante* da pura e simples possibilidade de virar pelo avesso à vontade.

As formações já são, elas mesmas, fixações – na formação biológica, na geológica, nas intempéries do mundo, etc. – produzindo forças de recalcamto sobre a competência de reviramento. Isto, no nível do que chamei autossomático: a própria construção daquele corpo. Mas se supusermos que, como os animais superiores, algo de etossomático se instala por ali, também algumas funções etossomáticas – descritíveis, pinçadas por

uma etologia em processo, como etogramas mínimos da espécie – são forças recalcantes do reviramento. Sendo que, talvez, a diferença entre o autossomático e o etossomático seja as forças etossomáticas parecerem muito menos potentes, mais brandas, como são em certos animais, de tal maneira que, mediante mesmo o aparelho etossomático de um animal, pode-se fazer intervenções e pequenas modificações para aprendizagem.

São muitos os fatores e é preciso perguntar: que tipo de funcionamento de organização anatômica, fisiológica, cada corpo tem que produz aquelas coisas que Freud chamava de *predisposições*? São organizações, formações, que estão lá predispondo as coisas, por exemplo, a certos limiares de sensibilidade quanto ao puro *estético*. Com quantas coisas um feto, ainda antes de nascer, e uma criança pequena – e esta podemos observar – têm que se defrontar no sentido dos acontecimentos ao redor, ou das circunstâncias pura e simplesmente de temperatura, textura, peso, gravidade, de tal maneira que o estético aí é extremamente preponderante e facilitador dessas predisposições? Quando reduzimos tudo a certos pequenos esquemas muito posteriores, relativos à chamada linguagem, etc., no mínimo, estamos dizendo asneiras porque as determinações são muito grandes, são multiplicidades praticamente indescritíveis e estão todas em jogo.

Que tipo de reação, de resposta, um bebê dará a determinado modo de ter nascido dentro de tal temperatura, num dia de verão, numa sala mal ventilada, com uma mãe irritante, um médico chato? Esse tipo de coisa certamente tem importância em escolhas futuras. O sujeito não vai saber como dizê-las, mas estão lá embutidas como facilitações de modos de apreensão da história futura mediante certas *fixações* estéticas. Temos uma quantidade enorme de fixações: a força da gravidade existir por aí no universo inteiro já é um modo de fixação, segundo sua localização neste planeta e neste momento. São formações do Haver que vão se fixar de algum modo. Estou falando de fixações no sentido freudiano mesmo, só que ampliando o sentido.

Que traços *mnêmicos*, inscrições, marcas, tudo isso vai deixar? São traços mnêmicos na carne, na sensibilidade, etc. Pelo simples fato de serem



marcas, essas fixações são sempre positivas: o que entrou, entrou, está entrado! Tomemos o termo *Bejahung*, de Freud, e o retiremos dessa coisa dita “simbólica” dos lacanianos: *entrou*, e entrou ainda que por via sensível, perceptível, estética, de formação anatômica, fisiológica, ADN, todo esse tipo de sobre-determinação, carregando sobre um determinado futuro falante.

As fixações são sempre positivas porque houve, estão ali. Mas, dentro da positividade de todas as fixações possíveis, temos as de interesse positivo e as de interesse negativo. No campo da psicanálise, frequentemente se esquece de que podem ser interesseiramente positivas ou negativas. Algo, em determinado momento, pode fixar-se como da ordem do prazeroso, do agradável e, noutro, como da ordem do desprazer, do desagradável. O fato de a repetição poder agir sobre ambos não tira a possibilidade dos dois: não modifica o agradável ou o desagradável da situação. E isto pode se repetir tanto por ser desagradável como por ser agradável. Faço questão é de notar que estão marcados.

Estou, por enquanto, generalizando. As distinções que Freud consegue fazer, a meu ver, cabem no termo genérico de formações fixantes. Pode-se distinguir maneiras diferentes dentro do processo de fixação, mas cabem todas no conceito maior de Formações do Haver que, por serem resistentes, são fixantes e, portanto, produzem fixações. Qualquer coisa que entrou e ficou, pode-se colocar na conta de um traço mnêmico, seja de que origem for. Em Freud não é assim... Aliás, se fosse, não precisaria eu estar falando, bastava lê-lo. De começo, estou tomando o genérico, e não ficarei discutindo as quisquilhas, as quais vêm depois. E não esperem que eu vá dizer o que está em Freud ou em Lacan, pois estou exatamente montando outro aparelho que permita, depois, fazer a leitura daquilo com outra visão.

\* \* \*

O Recalque Primário, no meu caso, está no lugar daquilo que Freud chamava recalque originário, que são os atratores que ele supunha deverem

existir para que o recalque secundário fosse possível. Não sabia bem dizer que tipo de atrator, mas falava dele. Estou dizendo que a própria estrutura do Haver, no que a desenho como Pleroma, incluiu o Recalque Originário, o qual é atrator suficiente para as formações do Haver, que são diferentes e, sendo diferentes, são, portanto, recalcentes pela resistência da sua própria sobrevivência. Recalque Originário, como atrator, permite essas formações e, portanto, os Recalques Primários, que são eles mesmos os atratores de toda e qualquer coisa que venha a ser chamada, depois, de Recalque Secundário.

No regime da descendência de Lacan, tentou-se resolver essa questão inteiramente do lado do nível Secundário, abandonando-se absolutamente o que chamo de Primário e de Originário. O que se faz então, nessa via dita da abordagem do simbólico, é procurar um recalque originário dentro da ordem secundária, do simbólico, o qual recalque originário não é senão o herdeiro do Complexo de Édipo freudiano como constituição de um significante da Lei, que Lacan vai chamar de Nome do Pai.

$$\frac{NP}{DM} \cdot \frac{DM}{x} \rightarrow NP\left(\frac{A}{Falo}\right)$$

Essa relação do desejo da mãe, DM, com o que ele significa (seu significado) para o sujeito, x, mediado metaforicamente por outro significante que Lacan quer chamar de Nome do Pai, NP, isto constituiria o recalque originário. Uma ova! Esse troço é forçado demais para ser engolido. É uma bela construção dentro da vantagem estruturalista em que tudo isso foi fundado. Naquele momento, década de 50-60, é um passo gigantesco em relação ao bobajal freudiano anterior. Não bobajal do próprio Freud, coitado, que estava simplesmente também tentando uma articulação para dar à nossa reflexão. Mas a decantação na mediocridade geral é supor que havia um tal de Édipo, e aí o cara gosta da mamãe, não pode comer mamãe, fica zangado com papai ... essa bobagem total que a psicanálise resolveu ruminar ao invés de tirar dali

uma lógica mínima, que Freud, parece, estava procurando, e que Lacan tenta passar a limpo, mediante um processo mais abstrato.

Não se pode deixar de ver com nitidez a influência vigorosa daquela vontade estruturalista na formação mesma da passagem que Lacan fez a um simbólico, e a solução de tudo isso dentro do plano do simbólico. Simbólico, uma ova! Na medida em que pudermos aprofundar a questão do simbólico no pensamento de Lacan, podemos ver que esse tal simbólico não é outra coisa, não passa de ser o *metafórico* enquanto tal – o próprio metafórico de Lacan, se quiserem.

Em seu projeto, Lacan resolve a metáfora de maneira brilhante, no entanto, forçada, como sendo a pura e simples substituição significante na qual, para não parecer aloucada – caso em que qualquer substituição poderia ser tomada como metáfora – vai buscar uma designação de Sujeito, o que também é muito vago. No que uma substituição de significante aloca um sujeito, isto seria o espírito da metáfora. Assim, Lacan pode ficar inteiramente metido dentro do campo do que quer chamar de simbólico, e que chamo de campo do metafórico.

Aí vai estear-se o tal de recalque secundário sem, de modo algum, deixar de dever muito a um cara chamado Lévi-Strauss, que, nessa época, inspirava na fundação do estruturalismo. A teoria levi-straussiana estruturalista de base da *interdição do incesto* é a madrinha de batismo do Nome do Pai. Já chamei atenção várias vezes que mesmo no texto de 1947, *As Estruturas Elementares do Parentesco*, a interdição do incesto é o sabonete *Lever* da antropologia: nove, entre dez estrelas etnológicas preferem a interdição do incesto – é assim que Lévi-Strauss garante estatisticamente sua universalidade. Como não sou obrigado a viver de estatística, posso questionar isso, e já o tenho feito, estou apenas me repetindo.

Para ele, a interdição do incesto é passagem de Natureza a Cultura: de um modo qualquer, passa-se dos processos espontâneos da natureza ao processamento da cultura pela interdição da reprodução na filiação consagüínea, da linearidade da reprodução de mãe com filho, etc. Mas isto é um computador mais recente, que deve ter heranças muito antigas. Hoje em dia, como alguns

antropólogos e estudiosos já demonstraram, isto é uma espécie de invenção mais ou menos precária datada do Neolítico.

Suponhamos até, que se possa entender que haja alguma razão natural para a interdição do incesto, aquela mesma que Lévi-Strauss quis desmontar e mostrar que é passagem de natureza a cultura no nível do simbólico. Hoje, temos certos biólogos – Jacques Ruffié, por exemplo – que dizem haver uma razão de biologia populacional para essa interdição, pois determinado grupo humano, com alta taxa de incesto, fica pouco diferenciado do ponto de vista do estoque genético e, portanto, frágil, capaz de morrer facilmente de qualquer epidemia. Talvez a humanidade tenha se dado conta disto e inventado essa interdição para enriquecer seu estoque. Acho essa resposta meio boba.

Se os grupos humanos, na Pré-história, estivessem isolados por questões de dificuldade de locomoção, etc. – um é a cara do outro, tudo igual, igual japonês, não tinha, saída... Se descobriam isto a médio prazo, a questão seria para ser retomada em outro nível completamente diferente, para produzir uma diferença de estoque genético, etc. E não ia ser proibido casar com mamãe, pois, de repente quero casar com mamãe e o estoque mesmo fica legal, não tem problema...

A tal passagem de natureza a cultura me parece absolutamente recomendável, mas não no nível de Lévi-Strauss. E também não exigindo que se faça a força de instituir um recalque originário no nível secundário só para não ter que meter a mão na massa da história pregressa da humanidade. A meu ver, essa passagem – e desde Freud tem-se notícia disto – é que as marcações etológicas da espécie humana parecem ou muito simplórias ou muito poucas e deixam indeterminações enormes no campo do comportamento. Freud dizia que não há, no Inconsciente, inscrição de sexualidade, de morte, etc. É justamente por causa do aparelho de Revirão instalado na espécie que o que quer que não esteja fixado como formação prévia do Haver, no nível anatômico, autossomático, etossomático, etc., vale como qualquer coisa, não há marcação: o que quer venha, vale.

Daí, a má impressão, o mal-estar dos antropólogos quando tentavam criar a antropologia e passaram por aquela coisa horrível de descobrir que nada

há de Universal nas culturas humanas. Aí, resolveram universalizar a interdição do incesto... para acabar com a angústia deles. Engole quem quiser... O que quer que compareça na experiência humana, parece ter uma interdição, pelo menos uma. Não precisa ser do incesto. Acho que esta é terciária, quaternária...

O que tem a ver a localização disso nas funções sexuais com a possível neurose da antropologia? É possível que no Neolítico, tenha a ver com a necessidade de inventar alguma coisa para se estabelecer as distinções e *classificações* das pessoas num regime de criação de dominantes e dominados, de privilegiados e privilegiantes, por exemplo. Por que não?

\* \* \*

O que me interessa é o que há de essência do metafórico. No nível do que não é inscrito, no nível da possibilidade que esta espécie tem de metaforizar – que Lacan chama de simbólico, mas que, para mim, Simbólico está em todo lugar, inclusive na chamada natureza –, de passar a limpo formações do Haver para dentro de um lugar onde se possa fazer inscrições absolutamente reviráveis aqui e agora e sem marcação prévia, o conceito fundamental de metáfora que aí interessa – e que não tem que ser necessariamente o da teoria literária – é pura e simplesmente o de se *imitar* dada formação do Haver – uma resistência, uma fixação, ou algo que é possível ser fixado – no regime de onde não há fixação, marcação dada. É este o nível secundário: só se podem estabelecer Recalques Secundários *fingindo* que ali há uma formação do Haver como se, digamos, fosse “natural”, dada, no nível do Primário, que imita essa formação embora não tenha nenhuma garantia senão alguma força exercida sobre ela no regime de uma opção.

Recalque Secundário é simplesmente chamar de “proibido” o que imita o Impossível. Este é o nível da metáfora: produzir, na região do Secundário, quebras de simetria, que não têm nenhuma garantia nas formações do Haver, que são escolhas das pessoas – mesmo que sejam para fazer a vida funcionar um pouco melhor, mesmo que se digam “escolhas”, males, necessários. Não

poderíamos deixar o humano revirando à vontade, porque ficaria pirado. Também, não é preciso simplesmente não deixar, porque a massa de Recalque Primário, que já vem em cima dele, força a formação de Recalques Secundários.

Há atratores fortíssimos. Por exemplo: se eu botar a mão no fogo, queima. Isto é recalcante no nível Primário. É a maior sacanagem do fogo queimar minha mão, que é apaixonada pelo fogo e queria fazer carinho nele. Aí, digo para a criança: “Não pode botar a mão no fogo”. Transformei a impossibilidade – porque este “macaco” é um merda, que não consegue botar a mão no fogo sem se queimar – em proibição, para a mãe não ficar angustiada, e fazer o garoto aprender a não botar a mão lá...

Num animal qualquer, no nível etológico, os comportamentos estão marcados: ele não deseja ser outra coisa senão o cachorro que é. Quando o trazemos para dentro do tratamento doméstico, criamos problemas para ele, pois ele não está interessado nisto. A “neura” do cachorro é a do dono. No nível do humano, o que se tem descoberto em vários campos ditos científicos é que não há marcação. E a última novidade da psicanálise é que, não tendo marcação, “tudo depende do simbólico...” Mas está na hora de reconsiderar isto.

Tudo que depende do nível de Recalque Secundário tem como atrator o Primário, o qual tem como atrator o Originário. No Secundário, o que acontece como recalque é da ordem do metafórico, o qual não é algo que nasce de uma estrutura própria do simbólico, e precisa de uma falta, de uma marcação. Ele nasce simplesmente porque é copiado, induzido pelo Primário: as quebras de simetria, na generalidade possível do Revirão, já começam a se exercer na própria formação da corporeidade desse ser que é capaz de revirar. E isto já é recalcante, repressor.

Para essa máquina capaz de pensar qualquer possibilidade, isso é repressivo e recalcante. Só que o sujeito se acostuma, vai quebrando as simetrias, ou seja, vai se animalizando e ficando parecido com o boneco. Como eu disse da vez anterior, ele pára de andar para trás, o que seria tão engraçado, pois as pessoas só andam para frente, não sei por causa de quê. Quando o psicótico

anda para trás, internam ele... ao invés de aprenderem a andar para trás também. No laboratório científico, às vezes isto é necessário.

O que se passa no nível Secundário é, então, imitação do Recalque Primário. Por algum motivo, ainda que baseado nos ditos interesses fundamentais, nas “necessidades” humanas – a especificidade do humano é o Revirão, o qual não autoriza nenhuma necessidade, nem a de viver, não se é obrigado: posso não querer viver e ponto –, em todo esse papo, que é o da resistência das formações primárias, uma vez que o sujeito cai na vida – “Antes não tivesse nascido!” –, ele fica lá, apegadinho à sua vidinha. E isto é da ordem da resistência, e é preciso entrar nesse espaço de resistência.

A proibição, a interdição, que veio na história da antropologia, por exemplo, é um modo de produzir quebra de simetria, onde a simetria está aberta, onde não há marcação nenhuma. No regime do Primário, há algumas formações que, elas mesmas, se encarregam de quebrar a simetria, portanto, de ser repressivas, portanto, de fundar recalques mediante fixações. Mas a proibição é alguma coisa da qual só se pode dizer: “é proibido”, ou botar a polícia para tomar conta. A única formação que realmente não deixa revirar no Secundário é a polícia, no sentido genérico. Por exemplo: “Se você não estudar, eu te encho de porrada”. A última instância é esta. Posso também dizer: “Se você estudar, te dou uma bicicleta”. Aí, entramos no regime da prostituição universal, que faz parte da estrutura mesma da construção do aparelho Secundário, que é o chamado Capitalismo. Mas há horas que, mesmo assim, não funciona, então, o último recurso é: “dou-lhe porrada”, se tiver força e poder para isso.

Vamos parar com esse negócio de (como os lacanianos, que conseguiram) ficar libertos de nossas angústias dizendo: “A estrutura é assim mesmo...” Eu também digo que a estrutura é assim mesmo: há uma quebra de simetria originária. Ou então, como dizem: “Não é a moral que faz a repressão, o fundamento da moral é o recalque que já existe originariamente”. É verdade, mas isto não indica nenhum avanço, não determina absolutamente nada que, no nível Secundário, deva ser encarado como Lei. ALEI há, é: Haver desejo de não-Haver. E porque não-Haver não há, há quebra de simetria, mas o que

quer que se diga do Primário para cá, mesmo no nível que se queira chamar de natureza, é abusivo. A natureza não tem o direito de abusar de mim, simplesmente porque ela não há. O que há é processo de reviramento e desejante, mesmo no Universo. O que se coagula na natureza como formações do Haver, se moro no nível do Revirão, quando chegar no Secundário, eu sacaneio. Se ela diz que a gravidade não me deixa voar, invento o avião e vôo.

Não entender o processo da chamada Lei nas suas sucessivas metáforas, é abrir todas as guardas para se dizer a enormidade de asneiras, de processos repressivos, que se diz hoje no campo da psicanálise, com aval do nome de Lacan, como se, ao invés de uma ferramenta que possibilite os nossos vôos, tenhamos descoberto a felicidade dentro da prisão. De retorno à “servidão voluntária”.

Tem cara que escreve livro do tipo: *Le Père et sa Fonction en Psychanalyse*, O pai e sua e função em psicanálise. *O pai não tem nenhuma função em psicanálise* senão como conteúdo ediposo: as ediposidades da psicanálise obesa. Ele tem função na família, no estado... Com isso, o que temos é a construção da felicidade conformista e da estupidificação das pessoas para se parar de pensar e ficar todo mundo muito satisfeito de ser normal dentro da legalidade da Lei. Que Lei?

[...]

Algumas positivities têm interesse positivo, e outras negativo. É preciso por exemplo, saber, para cada sujeito, o que, no nível de uma formação qualquer, fixada, se apresenta como da ordem do fóbico ou do dito perverso, da ordem do teso, do tesão, ou da ordem do medo. Isto nada tem a ver com uma estruturação prévia, comandada por determinado significante. É na estorinha de cada um que é preciso ver.

A interdição do incesto é a condição *sine qua non* de haver arte? Pergunto isto no sentido de criticar esse famigerado Pai das pessoas. Acredito mais em Fernando Pessoa e *ni* mim: a interdição do incesto não impossibilita a arte. Então, foi preciso que, algum dia, alguém inventasse, como computador da distributividade social, a tal interdição do incesto muito depois do aparecimento



da tecnologia no mundo, da *téchne*, se quiserem. Computador este que, em si mesmo, já é uma formação metafórica, um processo de formação imitativo das formações do Haver, e capaz de estabelecer distinções, etc., mesmo comendo a mãe. Mas, para nós outros, que somos neuróticos nessa estória toda, isto, nem pensar... Sobretudo, depois do cristianismo: só pensar em mamãe, já é pecado, quanto mais fazê-lo...

A verdadeira passagem da dita Natureza à dita Cultura – que prefiro nem chamar assim – é a passagem das formações espontâneas do Haver, sua imitação, para o regime onde as formações não comparecem. É produção de formações – no sentido lacaniano de formações do Inconsciente – na imitação, imantação, atração (usando como atrator), dessas outras formações, que estão aí dadas no Haver. É um processo de estupidificação necessariamente, pois se dá abrindo mão das possibilidades plenas do reviramento: o simples fato de eu me acomodar a meu corpo já é estupidez suficiente.

... *Artificio*, no meu sentido, toma o processo todo, mas há um artifício especial: é no Secundário, que vou recortar o tético e o antitético das possibilidades dentro da situação, cair fora numa *ek-tese* e inventar uma pró-tese. A interdição do incesto é uma prótese, podia ser outra... Mas as quebras de simetria sucessivas vão ganhando uso, repetitividade, dentro da história, do tempo, e, assim, vão parecendo naturais.

Estamos agora, então, no contrário: na passagem de cultura a natureza. Marx brilhantemente chamou isto de *reificação*, que é o avesso da passagem de natureza a cultura. Quando construo alguma prótese no nível Secundário, começo a repeti-la e ter tanta fé nela, que passo a tomá-la como se fosse do nível Primário: “A interdição do incesto é natural, Deus quis assim, porque a natureza...” Foi assim que começou o discurso sobre a interdição do incesto na antropologia. “A natureza tem horror ao incesto...” Antigamente, tinha horror ao Vazio... A natureza não tem horror a nada, nem ao não-Haver, só que o não-Haver não há.

Inventou-se essa prótese imitando uma impossibilidade, ainda que modal, do Primário: “Funcione-se como: se cruzarmos avestruz com jacaré, não dá!”

Até que haja uma intervenção de laboratório, não tem dado. Mas se cruzarmos filho com mãe, dá! Então: “Vamos fazer de conta que cruzar filho com mãe deve ser igual a cruzar avestruz com jacaré, que não dá reprodução”. Isto é passar do Impossível ao proibido.

Os autores que tenho lido dizem que não tem nada a ver, depende: às vezes, em determinada família, onde os fatores Rh, por exemplo, e outras coisas são complicados, começa a dar problemas; às vezes, até fica melhor. Há a tese de Jacques Ruffié da biologia populacional... Mas também é muita falta de imaginação pensarmos que, num grupo social, todos vão querer casar com a mamãe. Só quem acreditou nisto foi Freud. Hoje ninguém acredita. Mesmo porque tem mãe que é feia. A minha?!, nem pensar... conheço mulheres melhores...

No mito de Édipo, ninguém teve interdição do incesto nenhuma. A peste veio porque o cara comeu a mãe? Nem no texto dá para entender assim. Leiam de novo, e verão que tem a ver com a relação dele com a esfinge, e não com a mãe. Além do mais, ninguém é obrigado a ser doente do mito de Sófocles, só porque Freud o era. Não tenho compromisso com esse cavalheiro. Não tenho que passar a minha vida explicando Édipo. Este era problema do Sr. Sigmund, e não o meu. Ele estava preocupado com Sófocles. Eu, não tenho que ficar...

A tal passagem de natureza a cultura não é senão sintomatização d’ALEI. ALEI – ou seja, desejar o Impossível na quebra de simetria que de fato virá – passou primariamente para o nível das formações do Haver, as quais são sintomas. É a sintomatologia local do nível do Primário, que vai ser transportada para o Secundário. Esta passagem é a sintomatização d’ALEI.

Digamos que sem sintomatizar ALEI não dê para funcionar. Isto não implica que se tenha que sintomatizar de tal modo e não de outro. Daí a possibilidade de luta *política* em *qualquer* nível do recalque.

\* \* \*

Lacan, depois de um longo Seminário, resumiu-o num texto intitulado: *De Uma Questão Preliminar a Qualquer Tratamento Possível da Psicose*.

Abriu uma questão extremamente importante, séria, difícil... e inacabada, por ele. Isto foi o suficiente para ser um processo de fixação capaz de serenar a angústia dos ditos psicanalistas: “Está tudo resolvido, pois tem um tal de Nome do Pai que, quando não entra, nêgo fica doido...” Faz-se, então, uma quantidade enorme de textos mostrando como o Pai posicionado aqui, a mãe ali, etc., produziram um psicótico. Mas, em todos os textos, o que acontece naquele caso é igualzinho ao que aconteceu em situações onde ninguém ficou psicótico.

Quando se lê a questão só de um lado, fica todo mundo extremamente convencido, sereno, pois descobriu-se a “forclusão do Nome do Pai”... Lacan não disse esta asneira, só colocou uma *hipótese* possível de trabalho para verificar *se* aquilo tem alguma coisa a ver *com...* Mas, em seguida, todos resolveram abrandar a questão: “Lacan disse que quando não entra o Nome do Pai, *todinho*, o cara fica doido”...

Então, com o aparecimento dessa tal função paterna depois que Lacan escreveu aquele texto, encontramos esses caras falando d’*O Pai e sua Função em Psicanálise...* São muitos, freqüentemente retomando e, mais, generalizando estas questões da função paterna, da metáfora paterna e do Nome do Pai, para a formação de neurose, psicose, perversão, etc. Estudem atentamente os textos desses autores, inclusive os de Lacan e de Freud.

Precisamos ter a capacidade de perdoar a *estupidez* de nossos antepassados, mas não repeti-las para sempre. Aquele mesmo que foi capaz de ter algumas estupidezes no passado, foi quem me legou tanta coisa que me fez até verificar a estupidez que teve. E não está sendo denegrido por isso. Prestar homenagem a Freud, a Lacan, é reconhecer que, seja como for, com todos os percalços, dificuldades, mesmo dizendo asneiras, conseguiram ser grandes, dizer grandes coisas e promover as coisas para a frente. Isto, ao invés de me calar, obriga-me a, no respeito à existência deles, verificar onde os pobrezinhos, coitados, já perdoados por mim, fizeram besteira. Porque fizeram, e certamente, eu, aqui e agora, também estou fazendo a minha besteira.

Alguém tem que inventar a ferramenta primeiro, para usar depois. Então, posso me lembrar que eles inventaram algumas fabulosas e outras

absolutamente tronchas. A reiteração dos erros é que é um absurdo. O brilho da invenção, por Lacan, da tal metáfora paterna não esconde a sujeira da sua fundação. É brilhante ter inventado um processo de entendimento abstrato da simbolização de determinado significante que está aí rodando pela cultura, sim, e que ele quis promover à categoria de uma Lei. Mas baseado num processo absolutamente sujo, desde o início da história da psicanálise.

O que é o tal do Nome do Pai? Nada, absolutamente nada... disse-o Lacan. Seria o significante que, no campo do Outro, é significante desse Outro enquanto lugar da Lei. Isto é dizer: “No campo do Outro há Lei!” É só isto. É como se, numa folha de papel, houvesse um lugar vazio onde se vai inscrever o nome do pai, da mãe, do avô, etc. É simplesmente um lugar vazio. Se for estritamente o que Lacan define, já está dito, significa simplesmente *nomear* de algum modo – de azul, vermelho, duro, macio, do que quiserem – essa coisa de que, no campo do Outro, há Lei. Nada tenho contra.

Na medida em que isso é decantado para o nível do Secundário, a partir da metáfora do nível Primário, qualquer nome ali posto, Lacan já o disse, é: *père version*, versão desse pai. Portanto, segundo a linguagem deles, é uma perversãozinha, a qual estou dizendo que não é senão um sintomazinho: “Gostou? Leva para você, usa, mas não imponha a ninguém, nem acredite demais, porque é falso”. Todo e qualquer sintoma que ali se inscreva é provisório e indecente, pois a decência desse significante é ser absolutamente vazio.

Não posso fazer mais do que dizer: “No momento presente das minhas peripécias históricas, estou situando a sintomática por aqui”. Toda a teoria freudiana é a sintomática freudiana que pôde acontecer, e a de Lacan, idem. O que estou fazendo é tentar dar um passinho nessa sintomática, porque me interessa.

Não há Nome do Pai nenhum. Mesmo porque não há Pai nenhum a quem se pudesse recorrer para colocar ali: somos órfãos desde o começo. É o que Freud quis dizer com o tal do “pai morto”. No teatro do social é que tem um “papai!”... até o dia em que o cara mostra que é um fracasso absoluto, e que não vai me tirar do meu poço fundo.

De onde foi tirado o que Lacan chamou de metáfora paterna? Da relação da criança com a mãe. Dado que aquilo nasce dali de dentro e fica meio pegajoso durante muito tempo, chupando as tetas, fazendo aquelas coisas todas, deve ter alguma relação de cola por ali. Algo tem que separar. Se deixasse solto, acabava separando, ou não. Se, nos animais, encontramos um processo de separação já embutido na série etológica, na espécie humana, não havendo isto, é possível pensar que 50% separaria espontaneamente e 50% ficaria grudado. Então, vamos tentar meter alguma coisa aí no meio para separar.

O pessoal chegou à conclusão de que a relação da criança com a mãe está submetida às regras, ao processo de entendimento do desejo da mãe em relação ao desejo da criança, como está na fórmula de Lacan que apresentei há pouco. Isto até mesmo na relação do signo lingüístico de Saussure entre significante e significado. Qual é o significado desse significante que é o desejo da mãe? Desejo da mãe, não sei se é significante, pois pode ser o terror, o horror. Significante é quando se diz alguma coisa sobre ele. Mas vamos fazer de conta que é. Então, se o desejo da mãe for significante, certamente tem um significado: o *Falo*. E isto é espantoso.

Freud passou a vida se perguntando: “o que querem as mulheres?” Ele não sabia o que querem as mulheres. De um tempo para cá, todo mundo sabe. As mulheres querem é pica. Não estou sendo grosseiro, e sim dizendo o que está escrito lá, só que com outras palavras. O significado do desejo da mãe é, então, o falo, e aí entraria um significante. Não sei para quê. Se já se entendeu que o significado é este, então, está resolvido, está simbolizado. Mas, segundo eles, é preciso um significante intermediário. Já houve tempo que eu entendia por que, agora não entendo mais. Enfim, Lacan coloca o falo como média e extrema razão entre o desejo da mãe e o Nome do Pai.

Isso que foi significado ao sujeito como desejo da mãe, e que ele vai ter que arranjar um outro significante, porque não pode chamar de desejo da mãe, ele tem que chamar de Nome do Pai. Porque ele não poderia chamar: “Já entendi, desejo da mãe é aquilo”, e ponto? Mas tem que meter o Nome do Pai

porque a razão lacaniana é ter que entrar um terceiro, se não, de repente, ele pensará que o falo é ele mesmo, que está oferecido à mãe, etc.

Em última instância, o que se passa aí realmente? O que é esse tal de falo? Na história da psicanálise, é desde Freud que esse significante é errado. Se o significado do desejo da mãe, mediado pelo Nome do Pai, não é senão o falo, este, em Lacan também, é puramente um significante. Então, o significado do significante é um significante outro: o significado do desejo da mãe é um significante do desejo da mãe, que se chama falo. Estamos em plena redundância.

Essa redundância é mais ou menos cortada na medida em que, para instaurar o significante falo, Freud comete um erro grosseiro, criticado por várias analistas durante a história, e que Lacan retoma e insiste para apostar na dissimetria, como se esta fosse a única maneira de a simetria comparecer. Mas não é.

Pensou-se que a simetria só podia comparecer no nível das formações imaginárias da diferença sexual, o que já critiquei. Na verdade, como Lacan escreve nos *Écrits*, num texto chamado *Die Bedeutung des Phallus*, que, na verdade, deveria ser: *Die Bedeutung des Carallus* porque o significante que está em jogo ali, como significante do desejo – por um processo que, a meu ver, é um erro de entendimento da metaforização –, está acoplado diretamente ao dito pênis, chamado órgão sexual masculino, que falta ou está presente aqui ou ali. Ou seja, repete-se no nível da formação da teoria o nível traumático e neurótico da formação da neurose da criança, da formação neurótica da teoria infantil.

Isso é absolutamente inaceitável na medida em que, ainda que pudéssemos fazer o processo que Freud e Lacan fizeram de acompanhar a formação desse significante apoiado na presença ou ausência daquele órgão, ainda que fosse assim – e já não acredito muito bem que o seja –, na passagem disso a significante, como puro significante do desejo – Lacan não o apresenta como significante do desejo da mãe, e sim como significante do desejo –, ele perderia, por ser significante, todas as denotações com seu passado imaginário de anatomia.

Os lacanianos escrevem livros – assim como escrevem sobre a função do pai, essas coisas – sobre o tal do falo, provando, demonstrando o tempo todo que o falo é um significante, não é o pênis, para imediatamente recaírem, por causa daquela história lacaniana de separação do masculino e do feminino mediante “ter ou ser o falo” – o que, hoje, deve ser questionado –, em: “O pai tem o falo, a mãe não tem o falo... O que é isto? É pênis ou é falo? O pai *tem* o significante do desejo, a mãe não tem; a mãe *é* o significante do desejo? Se o pai resolver *ser* o significante do desejo, está ferrado: vira mãe? Se a mãe resolver *tê-lo*, está ferrada?

O que é efetivamente esse tal falo, que não passa pela sua estrutura originária de Revirão, que não passa pela renegação originária, própria a qualquer criança diante do entendimento de que ali alguma coisa se levanta – e não precisa ser visível –, de que ali algum desejo há e que vem a ser, depois, submetido à ordem da organização dos órgãos sexuais num processo muito mais tardio? Na verdade, o tal significado do significante do Nome do Pai é aquele que vem substituir o desejo da mãe para ter, ele próprio, a significação fálica.

O que é, afinal de contas, nesse jogo, o Nome do Pai, que vem substituir o falo? Se ele vem substituir o desejo da mãe, em outra instância, como significante, vem substituir, apresentar, o falo como significado. Esta é uma questão fundamental.

Devo acreditar na “decantação imaginária” – que é como o próprio Lacan diz – do falo como falo imaginário para garantir o lugar desse significante? Ou devo pensá-lo como significante puro, da ordem do desejo, na diferença entre “o que quer que” e “o que quer que”? Significante puro da diferença na ordem do desejo, independente desta ou daquela anatomia.

Ora, quando aceito adscrever ao falo, como significante, presença ou ausência de pênis no nível da anatomia, não estou fazendo senão sintomatizar, no nível Secundário, o que estou copiando das formações do Haver no nível Primário. Ao invés de entender, primeiramente, que a estrutura do psiquismo humano é absolutamente em Revirão – como Freud já mostrara: não há inscrição de espécie alguma da diferença sexual, nem de posição sexual –, que esta é a

estrutura de base, faço o processo *neurótico*, que *certas* teorias infantis fazem, de – em pânico diante da situação de não poder entender diretamente o movimento do desejo indeterminadamente posto, a ser determinado historicamente – fazer sua acoplagem sobre o retrato das anatomias encontráveis. E isto é igualzinho a uma neurose qualquer.

\* \* \*

Que interesse, durante toda a história da humanidade, resolveu “apirocar” – é o termo – o que deveria ser puramente falicizado? Que peripécias, ou seja, que pressões recalcantes do nível Primário foram capazes de abrir a chance para que os felizes possuidores da piroquinha maravilhosa entrassem em juízo, sem preclusão, entrassem a tempo, com a petição de que tivessem a garantia de que eram os felizes portadores da representação do desejo? Algo deve ter acontecido mesmo, e que sobrou como um sintoma, de maneira a garantir essa repetição idiota.

É bem provável que, por exemplo, durante todo um longo período do começo da história da humanidade, as mulheres, as fêmeas, tenham ficado em má situação. Vivia-se muito pouco: duvido que chegassem à menopausa, pois morriam antes. A partir de uma adolescência muito jovem, já estavam todas prestes a engravidar, e certamente – estava tudo dando sopa: uma facilidade muito grande, talvez – todas passavam a vida impotentes por gravidez, por isso, por aquilo, que permitiu uma organização dos machos de operar uma força de controle sobre elas, e que dura até hoje. E dura porque elas querem, é claro!, gostaram.

09/ABR



## 4

### FIXAÇÃO E RECALQUE

Do modo como apresentei o que quero chamar de Fixação, seria preciso entender, e aceitar, que: se todas as fixações são positivas pelo simples fato de lá estarem, entretanto, do ponto de vista dos interesses internos aos aparelhos onde as fixações acontecem, poderemos chamá-las de *positivas* e *negativas*.

Se estou partindo de um Recalque Originário capaz de determinar, ou empuxar, servir de atrator para toda e qualquer espécie de recalque posterior, é preciso conceber que o que está sendo chamado de Recalque Primário é o que se opera por força de toda e qualquer formação que venha a acontecer no seio do Haver.

Se a disponibilidade do Revirão permite pensar que o que quer que se ponha induz o seu avessamento e, portanto, o que quer que compareça é válido, o simples fato de haver formações – em quebra de simetria, portanto – já é uma indução de recalque. Ou seja, quando se fala em recalque, é preciso entender que nessa operação-recalque há um *recalcante* e um *recalcado*. Não é no vazio: se há recalque, algo é recalcante e algo é recalcado por esse recalcante.

No Recalque Originário, temos a estrutura, que foi posta principalmente: não havendo o não-Haver, isso retorna. Este é seu conteúdo único: Haver desejo de não-Haver, e por não haver o não-Haver – portanto, só haver o Haver –, a dissimetria está originariamente posta.

Dado que a dissimetria se oferece desde o Originário, no nível do que chamo de Recalque Primário, já que a disponibilidade deveria ser absoluta, qualquer formação, qualquer coalescência, passa a ser recalcante pelo simples fato de seu comparecimento. Isto, porque qualquer coalescência, qualquer formação, produz alguma dissimetria em relação ao possível da plenitude, mesmo no interior do Haver, em função da catoptria: as dissimetrias vão aparecendo como uma espécie de declinação fractal daquela primeira dissimetria.

Se toda e qualquer formação é em si mesma recalcante, é recalcante do quê? Se isso se exige na quebra de simetria – pois, às vezes, não é exigido: duas oposições podem coexistir no mesmo mundo; mas, em termos de Cosmologia, por exemplo, não podemos encontrar, na mesma região, matéria e antimatéria –, alguma coisa é recalcada. As formações do Haver, no regime do Primário, são então recalcentes do Revirão, do primeiro (grande) Revirão interno, da catoptria (interna) do Haver. Criam-se dissimetrias ali no sentido mesmo do afastamento de algo que se contrapõe à sua existência de tal formação do Haver.

Essas formações que aí habitam como recalcentes do Revirão (interno) do Haver, da catoptria portanto, são, todas elas, possíveis de ser escritas em nosso rol como *traços mnêmicos*. Não estou dizendo que sejam puros traços mnêmicos, e sim que, no que ali estão, podem também ser nomeadas traços mnêmicos. E, portanto, *resistentes*: enquanto tais, resistem à possibilidade de sua transformação.

\* \* \*

As formações do Haver são, no campo do Primário, fixações recalcentes do Revirão que as precede. Isto, como traços mnêmicos resistentes, seja da ordem do material ou do psíquico, tanto faz.

Mas essas fixações, no caso do psiquismo, do cérebro do meu Anjo, são, do ponto de vista dos interesses internos das formações, positivas e negativas. A experiência de determinada criança, digamos assim, é a de sofrer processos de recalçamento pelas próprias formações da sua

estruturalidade, da sua construção biológica: seus aparelhos biológicos já são recalcantes das infinitas possibilidades que se opõem a essa formação, enquanto coalescência, resistência.

Certas experiências desse aparelho psíquico recebem fixações: são fixáveis positiva ou negativamente. Seja qual for esse individuozinho que está recebendo todas essas pressões, ele pode – tomemos, para pensar, o nível *estético* – ser afetado por determinada formação sensória, perceptiva, que se lhe parece, nas circunstâncias daquele momento, extremamente agradável, e que assim é fixada como tal – é o que estou chamando de positivo. Em outro momento, outra experiência pode ser fixada como extremamente desagradável, como negativa, mas lá fixada também.

Se há Revirão, o simples fato de algo se inscrever mnemicamente, fixadamente, como positivo, de saída, já põe um negativo que se lhe depara. E o contrário também: alguma marcação negativa põe imediatamente um oposto que seria agradável. Então, a coisa, no nível dos processos recalcantes do Revirão anterior, é apresentada nessa malha incrível de oposições. Mas não são meras oposições: há um *terceiro lugarzinho* pronto que eventualmente, até por ato falho, pode deixar passar para o contrário, por questões de circunstância ou de extrema complexificação na combinatória desses elementos. De repente, atravessa-se por via de Revirão.

A essas marcações e fixações, no nível Primário, chamo: *fundações mórficas*. Há um morfismo aí porque se coalescem formações, se estabelecem oposições de positividade e negatividade internas. Estamos aí diante das fundações mórficas de um sujeito, no sentido do assujeitado, nessa construção que é o grande Pleroma.

Utilizarei alguns termos (que abomino, mas) que estão na história, para podermos fazer a didática disso. As marcações que estou chamando de positivas, os fundamentos mórficos positivos, são o que se tem, no regime do conhecido, como nome de *perversão*. São, pelo menos, morfismos, fundamentos mórficos do que se põe na conta do perverso, que é um termo absolutamente inadequado para dar conta disso. E o que se coalesce como

negativo fica na conta do que chamam de fóbico. Das duas, uma: desejo cuspir, porque não gostei; ou desejo engolir, porque é agradável. É o famoso cospe/engole freudiano, ou da *Casseta Popular*.

A primeira positividade é que não posso cuspir o que não pus na boca. Por isso, todos os traços são positivos: primeiro, tenho que botar na boca, o que é positividade; depois, escolho se engulo ou cuspo. O positivo e o negativo dos interesses da coisa se dão em cima de uma experiência de dentro do Revirão e necessariamente por demarcações de grande sobre-determinação da corporeidade, da sensibilidade, da temperatura, da densidade, da própria força da gravidade, onde se habita... Sobre-determinações que marcarão o cospe/engole como positivo ou negativo, ou como o que se chama de formação perversa ou fóbica.

Daí que, de uma vez por todas, as fixações não dependem de recalque no nível Secundário, como muita gente acredita que Freud tenha dito. São recalques, no nível Secundário, que dependem das fixações, embora estas possam ser *reforçadas* pelo recalque, o que é uma outra história.

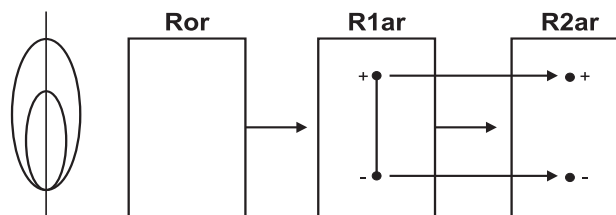
\* \* \*

O que vai acontecer quando as fixações no nível Primário – com o atrator do Originário garantindo a quebra de simetria – passarem ao Secundário? Como lhes disse da vez anterior, o que acontece no Secundário é da ordem do fingimento, que chamei de metáfora, de metaforização de formações. Aí, está-se em aberto, não há nada, como formação já pronta, que garanta quebra de simetria numa opção qualquer.

A tal Lei, então, que vai se inscrever no Secundário, não é senão metaforizar *como se* fosse uma formação dada: metaforizar aí o que acontece no Primário como formação. Isto é mais ou menos como dizer: o proibido é a metáfora do impossível modal da formação primária. No Originário, está o Impossível absoluto, o que é outra história...

Acontece que as formações, os fundamentos mórficos, que estão no Primário, são fixações sobre-determinantes dos processos do campo Secundário.

Quando se passa ao Secundário, se um desses fundamentos mórficos vem igualzinho como era no Primário, vai tornar-se uma nova fixação. Ou não, pois que o aparelho recalcante do Secundário não é o do Primário, muito pelo contrário. O mais comum é o recalcante no nível Primário passar a *recalcado* no nível Secundário.



Há um, vamos chamar assim, tensão positivo (+) no Primário, isto que chamam de formação de índole perversa: “É uma delícia!” Outra formação, no Secundário diz: “Teje proibido isso!”, (-). A força recalcante aí é a de tentar coibir uma formação positiva e ainda por cima xingá-la, chamá-la de perversa. Mas, no Primário, ela é apenas positiva. Assim, o que no Primário era recalcante do Revirão, no Secundário, passa a ser recalcado. É o que Freud diz quando se refere a uma formação primária que, ao chegar no secundário, sofre repressão, recalque, etc. O que não há em Freud é que esse elemento fora recalcante e agora, eventualmente, está passando a recalcado.

Mas, eventualmente, uma formação negativa também chegará com o mesmo impulso negativo com que vinha do seu estabelecimento Primário, e poderá ser recalcada... ou não. Esquecemo-nos freqüentemente da oposição que existe no nível dos Recalques Secundários. Costumamos tratar os surgimentos do que vem do Primário, no nível Secundário, como se tudo fosse positividade, e que temos que recalcar o desgraçado do tal do *Id*: “Este cara é um sacana que fica querendo coisas que não deve”... Mas, às vezes, ele fica querendo coisas que achamos que deve, e reforça a vertente positiva ou negativa dessa importação do Primário.

Não é por menos que digo, e repetirei, que *falo*, na psicanálise, é um fetiche (dela, psicanálise). Há um fetiche na teoria psicanalítica, chama-se:

falo. É fetichismo puro. Ou bem se consegue equivocar, analisar esse fetiche na história da psicanálise, ou vai-se ficar nisso para o resto da vida. Em sendo assim, suponho eu, a psicanálise não consegue emplacar o século XXI, pelo menos sem certo e grave ridículo. Até a astrologia tem emplacado milênios. Por que não também a psicanálise ficar como mais uma astrologia aí durante milênios? Ou ela se re-entende ou passa a ser da ordem das astrologias da vida.

O importante é não esquecer que, dependendo das formações recalcentes, no nível Secundário, da cultura se quiserem, dependendo de situações diferentes – como a antropologia encontra a toda hora nas suas pesquisas de campo –, uma formação positiva será recalável, ou não; dependendo dos interesses, uma formação negativa será recalável, ou não, dependendo dos interesses daquela formação.

É claro que, mediante o fetiche fálico e o sintoma grotesco da história da psicanálise chamada Édipo, tentou-se normalizar as possibilidades de conteúdo do recanto Secundário com estes dois aparelhinhos, de tal maneira que tudo começa a se medir através dessa bobagem. E ainda tem o “supremo do genital”, como diz Lacan, para tornar a fazer outra anedotinha regularizante. Ora, isto é fazer pressão sobre as possibilidades do funcionamento com dois ou três aparelhinhos – constituídos talvez culturalmente –, com os processos de formação da teoria psicanalítica, uma cultura sobreposta, artificial, a qual está estada no fetiche do falo, no sintoma do Édipo e na maravilha do genital. Depois, o Joãozinho Trinta faz o que faz, e as pessoas acham ruim: ele estava só mostrando o supremo de genital...

As fixações negativas são os verdadeiros atratores, Primários, dos Recalques Secundários. Na medida em que há fixações negativas, fóbicas, nada melhor para servir como modelo e atrator, das possibilidades de recalque do que aparece positivamente no Primário. Isto estará inscrito como positividade no campo do recalcante, então, tudo bem: “Que maravilha que essa criança nasceu assim, oh! tão educável”. Ou terá que ser recalcado, sofrer repressão – o sentido de formação de um recalque, portanto. Seria a

tentativa de, no nível Secundário, revirar, transformar por Revirão o que vem como positivo em negativo.

No modelo do negativo do Primário, é: “Você adora isto, você agora vai tomar isto como péssimo”. Mas isto é adorável, portanto há que fazer um processo qualquer de imitação ou composição, com o negativo de lá. É o que se faz correntemente em todas as pedagogias. Se você gosta disto e digo que isto é mau, posso associar com algo que você chama de mau – “dou-lhe porrada”, isto é mau. Estou, assim, associando e modelando pelo processo negativo do Primário.

As fixações positivas serão ou não recalçadas secundariamente, por repressão, é claro, por intervenção que as conecte, portanto, com as fixações negativas, como acabei de dizer. As fixações positivas recalçadas secundariamente farão retorno, ocasional, por via desviada: o tal retorno do recalcado, de Freud, é neste nível. Ou seja, às vezes, consigo recalcar uma positividade, utilizando conexões que conduzam a relacionar com o negativo no Primário. Mas esta positividade não se apaga com tanta facilidade. Portanto, tentará retornar deslocadamente de várias maneiras: formação de sintoma; aquilo que Freud gostava de chamar de sublimação; essas coisas todas. Mas, aproveitando os meandros dessa complexidade, vai insistir em recomparcer desavisadamente.

Quando aparece a sua *insistência*, é diferente: uma coisa é o retorno do recalcado, outra, é a insistência do recalável. Analista come muita mosca: toma determinado comportamento, determinada atitude, do analisando e pensa que é retorno do recalcado. Não é sempre, pois retorno do recalcado vem desviado. Quando vem direto é insistência da fixação do Primário que passou para o Secundário: insiste, e não aceita o recalque. Aí o que se faz é chamá-lo de perverso. É a isto que se chama de *perversão*: como insistência do positivo ou do negativo, fixada no Primário – pura insistência.

Se a insistência for negativa, chama-se a isto de *fobia*. Não reprimimos apenas as formações positivadas, que chamamos erradamente de perversas, mas também tentamos recalcar as negativas: “Menino, por que você tem medo

disso? Não pode ter medo disso!”. Então, tenta-se agir de maneira recalcante tanto sobre as formações positivas que não interessam, como sobre as negativas que não interessam, e que insistem, no nível do trato Secundário, com base na sua fixação Primária.

No lugar do Primário, a formação era recalcante do Revirão. Quer continuar a sê-lo. Se eu fosse inteligente – como analista ou como pedagogo, tanto faz –, faria ver a esse sujeitinho que tanto as positivas quanto as negativas são equivocáveis. Mas como sou burro e não presto, pego as que interessam e digo: “Parabéns!”; e quanto às que não interessam digo: “Não pode!” E mais, consigo aplaudir de pé perversões e insistências seríssimas, porque estão interessando ao sistema em que habito. Como aplaudo de pé fobias rigorosas e horríveis. E um merda desses ainda vem me dizer que é analista!

Repetição, não acaba, é fundamental. Repete-se desde a estrutura básica do Pleroma, no regime do Originário. Isto é cíclico: repete-se mesmo diferenciadamente, é compulsivamente repetitivo. O que existe são fixações das repetições em nível, o que coíbe as diferenças no que procurando por ela, e não a encontrando. É a insistência pura e simples de haver Revirão: no que repete, tenta revirar. Nem sempre o consegue, então, fica compulsória, e não compulsivamente, preso numa falta de perspectiva. Prefiro falar em repetição compulsória, pois todas são compulsivas. A insistência é o Recalque Primário estar lá escrito, ninguém apaga. No que está escrito, comparece de novo: repete-se. Se repetirá diferenciadamente, ou não, depende das vicissitudes.

O que Freud chama de retorno do recalcado se dá no nível Secundário. Ou seja: no que, por via secundária, sem fundamento nenhum senão “papo”, tentativa de metáfora, tenta-se reprimir determinada formação, esta, para sobreviver, às vezes, aceita essa repressão e se faz recalque, por isto. Mas isso continua insistindo, como Freud mostrou, e retorna: isso não é bobo, isso repete, e tenta por algum caminho desviado.

No que nenhum efeito repressivo consegue desviar a simples existência e insistência, isso comparece como tal no Secundário. Tudo que aí comparece, comparece como tal, depois é que se começa a reprimir e chamar de perversão



ou fobia. O que estou denunciando é que está errado, pois não se trata nem de uma nem de outra, mas simplesmente de insistência do Primário. E pior: chamo de perversão ou fobia tanto em função do regime da cultura e dos fetiches, sintomas, etc., da teoria psicanalítica, quanto assim chamo segundo o meu interesse. Isto é grave: freqüentemente, coloca-se o perverso no poder porque chama-se de perversão o lado contrário da sua perversãozinha.

Costuma-se chamar perversão uma insistência positiva que determinado discurso acha que não deve existir. E de fobia, uma igual insistência negativa. É só mudarmos de região discursiva para ver isto. Se estamos numa região de brandura social, por exemplo, onde um sujeito tem medo de briga, diz-se: “É natural, briga é coisa violenta”. E se for para dentro de um exército, diz-se: “É um covarde, um banana”.

Mas é preciso um aparelho de suspensão permanente – e quem deveria oferecê-lo seria justamente a psicanálise – de dizer: “Isto, pouco me interessa. Enquanto analista sou indiferente. Só me interessa saber se a fixação, para este indivíduo, é positiva ou negativa, como se pode equivocar isso e deixá-lo o mais solto possível”.

Em nossa cultura, se o menino nasce machão, embora perverso, é aplaudido. Se nasce “viado”, diz-se que não pode. Qual dos dois é mais perverso? Se a moça nasce com aspectos muito positivantes e guerreiros, é “paraíba”. Se nasce com seu fetichezinho, sua perversãozinha, e puxando para o lado do dito “feminino”, acha-se lindo – mas é uma perversinha!

Até que ponto a história da teoria psicanalítica não está invadida por isso? Depois de todas as construções que a psicanálise foi capaz, é preciso, numa visão retrogressiva, estarmos em absoluta *indiferença* quanto a esses propósitos: acompanhar caso a caso o que ali acontece, equivocar para qualquer caso e, depois, deixar correr – com direito a diferenças e preferências.

Dada a história que a psicanálise já teve, ela poderia, ainda que com resquícios recalcanes que todo discurso tem, procurar uma região a mais aberta possível. Estou apenas construindo um sintomão que me parece muito mais

permissivo, solto, do que o anterior, mas certamente que está imbuído de uma série de quebras de simetria.

Entretanto, é completamente diferente como postura pensar a partir de conteúdos manejados, etc., que vêm na história da psicanálise, do que tomar uma posição – que me parece ser a última da história do pensamento de Lacan – de absoluta equivocação diante dos fenômenos e deixar, depois de trabalhados em sua equivocação, até que as formações recalcentes, já mexidas e repensadas por ali, tomem certos destinos mais ou menos sobredeterminados. E que fique a suspensão de saber que o diferente que se me antepara é absolutamente aceitável como tal. Isto, porque o que me tem aqui é sintoma.

\* \* \*

Se isso for verdadeiro, vocês hão de convir que o balé que aí se instala é muito complicado porque lidamos a partir dos interesses de formações secundárias que já encontramos aí, que foram-se fazendo durante a temporalidade da espécie. Isto, de várias maneiras, pois, quando nascemos, já encontramos grandes formações secundárias.

No nível da estorinha individual de cada futuro sujeito, as coisas vêm marcadas por sobredeterminações também seríssimas no nível do biológico, do estético, do sensório, etc. Há uma série de formações *etológicas*, por exemplo, que a etologia distingue muito mal porque confunde essa região intermediária em que não se sabe se é da ordem do cultural, do etológico, etc.: suas práticas de laboratório levam a discernir apenas elementozinhos, pequenos reflexos, como sendo originários de lá. Eu, acho que é uma massa enorme de construções etológicas que já há nesta espécie, e sobre as quais surge o aparelho do Revirão.

Originariamente, nossa posição é absolutamente revirante. Há, depois, toda a região primária que é extensíssima, onde a sobredeterminação é imensa e em diversos níveis, até o nível etológico. E ainda vem a região da construção do Secundário, pois a espécie tem a possibilidade de reviramento também, a

qual, em função dos interesses secundários, tem que entrar em diálogo com o Primário.

Há que respeitar – não é obedecer, mas sim dar resposta – alguns interesses primários por questões meramente de sobrevivência do boneco que carrega a possibilidade de reviramento. A coisa é extremamente complexa, elástica, de tal maneira que Freud, que não era bobo, percebeu que tinha que tratá-la em nível tópico, econômico e dinâmico.

No regime do Secundário, eis senão quando encontramos formações típicas e que parecem desenhar as formas de comparecimento das pessoas no seio desse mundo secundário. Aí, temos aquela coisa chamada *neurose*. Que diabo pode ser isto? Com o quê ela está compromissada? Só temos o direito de chamar especificamente de neurose o que está na dependência de certas vicissitudes do Recalque Secundário. E depois do lacanismo ficaram praticamente duas vertentes suas: a obsessiva e a histérica.

Ora, o que acontece no nível do Recalque Secundário é formação de aparelhos, por quebra de simetria, que estão na dependência dos embates dos interesses dessas formações com as fixações recalcentes do processo Originário que habitam o processo Primário. Não podemos, para se ter um mínimo de leitura adequada do que está operando ali, esquecer que há, para cada indivíduo, toda uma guerra, uma polêmica, a ser tratada na relação entre estes dois níveis.

Então, toda e qualquer prévia imposição de quadro conteudístico é absolutamente errônea. Jogar isto sobre qualquer pessoa nesse nível é, no mínimo, uma imbecilidade. É claro que, com experiência, no seio de determinada formação discursiva, chamada cultura, por exemplo, pode-se até sacar que ali costuma repetir-se determinada historieta. Isto, porque ali historietas se repetem. Entretanto, generalizá-las e sobretudo universalizá-las já é da ordem da perversidade daquele que isto faz.

A questão de cada sujeito diante da Lei, por exemplo, é a ser pensada com muita seriedade. Não estou falando dessa titica que é o Código, que são as regras – aí a coisa fica pior ainda. Mas ALEI há, e é quebra de simetria

necessariamente e que, declinadamente, em sua queda de nível, vai receber a sanção de certos enunciados. Assim, está posta, no processo maior, a questão absolutamente irreduzível para cada um que lida com os enunciados ditos referíveis a determinada construtura de Lei. Isto, porque o que quer que se diga, no nível do enunciado legal, é fixação dependendo do *voto* de alguém. Não é neutro. Então, pergunto: mesmo que haja maioria, o fato de determinado enunciado colocar-se como legal garante da sua ausência de perversidade, ou muito pelo contrário?

Ouvimos psicanalistas dizerem cada asneira, que chega ao nível da agressão pessoal a qualquer sujeito que escute. Inclusive psicanalistas franceses, com certo eco no Brasil... Aliás, o que o Brasil não compra da estranha? Sendo de lá, compra-se qualquer matéria plástica ... Mas esses psicanalistas vêm no processo de demonstração do que seja a relação com a Lei, no sentido lacaniano, e, depois, apresentam um caso em que ficam, igual àquele psiquiatra de que falei outro dia, querendo meter a lei dentro do cara por via de regragem. O que vira apenas luta de prestígio: “Meu tesão é melhor do que o teu!”

A questão é poder dar-se à inteligência de equivocar em qualquer nível. Até, de repente, dizer-se: “Temos que fazer um pacto de convivência no estabelecimento de uma regra sobre como vamos dançar para um não pisar o pé do outro. Mas não vejo por que o teu tesão seja melhor do que o meu, ou o meu melhor do que o teu”. E isto corre por dentro dos livros dos psicanalistas, e certamente por dentro dos consultórios...

Trata-se, aí, de fazer, no nível baixo, e não no nível alto em que coloco, operar, mediante porrada, uma pedagogia grosseira: “Vamos educar esse menino, que não sabe que Édipo é assim: não pode comer mamãe!” Acho difícil que isto possa ser tomado como qualquer reflexão a respeito do que se passa no nível psíquico.

A neurose habita na região dos recalques produzidos pelos processos repressivos, ou seja, recalcentes, dos interesses em jogo em relação às formações primárias que chegam ao Secundário, sejam elas de vertente positiva ou negativa, ditas perversas ou fóbicas. Veremos isto com calma quando

estudarmos a neurose. Estou agora só adiantando as grandes linhas para, depois, tomá-las em detalhe.

A essa coisa que chamam de perversão, cujo título gosto de jogar no lixo, pois não serve para nada, chamo de *morfose*, que, para mim, tem dois aspectos: o que chamam de perverso, e o que chamam de fóbico, morfose positiva e negativa.

Freud chegou a dizer que a perversão é o avesso da neurose. Não é não! Ele estava mostrando que uma fixação recalcada é exatamente aquilo que foi recalcado, que seria a positividade do não recalcado. Só se pode recalcar uma fixação primária que é o contrário. Mas o verdadeiro avesso da perversão, como chamam, não é a neurose, e sim a fobia.

Abram quinhentos manuais de psiquiatria e de psicanálise, que nunca entenderão o que é fobia. Os caras querem colocá-la na conta do Recalque Secundário, da neurose, ou vão procurar na psicose, ou no rabo do perverso porque na frente é outra coisa..

Então, na verdade, a fobia, ou seja, os aspectos negativos das fixações primárias têm o mesmo valor que os positivos ou perversos. É simplesmente insistência de formações, que certamente vão se acasalar com os processos secundários de recalque, etc., e vão dar outro samba. Mas é nesse nível que a fobia é o avesso da perversão. Ou seja: a morfose positiva é o inverso da morfose negativa. E isto não tem lhufas a ver com o Recalque Secundário.

Por aí, no sentido da Pedagogia Freudiana, tentaremos, no percurso deste ano, mostrar, depurar melhor, a diferença específica, clara, nítida, entre neurose, morfose e psicose. Se neurose tem a ver com os processos de Recalque Secundário, e morfoses com o nível da insistência do recalcante Primário, são completamente diferentes. E só serão morfoses no nível de certos acoplamentos. Se não, não são nem morfoses, e sim fundações mórficas que todo mundo tem, graças a Deus!

O interesse cultural vai cair de pau em cima das tendências mórficas que não lhe interessam. E pior: vai aplaudir as que lhe interessam. Sempre pensamos que a repressão social recai sobre a vertente perversa das pessoas. Isto não é verdade. Muitas vezes recai positivamente sobre os interesses desta

vertente. Paga-se bem por uma boa perversão, e põe-se o cara na Presidência de uma República, num Supremo Tribunal, etc., porque ele tem a perversão que interessa ao jogo do momento.

Ou pensam que um cara feito Hitler tomou aquela merda sozinho! Qual é? O que está acontecendo na Europa, o ressurgimento do racismo que Lacan prometeu, vem de onde? Um cara sozinho diz: “agora é assim!”, e a turma obedece. Não! A turma *vota*!

É um erro crasso da psicanálise na sua prática e na sua teoria, não distinguir aspectos mórficos de valor positivo, nitidamente perverso, como chamam, que são ora reprimidos e ora aplaudidos, dependendo do interesse da situação, da cultura, etc., de aspectos mórficos de ordem negativa, chamados de fóbicos, que também são, às vezes, aplaudidos ou reprimidos. Ou a massa é babaca do jeito que é, se não por aplauso de seus aspectos mórficos negativos?: “Ainda bem que eles têm medo. Vamos reforçar isso”...

Estamos nas generalidades. Mais adiante veremos que há combinatória de jogos. Ouvimos bobagens como: “O perverso não procura analista”... Procura demais, nem que seja porque está, ou estava, na moda fazer análise. E mesmo porque ninguém é puramente perverso. Isto simplesmente não existe! O cara, às vezes, tem uma solução, uma morfose grave, junto com uma neurose, às vezes, tangenciando a psicose – é preciso ver cada caso. Como se houvesse o morfótico puro, que dissesse: “Não vou a analista porque, afinal de contas, sou fóbico da análise”...

E aí tem a tal da *psicose*. Esta é de doer. A confusão imensa que se faz por aí entre psicose e morfose... Lacan promoveu, como uma *questão a se pensar primeiro de tudo* quando se fosse pensar a psicose, a tal foracclusão do Nome do Pai. Começarei, da próxima vez, introduzindo esta questão, já que falei um pouco a respeito de neurose e morfose. Retomarei o que pode ser a foracclusão do Nome do Pai, como funciona ali, e quais são as vias de produção de psicose no sentido genérico.

Vocês verão que, assim como o Revirão é uma constância em nossa possibilidade de requerê-lo, de referi-se a ele, assim como ocorre intra-nível,

em cada um dos níveis, também ocorre inter-níveis. Aí talvez tenhamos possibilidade de entender com mais clareza a diferença entre morfose e psicose, justamente nessa passagem de nível.

É um erro na passagem de nível que produz o que se chama de psicose. Não há foraclusão alguma, pois o Nome do Pai já nasceu foracluído. A não ser que possamos explicar melhor – porque tenho o maior respeito por meu caro mestre e analista – o que ele está chamando de foraclusão.

Minha metodologia de fala é sempre apresentar um quadro grande, e depois ir esmiuçando as partes.

Acho melhor ter a noção geral e ir trabalhando detalhes do que esgotar cada um dos elementos e não ter como se referir ao campo por inteiro. Minha didática é da ordem do fractal.

\* \* \*

• Pergunta – *Suas colocações não se referem a ego, superego e Id, ou a ego, ego ideal e ideal de ego. Por quê?*

Não me interessam nem um pouco: foi tudo para o lixo. Eu disse desde o começo que estou tentando uma tópica estritamente como recalque. Já fiz muitas referências a isso, e, de repente, posso voltar a fazer, mas certamente no sentido de criticar a volubilidade freudiana de não conseguir efetivamente sustentar uma tópica, uma dinâmica e uma economia limpas num sentido só. Isto, na história da psicanálise, é um defeito grave, embora tenha sido útil.

Mas o que acontece é que põe-se uma tópica, não dá certo, passa-se para outra, e assim por diante. Talvez devêssemos pensar *toda* a casuística possível no nível de *uma* construção. Depois, se arranjar uma melhor, reconstrói-se tudo de novo em outro nível.

Muitos textos psicanalíticos, de Freud inclusive, são o samba da nega maluca, se não do crioulo doido, pois a tentativa de explicação fica dançando daqui para ali por não encontrar esteio formal. E fica aquela coisa: agora não deu para falar em *Ics.*, *Pcs.* e *Cs.*, então, fala-se em ego, ld... Vamos parar

com isso e tentar, pelo menos, depois, dizer: “Talvez o que Freud chamasse de ego esteja perto de tal articulação”...

O modelo *estético* me parece mais aproximado do lado abstrato de nossas posições, diferentemente, por exemplo, de uma formação anatômica. Ele é relacional: é na dependência de uma multiplicidade de fatores que determinado momento vai-se instituir como inscritível positiva ou negativamente.

Por que “gosto não se discute”? Porque depende das formações fixantes que ali estão em jogo. Se fulano tem tal cor preferida e sicrano tal outra, é por uma série infinitamente grande de fatores que vão fixar aquilo numa preferência. Então, posso, pelo menos, tomar um sujeito estúpido e, mediante a nossa pedagogia típica – que se chama psicanálise –, levá-lo a considerar, sem abrir mão do seu gosto primordial, que outras cores também gozam, para ele até. Não tenho que forçá-lo a deixar de ter uma cor privilegiada. O que, aliás, seria ótimo.

Quem dera pudéssemos fazer uma limpeza dentro da gente, de maneira que todas as cores nos fizessem o mesmo barato! Mas tenho a minha estupidez. E preciso reconhecer que é estupidez.

• P – *E estilo se identifica? Há uma diferença entre gosto, que fixa determinada cor como único objeto capaz de dar sensações agradáveis, e estilo que provavelmente pode ser uma combinação ligada à estrutura do Revirão, que é poder, por exemplo, transitar em torno de tons amarelos como se todas as cores estivessem lá.*

Isto aí já é um passo gigantesco, pois, de repente, pela via do interesse da sua fixação, você faz um nomadismo por todas as cores com a sua como lâmpada.

Se tomo todas as cores e ilumino através do meu amarelo, poderei transar todas as cores via a referência ao meu amarelo. Isto já não é nenhuma estupidez, muito pelo contrário.

• P – *Mas, dentro de uma linguagem psicanalítica, isto será: “O falo do cara é o amarelo”...*



Se o analista tem um falo, dele, que é o caralho, por que o do outro não pode ser o amarelo? Afinal de contas, o fetichismo está lá... Uma vez, tive uma analisanda, uma “perua” dessas meio soçaite, e naturalmente ignorante, como todas elas, do que não fosse da ordem da coluna social, mas que nem por isto deixam de ser inteligentes. Ela resolveu ouvir umas aulas na Instituição psicanalítica, pois queria entender o que era aquilo que estava fazendo. Depois, ela me disse: “Acho que já entendi: nem todo viado é psicanalista, mas todo psicanalista é viado”.

Achei espantoso de início, mas, depois, achei brilhante, pois ela foi sacar ali, por um movimento histérico interessantíssimo, que os caras são vidrados naquilo e não conseguem entender a diferença. Ela, preocupada em resolver a sua “bela indiferença”, notou, de cara, o que estavam dizendo.

16/ABR



## 5

### INSISTÊNCIA, RECALQUE , HIPER-RECALQUE

*Um incesticida deve transar  
Com sua mãe antes de matá-la.  
M.D.*

Antes ainda de continuar, gostaria de fazer algumas pequenas colocações para situar um pouco certas coisas que tenho dito e que tenho por dizer.

\* \* \*

O M.D., que está embaixo da epígrafe da sessão de hoje não é meu, e sim de Marcel Duchamp. É uma de suas frases-chave, na consideração radical, brilhante, epistemologicamente correta, no seu percurso por dentro das artes, ou do que pode ser chamado pura e simplesmente Arte – e que não fica longe do que teria querido pensar a psicanálise.

Um incesticida, ele escreve os nomes da sua ascendência no futuro anterior. É, portanto, filho do que *terá sido* sua obra. Esta é a sua verdadeira filiação. Onde, um incesticida é justamente o contrário de qualquer tolo como Édipo. A paixão pelo incesto, que está na verdade edipiana, bem como na teoria de alguns, Lévi-Strauss, por exemplo, é o contrário do que deveria resolver-

se num processo como o da psicanálise: a produção do incesticida, e não do incestuoso. O incesticida pega a comer, e mata – é o contrário do carcará...

O famoso Nome do Pai é, talvez, metáfora eficiente, enquanto sintoma de uma tradição – e isto é anti-incesticida, incestuoso. Sintoma a ser produzido como tra-dução que ao mesmo tempo afirma e nega aquela tra-dição: nem como *tabula rasa* – reduzindo a zero, começando do nada –, nem como inscrição prévia, pré-inscrição, prescrição. Isto se faz, sim, como re-petição: petição de Sujeito.

Se o incesticida aproveita a tra-dição, ou se aproveita dela, contudo seu pólo é a re-petição. Então: ele deve transar com a mãe na tra-dição, para matá-la na tra-dução. Afinal de contas, o que Édipo mostra é que o hábito mais comum é transar com a mãe – o difícil é matá-la.

Quem poderíamos supor ser é o alter-ego artístico (se não mesmo epistemológico) do Dr. Jacques Lacan? Muitos diriam que é Salvador Dali. Mas não: Dali é o idem-ego de Lacan, sobretudo no nível da paranóia crítica. O verdadeiro alter-ego de Lacan chama-se Marcel Duchamp. É uma pena que se tenha perdido o lote de fitas gravadas de meu Seminário de 1977-78, intitulado *Marchando ao Céu*, onde se pode ler Mar: Céu do Chão...

Algumas pessoas ficam curiosas e, às vezes, perguntam o porquê do MD no meu nome de guerra. É mesmo do meu nome de família, mas revirado, colocado na frente. E aproveitei-me disso para declarar, desde então, uma outra ascendência do Magno que vem depois do MD: homenagem a Marcel Duchamp.

Em Duchamp já há um passo além de Freud, e isto antes de Lacan. Este passo mesmo empuxa Lacan, que andou sugado pela turbulência deste passo. Para quem não é absolutamente inculto, é uma evidência que Lacan bebeu demais ali. Digo até que, nesse passo de Duchamp, há mesmo um passo além do primeiro Lacan. É Marcel Duchamp quem inventa a *intervenção* (do analista) como *ready-made*, e a *interpretação* (do analisando) como *equi-vocação* (*objet dard*). Peguem na mão o *objet dard* de Duchamp, e ficarão equivocados...

Outra questão sobre a qual me pedem esclarecimento freqüente é o porquê de chamar o meu processo de: retorno *de* Freud. Não é só para ficar igual e diferentinho de Lacan, e sim porque me faz sentido. O retorno *a* Freud, em Lacan, não é senão releitura de Freud, o que foi válido naquele seu momento, momento de releituras, e que, inclusive, balançou o campo do marxismo na mão de Althusser, imitando Lacan.

O retorno de Freud é: fazer Freud retornar sobre seus próprios passos. Não é retornar a Freud, mas sim mandar Freud retornar a partir do seu achado ulterior, que é o que conhecemos com o nome de Pulsão de Morte. O sentido do retorno de Freud é o da reversibilidade do princípio do prazer pelo só-depois do princípio do nirvana: se Freud lá chegou, há que mandá-lo de volta para tudo o que ele fez.

O retorno a Freud foi suposição de *desvio*, a ser corrigido pela volta à fonte. E esta suposição (de desvio) se escorava na idéia do “Inconsciente estruturado como uma linguagem” (pelos estruturalistas, é claro) com a conseqüente hegemonia do tal Significante.

O retorno de Freud, que estou pedindo – digamos, que estou ordenando em vários sentidos – é imposição a Freud de retornar corretivamente sobre seus próprios passos, na aplicação indefectível do seu próprio passe a seu próprio percurso: trate Freud de aplicar o seu passe sobre o seu percurso – esta é a ordem. Tomando-se aí o passe de Freud como Revirão do princípio do prazer, segundo a lógica do paradoxo (melhor dito: lógica do Revirão), a qual foi por ele mesmo instaurada com a entronização da Pulsão de Morte como essencialidade de toda e qualquer devida pulsão.

O passe de Freud se nos mostra em 1920 com sua declaração do *Mais Além da Ortodoxia do Princípio do Prazer*. No entanto, este passe não parece tê-lo obrigado, em textos subseqüentes, a retornar em acirrada correção sobre seus passos precedentes, o que é uma falha grave em sua obra. Passe este que não é estritamente de analisando a analista (embora, num sentido rigoroso, também possa sê-lo). É mais, como em Duchamp, o passe de *la vierge à la mariée*, da virgem à deflorada.

Se ali se impõe a irreversibilidade da donzela na passagem da perda de sua virgindade, por outro lado, inaugura-se a reversibilidade da desvirginada no percurso mesmo de seu retorno sobre os passos da virgem no âmbito do tempo reconquistado. O que ali se descobre, sobretudo para aquela que perdeu *aquilo*, é: a reversibilidade do possível apesar da irreversibilidade do *dado*. As virgens pensam mal: com o furo mais ou menos arrolhado, pensam que estão pensando, mas não estão.

\* \* \*

Retornemos à nossa questão sobre os três níveis de recalque possível.

Não foi à toa que tentei fazer um Seminário chamado repetidamente, em tempos diversos, de *Est'Ética da Psicanálise*. Gosto não se discute. Isto é: toda escolha é fundamentalmente estética.

Estão em jogo aí o processo e o procedimento da escolha, ainda que com aspas – aquelas aspas que analistas, completamente perdidos, botam nos livros sobre a “escolha” da neurose, da psicose, etc., isto também não se discute. Mas toda escolha é fundamentalmente estética na medida em que são opções por recorte no espaço e no tempo, sejam quais forem as forças, as ocorrências, que aí estejam sobredeterminando e também o que hiperdetermine indiscernibilidades nesse momento.

O que se discute? A *hegemonia* do gosto – o que é muito diferente. Aí, estamos no campo da guerra, da polêmica, que é só-depois da escolha, e não antes.

No nível Primário, o recalcante é recalcante do que fora possibilitado no nível Originário: recalcante do Revirão. Este recalcante pode vir a ser recalcado no nível Secundário, sim ou não. Isto é: o que quer que seja recalcado no Secundário é recalcante no nível Primário. A recíproca não é verdadeira, pois nem tudo que é recalcante no Primário é recalcado no Secundário. Mas por que o que é recalcado no Secundário é recalcante no

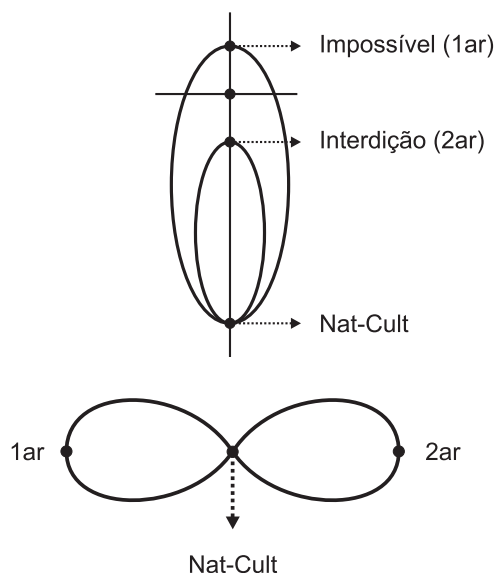
Primário? Porque, na passagem, intervém o estético, no sentido de opção por recorte no espaço e no tempo, com todas as vicissitudes que possa tomar. O que vem demonstrar que nenhuma estrutura garante disso se não só-depois de notada. E não, antes.

Daí que a Est'Ética da psicanálise, levando em conta seu fundamento ético, no sentido d'ALEI ( $A \diamond \tilde{A}$ ), e sabendo desse passe estético, deve suspender todo juízo antes ainda de qualquer pacto. Se não, não será pacto, será repetição sintomática.

Afirmar a regência da *metáfora paterna* é pré-analítico. Depois da análise, é-se um incesticida. Metáfora paterna é coisa para neurótico... A versão paterna (*père-version*) é repressão estética. O nome do pai de qualquer um – cada um tem o pai que merece – é um *ready-made*, como qualquer outro. Todo  $S_1$ , *signifiant-mâitre* de Lacan, é falso, no sentido mais verdadeiro desta palavra: é postigo. Não tem importância ser postigo, só não se pode esquecer de que é *ready-made*. É inteiramente falso enquanto fundamento legal. Não reconhecer isto, no fundo é hipocrisia, se não for mesmo cinismo.

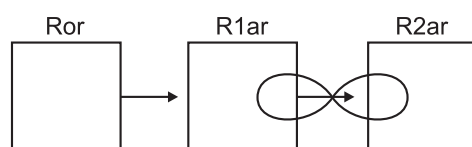
A fórmula da metáfora, da metonímia, tudo isso na enxurrada do estruturalismo lingüístico, via Jakobson, pós-Saussure... Lacan dá uma guinada aí e retoma o conceito de metáfora... Metáfora quer dizer: *transporte*. No tempo de Freud, chamava-se *transferência*... E um transporte declinado de um nível para outro. Na verdade, sem irmos muito longe na questão da metáfora, que fica para outra vez, no transporte o que se produz é a inscrição em nível Secundário das fixações primárias, mediante um Revirão.

Do ponto de vista da escrita de seu percurso sobre a contrabanda, costuma-se desenhar o Revirão mediante o chamado oito-interior. Como somos brasileiros e temos Guimarães Rosa, podemos abrir o bichinho e figurá-lo como oito-exterior. O que quer esteja inscrito, fixado em qualquer lugar, tomado no nível Secundário, segundo os modos de inscrição ditos simbólicos por Lacan, pode-se perfeitamente inscrever sobre um Revirão. Por exemplo, escrever num de seus alelos *Impossibilidade* e noutro *Interdição*.



Ou seja, do ponto de vista da inscrição secundária, transportar o que era tomado como Impossibilidade modalizada para o outro alelo, em oposição ao que só pode me dar aquilo mesmo como Interdição. Assim, o transporte não é senão dizer que o proibido é *que nem* o Impossível, só que não o é. Talvez, se houver tempo, valha a pena retomar as afasias de Jakobson em cima da noção de transporte...

Como disse da vez anterior, o Revirão é intra-nível e inter-níveis. Então, pelo menos do ponto de vista da perspectiva do Secundário, sempre posso escrever a passagem do Primário ao Secundário sobre um Revirão, já que, no nível do tratamento das inscrições, que chamam de simbólico, posso operar oposição. Há aí algum ponto de contato, alguma continuidade, se não, não passava. Esta continuidade é um terceiro lugar entre o Primário e o Secundário.





Se os dois são colocados como oposições, dentro de um Revirão, há um terceiro. É o que Duchamp chamava de *infra-mince*, o ultrafino.

\* \* \*

O que pode efetivamente querer dizer foraclusão do Nome do Pai, considerada pela via que aí está?

O que está inscrito como traço mnêmico fixado no Primário vai insistir – naturalmente, porque está inscrito. Insistirá mesmo no campo que recortamos como Secundário. Em função de interesses outros – ou seja, de outras insistências, outras sobredeterminações, acopladas aos mais diversos níveis (desde o nível biológico até o do mercado, tanto faz, é uma massa enorme) –, que se tornarão recalcantes da insistência, esta será ou não recalçada. Pelo simples fato de ser insistência, ela é recalável.

É preciso saber que forças têm competência e auxílios – competências, são as forças recalcantes, em si mesmas; auxílios, são as associações e acoplamentos que as forças farão com as próprias fixações negativas do Primário, que chamam de fóbicas –, ou seja, se as forças e seus associados terão poder suficiente para produzir um recalque no nível Secundário, pois, no nível das inscrições e fixações, é tudo positivo, está valendo tudo, tudo é solto. Não é por menos que Lacan as chamou de *père-version*: as marcações estéticas que não se discutem, mas lutam, entram em guerra.

“Forças poderosas e ocultas” (até que saibamos quais são) pressionarão acopladas com insistências negativas, no sentido de recalcar determinada insistência que parece inconveniente. Parece a quem? Às forças recalcantes, repressivas, é óbvio. Isto, independentemente do interesse que essas forças possam ter. Por exemplo, interesse da sobrevivência daquele indivíduo que fala. Resta saber se ele está interessado na sobrevivência. Quem sou eu para me interessar pela sobrevivência de alguém?

As forças reprimem no interesse de tomar a hegemonia. Seu interesse é o *poder*, ou seja, o *gozo*. Isto, tomando-se o que em 1989 falei sobre a liberdade do desejar e o poder de gozar, que são coisas diferentes. O interesse fundamental dessas forças é estar no poder de seu gozo. Como, parece, outra

insistência atrapalha o seu gozo, elas vão reprimi-la no interesse de seu gozo. A guerra, a polêmica, é entre gozos, e não entre desejos.

Os desejos todos são livres, libérrimos e válidos, positivérrimos, porque não são negativizáveis senão na polêmica, na luta. Estamos de volta à estética das opções. A pergunta, então, é: por onde você goza, meu caro?

Mas o que efetivamente consegue uma força (policial), uma polícia recalcante sobre um recalcável na medida em que isso possa se tornar um recalcado? O que se conseguiu aí? Fazer-se um cerco de determinada insistência por associação a outras fixações negativas e, pelo cerceamento mediante essas forças de pressão, que ela só possa dizer-se por vias trânsfugas.

O que Freud nos traz como essência do recalcado é que aquilo é insistente, não pode ser apagado, não dá para desmanchar, para passar a borracha. Debaixo dessa pressão toda, aquilo finge que se cala, tenta falar por vias desviadas e sempre consegue de algum modo, mesmo que a situação em jogo chame essas vias desviáveis de maravilhosas, por exemplo, de sublimadas. Mas elas podem vir por vias sintomáticas, histéricas...

Será que as forças sempre conseguem? É óbvio que não. Às vezes, a insistência é tão valiosa para o dono, o gerente, daquela fixação que ele não vai de modo algum abrir mão da sua insistência. Ele vai, então, sem nenhum recalque, driblar a situação. De repente, não vai bater de frente com ela, mas aproveitar-se das suas bobices, aqui e ali, e enfrentá-la numa boa. Aí chamam o cara de perverso, quando ele pode ser um fóbico, eventualmente, se a insistência for uma negativa. Mas esta insistência, meus caros, é condição *sine qua non* de qualquer criação.

Quando abrimos textos de vários autores importantes, seríssimos, a respeito de coisas tipo função paterna, perversão, etc., temos oportunidade de ralar de rir, pois justamente quando acabam de fazer a definição do que seja um perverso, reconhecemos quem? Freud e Lacan, que *insistiram* na sua fixação, apesar de forças poderosas de repressão, mas que não foram suficientes para abatê-los. Então, algo está errado. E não é no caso, e sim na teoria. Sempre nos lembrando da grande interpretação de Charcot a Freud de que “teoria é muito bom, mas não impede de existir”...

\* \* \*

O que pode ser a tal foraclusão se quisermos, ou não, manter o conceito de foraclusão do Nome do Pai? Lacan está dizendo bobagem? Acho que não. Ele está destacando algo, pois apenas tentou iniciar dizendo: de uma questão preliminar a qualquer tratamento possível da psicose. E resta até hoje mera questão preliminar. Nada foi resolvido. Como ninguém sabe muito bem o que é foraclusão, virou apenas um xingamento como outro qualquer, para o cara ficar livre da sua ansiedade.

Então, tentando pensar a tal foraclusão do Nome do Pai, eu dissera que não é preciso falar em Nome do Pai, nem em coisa nenhuma, porque simplesmente vêm fixações esteticamente recortadas e insistem para o nível Secundário. No que insistem, o que vai-se efetivar como sentido legal é o transporte do impossível ao proibido: a imitação, *mimesis*, pura do que, nos dados disto que chamam de natureza, aqui e agora, são impossibilidades modais de transformação, transcritas para o Secundário, como se o que aí se disse fosse da mesma ordem do nível do Primário. Só que não é, pois é uma interdição sobre algo que pode ser feito. Se é proibido comer a mãe, é porque é perfeitamente possível, se não, não precisava ser proibido. Então, a saída é comer... e não esquecer de matar... Se ficar acreditando que não pode comer a mãe, vai morrer pastando: pode, só é proibido.

Isso que se transporta, se Nome do Pai é princípio, deles, de castração, de interdição – por exemplo, do incesto –, se essa metáfora interdita algo e põe a lei, não pode ser, segundo o quadro que venho colocando, senão a imposição, por via da repressão exercida por forças, sejam quais forem os seus interesses de gozo, no sentido de propor um enunciado, dito legal, que venha a funcionar, no nível do transporte, ou seja, metaforicamente, como se fosse da ordem do Primário, da ordem do dado, como impossibilidade modal.

Suponhamos que o cerne da questão, com diz Lacan, seja: se faltar isso, o cara pira – ou curupira. Como já mostrei várias vezes, no Seminário *As Psicoses*, Lacan oscila: entrou / não entrou, entrou / perdeu, até que acha, se-

gundo o conceito de *Bejahung*, uma falta originária de inscrição significante que poria tudo a perder. Será isto possível? Como? Será só isto? As pessoas teriam que ter a *possibilidade* de metaforizar. Por isso, ele chama de metáfora paterna. E os autores, às vezes, não se dão conta de que o que menos importa aí é o “paterna”, e de que o que mais importa é o metafórico.

É uma pessoa capaz de fazer metáfora? Esta é a questão. É uma pessoa capaz de fazer no Secundário como se fosse no Primário, de fazer transporte? De agir onde não há determinação prévia, como se houvesse, com referência num enunciado qualquer, chamado de legal? O enunciado, no Secundário, é necessariamente qualquer, pois o único que não é qualquer é: o não-Haver não há. Qualquer outro é declinação disso, é qualquer outro. Resta saber: no interesse de quem? Com o que, quer me parecer, fica demonstrado que o estorno da Lei, isto que se enuncia como transporte do Primário, é necessariamente insistência de fixação de alguém ali. E o nome disto só pode ser ou perversão ou fobia. Acoplou-se evidentemente o que se chama de Lei – Lacan não o chamava, pois são regras do mundo, embora tanto em seu texto como, sobretudo, no dos lacanianos, fica-se o tempo todo sem saber se a lei é ALEI, ou se é essa joça regulamentar em que vivemos...

Se quisermos chamar de ALEI, isto é inarredável porque o não-Haver não há. Mas a lei, as leis, os códigos, as regras, etc., isto é *necessariamente morfótico*: ou é perversão, ou é fobia. Se estou subdito a alguma ordenação legal, tenha votado nela ou não, estou alugado – antigamente, chamava-se: alienado – à perversão ou à fobia de alguém. É uma questão de escolha. Cada um goza por onde pode, mas há que saber que é assim.

Então, tudo o que possa interessar no conceito de Nome do Pai, nesse nível aí, é simplesmente que, para poder funcionar no meio da absoluta zorra, que é o reviramento absoluto do que quer que se inscreva no nível Secundário, é preciso dar um ponto de basta, *point de capiton*, no deslizamento. Ou seja: sem conteúdo de espécie alguma, ser capaz de *fingir* que o que se passa no Secundário é da ordem do que se passa no Primário. Ou seja, transportar o

Primário ao Secundário *como se* fosse. Só que não é. Isto é o que pode ser o tal do Nome do Pai.

Coloquemos uma palavra mais industrial. Em vez de basteamento, um *arrebite*: há que prender um arrebite qualquer ali para ficar contra o deslizamento genérico que isso permite. Lacan poderia ter dito também que é um significante, um arrebite, que, no campo do Outro, simbólico, no campo do Secundário, é o significante do Outro: o arrebite que está no Outro como lugar da Lei, como lugar da possibilidade de se fazer um basteamento, um transporte, de se ter uma pega qualquer para limitar o deslizamento no campo do Outro. Isto, *sem conteúdo de espécie alguma*. Nem interdição do incesto é obrigatório, é uma interdição qualquer. Interdição do quê? De deslizar inteiramente, só isto. Eu me proíbo de deslizar inteiramente, se não, piro... ou não... veremos...

Não há outra coisa para se botar como Nome do Pai senão isso. Como Pai só tem quem quer, não preciso de pai nenhum. Isto é simplesmente a possibilidade de transporte, por imitação evidente, de alguma possibilidade de estancar o Revirão – o que Freud chamou de castração – pela escolha de banir algo aqui e agora, de fingir que a parte que foi aproveitada é tão necessariamente apresentada como a que encontramos *in natura*, ou em nível Primário. Não precisa meter a mãe no meio, não precisa chamar o pai, nada disso...

Ou seja, o tal falante, que é doido de pedra, que resvala o tempo todo, o que encontrou foi uma massa recalcante do seu Revirão, a qual lhe serve de base – de base metafórica, diria Lacan, mas que, digo eu, e acho que é a mesma coisa, é de base mimética – para estancar o reviramento que cai no Secundário, solto como fora lá no Originário.

\* \* \*

Se pudermos entender o Nome do Pai como o que eu disse, o que pode ser a forclusão disso, se é que forclusão serve como termo? Não pensem que estou implicando com Lacan para derrubá-lo. Estou, sim, obedecendo a

ordem que ele me deu de tomar aquilo como questão preliminar e continuar pensando: primeiro, a gente come a mãe, mata depois...

Como uma fixação pode ou não ser recalçada, se o for, entraremos, talvez, no nível daquilo que chamamos de *neurose*. Se generalizarmos demais o termo *neurose*, ou seja, pura e simplesmente chamar de sintoma o fato de algo que insiste ter que se dizer por desvio, seja qual for, então, teremos que mesmo uma *sublimação* é sintomática. E mesmo a sublimação é de fundamento neurótico, porque só há sublimação do recalçado. Quando não estou sublimando, estou agindo diretamente na minha insistência, e isto não é sublimação alguma. O que há é ação da insistência, que muitas vezes as pessoas chamam de sublimação por babaquice. Porque estão no seio da sociedade, são aplaudidas, mas são insistências de alguém que quando as aplica em algum lugar, chama-se a isto de sublimação. Não há sublimação alguma aí. Ele só goza mais, com mais uma coisinha que faz: é um gozador.

Se não recalcou, isso insiste: traços mórficos insistentes que, dependendo de comportamentos derivados deles, chamaremos – porque somos bobos – de fobias ou perversões. E estes nomes não servem para nada. Ou se não, sofrem um recalçamento, vão-se dizer por vias desviadas, por atalhos, sejam quais forem, por exemplo, aqueles que Freud colocou: sintoma, retorno do recalçado, sublimação, generalizando-se, tudo é a mesma coisa.

Se disser que houve forclusão do Nome do Pai, tenho que dizer que ali não há nada que insista, que há um buraco na fixação porque, como quer Lacan, não se marcou a possibilidade de metáfora (segundo o meu sentido). Mas Lacan, que não é estúpido, diz que não se marcou a possibilidade de um *certo* significante, de uma *certa* metáfora. Aí, já fica esquisito. Não é por menos que os lacanianos, por causa desta questão não sanada por Lacan, vão procurar na vidinha do cara se o pai dele fez aquilo, se a mãe fez não-sei-o-quê, como se isto determinasse alguma coisa. Então, produzem aqueles textos absolutamente idiotas que “demonstram” que o pai simbólico é simbólico, mas explicam pelo imaginário e pelo tal de real. Imaginem que os caras até acham

pai real! Eu nunca vi um, só no microscópio, porque Lacan disse que pai real é o espermatozóide. Assim como são idiotas os textos sobre a questão do Falo em que acaba-se de explicar que o falo é um significante e, dali a pouco, ele é o Sr. Caralho, conhecido de todo mundo. Acaba-se de explicar que o pai é simbólico e, dali a pouco, é o Sr. Fulano, que fez isso com o garoto, bateu na sua cabeça ou não estava em casa na hora certa. Isto é folclore!

O que, então, pode ter acontecido? Tenho três hipóteses para pensar a tal da forclusão:

Primeiro, o cara é um débil mental e metáfora não entra na sua cabeça. Ou seja, ele não consegue fazer de conta. Há duas coisas importantes que as crianças aprendem – e só não aprende quem for oligofrênico, em qualquer nível – desde pequenas: (a) que há o “era uma vez”, e (b) que há o “faz-de-conta”.

“Era uma vez” é fingir que houve um início de alguma coisa. É preciso ser inteligente para entender que “era uma vez” é possível. E é preciso também não ser inteiramente imbecil para poder entender o “faz de conta que...” A este faz-de-conta é que se chama de transporte, e que se pode chamar de Nome do Pai: “Faz de conta que você não tem, inscrita em você, a menor possibilidade de comer a mamãe; faz de conta que você é um animal cuja etologia está regradada. Vamos brincar de cachorro”. Se não entender isso, não é psicótico, e sim débil mental, pois é fácil de entender para qualquer um cuja massa cinzenta esteja em ordem.

Como isso pode ser foracluído? Que tipo de imbecilidade, digamos o nome, pode ocorrer numa pessoa para que ela não entenda que há faz-de-conta? Esta é uma hipótese, pois, de repente, há crianças que já vêm mesmo psicóticas desde sempre. Ainda acho que o nome é debilidade mental. Como não entendem uma coisa que todos entendem? Terá ocorrido isto com um Schreber? Claro que não! Schreber não faz metáfora? Como não? É a mesma coisa que dizer que Sade não tem humor. Ou Lacan estava de mau humor na hora em que leu Sade, ou rejeitou as metáforas de Schreber. Esta é, pois, a hipótese que é da ordem da imbecilidade ou cretinice.

A pregnância do processo metafórico, do transporte de fazer de conta que vou operar no Secundário como se fosse no Primário, o que é a essência da vida humana na sua estada em cena... Aliás, chama-se a isto *Teatro*, com *T* maiúsculo. Com *t* minúsculo é a babaquice que vemos por aí e de que estamos cheios. Vimos todas as representações da semana santa, agora é o Tiradentes. É o teatro burguês! Assim como há o Professor Mauricinho, há o Diretor Mauricinho, mesmo que ande de calça jeans. Mas o que mais poderia acontecer aí que produzisse algo parecido com uma forclusão?

Se algo é recalcado, é preciso ter a possibilidade de um Revirão no nível de certa fixação. Ou seja, os dois alelos são fixados, mas como um é o oposto do outro, isto é dialético e portanto exige alguma coisa da ordem da prótese. Mas como chego no Secundário e produzo um fingimento do que é impossível chamando-o de interditado, isto fica valendo e fixado como só no Secundário. E o impossível só tem retorno possível pelas vias que tiver desviadas – é o que acontece no recalque.

Como pode acontecer que, mesmo tendo passado pelo processo dito de metaforização, mesmo conseguindo transportar, entrar no faz-de-conta, esse troço fique diferente da insistência sem recalque, e mesmo diferente da aparência comum de recalque que conhecemos? Aqui temos as duas hipóteses seguintes: é preciso (a) imaginar a idéia de um *hiper-recalque*, que teremos que entender o que seja, e (b) pensar que algo pode ter-se equivocado exageradamente no momento mesmo da produção de seu faz-de-conta. Não é que não se inscreveu, mas que o Revirão continua a atuar ali sem conseguir nenhum recorte. A diferença estrutural é enorme, a diferença dinâmica é zero. Em ambos os casos podemos nos remeter um pouco ao conceito de *double-bind*, da Escola de Palo-Alto, reestudando-o.

O que estou chamando de hiper-recalque?

As forças recalcentes são tão poderosas, tão insistentes, que exageram na *reificação*. O simples fato de se operar um transporte, produzir um faz-de-conta metafórico no nível secundário, já é um primeiro grau de reificação.



Quer dizer, estou tomando numa região onde nada se reifica por si mesmo, tomando imitativamente as reificações, que estão no Secundário, pelas formações primárias, e dizendo que aquelas são *como* estas. Este *como* já faz com que se dê uma conotação de primariedade, ainda que seja por imitação, ao que é estritamente Secundário.

Toma-se como se fosse uma formação espontânea do Haver – aquilo que Lévi-Strauss chama de passagem de natureza a cultura – no campo Secundário – campo da cultura, em Lévi-Strauss. Ou seja, vamos fazer de conta que o enunciado, no Secundário, é reificável *como* é realidade a formação que há no Primário. Em outro nível: vamos fazer de conta, no Secundário, que é etogramático o que, no Primário, é etogramático mesmo, por formação espontânea, no nível etológico.

Já se começa, portanto, a fabricação de um neo-etológico para as formações secundárias. No que se começa, a formação neo-etológica é como se fosse uma multiplicidade, contável por um. No entanto, porque multiplicidade, tem porosidade, *póros*, saída, porque está-se no nível do faz-de-conta combinado entre dois sujeitos: “Vamos fazer de conta que...” é a base inicial de um pacto, e é um primeiro grau de reificação como fingimento de realidade dada.

O que acontece numa neurose? Passa-se a um segundo grau de reificação: o faz-de-conta se torna tão opressivo, ou tão necessário, no sentido da repetição do interesse, que se começa a acreditar que *é* mesmo. É o que Marx denunciou: “Seus babacas, vocês estão trabalhando no nível da reificação e alienados em cima de estruturas absolutamente sociais, dizia ele, simbólicas, dizia Lacan, culturais, dizia Lévi-Strauss, secundárias, digo eu, como se fossem primárias. E aceitando esse modelo de alienação como se fosse *realidade* bruta e dada”. Aí estamos mais perto do conceito de reificação de Marx. Tudo passa a ser valor de troca no regime alienado da reificação, e o valor de uso é zero.

Este é o regime do recalque pura e simplesmente. O recalque já age como segundo grau da reificação. No primeiro grau, não é necessariamente recalcante. Posso ser completamente desrecalcado e combinar com o outro

que vamos jogar assim: “Isto vale *x* e aquilo *y*”. Isto aí é *pacto*. É preciso aplicar o primeiro grau de reificação para se estabelecer um pacto com o outro, mas não é preciso ir ao segundo grau a ponto de esquecer que lá no começo era *faz-de-conta*.

O que o neurótico esquece? Sobretudo, o que se recalca na neurose? O *faz-de-conta* inicial, que passa a valer como se fosse verídico e realidade primária. Talvez o cerne do conceito de alienação, em Marx, dependa desse processo de reificação.

\* \* \*

Não creio que tudo páre por aí. Acho que existe um terceiro grau de reificação, que eu chamaria de *hiper-recalque*, e que pode ser responsável pela psicose. Ou seja, as forças de reificação são tão intensivas que, nos encaminhamentos extremamente complexos, na articulação de todas essas marcações, o cara, *hiper-recalcado*, passa a funcionar não só no esquecimento do *faz-de-conta*, mas como se não houvesse *faz-de-conta* nenhum, como se o que se inscreveu no Secundário fosse *mesmo* da ordem do Primário. Ou seja, porque há Revirão para esta espécie, ele também pode criar problemas sérios: pode revirar de lá para cá e daqui para lá.

Chamo de *hiper-recalque* o processo que, em outra linguagem, poderia chamar de *hipóstase da lei*, ou também de *retroação do enunciado legal*, o que é uma coisa feia, pois sabemos que lei não retroage. É um princípio da não-psicose no social jurar que não se pode permitir retroação de uma lei. Ela é um *faz-de-conta* a partir do dia do seu enunciado, e isto já é sacanagem demais. Quando a faço retroagir – ou seja, colocar uma lei no nível Secundário e forçá-la a retroagir como se fosse do nível Primário – é produção de psicose. Leiam Schreber de novo, e leiam o Schreber de Freud, onde acho que ele tem absoluta razão. Conversaremos sobre isto depois.

- Pergunta – *Isto que você está colocando tem conseqüências na Clínica?*

*Insistência, recalque, hiper-recalque*

Espero que sim. Não estou aqui para ser um brilhante professor. Quero agir no mundo. A Clínica, apesar das más línguas, é só o que interessa. Tudo isto aqui é por causa da Clínica. Se não, não prestava para nada.

24/ABR



## 6

### NOMINALISMO LEGAL

*(qu'est-ce qu'un père?)*

Vocês poderão acompanhar algumas coisas que tenho colocado e que ainda colocarei, lendo dois livros de um francês que faz história da arte e da estética, chamado Thierry de Duve. O mais antigo é: *Nominalisme Pictural: Marcel Duchamp, la Peinture et la Modernité*, Minuit, 1984, e o outro: *Au Nom de l'Art: pour une Archéologie de la Modernité*, também da Minuit, 1989.

Da vez anterior, eu dizia que o Nome do Pai é um *ready-made*, que, em Duchamp, é um *objet-dard*, assim escrito por ele. Se vocês se lembram, o *objet-dard* é uma escultura feita em pasta de odontologia, aquela massa com que se fazem as dentaduras, que ele produziu preenchendo a vagina de sua mulher e de lá tirando um falo pelo avesso: não é nem pênis nem vagina, deve ser uma espécie de falo de Anjo, dardo de Falanjo.

Entre a passagem do *ready-made* e o *objet-dard* está a indicação da *indiferença* da obra de arte, indiferença do Terceiro Lugar, onde todos os sentidos se perdem, mas não em qualquer lugar, e sim no único sentido, *sens unique*, mão única que vai para o Cais Absoluto. A obra de arte é indicação da indiferença do terceiro lugar.

Estou dizendo que o Nome do Pai, de Lacan, é um *ready-made*. Se é o significante que, no campo do Outro, é o significante do Outro, enquanto

lugar da Lei, neste nível de articulação, ou bem ele é o significante da Lei como impossível de se exercer, e neste caso nomeia o real como vazio do puro espelho; ou bem é uma metáfora paterna, ele mesmo recebe nomeação, ou seja, é uma *père-version*, como Lacan chamou, e neste caso é qualquer coisa, *n'importe quoi*. É qualquer coisa para o (grande) Outro, mesmo que seja sintomático para aquele que ele marca. Então, para aquele que ele marca, é especificamente metafórico, sintomático, e, para o Outro, é qualquer coisa.

Nesse sentido, é um *ready-made* e, tomando comparativamente o texto de Thierry de Duve, eu diria que é um nominalismo legal, no nível da metáfora, quando se faz indicação de Nome do Pai como metáfora para algum sujeito. O que quer que ali se coloque, está valendo: qualquer nome serve. É claro que, uma vez posto, esse *qualquer* entra em periclitância para aquele que o suporta. Mas, do ponto de vista da nomeação, é qualquer um.

Isso é mais ou menos dizer que o Nome do Pai, se é importante como articulação da Lei, é puramente *genérico*. Que universalidade ele poderia indicar? Que universalidade poderia esse genérico, esse não-importa-o-quê, vir a indicar? No máximo, o universal da possibilidade de legiferação, de produção de enunciados legais, ou de produção de nomes do pai, quaisquer que sejam, mais nada.

Se esse nome é um *ready-made*, quando se consegue apontá-lo, é uma coisa que se colhe por aí. Estava pronto, disponível, é só colher e dar-lhe esta função. Se é qualquer um e, tomado como metáfora, passa a ser sintoma, na sua posição de qualquer um, de não-importa-o-quê, ao mesmo tempo aponta para a possibilidade de legiferação e induz um determinado enunciado legal. Mas, em si, como mera possibilidade de legiferação, não é senão um *indecidível*. O Nome do Pai é indecível, pode ser recortado, podem tomar decisões a respeito dele, mas é indecível.

No sentido que tenho colocado até agora, a produção da Lei na passagem de um nível para outro do recalque, é tomar como da ordem do Primário o que é estritamente um achado de nível Secundário. Ou seja: vai-se fingir que o que é da ordem de uma interdição funciona como aquilo que é da

ordem de uma impossibilidade. Por isso, isso aí é *qualquer*: posso colocar na minha zona de Recalque Secundário uma interdição qualquer. Pouco importa que o Neolítico tenha inventado a do incesto para colocar aí e achou que era funcional.

O difícil é: isso faz caso, repete-se na chamada história e cria algo como da ordem de uma *jurisprudência*, a qual vivemos consultando. Tanto melhor, porque se isso não se esteia senão no nível estrito da jurisprudência, outros casos advirão, inclusive aqueles que poderão pôr em cheque os casos anteriores.

Se o Nome do Pai é indecível, decidir sobre a indecível nomeação da Lei, acontecer alguma decisão aí, esta decisão talvez caia em três casos possíveis:

1) O caso mais aberto de todos seria o que Freud chamava *Urteilsverwerfung*, juízo de exclusão ou juízo forclusivo se quisermos usar o termo que Lacan propôs para *Verwerfung*. É simplesmente, na oposição, de dentro de dois contrários, tomar ou escolher algo sem produção de recalques. Fazer um juízo de exclusão funcional, digamos.

2) Seria o *recalque* mesmo, chamado secundário, que daria estofo a toda possibilidade de neurose.

3) O caso do que chamo de *hiper-recalque*, que tem a ver com a *psicose*.

Então, sustentar a nomeação da Lei como indecível, manter esse indecível, ou é esquizofrenia radical ou é simplesmente o ato de suspensão do juízo, aquele que pode eventualmente preceder o juízo de exclusão.

Por outro lado, decidir da nomeação da Lei, ou da nomeação paterna, sobre a insistência de uma fixação Primária, ou seja, tomar uma fixação Primária na sua insistência e decidir da Lei sobre isso, é o fundamento da *morfose*. Nem sempre isto é *morfose*, mas isto é o que fundamenta a *morfose*. Daí que, no que estamos lidando com esse processamento da Lei no campo da contemporaneidade, diante dessa qualquer coisa, desse nome qualquer do *ready-made* paterno, talvez estejamos lidando com o retorno da Lei como perversão absoluta no capitalismo pós-moderno.

No que a Lei, dentro da modernidade, acaba por encontrar o seu verdadeiro estofo, que é *n'importe quoi* – e isto não é uma revolução e sim um acontecimento pregresso, destacado pelo pensamento moderno, sobretudo através da produção dos artistas, explicitamente mostrado por Marcel Duchamp –, o que temos é que, assim como se fala em retorno do recaiado, embora não haja nenhum recalque aí em jogo, poderíamos falar em *retorno da Lei*: a Lei retornando como absoluta perversão no capitalismo pós-moderno. Talvez a única universalidade que ela nos aponte seja a de ser a lei do troca-troca, ou seja, a prostituição universal. Nada mais, nada menos do que a funcionalidade direta do valor de troca retornado como legalidade pura. Nesse caso, eu diria que o Nome do Pai é o nome do suposto dono do bordel. Ou seja, em se supondo um dono do bordel dentro dessa lei do troca-troca, chame-se Nome do Pai.

\* \* \*

O que era, naquela fomulinha marota de Lacan, o hoje famoso Nome do Pai?

$$\frac{NP}{DM} \cdot \frac{DM}{x} \rightarrow NP \left( \frac{A}{Falo} \right)$$

Não se pode esquecer que, aí, o significado ao sujeito,  $x$ , é o chamado falo (dele, Lacan). Para daí tirar a solução do Nome do Pai em que: Outro sobre o falo, ou seja, o Outro senta no falo, é assentado no falo pelo Nome do Pai. Estamos, então, diante do fato simbolizado de que a garantia do tal significante da Lei é falo como significante, ali instalado como significado do desejo da mãe.

Lacan continua a equação colocando o desejo da mãe, DM, sobre significado ao sujeito, ou seja, o próprio falo,  $\Phi$ . Em seguida, vai repetir o significado ao sujeito, como  $\Phi$ , e colocar embaixo o Nome do Pai, NP. É outra



maneira de escrever para, em outro texto, poder dizer que o falo é a média e extrema razão entre o desejo da mãe e o Nome do Pai.

$$\frac{D\tilde{M}}{\Phi} \cdot \frac{\Phi}{NP} \rightarrow NP\left(\frac{A}{\Phi}\right)$$

Esta é a mítica do número de ouro, que é interessante, pois Lacan vai acoplar com a série de Fibonacci para mostrar a infinitude numérica do falo como razão.

O que me importa é: o que nessa proporcionalidade está garantindo a vigência legal do tal significante paterno, como significante da Lei, é o falo como significante. E isto muito a propósito, pois Lacan vai ficar em grandes elucubrações a respeito de quem-tem/quem-não-tem o falo, essas coisas... quando a coisa entra numa decadência um pouco esquisita. Isto porque: ou bem o falo é o significante do desejo, e como significante não tem significado de espécie alguma, como Lacan mesmo anuncia; ou bem deve acoplar-se, no imaginário do sujeito (segundo Lacan) e tornar-se o falo imaginário pespegado, desde seu nascimento como criação teórica na cabeça de Freud e repetido por Lacan, à pregnância imaginária do pênis em ereção. Ou isso se descola, ou não se descola – vamos escolher!

Se é significante, descola-se. Portanto, por pior que tenha sido a estorinha infantil de cada um, fica-se curado disso na passagem do imaginário do caralho (este é o nome) ao significante falo: deixa-se de ser criança e entende-se que aquilo é simplesmente uma *co-notação* do movimento desejante de qualquer sujeito. Se é significante, se é a notação simbólica do que há de funcionamento desejante em qualquer sujeito, todo mundo tem o falo. É óbvio, quem não há de tê-lo? Mas se é anterior à passagem à ordem simbólica e vai-se pespegar em cima da anatomia, então, é claro que só alguns o tem. Aí, é preciso resolver dizendo que outros o *são*.

Vai-se à mitologia grega buscar a distinção entre o objeto arrancado de Kronos e a Vênus que nasce da espuma. A mitologia grega é a infantilidade

da teoria psicanalítica, no caso. De que serve ir a ela se ela faz a mesma teoria sexual infantil? Desde que a psicanálise surgiu, ainda que tomasse a teoria sexual infantil para pensar, deveria descobrir que, a partir de certos momentos, a intervenção pura e simples do simbólico libera o significante de qualquer anatomia. Então, pespegado, no sentido da mitologia grega e no sentido da teoria sexual infantil, a esse pedaço de carne, é simplesmente estar aderido neuroticamente a certas formações autossomáticas e etossomáticas de qualquer animal. E o significante libera disso.

Liberados disso, diremos: o falo real é puro espelho, alguma coisa que fica *entre*, não é de ninguém; o falo simbólico é pura fantasia; e o falo imaginário é um vibrador de espuma, o qual, se quiserem fabricá-lo para vender, podem chamar de Vênus *ou* Caralho, tanto faz. Então, se o falo grego servir para alguma coisa, é só para ficar neste *ou*, e mais nada.

Sacamos aí a genialidade do *passe* na obra de Duchamp quando, em duas dimensões em cima de um vidro, de uma transparência, faz a geometria projetiva da diferença daquilo que, em existindo como terceira dimensão entre os humanos, depende de uma quarta dimensão de onde se tivera tirado a projeção originária para chegar àquela bidimensionabilidade. Ele escreve: *La mariée mise à nu par ses célibataires, même*, se posta a nu por seus punheteiros, a noiva mesma (do verbo mesmar). Isto é uma descoberta radical.

Porque ela *mesma*? Duchamp já tinha dado a resposta em outro objeto, aliás *ready-made*, que é a famosa *Fonte*. Porque *la mariée mise à nu par ses célibataires, même*? Porque não temos outra fêmea senão o *mictório*, que foi a frase com que ele sustentou a *Fonte*, a qual assinou: *R. Mutt*. Gosto de ler aí: *ermite*, o ermitão. O outro-sexo da espécie-homem é um mictório. Não foi à toa que Lacan, ao tentar fazer as pessoas entenderem isto, partiu da diferença urinária entre duas portas. A meu ver, este seu argumento foi chupado do mictório de Duchamp, uma vez que a relação sexual é demonstradamente impossível.

\* \* \*

O Nome do Pai, como *ready-made*, com as utilidades que possa ter, designa uma *normalidade*, uma *excrecência* ou uma *singularidade*? A questão me parece importante. O Nome do Pai é estatal? É puramente transmissível na didática universitária? Ou é um caso especial para a singularidade de cada indivíduo no seu processo de subjetivação?

Evidentemente que o universal da sua possibilidade não depende de ele ser estatal. É claro que o Nome do Pai já foi estatal, designando o que é e o que não é legal a partir de um princípio de excrecência, um princípio de indicação de cada caso a partir da sua participação num subconjunto do social como parte, por exemplo. Em toda a pedagogia ocidental, sobretudo cristã, ele já foi absolutamente normal, algo que simplesmente se ensina para outro: papai-do-céu, etc.

Uma vez que a modernidade se instalou e aí está instalada – e não é uma questão de revolução, pois é um acontecimento –, o Nome do Pai não pode ser senão o nome de uma singularidade. É, portanto, o nome de qualquer coisa: qualquer nome. E seu universal só pode ser a possibilidade de nomeação. Por isso, falei em nominalismo legal: “Nomeemos a Lei!”

A estorinha que Lacan inventou é didática e se refere a alguma coisa que dizem que acontece entre as crianças e seus pais e suas mães exemplarmente como o teatrinho edipiano. Até serve, desde que se suponha que a criança entre num processo – com ou sem papai, isto pouco importa – de reconhecer que os *vetores desejantes* não apontam necessariamente para ela, criança. É só isto, mais nada. Não adianta eu cantar essa senhora, porque ela está a fim do outro cara; ou não adianta eu cantar o cara, porque ele está a fim daquela senhora, pelo menos no momento. E que isto é possível de acontecer mesmo que o cara esteja a fim de mim e a senhora também. É uma vetorização pura e simples.

Estamos na retomada, de âmbito pós-moderno, se quiserem, da modernidade do pensamento que explodiu isso. Lacan é a pós-modernidade de Freud, e este é o sentido de seu “retorno a Freud”. Ou seja, essa produção chamada Lacan é a pós-modernidade de Freud. O sentido do retorno a Freud

é a pós-modernidade de Freud enquanto modernidade de Lacan. Para sustentar a sua modernidade, Lacan tinha que ser a pós-modernidade de Freud. Ou seja, Freud era pós-moderno.

O sentido do “retorno *de* Freud”, como mostrei da vez anterior, retorno sobre seus próprios passos, é tentativa de abandonar o Neolítico, já que a modernidade chegou a si mesma: dobrou-se, repetiu-se sobre si mesma nisso que querem chamar de pós-modernidade, mas que é modernidade ainda. É o sentido de abandonar o Dois e partir para o Terceiro (“instruído”, como quer Michel Serres).

Será que a história acabou? (Hoje estou sendo abrupto e inconsequente). Digamos que a história acabou, se ela não for senão o esgotamento do Neolítico. Se o for, acabou. Isto, querendo dizer que o Nome do Pai não é senão *ready-made*.

Será que a arte morreu? Podemos dizer que sim, se não houver Nome do Pai universal senão como impossível. Logo, arte é qualquer coisa, depende de a gente nomear. Pode-se, hoje, considerar acadêmica qualquer arte que se exhiba num museu ou numa galeria: já é acadêmica só por estar ali. Se está ocupando o lugar que a nomeia arte, é academicismo puro. Se sofresse de alguma esquisitice não acadêmica, talvez se apresentasse, antes ainda de ser nomeada como tal, em qualquer lugar onde não fosse esperada. Aí, faria parte da *Clínica Geral*.

Fazer um troço qualquer e apresentar na Bienal de São Paulo, botar numa galeria ou num museu, é academicismo. Galeria, museu e Bienal não nomeiam mais a obra, e sim o artista, o artista do mercado. Se ele não fosse acadêmico, apresentava uma obra de arte qualquer onde menos se esperasse, e aí seria um escândalo, ainda. Não é o fato de se dizer: “Vamos fazer uma ‘instalação’ na universidade!” Isto não vale, pois já chamaram de instalação, já é acadêmico. Quero ver é entrar numa universidade, criar um rebu e dizer: “Como é o nome disso?” Aí, seria anti-acadêmico.

Por outro lado, a história não acabou, se virou *estória* da *fixação*, isto é: pura jurisprudência com seus efeitos na realidade. Mas a jurisprudência tem

que se fundar em cima do ato artístico, do ato poético não-acadêmico, pois terá que ser colhida depois de produzida. Colhida antes, é: “Está tudo bem, é coisa de artista!” Já vem como academicismo da estampilha. O que quer que se faça com o nome de obra de arte, já é academicismo. Para não ser acadêmica, teria que ser feita e, depois, colhida como *ready-made*, e até fazer jurisprudência.

A modernidade de qualquer tempo é cruzada, tanto é que Freud é pós-moderno. Não há nada que a situe exatamente. A reiteração de Lacan como pós-modernidade de Freud, o qual já está absolutamente situado para nós como modernidade, esta reiteração é a própria modernidade de Lacan empurrando Freud para ser pós-moderno. Se Duchamp, por exemplo, se depara com o sufoco cubista e a nostalgia expressionista fica encurralada, a saída que tem é inventar a obra de arte como qualquer coisa. Ele não está fazendo senão reiterar a modernidade ali emergente. Então, ele é a modernidade pura. Ou seja, é a pós-modernidade de seu próprio ato.

Em havendo modernidade, e no que a pós-modernidade fica absolutamente estasiada, se não sufocada, pela repetição dessa modernidade sobre si mesma como o vale-tudo das nomeações, como pode um discurso que até atravessou a modernidade e se pós-modernizou pela abstração significativa de seu próprio processamento, que é a psicanálise, continuar num didatismo de conteúdos e estorinhas na face do planeta? É absolutamente babaca. Não é só acadêmico, é regressivo, é século XIX. É uma espécie de positivismo das escritas simbólicas, como se isto pudesse existir. Está ferrado, não há saída por aí. É preciso levar o processamento artístico freudiano e lacaniano à sua extremação. Se não, vai-se ficar com cara de bundão. Os analistas já estão com cara de bundão!

Podemos também dizer que a arte não morreu, se ela virou operação do artista enquanto arteiro, isto é, enquanto pura tentativa de criar jurisprudência. A insistência na produção de jurisprudência, de “causos”, caso a caso... Aí, podemos pensar na casuística dos analistas, que adoram apresentar “casos” em congressos. Mas o caso já tem cartas marcadas, o que não é caso, pois já foi lido de antemão pelas tais estruturas clínicas etc. Só se vai demonstrar

como funciona o livro didático, e não o caso. O livro didático das estruturas clínicas funciona bem pra burro, pois quando se olha através dele tudo fica igual. E no caso, a jurisprudência analítica não comparece. Mesmo porque analista é muito ignorante: escutou-se muito pouca gente. Se somarmos todos os analisandos do planeta, é muito pouco caso, pouca diferença casuística.

É claro que alguns vão escutar textos, ler obras de arte, para ver se encontram um caso. Essa merreca que analisando conta para nós, isto é um bobajal...

Ninguém cria caso. É todo mundo normal: neurótico, psicótico... No sentido do academicismo que coloquei: o museu, o salão, a galeria, ou o consultório psicanalítico, é tudo pura produção de resistência à arte que se faz.

Teremos, depois, que pensar o que tem isso a ver com o saber e com a verdade. Há um problema sério nesta relação. Se o que quer que se faça pode ser nomeado arte, isto quer dizer que o que quer se faça, segundo determinado saber, deve ser nomeado saber? Não! Aí, a coisa é diferente.

Essa mania de democracia, mal estruturada, mal disseminada pelos Vattimo da vida, está embananando a cabeça de muita gente. Mesmo porque a democracia, como sabemos, é o governo do *demo*. É uma besteira! Ou é o governo da maioria, ou seja, a ditadura da maioria, o que, em última instância, resulta em ser o fascismo da opinião pública; ou deve ser pensada não na possibilidade representativa, pelo amor de Deus. Duvido que haja algum deputado capaz de me representar no Congresso. Se disser que me representa, é mentira! Ele pode até ajudar (nas mutretas)...

Ou, então, a democracia seria a não representatividade de todas as singularidades, com possibilidade de emergência de criação de jurisprudência a cada caso. É o que já chamei de *Diferocracia*, pois não gosto da palavra democracia, ela cheira a opinião – e opinião pública é “o Inconsciente estruturado como uma linchagem”, como já apontou Philippe Sollers.

No que se reconhece que a modernidade, em última instância, acabou por nomear o que quer que, não importa o quê, no sentido da arte, por exemplo, terei eu direito de dizer que o que quer que se diga é compatível com um saber

estabelecido? De modo algum! Como já disse num Seminário, o que quer que se diga, até loucamente, é da ordem do conhecimento, resta saber em que nível situá-lo.

O louco abre a boca e começa a falar uma porção de sandices e isto é da ordem do conhecimento da sandice, num certo nível. O que faz uma diferença enorme eu dizer que uma tese de doutorado cheia de sandices está valendo como qualquer outra. A tese se reporta a um saber organizado, e as pessoas pensam que é a mesma coisa dentro desse processo. Isto porque “somos democratas”.

A *competência* foi abolida pelo fato de o Nome do Pai ser um *ready-made*? É uma questão a se levantar, pois este fato não abole a competência, que é verificável na relação entre saberes organizados e mesmo na relação com os objetos desses saberes. Então, dominar determinado saber é da ordem da competência e não tem a ver com a produção artística possível dentro do crescimento mesmo desse saber, que é da ordem de estar valendo um passo a mais, mas que está conectado com esse saber, e tampouco é derogado pelo fato de o Nome do Pai ser um *ready-made*.

Estamos aí no regime da *diplomacia* necessária, se é que a vida interessa ainda, entre a possibilidade radicalmente aberta do campo disso que Lacan chamou de simbólico, desse vale-tudo do Revirão, e a constituição mais ou menos fechada, parciária, dos corpos com saberes constituídos. E se a vida interessa, a diplomacia tem que ser feita, logo, competência é possível. Ou seja, é possível, no regime absoluto dos grandes Revirões, fazer recortes para dar conta de determinada coisa. Até mesmo o conhecimento dito científico é possível como competência de leitura de recortes.

Estamos no momento em que, dada a *psicose aguda* pela qual estamos passando, um grande surto na história, as pessoas estão se confundindo nesse lugar. Se levantar a bandeira de uma autoridade relativa à sua própria competência, num determinado campo de saber, que é saber inclusive no plano do que se chama de realidade externa, aí você é “autoritário”. Pergunto eu para o cara que disser isto se, na hora em que tiver que fazer uma cirurgia,

não quer passar lá em casa: tenho uma faca ótima e, na cozinha, dou uma operadinha nele... Certamente, que para dar um jeitinho na sua sobrevivência, ele procurará a *autoridade* médica, que tem competência para lidar com esse saber do corpo.

O Nome do Pai como *ready-made* não abole competências, ao mesmo tempo que possibilita, dentro dos campos dos saberes, os passos a mais a serem dados a cada momento. Se não, é o samba da nega maluca.

\* \* \*

Retornemos à questão dos níveis do recalque. O que acontece no nível Secundário, como verdadeira imitação do recalcante Primário, recalcante do Recalque Originário, tem destinos os mais diversos. A insistência de uma fixação no Secundário, a possibilidade de alguma massa de interesses tentar recalcar isso, e até conseguir: aí estamos no nível do recalque que fundamenta o que se possa chamar de neurose.

Coloquei a hipótese de um hiper-recalque, quando as forças repressivas, em sua relação, sua razão, de intensidade, por exemplo, para com aquele que vai ser recalcado nesse interesse – pode ser porque ele seja frágil, pode ser que a força seja grande demais –, esta relação entre as forças recalcentes e as forças que serão recalçadas pode ser de tal ordem que isso começa a sofrer daquilo que Marx chamava de reificação. Ou seja, o processo do recalçamento de determinada fixação que está transcrita, transportada, metaforizada para o Secundário pode ser tão violento que tomará esta fixação no nível Primário para recalcar ali, onde ela é recalcante. Isto é que é reificação no sentido forte, extremo.

O simples processo de recalque no Secundário já é um processo de reificação. É o primeiro grau de reificação. No que algo para mim se apresenta secundariamente recalcado, começa a ser tomado como mímese do impossível que há na ordem da natureza, se quiserem, na ordem do dado, do: sendo dado



que é assim. Mas como não é reificação em último grau, isso retorna aí mesmo no Secundário, pois é reificação por pura e simples imitação do que é reificado, ou reificante, no nível Primário: “Vou fingir que o meu recalque é tão real, tem tanta realidade quanto isso que estou imitando”. Ou seja, ele é tão pouco flexível quanto o é a forma do Primário. Esse primeiro nível é uma reificação branda porque se dá no Secundário como imitação do que estava no Primário. Por isso, retorna, nem que seja por via sintomática, e pode ser tratado mais brandamente por via que Freud chamava de sublimatória.

Mas acredito que haja um movimento, uma força tal de recalque que possa induzir o que se recalca no Secundário a viger como se fosse mesmo do nível Primário. Ou seja, aquelas marcações, *Bahnungen*, *frayages*, que Freud pensava existirem na própria estrutura cerebral, podem se inscrever com tanta virulência que, quando aquilo aparece, funciona mesmo como um dado etogramático. É como se, por pressão recalcante, fosse possível criar um verdadeiro *imprinting*, no sentido etológico, num sujeito que é da espécie revirante.

Isso não é da pura e simples ordem do recalque porque, quando estou num processo que tem a ver com o recalque, toda vez que se me antolha alguma possibilidade de insistência mórfica naquele sentido, há todo um processo de censura, no nível Secundário, que vem me dissuadir de insistir naquilo. Aí, terei que dar voltinhas por trás, fazer algum movimento, para escapar. E essa força de dissuasão é instalada num nível de concepção secundária.

Mas posso imaginar que a força recalcante, as forças de censura, etc., agiram a tempo e de tal forma que fizeram como que um verdadeiro *imprinting*, o qual é de tal maneira que costuma ser negativo, pois a positividade já vem do Primário como insistência. Ou seja, toda a estética que se arrumou no Primário insiste no Secundário. Não posso chamar de estético puro o que apareceu por aí, porque vai passar pelo Revirão entre um nível e outro. O que chamo de Est'Ética da psicanálise já passou por esse processo e já está depois: sofre processos de reviramento, não é pura e simples repetição de fixações.

As fixações enquanto tais são insistências positivas. Os elementos mórficos, como eu disse, podem ser negativos ou positivos, isso que chamam de perversão e fobia. Mas a insistência é positiva e vai ser recalçada no Secundário. O hiper-recalque vai tentar negar uma insistência desta no nível das positivities lá do Primário. Então, de modo geral, isso é negativo. Ninguém iria recalcar o que não insiste positivamente, nem muito menos hiper-recalcar se não fosse uma insistência positiva. Assim, a função hiper-recalcante é de amputação e tentativa de *imprinting* por amputação. Radicalmente, como se fosse a criação de uma espécie da zoologia por *imprinting*. E digo que isto se consegue.

O neurótico comum já tem muitas características do zoológico. Na medida em que não tem a liberdade de poder dialetizar, dialelizar e continuar para frente na produção das suas invenções artificiosas, das suas próteses, ele já começa a funcionar por recalque como se fosse da espécie *x*. Mas este funcionamento não é absoluto, tanto é que aparecem as possibilidades de desvio por causa do retorno do recalcado, que é o terceiro movimento do recalque, segundo Freud.

Estou querendo colocar que posso acreditar que exista uma pressão recalcante de tal ordem, no momento adequado e com a pessoa certa, que pode fazer disso um verdadeiro *imprinting* que vai intervir como se fosse da ordem mesmo do Primário. E me pergunto se não é por aí que se pode ler pelo menos uma face da *psicose*. Ou seja, pelo menos uma vertente da psicose é produzida por hiper-recalque. Freud o disse, mesmo sem saber o que pudesse ser um hiper-recalque, pois não tinha o meu conceito de Recalque Originário nem o de Revirão.

Como Freud se preocupava em distinguir neurose e psicose pelo nível de atuação de determinada amputação, devemos insistir em sua tese de que, *mutatis mutandis*, a neurose é um acontecimento de recalque no nível secundário e a psicose é um acontecimento de recalque no nível da realidade. Ele não colocava como um acontecimento “de recalque”, quem está colocando sou eu. A perda de realidade, a tal coisa que acontecia lá no nível da realidade,

e não no nível do simbólico, isto ele viu com clareza. Ou seja, que há alguma coisa diferente entre psicose e neurose, que esta acontece no nível que Lacan chama de simbólico e aquela no nível da realidade.

Estou dizendo que o nível de realidade da psicose é: algo acontece que o recalque se efetiva em nível Primário. Ou seja, é a verdadeira criação de um *imprinting* para aquele sujeito, que o torna da zoologia *x*. E ele não tem como escapar, pois não é uma questão de driblar um recalque pelo retorno. É simplesmente que a maquininha começa a funcionar como se fosse da etologia *tal*. Será isto aí irreversível? Esta é a questão da clínica da psicose. Mas não é assim à toa que a coisa foi, bateu lá, tornou-se escrita em nível Primário e o sujeito não se mexe mais.

\* \* \*

Há pouco, eu dizia que decidir sobre a indecidível nomeação da Lei cai em três casos: o juízo de exclusão, que é simplesmente a inteligência do falante, sem recalque; o Recalque Secundário, que pode dar em neurose; e o hiper-recalque, que pode dar em psicose.

Mas eu também disse que sustentar a nomeação da Lei como indecidível ou é mera suspensão de juízo, que vai ser a base do juízo de exclusão, ou pode dar em esquizofrenia radical. Ou seja, é possível que haja outra via para isto que chamamos de psicose que não seja o hiper-recalque.

Por que Nietzsche era louco? Aquilo era sífilis ou um exercício mental? Se era sífilis, não há nada que discutir. Qual é a loucura de Artaud, de Van Gogh, de Strindberg? É da mesma ordem dessa psicose de todo dia, instalada no nível do hiper-recalque?

Acho que não. Mesmo porque um Hölderlin é capaz de produzir uma obra absolutamente reconhecível como tal, com todos os procedimentos metafóricos que fazem uma obra. Não havia forclusão prévia nenhuma ali, é só ler a obra do rapaz. Mas, ele estava muito preocupado na sua divisão entre

Diotima e Alabanda, como sabem. No que caiu no caso da Idiótima ou da Contrabanda, onde terá ele se perdido aí?

Até que ponto um sujeito tem forças para, por um tempo enorme, estacionar na suspensão radical de juízo e não se perder numa esquizofrenia radical? Será que toda paranóia, ou toda esquizofrenia, é puramente isto? Será que posso, por exemplo, fazer uma comparação direta, ponto a ponto, entre o caso Schreber e o caso Hölderlin ou Nietzsche? Acho que não. A meu ver, em relação à paranóia de Schreber, ninguém foi tão lúcido quanto Freud. Se me derem tempo, no futuro, tentarei mostrar que o caso Schreber é um caso de hiper-recalque evidente. Basta conhecer o papai, a família e o local do moço, isto é, sua pedagogia.

Então, sem ter que derrubar o conceito lacaniano de foraclusão do Nome do Pai – embora não goste desse negócio de pai, que já era –, preciso pelo menos perguntar o que ele possa significar, pois ficou na cabeça dos lacanianos que, num certo momento da história do sujeito, de preferência na infância, não entrou a metáfora paterna. Não creio nisto. Pode até acontecer. Aí teremos um psicótico de saída, e isto é da ordem um pouco da debilidade mental, como já disse. Como é que ele não entende coisas simples como o faz-de-conta e o era-uma-vez?

Quero supor que, se algo se foraclui, é um acidente nas operações desse sujeito, por via de hiper-recalque ou por via de insistência, de exercícios espirituais na ordem da excessiva suspensão. Estou, portanto, dizendo que qualquer um pode ficar psicótico. Eis senão quando, ou há na história do sujeito um hiper-recalque, ou o sujeito entra na sua excessiva lucidez e acaba na sua maluquez, como diria o sábio cantor de rock.

Se há certas insistências pelo simples fato de essa espécie revirar, se as insistências se põem na indiferença – que Freud apontou no que queria chamar de Inconsciente, o qual, no seu tempo era essa maçaroca toda, sem temporalidade, sem marcação de morte, de sexo –, então, tudo insiste, mas vai passar por operações, por efemérides localizantes que se tornam recalcantes do Revirão absoluto. Mas as coisas que ali se fixaram insistem. Ora, que tipo

de recorte é possível fazer, por hiper-recalque, numa insistência primária de maneira que se faça ali alguma espécie de lobotomia metafórica, que se faça um *imprinting* de tal natureza que, quando o sujeito, por reviramento, se depara com aquilo não sabe o que fazer? Isto, porque aquilo o leva sempre para o mesmo lado: aquilo revira, recomparece eventualmente e, no que comparece, não há o que fazer. Aquilo revira, mas o sujeito não se revira para aquilo. Depois, serei mais delicado na demonstração disso.

Qual é o fenômeno Schreber? Quando estava dormitando, passa-lhe na cabeça uma idéia que, para ele, simplesmente não existe como viável. Uma idéia que existe para todo mundo. A coisa revira sozinha e passa-lhe aquela idéia. Submetido ao hiper-recalque, o que pode ele fazer se o Revirão revirou sozinho e ele não pode continuar acompanhando as peripécias desse Revirão? Degringola a máquina toda e ele fica perdido entre o Primário e o Secundário – é a chamada perda de realidade, de Freud. Perde o distanciamento entre o Primário e o Secundário, que é a ser mantido, pois é preciso saber quando se está fazendo de conta e quando se está lidando com uma formação dada.

É perda de realidade no sentido de que já não se sabe mais manipular a diferença entre formações secundárias e formações primárias, ou seja, entre o faz-de-conta na minha mente e formações dadas, que preciso respeitar, até para manipulá-las, para aplicar-lhes uma operação de transformação no nível da prótese, da criação protética. É preciso manter esse distanciamento para saber o que é da ordem do dado, da formação do Haver posta aí para mim.

\* \* \*

Quando se começa a operar os reviramentos possíveis no nível secundário, é preciso uma temporalidade, digamos, uma prudência nesse processo. É o valor, por exemplo, do *passo a mais* no pensamento de Alain Badiou. Se não se exerce na base do passe a mais, do passo a passo e do passo a mais, mantendo as, digamos, configurações já constituídas e trabalhando prudentemente nas suas transformações, pode-se perder de tal maneira que se

perde também o controle entre o Primário e o Secundário: o Revirão começa a se oferecer em qualquer nível.

Às vezes, a gente sofre esses destravos, todo mundo passa por isso na vida, tem estranhezas, etc., mas retorna. Quero dizer que a falta de prudência no manejo disso, passo a passo, pode fazer o sujeito cair num buraco negro que não é senão o exercício permanente do terceiro lugar do Revirão, onde ninguém pode parar. Pode-se perder, de repente, a possibilidade de controlar a diferença entre o Primário e o Secundário lá na sua cabecinha. Então, o caso, a via de chegada é diferente – pode ser hiper-recalque ou excessiva suspensão –, mas vai dar no mesmo resultado. Por que a perplexidade de Schreber é diferente da de Nietzsche, se caem no mesmo resultado? Os casos são diferentes como efeito ou como substrato?

Fico estarelecido diante da situação de que perderam-se as estribeiras no Revirão e já não é mais dentro do Primário ou do Secundário que se está, mas no Revirão entre os dois. E, aí, os dois casos me parecem iguais. Na verdade, Freud tinha toda razão em entender, como até a psiquiatria entende, que psicose mesmo é esquizofrênica, e que a paranóia precisa de certa coalescência, certa arrumação, como tentativa de escape. Então, estamos com essa banana na mão: devemos manter idêntico o estatuto, ou devemos supor, por exemplo, que é possível que o hiper-recalque conduza à paranóia necessariamente, e o reviramento do Primário conduza à esquizofrenia?

Desde que Lacan inventou a forclusão, todo mundo ficou aliviado. Tenho certo receio de inventar uma nosologia e aliviar todo mundo. E cura mesmo que é bom, nem pensar. Quando digo de alguém: “é histérica”, pronto!, estou aliviado... e ela continua histérica. Este é o problema da Clínica. O tal do clínico, tenha ele o nome que queira se dar, analista ou qualquer coisa, primeiro, quer tratar dele, quer se sentir bem: “Inventei o nome de histeria, fiz uma estrutura clínica, estou numa boa”. Isto não me interessa. Quero saber como é que se mexe naquilo, seja o nome que for, ainda que eu tenha que ficar angustiado. O interesse é a cura ou é simplesmente fazer um bom texto para apresentar em congresso?

*Nominalismo legal (qu'estce qu'un père?)*

É preciso, sim, trabalhar a possibilidade de intervir no pré-surto. Isto faz uma diferença enorme, mas uma vez que está instalado o processo da psicose, as coisas são extremamente parecidas. E no meu interesse da Pedagogia psicanalítica, interessa inteiramente fazer essa distinção, porque o modo de prevenção é radicalmente diferente.

30/ABR





## 7

### PORÉM EVENTURAL

UN PÈRE  
AMPÈRE

Já que da vez anterior citei o livro de Thierry de Duve, que opera o que chama de *nominalismo pictural* – ou pictórico, se quiserem –, preciso fazer uma pequena correção para poder encaixar com o que estou dizendo.

A tese do *Pleroma*, matematicamente, não é nem transcendental nem construtivista, no sentido nominalista do construtivismo. Como o nome está dizendo, a tese é plerômica. Isto significa que é *genérica*.

O *Pleroma*, em sua postura genérica e no que põe uma transcendência impossível como não-Haver – no entanto causadora, pela catoptria do Real, do que quer que haja em movimento no interior do Haver –, pode abranger tanto a tese transcendental no que justifica pela fantasia primordial (Haver desejo de não-Haver) essa tese, quanto a tese construtivista no que reconhece a produção serial como sintoma para alguém do evento e da verdade.

Ou seja, a genericidade da tese situa (a) um pensamento transcendental com transcendência impossível e (b) a possibilidade de um construtivismo sintomático para alguém do evento e da verdade. No que está comprometida com o eventural e o verdadeiro, e não sendo nem transcendental nem construtivista, ela não deixa de abranger transcendência e construtibilidade.

Assim, se o *ready-made*, no sentido nominalista de Thierry de Duve, é, como ele diz, *n'importe quoi*, qualquer coisa o é enquanto extração. Pode-

se fazer arte com qualquer coisa, e a extração que se tira dos materiais e dos objetos do mundo é qualquer uma. Mas o ato dessa extração é histórico, ou melhor, historicizante, e não aleatório. Isto, na medida em que é subdito ao acontecimento (que é o *ready-made*), cuja verdade indiscernível naquela situação histórica acabou por fundar, mediante interpretação, o sujeito chamado Duchamp.

Esse não-importa-o-quê, enquanto escolha da disponibilidade, no mundo, de um objeto qualquer que possa passar à condição de *objet-dard*, não é meramente aleatório: depende de um acontecimento.

É claro que Thierry de Duve discute a questão de nomear e, nesta nomeação, já carrear a situação do objeto que, imediatamente, deixa de ser não-importa-o-quê.

Só estou lembrando que ele não situa o valor eventual e verdadeiro do momento histórico fundador de sujeito.

\* \* \*

O que interessa na série dos níveis de *Recalque*, do Originário até o Secundário, é entender a situação de vai-vem, de sobe-desce, dentro de seu encaminhamento. Na verdade, o que aí se passa é da ordem de um processo de mão dupla: progressivo-regressivo.

Progressivo, na medida em que a sucessividade das possibilidades de níveis diferentes de recalque está na seqüência de um Recalque Originário, que é, podemos dizer, estrutural, sem possibilidade de deformação, porque o não-Haver não há... Há uma seriação do Recalque Originário até o Recalque Secundário: uma espécie de repetição com quebras de simetria sucessivas. Isto é o sentido progressivo dos aparelhos de recalque dentro da historicização de cada caso.

O regressivo, o vetor oposto, também acontece. (Não é por menos que Freud se viu na obrigação de inventar o conceito de Regressão. É uma pena que não tenha colocado que só pôde pensá-lo porque devia ter o conceito de progressão, embora esteja embutido em seu pensamento). De tal maneira

que alguns tropeços mais ou menos graves são possíveis justamente porque há vasos comunicantes, de qualquer natureza – podemos pensar analogias eletrônica ou hidrodinâmica –, entre esses níveis que são bastante, embora não suficientemente distintos para os falantes.

Isso porque, pelo menos, o que acontece de vazamento nas *eclusas* – lembrem-se que, em 1990, fiz um Seminário a respeito de inclusão, exclusão, reclusão e eclosão – é controlado por aparelhos (de controle, naturalmente) que não são suficientes para um controle absoluto. Esta não suficiência é o que encontramos dito por alguns autores, Laplanche-Pontalis em seu *Vocabulário*, por exemplo, sobre a idéia freudiana de *prova de realidade*. Quando se tenta precisá-la, ela fica jogada num nível conceitual um pouco fajuto, no máximo dependendo de Percepção e Consciência. E isto é altamente criticável, se quisermos fazer dela um aparelho de precisão quanto a um fechamento radical das eclusas de passagem entre os níveis.

Mas nada impede de pensar, na maneira elástica e no sentido mesmo da multiplicidade infinita que é esse modelo, que há uma possibilidade de fazer provas de realidade, as quais só garantem a realidade das suas provas, sendo, no entanto, aparelhos de regulação. Assim como nenhuma Cibernética tem obrigação de ser perfeita em seus modelos de servomecanismo, etc., para que sejam cibernéticos, ou seja, aparelhos de controle extremamente eficazes dentro de certo limite, de certa elasticidade, não vejo motivo para, neste caso, cobrar de Freud, ou da seqüência que teve na história da psicanálise, uma precisão radical em torno do conceito, ou da idéia, de prova de realidade. Isto porque prova de realidade existe, constituindo a realidade dessa prova.

A gente funciona assim: a coisa é mais ou menos circular, como que na dependência de um mecanismo perene de *feedback* que não faz outra coisa senão ir acertando os pontos. Aliás, Freud, sem conhecer a cibernética, que vem muito depois através de Norbert Wiener, já falava que o processo de manutenção do estatuto de realidade é um processo de constante ida e volta às percepções e às possibilidades de consciência para ficar perenemente acertando o cômputo dessa realidade.

Não vejo motivo para abrir mão da idéia de prova de realidade, que cria a realidade das suas provas, e não a realidade do idealismo de alguém que quisesse que a prova de realidade coincidissem com o real, que ele não sabe qual é. Ora, dê-me primeiro o real que, depois, mostro que a prova de realidade é absolutamente precisa... o que é uma bobagem! A realidade psíquica ou supostamente objetiva – e não vejo porque se distinguir muito aí a não ser do ponto de vista tópico e didático – é que os aparelhos (não só de percepção e de consciência, mas) de linguagem, de deslize dentro da linguagem, etc., são aparelhos de *kybernetiké*, de tentar o impossível de governar essas correlações. Só isto!

Evita-se chegar perto e sustentar um discurso em torno da famosa prova de realidade freudiana justamente quando se aproxima das possibilidades de vazamento, por canais comunicantes ou porque as eclusas não se fecham inteiramente, entre esses níveis de recalque. E quando abordamos o vazamento, procuramos facas absolutamente afiadas e precisas para não deixar escapar nada que garantisse uma perfeita definição, de preferência estrutural ou estruturalista, do que fosse a psicose, por exemplo...

\* \* \*

O encaminhamento que estou fazendo com uma tópica radical em cima apenas dos níveis de recalque é no sentido de esvaziar o anedotário mais ou menos trouxa, debilóide, imbecil, é o caso de dizer, que nos ocorre freqüentemente na história da psicanálise.

Através de textos os mais esquisitos, é evidente a folclorização a partir da fenomenologia dos aspectos nosológicos, ou patológicos, em ocorrência na humanidade, mesmo na mão de certos analistas ditos compromissados com o estruturalismo lacaniano rigoroso. A mistura de níveis é mistura de razões folclóricas, de conteúdo, de escuta em gabinete psicanalítico, de alguma possível “estrutura clínica”... Fica uma barafunda que não podemos reportar senão a uma falta de faca afiada também no nível da teoria do tal analista, ou até mesmo da teoria lacaniana, para fazer distinções o mais abstratamente possível.

Não é por menos que Lacan vai, no decorrer do tempo, tentando esvaziar os conteúdos, mesmo da clínica, para chegar ao que gostaria que fosse uma *matêmica* limpa para a psicanálise, quiçá uma topologia inteiramente asséptica no que diz respeito ao folclore (e não aos acontecimentos).

Nesta Universidade onde estamos, por exemplo, há certa importação do lacanismo – mais ou menos disseminado aqui dentro com certo prestígio, certa frequência – que não é senão a leitura de um primeiro, de um segundo Lacan extremamente mal construída em cima de fenômenos de gabinete, com repetições folclóricas da pior espécie, e sem nem mesmo a tentativa do último Lacan de rigorizar processos de abstração que limpassem esse folclore horroroso que habita a psicanálise, aliás, desde seu nascimento.

Minha tentativa de arrumação é no sentido de poder pensar um regime de vetores que me liberte de ficar escutando baboseira e de dar atenção à baboseira antológica das historinhas históricas, obsessivas, psicóticas, morfóticas, etc. Embora, de retorno, com esses vetores na mão, eu possa aplicá-los, e verificar que em tal folclore, o vetor está construído de tal modo. Ou seja, eu gostaria de limpar a área para retirar a prática analítica do blábláblá folclórico em cima de comportamentos, de acontecimentozinhos do tipo “a histérica faz assim”, “o histérico faz assado”... Isto não é verdade.

Quem tem alguma prática de gabinete, sabe que até há certas tendências vetorais para certos casos, mas que não dá para acreditar que se as vai encontrar toda vez, por exemplo, que nos deparamos com uma histérica, como dizem, ou seja, com uma histeria fêmea, que vai funcionar assim, ou com um histérico, com uma histeria macha, que funcionará assado ... Já são os efeitos da fenomenologia desses vetores no campo dos discursos disponíveis. Se empurro o cara para um lado, de repente, ele cai. Ora, um cara está vestido de azul e outro de rosa, a luz baterá diferente. Mas por baixo da roupa, todo mundo está nu. E nos esquecemos disso.

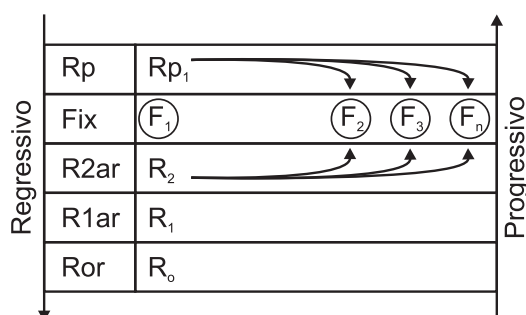
Estamos, de novo, de volta à nossa Est'Ética transcendental. Vetorizar isso é tentar discernir, recortar um espaço e um tempo psicanalíticos.

(Fico impressionado com a paciência de vocês: tenho tanta coisa para dizer, mas é tão devagar, chato...). O regime da sucessão das quebras de

simetria por repetição da dissimetria originária, chamada Recalque Originário, se vetoriza, de baixo para cima – ou, como escrevi da outra vez, da esquerda para a direita – e, neste caso, é o que estou chamando de progressivo. Não é porque nos promete nenhum progresso, e sim por progressivamente encaminhar-se no sentido da repetição da quebra originária de simetria na produção de desníveis sucessivos, de dissimetrização em função dos modos de operação dessa dissimetrização, que são do nível do que chamei Recalque Primário. Isto, como modelo de fixações de nível estritamente estético, em última instância, e que vai passar a reconstituir essa estética num grau secundário com o só-depois da intervenção do Recalque Secundário, etc.

É progressivo porque, diante da verdadeira tábua rasa, que não é original no sentido histórico do nascimento carnal de uma pessoa, mas o é no sentido de que se aquilo produzir o Revirão inelutável, ela se origina nesse momento como tábua rasa capaz de embranquecer os processos que lhe são atribuídos para a inscrição ... Isto não acontece efetivamente, pois imediatamente começam acontecer fixações dos mais diversos níveis: da construção anatômica, da percepção, da sensibilidade atmosférica, etc. Estas fixações insistem no vetor progressivo de continuarem para sempre.

Mas eis senão quando, elas esbarram lá adiante com outra instância, chamada regressiva, no sentido secundário, que vai tentar produzir recalques que serão a favor ou contra essas fixações, que vão tomar partido em função da sua própria organização.



Se os elementos fixados insistem – e insistem de qualquer maneira, ainda que por baixo da capa da repressão, produzindo sintomas e coisas dessa natureza –, eles se instalam progressiva e sucessivamente nos níveis que aí estão. Ou seja, se aquilo insiste, apesar de sofrer repressão, isto é, de algo que tenta produzir recalçamento, insiste de maneira desviada – mediante, por exemplo, sintoma, ato falho, sublimação – e até insiste de maneira compatível com a permanência de uma neurose, seja ela histérica, obsessiva, ou o que for.

Entretanto, isso pode insistir na independência de qualquer processo repressivo, seja porque a repressão não foi suficiente para obrigar que aquilo fosse recalçado, seja por outros motivos, porque a própria força do aparelho que carrega aquela fixação é, no momento, maior que a repressão disponível. Lembrem-se que temos sempre que pensar em vetores e intensidades. Por isso, coloquei em epígrafe a brincadeira que veremos quando chegarmos à psicose: *un père* não é senão amperagem...

A pura e simples insistência de uma fixação positiva não passa de ser a pura e simples insistência de uma fixação positiva. Os juízos que serão feitos a respeito são juízos de outra zona, pois a fixação que lá está nada tem a ver com isso: é positiva em si mesma. Se a zona recalçante, o dono da máquina repressiva, acha que é assim pode, por exemplo, chamar de *perversa* esta fixação. Só que isto não serve para nada, pois é pura opinião da máquina repressiva.

Aliás, a história do conceito perversão é uma indecência, basta lermos – e não vou repetir isso aqui – o livrinho de Georges Lanteri-Laura, *Lecture des Perversions*, onde ele demonstra que, do ponto de vista conceitual, é historicamente uma indecência o sujeito manter um conceito como este. Ora, para sair dessa indecência, as pessoas tentaram inventar a tal de “estrutura perversa”. Será isto possível?

Inventa-se esse negócio de pai, de falo, de olha o peru do pai, o não-sei-o-quê da mãe... Esse troço não convence senão aqueles presos no anedotário neurótico da teoria sexual infantilizada da história da psicanálise. É preciso ser um pouco mais preciso e abstrato para poder dar conta disso, sobretudo depois

que o falo freudiano, e alemão, caiu na mão dos franceses e tornou-se um objeto de maravilha... Outro dia saiu no jornal que acharam o falo da França: a piroquinha de Napoleão, embalsamada direitinho. Nome do Pai é: Boa Parte.

A pura e simples insistência é a pura e simples insistência, que vai entrar em conflito com forças repressivas de certa situação, cujo interesse é contra aquela insistência. Isso faz uma perversão, ou em termos meus, uma morfose, seja ela positiva ou negativa? No máximo, faz uma guerra, ou uma guerrilha de interesses quanto a fixações estéticas, mais nada. Estamos aí no nível da *política* dos interesses gozosos desta ou daquela estética.

É claro que as forças repressivas, certamente compromissadas com os aparelhos neuróticos a que elas mesmas se submetem para poder ter força para submeter outrem, no contraste, vão chamar isso com o nome idiota de perversão. Não chamam de fobia porque não sabem essas coisas, pensam que fobia é neurose. Mas estão apenas xingando o partido oposto de uma insistência estética. Ou seja, na medida em que esteja no poder para conseguir fazer isto, estarei ou xingando ou timbrando no partido oposto que por acaso ali esteja sem força, um valor depreciativo em função da mesma insistência estética que é a minha. Quer dizer: gozar certo é gozar como *eu* gozo, inclusive segundo os preceitos neuróticos do meu desvio em função da repressão e, portanto, do recalque. Acreditar nisso é, no mínimo, imbecilidade, e entregar o ouro ao bandido da força política contrária.

\* \* \*

Estarei eu dizendo que não existe morfose? Há morfose, mas não é assim. Em Seminários antigos, fazendo um esforço no nível dos termos mais usados pelo estruturalismo lacaniano, já tentei bordar essa coisa. Desde *O Pato Lógico* venho buscando a diferença que há. Hoje, vou dizer de maneira diferente, puramente vetorial, em cima dessa estrutura progressivo-regressiva.

A morfose só se instala como tal – e não como mera insistência estética de alguém que tem o direito sagrado de gozar por onde goza –, só se instaura



como morfose, quando, no conflito com o processo que se supõe legiferante da repressão (produtora de recalque de determinada situação ambiente, ou seja, a força que se supõe capaz de determinar a Lei), as fixações estéticas não só insistem num processo de guerra como tentam reverter legiferantemente a situação. Ou seja, quando respondem ao processo de legiferação repressivo e recalcante dizendo: “Não, a lei é a minha e não a sua!” Isto é o que constitui a morfose em qualquer nível, em qualquer regime, seja a positiva ou a negativa, ditas perversas ou fóbicas.

Uma fixação,  $F_1$ , vem e insiste. De repente, ela não pode ser dita porque o processo repressivo, fundador de recalque, incide sobre ela e diz não, mas oferece ao mesmo tempo outros níveis de fixação aos quais esta possa estar lateralmente acoplada,  $F_2, F_3, F_n$ , e que o sistema repressivo,  $Rp_1$ , permite. Assim, algo se diz de maneira desviada, segundo os princípios freudianos que são claros.

Mas uma fixação pode insistir, não aceitar a pressão do recalque, não ter nenhuma perversão por isso, pois é apenas o jogo de insistir na sua fixação, e entrar em conflito eternamente com a força repressiva. Ou pode fazer o contrário: entrar num tal nível de conflito e de troca que chega a dizer que “a tua lei repressiva diz que isto *não*, eu digo *sim* através disso, e *não* ao que você está dizendo, portanto, digo que o legislador não é você, sou eu”. Isto é que é morfose.

Não é a pura insistência de uma fixação, mas é *querer torná-la o núcleo legal de legiferação em contraposição a outro núcleo legal que isto fez e assim tomou o poder*. Aí está o cerne do que, há anos, venho dizendo: é preciso entender que o processo de legiferação, ou seja, a instância da lei, no sentido dos enunciados de regras possíveis no seio da comunidade humana, sofre necessariamente de vocação morfótica.

Em 1989, eu dizia que a Lei é perversa. Retiremos o “perversa”, pois este termo não vale nada. Sofre de vocação morfótica na medida em que não se tem nenhum fundamento para garantir que o cerne da legiferação seja melhor ou pior do que qualquer outro. Há, no máximo, uma ocorrência histórica; há

uma situação; há, talvez, um estado da situação. Isso se decantou, e se quiser me encerrar nessa tra-dição para ser efetivamente tra-dicional, terei que me inserir de tal maneira que seja até capaz de reformular, por via da minha singularidade, esse percurso. No máximo, instituirei *situação* de novo, e *estado* de novo, e talvez isto seja inelutável.

Mas do ponto de vista das construções individuais no psiquismo, do que chamam formações patológicas ou do que cria uma nosologia, nessa razão conflituante, determinado sujeito, ao invés de simplesmente insistir, cria um processo de conflito tal que, para resolvê-lo, a saída que encontra é substituir, ou melhor, substituir, uma coisa pela outra. Aí, instala-se efetivamente uma morfose, da qual não só os outros sofrem, mas ele também não tem a elasticidade, a liberdade, a independência de jogar com essa insistência no nível dialogal. Ele está preso na obrigação de sustentar, com a sua fixação, o lugar da lei, e isto é uma prisão. No Esquema Delta, chamei isto de “obrigação de gozo-fálico”, obrigação morfótica. Não é mera insistência de gozo, mas uma *obrigação* de sustentar a lei com aquilo.

O vetor da morfose é progressivo. Nos termos da morfose, é para frente que se anda: no mesmo sentido da pura e simples insistência de uma fixação. As pessoas ficam procurando regressões no campo da perversão, mas não há regressão alguma. O que insiste no nível Primário, insiste no Secundário: as fixações são insistentes contra os processos repressivos, sem aceitar repressão, portanto sem fazer recalque, sem ser mera insistência dialogando com os processos repressivos, e até mesmo assumindo o facho, a vara da Lei. Como fazem os lictores, assumindo as varas da Lei na mão em subtroca para com o que fora legiferado no sentido do outro. Isso tem dois vetores: um positivo e um, negativo, que resultam no que chamam perversão e fobia. O que quero situar é que o vetor é progressivo, do Originário para o Secundário.

A aparência vetorial de progressão ou de regressão pode nos confundir, pois, na medida em que se fazem elaborações em cada um dos níveis, a coisa pode vazar, por Revirão inter-níveis, em duas direções. Depois que chega em

*Fix*, há umas insistências, e temos a impressão de que a coisa está sendo regressiva no seu modo de operação, pois está vazando pelos lados. Mas o modelo de base é progressivo.

\* \* \*

Nisso que se chama *neurose* o vetor vem, também, progressivamente e se instala, em determinado momento do Recalque Secundário, como capaz de sofrer repressão recalcante, portanto de produzir recalque e continuar progressivamente por via desviada. Não há retorno algum aí. Há retorno do recalcado, mas não regressão no sentido do vetor de progressão. Se, por exemplo, produzo determinado recalcamto no Secundário, por via desviada, continua-se a produzir na ordem progressiva. Ou seja, sintomas histéricos, obsessivos, etc., são progressões depois de recalque. Isto, do ponto de vista do vetor entre os níveis de recalque.

Quanto ao retorno do recalcado, se recalco, opero uma repressão, a qual consegue produzir um recalque, o qual, sem saída para trás, retorna progressivamente pelos caminhos que encontra, sempre indo para frente por vias desviadas. Ele procura desvios e vai andando para frente progressivamente. Ou seja, procura insistências permitidas e vai-se acoplando. Isto é o retorno do recalcado no nível interno do Secundário.

Outra coisa é o vetor na seqüência dos níveis de recalque. Aí já temos duas vetorizações: a do encaminhamento dos níveis de recalque, do Originário para o Secundário; e vice-versa, que se chama regressão. Então, temos um vetor progressivo e outro regressivo. E temos, por exemplo, no caso do recalcamto puro e simples, um vetor repressivo de produção de recalque, e outro que Freud chamou retorno do recalcado, que é outro vetor, em outra região e em outro plano.

A fixação está simplesmente insistindo, caminhando para frente, na dela. Ela nada tem a ver com que, no nível Secundário, venham forças repressivas. Na temporalidade desse movimento do Inconsciente, aquilo está

continuando. Precisamos saber que há uma *flecha do tempo*, que insiste no tempo e se coloca no espaço recortadamente: está recortada como espacialidade e insistente na flecha do tempo. Isto é progressivo. Ela não dá para trás em sentido tópico, nem crônico, apenas insiste para frente. Não há regressão alguma.

Pelo modo como Freud construiu, como separou, se encontra em cima algo de baixo, diz que é regressão. Mas foi o modo de leitura que criou esta idéia. Se pensarmos na insistência a sofrer recalque, simplesmente isso anda para frente e encontra empecilhos. A flecha do tempo continua progressiva e a insistência continua como espacialidade, como território conquistado. É tudo positivo.

Então, mostrei os processos morfóticos que dependem da insistência mórfica, dos traços mórficos na sua insistência, recusando repressão. Ou seja, conseguem de algum modo o *poder* – não esqueçam isto – de rechaçar os processos repressivos e, às vezes, por um engano de trouxa, conseguem até fingir que têm o poder de substituir os lugares. Aí, é morfose mesmo.

Na neurose, a mesma coisa. Os processos não são regressivos, mas sofrem opressão, repressão, recalque, retorno. O que há de aparente regressão aí é o retorno do recalcado, e não o retorno do vetor na série dos níveis de recalque.

Então, já encontramos mais ou menos um vetor da morfose, que é o mesmo da neurose, sendo que nesta há uma luta vetorial interna, que é em outro eixo que não o anterior.

\* \* \*

O que acontece na *psicose*? Será ela progressiva ou regressiva? Todos já disseram que é regressiva. Sê-lo-á, como diria o falecido Jânio Quadros? Se Eloá deixar...

Quero supor – e este é o meu processo de encaminhamento (um dia, Deus me ajuda e resolvo este problema) – que há duas formas de atingir o que no faro geral da história da psiquiatria e da psicanálise se chama de *psicose*.

Não passa de faro porque quanto mais se estuda a psiquiatria ou a psicanálise, menos se entende. Ninguém sabe bulhufas a respeito. Esta é a verdade.

Vejamos aqui um levantamento de 1975, do famoso Henri Ey, amigo e rival de Lacan ao mesmo tempo, que fez aquele congresso de Bonneval, onde se tratou do Inconsciente. Este aqui é outro congresso dele, onde juntou todas as correntes psiquiátricas para falar de *La Notion de Schizophrénie*, publicado pela Desclée De Brouwer em 1977. Lê-se do começo ao fim e conclui-se que ninguém sabe nada.

Mas há indícios de descrição da sintomática, de aparelhos. No caso de Ey, é o tal negócio do organodinamismo, com certa linhagem dos neojacksonianos, que também interferem em certa corrente da etologia, etc. Há pérolas interessantes para se colher aí justamente no sentido de se perguntar sobre a vetorização disso.

Tomemos a linha menos ruim, mais organizadinha, mais bem construída, que é a de Henri Ey, preocupado com, por exemplo, os processos de simetria e de dissimetria na constituição da esquizofrenia, da flecha do tempo, da possibilidade de reversibilidade ou irreversibilidade: “O tempo é paralisado e seu movimento o torna, ele próprio, intermitente e irregular até perder sua irreversibilidade”, p. 246-7. “É a própria possibilidade de mudança e de renovação que se acha de algum modo invertida, como se o esquizofrênico não pudesse ‘abandonar-se’ senão a um movimento de retrogradação, de retroação, de retração para as formas fixas e passadas de sua genealogia e de sua arqueologia”, p. 254. No sentido neojacksoniano, ele está mostrando a flecha invertida dos processos esquizofrênicos.

“A psicose esquizofrênica se define, com efeito, por esse movimento, essa tendência do ser a inverter a finalidade de sua existência por ter perdido ou não ter atingido a forma de organização necessária para realizá-la, quer dizer, o controle dialético dos meios (a ordem do possível dentro da realidade) e de seu fim tão insaciável como a fome libidinal de que Freud fez o desejo de sonhar e que, no esquizofrênico, é como um desejo de morrer”, p. 256. Muito bem dito. Nada tenho contra.

Mediante a ordem direta da flecha do tempo, se meu Esquema está correto, de Haver desejo de não-Haver, o que é revertido no seu processo entrópico vira neguentropia nas mãos de uma resistência produzida por uma formação do Haver. Como é que isto, então, em função dos nossos interesses resistentes de vida, parece uma reversão, quando é a assunção sem resistência? Ou seja, quando se retiram as formações resistentes, vai direto a *le corps sans organe*, ao corpo sem órgão de nosso caro Artaud. Quando se suspendem as resistências, quando aí se assume sem resistência a pulsão *tout court* ou seja, princípio do nirvana, desejo de Paz absoluta e de indiferenciação radical, que Henri Ey chama desejo de morrer, parece Haver reversibilidade, reversão, no processo da pulsão de vida: Haver desejo de não-Haver.

De um ponto de vista puramente didático, para ensinar a mim mesmo, pretendo que ainda é pensável que a psicose tenha duas vertentes, ou seja, dois tipos de vetores capazes de conduzir a ela, mas que ambos levam ao mesmo lugar. Este é o drama.

O vetor que me, parece consistente no nível de certas exposições de psicose como, por exemplo, o caso *princeps*, chamado Schreber, penso que o que ali acontece, e quiçá – ainda não é uma asserção, é um quiçá, veremos no futuro deste Seminário – comprometido com a vertente paranóica, seu modelo vetorial de produção é o que da vez anterior chamei de hiper-recalque.

É alguma coisa que acontece seja do lado da excessiva força repressiva, seja da excessiva fraqueza do reprimido. (Não posso medir isto, pois eu teria que construir, como Lacan desejou, e é o que estou tentando, uma *Energética* muito precisa, a qual se constitui com vetores. Ou seja, estou tentando simplesmente obedecer ao velho: construir uma Energética). Excessiva força repressiva significa – atenção: não vamos transformar isto num jogo anarquista de “vamos brigar com os sábios”, porque pode simplesmente ser eu que sou mole, ou seja, não é o estado que é forte, eu é que sou babaca – que ela é capaz de reificar um recalque: tomar um faz-de-conta no nível Secundário, o faz-de-conta de “vamos tomar esta proibição como se fosse uma

impossibilidade”, e, por pressão, tentar inscrevê-lo como o era-uma-vez do Primário.

Era-uma-vez não é senão, diante da catoptria radical do Revirão que portamos, inscrições se fazerem como fixações. Então, toda vez que alguma fixação se instala no Primário, diz-se: “Era uma vez...” Aquilo que está, como dizem, na história do obsessivo: “Era uma vez uma mãe que m’amava profundamente” E na da histérica: “Era uma vez uma mãe que não m’amava profundamente...” Não esquecer que isto tem a ver com predisposições das mais diversas ordens, como Freud sempre lembrou.

O campo do era-uma-vez é Rlar. Toda estorinha que começa com “era uma vez” está dizendo que houve algum acontecimento e alguma coisa se fixou em torno dele. O campo do faz-de-conta é R2ar: faz de conta que aqui é como lá no Primário; então, aqui, estou fazendo de conta que era-uma-vez. “Faz de conta que a interdição do incesto é alguma coisa que impede que você coma mamãe” que impede realmente, como dizia o Chacrinha. Mas não, só impede simbolicamente.

Estou chamando de hiper-recalque a armação de *Bahnungen*, de trilhas tão poderosas que o sujeito começa a tê-las para si como inscrição de algo que só pode ser narrado no nível do faz-de-conta. Porque não tem nenhum dado, se quiserem, natural é, para ele, inscrito – o que significa: forças de insistência de inscrição conseguem carregar para ele aquilo não *como se* fosse, não como faz-de-conta de que era-uma-vez, mas como “*era* uma vez” –, é carregado para o mesmo nível de armação, de inscrição, do que fora fixação para ele. Ou seja, desloca regressivamente.

Isso é que é o processo de regressão, aquilo que Marx chamava corretamente de *reificação*, a qual não é sempre regressiva, tanto no sentido dele quanto no da psicanálise, porque o simples fato de aceitar uma repressão como produção de recalque já é um nível primeiro de reificação, mas que encontra saídas progressivas. Portanto, é uma reificação meio fajuta, que apenas prende e censura determinado objeto, deixa-o preso como se fosse reificado, mas ainda não é bem reificado.

Mas se consigo jogar, por excessiva pressão, esse processo numa inscrição não mais *como se* fosse o Primário, mas inscrevê-la *na carne* da primariedade da minha função estética, estou ferrado. Isto porque não tenho mais como brincar de faz-de-conta com esse troço, não tenho retorno de recalque possível. Aquilo só vai revirar lá no Primário, pois, no Secundário, os Revirões não encontram esteio, já que aquilo “é” primário. E se encontrarem esteio, encontrarão o mesmo esteio da minha guerra com a co-naturalidade suposta do que há, com a qual só posso guerrear no nível tecnológico, por exemplo.

Quando estou na ordem progressiva de lutar contra uma instalação dita natural, por exemplo, sou um criador e quero produzir uma tecnologia que deforma o que supostamente foi dado. Ou seja, estou nesse tipo de guerra num sentido progressivo. Ora, se isto se instala assim, das duas uma: ou revira no Primário e me deixa doidinho; ou consigo tornar a revirar por via protética, como faz o criador, tentar revirar como se fosse natural, fazer uma prótese. Será isto um indício de *cura* para a psicose, uma prótese? Tratar aquilo como se fosse natural? Deixemos em suspenso...

Os autores, na sua maioria, não conseguem distinguir e vivem embrulhados entre perversão e psicose. Isto porque, em cada caso, é preciso me dar conta de se o processo é, no seu valor, progressivo ou regressivo. Só isto! Se for progressivo, estamos em caso de neurose, com outra vetorização adiante; ou de morfose, com outro tipo de vetorização adiante. Se for regressivo, estamos em caso de psicose.

\* \* \*

A outra via, que já comecei a comentar da vez anterior, é que, sem hiper-recalque, mas tomando eventualmente toda e qualquer tentativa de recalque como vontade de hiper-recalque – leiam Nietzsche –, invectivo os recalques de tal maneira que, por via de Revirão, posso abruptamente começar a suspender os Recalques Secundários, invadir os Recalques Primários e me perder.



Essas duas coisas, serão elas da mesma natureza, embora com efeitos parecidos? O processo de enlouquecimento de um Artaud é, ou não, colocável sob a rubrica da psicose, como em Schreber?

Em caso de hiper-recalque, como é o de Schreber, a meu ver – e Freud foi quem soube entendê-lo como caso de hiper-recalque –, Schreber, não podendo dialetizar no nível Secundário – no qual lhe passam frases de dialetização, mas que, para ele, ficam no ar –, eis senão quando, aquilo revira na carne. Há fixações contrárias às fixações impostas pelo hiper-recalque, e eis senão quando, no nível Primário, aquilo brota. Sobre o que o idiota de um analista mal informado dirá: “São aspectos perversos da psicose”. Não são não! E que está lá inscrito, revira sozinho no Primário, o sujeito fica perplexo e não sabe o que fazer com aquilo. Isto porque no nível Secundário está hiper-recalcado e, no nível Primário, revira sozinho. O que fazer?

Aquilo simplesmente degrading toda a arrumação do cara e ele não entra em delírio, mas em perda, fica perdido. Se Lacan quis chamar de *point de capiton*, ponto de basta, as pegadas necessárias como significado para que se tenha um mínimo de arrumação, e se isto se chama Nome do Pai, se chama sintoma, eu diria que, no caso do hiper-recalque, não é ponto de basta, mas sim *arrebite* mesmo.

A coisa fica num tal aspecto de soldadura que os Revirões que vão acontecer no nível Primário, sem dialetização possível no Secundário, acabarão fundando um delírio em cima da fuselagem, ou seja, do arrebite fundado como hiper-recalque. É só ler de novo Schreber e o texto de Freud sobre Schreber...

Schreber é um cara cuja sexualidade só tem um lado. Por isso, Freud caiu na conversa de que a homossexualidade é o fundamento da paranóia. É uma maneira inteligente de ver e burra de dizer. Basta conhecer o papai que Schreber tinha, a família do pobrezinho, para ver como ele teve que lidar com aquilo: Schreber só tinha um sexo, tadinho! A gente tem três. O erro de Freud foi pensar que a homossexualidade designaria a paranóia, quando é *no caso Schreber* que designa, não sei nos outros.

O que vai fazer um cara em que, por hiper-recalque, se inscreve, no Primário, que ele só tem um sexo correspondente ao desenho do seu corpo, quando pintar o Revirão disso? Schreber, então, fica meio pirado de vez em quando ... Aí, se apaixona por Flechsig que devia ser comível, pelo menos ele achou – sem saber disso. A paixão está envolvida com aspectos secundários e primários de outro nível, não necessariamente com a expressão direta da sexualidade, e, de repente, ele tem uns sonhos meio escabrosos em relação a Flechsig. Ele lembra com a frase na cabeça: “Afinal de contas, deve ser muito bom ser uma mulher sendo fodida”. Todo mundo sabe que deve ser maravilhoso, a gente só tem inveja... Como elas invejam outra coisa de nós, a gente vai à forra...

A frase não tem, para Schreber, arrumação possível no nível do faz-de-conta. Se o tivesse, ele cantava o Flechsig, que talvez caísse; ou se masturbava pensando nele; dava um jeito. Não tendo arrumação possível no nível Secundário, ele só pode revirar no Primário. Como revirar no nível Primário se passa na cabeça a frase: “Afinal de contas, deve ser muito bom ser uma mulher sendo fodida”? Há que ser uma mulher na carne. Não tem saída!

Nesse nível é que posso, e devo, salvar o conceito de foraclusão, de Lacan. O que foi foracluído foi o faz-de-conta, a competência metafórica, e não determinado significante. A não ser que Lacan queira dizer, e aí tenho que dizer que está certo, que o tal determinado significante é o significante de que metáfora é possível.

Se isto está hiper-recalcado, ele só consegue revirar no Primário, tadinho. Não que tenha que sofrer emasculação, partir para a homossexualidade, nada disso, pois homossexualidade se resolve no nível Secundário. Isto porque, simplesmente, homossexualidade não existe.

Se sou um operador do nível Secundário, não existe o Outro sexo. Lacan disse “não existe A mulher”, o que é uma bobagem. É simplesmente que não existe o Outro sexo, portanto, paradoxalmente, a homossexualidade é impossível. Com quem quer que se transe, é de outro sexo, do meu não é. Isto, por uma simples razão: o meu processo estético de constituição não é o dele.

Pouco importa que a anatomia tenha feito essa coisa sem graça de botar só dois aparelhos. É uma falta de imaginação terrível da natureza. Podia cada um ter um aparelhinho diferente e a gente ia se divertindo, se divertindo... Mas quando se está no regime do Secundário, olha-se para o aparelho e diz: “Nunca vi outro igual”. Eu, nunca vi dois iguais: são todos completamente diferentes, servem para os mais diferentes brinquedos...

No caso Schreber, então e quiçá seja um indício, se não da produção típica da paranóia, pelo menos da nucleação possível de todo e qualquer delírio em salvação do processo anterior que é a esquizofrenia da perda de estribeira, o hiper-recalque situando a fixação, que deveria ser um faz-de-conta, como se fosse primária mesmo, ou agindo primariamente, só permite Revirão no nível Primário.

Portanto, por essa coisa que parece delirante de Schreber se transformar numa mulher de fato para poder transar com Deus, ou ter sofrido o milagre de ser transformado em mulher por Deus, que estava com tesão nele e Deus tem tesão em todos nós, como sabemos, ele tem que revirar lá embaixo. Isto é formação de delírio? Não! É *obrigação* de instalação primária. O delírio vai se coalescer em torno desse arrebite, que não é um *point de capiton*, mas fuselagem, fixação regressiva. Em tomo disso, o delírio será montado para sustentar a primariedade desse ditame.

Se o Revirão começa a instalar-se abruptamente, sem controle secundário no nível Primário, o que acontecerá é que ele virá à tona enquanto tal, enquanto Revirão. O que vem a tona, então, é o Recalcado Originário enquanto puro Revirão.

As apelações de Schreber para Deus não são diferentes do princípio de *fé* que, queiram ou não, existe fundamente em cada um de nós. Quando estamos na pior – ou na melhor: um excesso de alegria, como diria Nietzsche –, apelar diretamente para o Recalque Originário, ou seja, para uma visita ao Cais Absoluto, é apelar para isso que sempre se chamou de Deus, Sujeito Suposto a toda Denúncia, mesmo que vazia, de qualquer contrato, mesmo que natural. Ou seja, isto é o fundamento da fé.

Que uma igreja aproveite isso de um modo, uma religião de outro, o fundamento da fé está em todos nós, e é apelação para esse Sujeito Suposto fazer Milagres. Ou seja, de me permitir revirar, quiçá no nível do dito natural, o que é, traduzindo para um nível mais baixo, fazer a chamada do indiscernível à presença do meu desejo. E isto é *certeza da possibilidade de um milagre* (ainda que tecnológico), sem a qual o Homem não teria feito nada.

É bom repensar essas coisas num momento em que, num surto psicótico, está-se fugindo para o que chamam de misticismo, e que, a meu ver, de misticismo não tem nada, perdido, sem encontrar fundamento de espécie alguma para abstrair o nível da sua própria fé.

O que Schreber requisita, já que no nível Primário a coisa se revira e ele não pode dar conta? Que Deus faça um *milagre*, que o transforme em mulher, para ele poder se salvar. Mas é um pedido de psicótico. Se não, ele passava para o Secundário e resolvia as suas transas no nível da permissividade erótica. Ou, quem sabe, virava o inventor do transexualismo de cirurgia, o que também é uma tecnologia como outra qualquer. Está aí Michael Jackson, que não me deixa mentir, no sentido de implicar decisivamente com a primariedade corporal: há tecnologia, ou seja, condições de prótese para executar o que ele queria. O pobrezinho do Schreber não podia senão delirar em torno do arrebite, o que o deixava sem condições de movimento dialético no nível Secundário das operações.

Quem sabe, psicose mesmo é só o regressivo? Mas a loucura humana – o perigo de que fala Heidegger, que Lacan retoma: o risco absoluto –, no sentido do progressivo de dialetizar no Secundário, vai abranger, dialetizar o Primário e deixar sem pegadas, se não houver alguma prudência passo a passo. Talvez aí Nietzsche e Artaud tenham se perdido. Ou seja, não viam novela da Globo, não conversavam com a empregada da esquina, com o dono do armazém, como Hegel fazia... É o mínimo de “saúde”.

O sucesso de Freud (onde o paranóico fracassou) é ter podido criar no mesmo nível de suspensão, até no Primário, por via secundária, as suas próprias próteses. Por isso ele diz: qual é a diferença entre o delírio psicótico e a minha

teoria? Qual é a diferença, em termos de rigor e de construção, entre o delírio de Schreber e a teoria psicanalítica? Eu, insisto que há, no nível das provas de realidade que criam as realidades da prova. Aí é que Schreber se perde, pois não tem condições, por causa do hiperrecalque, de dialetizar no Secundário.

Entretanto, se Freud não fosse o obsessivo que era, se não fosse mal analisado como foi, talvez não tivéssemos a garantia das pegadas que conseguiu, com o rabo preso na neurose, para não ser o Nietzsche que temia vir a ser.

Qual é o limiar de produção para Freud não se perder e, ao invés de ter sucesso na limitação de uma prótese, desvairar-se e começar a funcionar como o psicótico funciona? Para perder a diferença entre as colunas líquidas, pelos vasos comunicantes, e começar a fazer Revirões lá no Primário? Entendam que se não estiver constantemente, gradualmente, passo a passo, organizando essa coisa, de repente, não sei se estou revirando aqui ou lá. Por que não devo tomar a natureza como um faz-de-conta ? Atenção, que isso dá vertigem...

... Não é necessário ficar psicótico porque se vai lá. Se não, vamos entrar no que aconteceu na década de 60 da paixão pelo psicótico. Freud já havia dito que o homem normal seria um pouco psicótico, um pouco neurótico, um pouco perverso, mas não é esta a maneira de dizer.

A maneira de dizer é: o homem “instruído” é aquele capaz de manejar com elegância e arte os seus reviramentos nos diversos níveis, de preferência sem ficar estúpido nem doido. É arte pura, quer dizer, a ciência do Haver.

17/MAI



## 8

### MEGALEGORIA E RECALQUE

Outro dia, soube de um fato curioso. Um lacaniano estrangeiro estava interessado em saber a meu respeito. O que ele procurava satisfazer junto a alguns de meus próximos. Mas ele queria saber *corretamente*, isto é, queria mesmo saber o que acaso teria eu a dizer de próprio quanto a questões cruciais da psicanálise.

Ele queria saber porque já ouvira repetidamente falar de mim, e mal, por alguns que se posturavam como rivais. Mas ele havia também notado que falavam mal de minha pessoa, sem nada terem a dizer sobre minha produção teórica e clínica. Dando mesmo a impressão, ao tal estrangeiro, de que jamais haviam lido, e menos ainda estudado, nada do que tenho incessantemente publicado.

Contudo, sobre a minha pessoa, os citados maldizentes tinham um conceito, aliás uníssono, adredemente preparado para ser brandido a torto e a direito de modo a descartar de imediato a minha frágil existência pensante por ocasião da mínima arguição, liberando-se com isto de se verem no constrangimento de ter que dar conta de algum conhecimento a respeito do que proponho.

Ora, eles costumam repetir um lema do maior efeito quando para ouvidos incautos. Como resposta a qualquer pergunta a meu respeito, dizem: “O Magno é megalomaniaco!” E mais nada. Mesmo porque parece óbvio que não teriam mais nada para dizer no que efetivamente respeita ao que de fato interessasse.

É claro que dizem assim com intenção de insulto e de descarte. Graças a Deus! Uma vez que o descarte só cola sobre ouvidos cegos e o insulto, desde que Freud assim o explicou, ainda é menos pior do que o assassinio imediato. O de que eles, entretanto, não se dão conta é da propaganda positiva que de mim também fazem quando dizem que sou megalomaníaco. O que, aliás, é absolutamente verdadeiro, pelo menos, do ponto de vista da *megalegoria*, isto é, do discurso grandioso.

Alguns chamavam Lacan de paranóico, justo porque certamente não faziam menor idéia do que isto fosse. E a cara Elisabeth Roudinesco, no seu relatório de guerra, ainda quis explicar, vejam só, que Lacan não era paranóico, mas apenas um tanto... megalomaníaco. Já a megalomania de Freud, isto é uma evidência, justo pela megalegoria de seu discurso, queira-se ou não xingá-lo assim.

Como se sabe, megalomania é: exercício de grandeza. O que também não se precisa exercer o tempo todo, porque ninguém é de ferro. Exigência, aliás, que muito bem me cabe, não fosse pelo menos o adjetivo do meu nome. Lembrem-se de que um Sujeito, se o considerarmos, como considero, não é bem um *sub-jectum* e menos ainda um *ob-jectum*, mas sim, na dependência do eventual, é mesmo um *ad-jectum* a se verificar só-depois, como é claro.

Meu nome adjetivo não é um caso nominativo, como alguns erroneamente supõem. Ele não se lê como: O Grande. Também não se trata de caso vocativo, como querem outros esquecidos. Não se lê: Oh! Grande. Meu nome adjetivo é do caso dativo. Lê-se como: Ao Grande. Isto é, votado à exigência de grandeza. Megalomania, portanto. E determinante como nome, o que quer que se faça com ele. E cada qual, no só-depois, terá tido o nome que merece.

Talvez seja por caso de dativo que eu tenha dado sempre bem mais do que recebo, o que é uma coisa chata. Saibam que Lacan gostava, lacanianamente, desta minha tirada: sintomática nominal – bem ao gosto dos lacanetas ainda hoje.



Queiram me perdoar este prelúdio personalizado – que só está aqui no interesse de endossar a correção daquilo por aqueles declarado – muito apesar das intenções desses compadres, dentre os quais alguns são mesmo padres.

Assim, então, acolho de uma vez por todas aquele epíteto. E vou permanecer e insistir nessa dita “mania de grandeza”, que desde o meu nome determina o que me caracteriza. Felizmente! Pois de modo algum quero mudar para o outro partido. Escolho não trocar a minha megalomania pela sua mania de baixeza (mesmo se bem comportada).

Dito isto, vou continuar tentando conduzir a caravana que conduzo, pelo deserto de minha ignorância para ver se ela passa enquanto aqueles ladram.

Haja a humilde grandeza, como a douda ignorância, como a dura gentileza.

\* \* \*

No que acontece na chamada estrutura psíquica, Freud, do jeito que pôde, arrumou tópica, econômica e dinâmica uma tentativa brilhantíssima. E se prestarmos atenção a esses três registros freudianos, veremos que a tópica e a econômica ficam bastante precisas, claras e eficientes, ainda que se passe de uma tópica para outra dando uma confusão muito grande.

Mas a tal dinâmica é uma coisa meio esquisita porque, de saída, o maior interesse de Freud era no sentido de rebater a tese de Pierre Janet, que fazia a suposição de que a estrutura psíquica não conseguia funcionar na sua plenitude, resolvendo oposições, etc., por deficiência em conseguir produzir sínteses.

Ele dizia isso referido a comportamentos psíquicos mais ou menos patológicos como, sobretudo, o caso da neurose obsessiva, que seria uma neurastenia do cara que não consegue fechar as sínteses. E isto era fazer suposição de que os outros conseguem, o que Freud criticava como uma

verdadeira Estática do psiquismo, que teria supostamente a obrigação de produzir sínteses.

Freud dizia que o psiquismo não é estático, mas dinâmico na medida em que não é essa falta de síntese que produz os conflitos e a luta de forças. Muito pelo contrário, o que é antecedente é a oposição, a luta de forças sempre produzindo falta de síntese no psiquismo. Então, por conceber a estrutura como forças em luta – aliás, na linhagem empedoclesiana de impossibilidade entre *Phília* e *Neikos* –, Freud precisa dizer que há um nível dinâmico no psiquismo.

Respondido a Janet, agora em nossa perspectiva, depois de introduzidos o Revirão e o Recalque Originário enquanto tal no Esquema que tenho apresentado – e talvez até mesmo antes, se relido o texto freudiano com mais atenção –, talvez se venha a descobrir que a tal dinâmica é redundante na obra de Freud.

Não sei se é possível encontrar em toda obra de Freud, afora a resposta dada a Janet, algum ponto preciso, distintivo, em que a dinâmica se ofereça como alguma coisa específica em contraposição (ou de diferença para com) à economia. Ela é uma resultante, dada a resposta a Janet. Suponho, então, que a dinâmica do psiquismo, mesmo em Freud, não precisa ser redundante com a economia e que, na verdade, é *resultante* e não constituinte da Energética geral do aparelho psíquico. Dado aquele tipo de Energética, resulta que sempre é dinâmico: não há sínteses possíveis a não ser como produção, invenção (finita, momentânea), que chamo de prótese localizada.

A dinâmica é resultante da imponência dos recalques, em qualquer nível, bem como da imponência das reações a esses recalques. São forças em conflito sem encontrar nenhuma síntese, podendo inventá-las provisória, localizada e finitamente.

Naquilo que tenho tentado desenvolver, busco o que sirva eventualmente nos seus desenvolvimentos, quiçá produtíveis, como uma escrita mínima dessa Energética, do movimento de forças, da *vetorização* na estrutura psíquica. Da

vez anterior, tentei distinguir um tipo de vetor, que escrevi como eixo vertical, que seria a vetorização para cima ou para baixo: a força se deslocando de um lado para outro entre os níveis diferentes de recalque.

É preciso distinguir que a vetorização que mais importa é entre Recalque Primário e Recalque Secundário, já que o Originário corrói a todos em todos os momentos. Isto faz uma distinção importante no uso teórico e na aplicação clínica, que é a de saber que certas formações ditas patológicas, ou até mesmo não patológicas, do psiquismo são nitidamente *progressivas*, no sentido de que o vetor se encaminha do Primário para o Secundário.

Outras formações são *regressivas*. O vetor se encaminha do Secundário para o Primário, e isto talvez permita escrever minimamente a tentativa de desenho de uma Energética na estrutura psíquica. Como exemplaridade, o campo da morfose assim como o da neurose parecem nitidamente, no seu processo de formação, de intencionalidade progressiva. E o da psicose parece ser de intencionalidade regressiva.

Há muitos meandros nesse meio. Nada impede de pensarmos que, embora morfose e neurose tomem o vetor da progressão, elas se caracterizem por aspectos diversos. A *neurose* se caracteriza pela resposta que a imponência de reação tenha que exercer-se contra a imponência das forças, aliás constantes, de recalque. O tipo de conflito na *morfose* é outro. Não se trata de ter que dar conta, por vias desviadas, de algo que passou pelo recalque, mas sim de ter que impor-se como tal na herança que teve, de sua formação primária, diante de uma força recalcante. No caso de morfose propriamente dita, de até substituir a intencionalidade legiferante das forças recalcentes por sua própria intencionalidade de legiferação.

São quadros diferentes. Em suas especificidades, temos que pensar como funcionam os vetores. Nada impede que, mesmo sendo progressiva em seu vetor de formação, a neurose, em sua interioridade e dentro de certos momentos, como por exemplo do nível Secundário, seja regressiva ou estacionária (neste limite interno, e não na externalidade da sua formação).

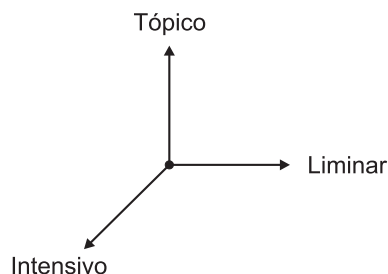
Ou seja, digamos, o que faz rotação interna não é necessariamente uma translação. Então, o que dá aparência no nível interno (rotação) de ser uma regressão pode não sê-lo no nível externo (translação). Muita gente, inclusive Freud, faz uma confusão dos diabos. Tomam um momento de uma neurose e acham que é uma regressão, quando só o seria efetivamente no nível do segundo grau da reificação. Mas o primeiro grau de reificação talvez esteja no momento interno de rotação, e isto não é propriamente regressivo. É no máximo estacionário em cima de insistências que vêm do Primário e, por isso, parece regressão.

Enquanto manejo de vetores, cria-se, então, teoricamente, um quadro de discernibilidade mais acurada que ajuda, no momento da escuta, tentar discernir em que nível a cada caso isso está colocado.

\* \* \*

O eixo que noto como vertical está escrevendo o que se passa de nível para nível no registro tópico, no sentido do que venho colocando como níveis diferentes de recalque. Mas no nível de cada formação – e vamos ficar nas formações patológicas, que são esclarecedoras do psiquismo – há outro tipo de eixo, de vetorização. Não estou falando só da rotação interna ou externa que ele pode sofrer, mas mesmo de outra composição de forças relativas na formação desses quadros clinicamente desenháveis, esboçáveis pelo menos. Há aí outro eixo, outro nível de pressão vetorial específica.

A tentativa de escrever mais matematicamente, de fazer uma composição energética, um estudo de forças, um estudo da dinâmica resultante da estrutura psíquica, é no sentido de uma faxina no bobajal psicanalítico, que é imenso. Basta abriremos livros de autores que resolvem falar sobre clínica para ficarmos boquiabertos: é uma falta de discernimento ou uma descritibilidade pura e simples de fenomenologia de cambulhada de tudo. Acaba sendo um folclore psicanalítico a respeito do que pode ser uma histérica, um obsessivo, e isto, às vezes, com coisas que me parecem abusivas...



Por exemplo, num livro sobre estruturas clínicas, o autor diz existir o tipo do culturismo físico que é de certo tipo de histeria. Aí pergunto: e o analista magrelo, fracote, bundão, de que tipo é? Parece ressentimento porque o outro é fortinho, bonitinho. Tenho que tascar em cima do cara uma proposta de doença para me sentir bem? Só porque estou com inveja por ele ser lindo? Se me dediquei a estudar psicanálise, e não a levantar peso, não é preciso insultar as pessoas. Suponhamos que, no máximo, o culturismo físico seja um estilo aproximado do tipo de vetorização  $x$ , mas não necessariamente nenhuma histeria.

A gente tem que fazer alguma coisa na vida: fazer Seminário, ou seja, dar ataque histérico em público, ou levantar peso... Agora, qualquer coisa que se faça, o analista vem de dedo duro dizer que é isso ou aquilo, fica muito esquisito. Não sobra lugar para ser sadio, o cara fica paralisado: “Onde é que ninguém me xinga de obsessivo, neurótico?...” Ou seja, em vez de uma força, de libertação, vira uma força de opressão. É onde temos que dar razão a muitos críticos da psicanálise, não dela, mas desse bobajal analítico. Não se pode fazer mais nada, que alguém nos *enquadra*: “É perverso, porque está com tesão em tal coisa”. Mas, vai-se estar com tesão em quê? Quer fazer o favor de me dar o *Decálogo*, pelo amor de Deus! E eles dão: “Teje preso!”

Retornando, o outro vetor é algo que temos que tentar achar de abstrante como força dentro de um certo registro nessa possível Energética. Escolhi, através de uma série de reflexões, para estabelecer esse segundo vetor, algo que perpassa como um certo odor de teoria em cima de certas coisas que Lacan colocou, e sobretudo depois de Lacan, pois no tempo de Freud era dito de outro modo. Suponho que, encaminhando para aí, dá para

distinguir um pouco melhor, no distanciamento máximo daquilo que teria qualificado essa vetorização, por exemplo, mesmo em Lacan.

Lacan coloca a questão de *ter* e *ser*. Ter e ser o quê? O tal de *falo*. O que justifica muitos seguidores insistirem nessa tecla e começarem a desenhar o ser e o ter em cima da fenomenologia dos comportamentos. Não posso me manter no mesmo nível do ter e do ser aprontados pelo lacanismo porque já fiz a crítica do tal falo, que, a meu ver, foi aprontado como teoria sexual da criança neurótica, que chamam de teoria sexual infantil. Não abro mão disso.

Tenho experiência suficiente para saber que nem toda criança passa pela estupidificação neurótica de achar isso. Algumas não acham. Desde o começo, já notam que é diferente e acham um barato. É necessário pensar essa generalização produzida por Freud do mesmo modo que, em outro lugar, ele foi um pouco mais brando quando disse Haver um tal período de latência, mas pelo qual não são todas as crianças que passam. Ele até diz que as crianças mais inteligentes não caem nessa. Eu, digo: as crianças que, antes ainda de caírem na neurose, conseguiram pensar isso não caem nessa. Há crianças que não têm período de latência, assim como há as que não fazem a teoria sexual da criança neurótica. Fazem outras, talvez entre elas estejam aquelas mulheres que ficaram bravas com isso...

Como não posso sustentar o mesmo falo de Freud, seja porque o meu é menor ou mais brando, ou o de Lacan, não posso dizer que trata-se, aí, de tê-lo ou sê-lo. Mas é interessante pensar esses dois verbos, pois parecem desenhar de modo bastante razoável o que ali se passa.

Na perspectiva do que venho construindo – desde a notação do que chamei de Pleroma, como Esquema geral, e também do que já trabalhei sobre a noção de Haver e da fractalidade interna desse Haver – que encontra ecos bastante promissores no que Alain Badiou articula matematicamente como ontologia –, prefiro dizer que o que acontece aí é (não só dialética como) a vetorização *liminar* entre Ser e Haver. Isto, reportando-nos ao que Badiou faz com o “há Um”, de Lacan, em face de todo ser apresentar-se como multiplicidade.

Se insistir em inscrever como Ser – que sempre é vira-ser – a vertente múltipla do contato com o que quer que compareça diante de nós, ao invés de falar que as coisas se desenham, se designam, entre ser ou ter o falo, prefiro anotar que algo aí introduz uma questão vetorial liminar. Ou seja, a passagem de um para outro: de onde parto e para onde vou; parto do Ser e vou para o Haver ou parto do Haver e vou para o Ser. Ou seja: parto do meu contato com o múltiplo e tento instaurar o Um ou parto de minha concepção de Um e tento pensar a fractalidade desse Um na multiplicidade. Ou seja, mais do que a dialética, é o vetor que há no meu percurso possível de pensamento entre Heráclito e Parmênides ou entre Parmênides e Heráclito – o que se tornou a questão *princeps* de toda história da filosofia.

Esta é a questão *vetorial* que está embutida naquilo que, entre aspas, os psicanalistas chamam de “escolha” da neurose, escolha da situação patológica, etc. Eu instalaria para isso, além da vetorização tópica, um vetor horizontal chamado liminar, ou limiar, pois têm a mesma etimologia. Então, tomando-se isto como um movimento típico da construção do aparelho psíquico, é de se supor que – além das tópicas que se obrigam pelas pressões recalcentes das formações do Haver, anatômicas e outras, depois simbólicas, etc., que são um tipo de vetor – existe algo da ordem do limiar de vetorização entre Haver e Ser.

O Haver que está postulado no Pleroma é aquilo que posso dizer que há em face de o não-Haver não Haver: o Haver há. E posso dizer: é *Um*, pois não tendo o Outro do Outro, o de cá é Um diante daquele Outro do Outro que não há. Entretanto, quando considero o Haver, ele é friável: pulveriza-se, fractaliza-se, na multiplicidade permanente com que me defronto, que é da ordem do Ser e que, como Ser, só se me apresenta como devir, como algo que vira-ser. Mas não é tal Ser o tempo todo, fica virando.

Porque tenho, em algum lugar do desenho do aparelho psíquico, a referência possível a esse Um que comparece necessariamente diante de não Haver o Outro do Outro, posso imitar o Um em recortes internos dessa fractalidade. Isto de tal maneira que, provisória e finitamente, posso considerar

Um alguma coisa. Ou seja, fazer o que Badiou chama de conta-por-um como recurso, dentro da fractalidade, à possibilidade de recorte que me é oferecida, de direito e de fato, porque o Outro do Outro não comparece.

Então, embora lide na base de Ser e devir com a fractalidade, com a multiplicidade, posso dizer que algo há quando estabeleço um recorte e posso me asserenar provisoriamente sobre determinada decantação ou sobre determinado recorte. Aí é que se estabelece o meu movimento, a minha vetorização, que ou irá do Ser para o Haver ou do Haver para o Ser. Ou seja, estou, a cada momento, ou buscando o Um ou buscando o múltiplo, ou fugindo do Um ou fugindo do múltiplo.

Isso estabilizado, congelado, pode endereçar à noção de uma “escolha” liminar, de vetorização, que vira uma espécie de cacoete. A rigor, eu deveria ser capaz de produzir o meu vetor de Ser para Haver ou de Haver para Ser de acordo com a situação, mas eis senão quando, também isso pode se fixar e tornar-se um cacoete vetorial. O qual, por mais renitente que seja, não consegue manter-se com a frequência que supomos.

Daí, no gabinete analítico, ficar-se perplexo por estar acompanhando um caso dito de neurose obsessiva que histericiza ou dito de histeria que se obsessiviza. Claro que é assim, pois quando se mexe neles o cacoete escorrega, vira ao contrário. Isto porque o reviramento da vetorização nos é disponível e o que temos aí são apenas cacoetes e vetorização.

\* \* \*

Se então essa distinção cabe como algo que se possa escrever enquanto definição, precisão, quem sabe não se possa inscrever, para mais do que o eixo vertical, tópico, um eixo horizontal de vetor liminar, entendendo-se aí um funcionamento específico de vetorização em cada caso e em função do desenho do caso? Não que o vetor sirva para determinar o que seja neurose, psicose ou morfose – pois isto, como vimos da vez anterior, determina-se por via de outro vetor como progressão ou regressão e por via de caso, de funcionamento ou



não do recalque –, mas, dentro de cada caso, quem sabe, a escolha, a particularidade de cada caso, não dependa do vetor que aí se instala entre Ser e Haver ou entre Haver e Ser?

Nessa suposição, talvez pudéssemos, sobre o vetor horizontal, fazer um quadro de: neuroses, morfozes e psicoses. Por exemplo, posso fazer a suposição de que, do mesmo lado vetorial liminar, pudéssemos inscrever a neurose obsessiva enquanto Neurose, a esquizofrenia pura enquanto Psicose e a fobia enquanto Morfoze. De outro lado, em oposição vetorial clara, quase que evidente, teríamos a histeria como Neurose, a paranóia como Psicose, e isso que chamam de perversão como Morfoze positiva. Quer me parecer que isto seja bastante possível. Acontece que, quando se aplica, a coisa fica fugidia, escapa.

Quando considero o que escuto disso que, por algum motivo, queira-se chamar de histeria ou de neurose obsessiva em função do levantamento fenomenológico, feito até hoje, alguns quadros comparecem que dão para juntar mais essa vetorização. A dificuldade é entender como que, em sendo neurose, por exemplo, a vetorização não é solta: é vetorização neurótica, subdita a um aparelho cujo vetor, no outro eixo, é progressivo, e que está submetida a recalque. Então, vai funcionar vetorialmente dentro desse registro e não fora. Se não levarmos isto em consideração, dará a impressão de que não funciona bem.

Vários autores dizem, e Lacan mesmo sugeriu isto, que neurose obsessiva está do lado do ser e a histeria do lado do ter. No meu caso, neurose obsessiva está do lado do Ser e histeria do lado do Haver. Isto cria confusão, pois pode-se pensar que o obsessivo, a partir do Haver, está sempre metido na vetorização de produção do Ser, da multiplicidade, e que a histérica, a partir do Ser, está na produção do Haver, do Um. Há algo parecido, mas não esquecer que não estamos falando dos vetores enquanto tais, mas sim instalados no regime da neurose. Isto muda inteiramente o quadro, pois, se é neurose, se os processos de recalque foram capazes de fundar uma massa compacta de repetição, de auto-referência a essa repetição – isto que Freud chama de Ego e que não entra no meu brinquedo, pois não quero misturar tópicos –, esse vetor se dá em função da compacidade da massa, e não em função dos movimentos soltos.

Isto significa que, pelo fato de haver neurose, tal pessoa vetoriza em função de seu horror de perder as estribeiras. Mas todos os dois, obsessivo e histérica, porque são neuróticos – se não, pareceria que um tem horror de perder e outro de achar – têm horror de perder as estribeiras. Interessa é saber como vão vetorizar isso dentro da liminar possível de escolha entre Haver ou Ser.

Quem tem experiência auditiva, sabe muito bem que o que se apresenta como neurose obsessiva não quer senão garantias do Haver. A histeria foge do Ser. A diferença vetorial não é que os dois se opõem no sentido geral do vetor. Eles se opõem no sentido dessa vetorização *dentro* do campo de não perder as estribeiras... da neurose. Portanto, o obsessivo fica o tempo todo lutando para garantir o seu Haver, seu Um; e a histérica lutando para fugir do múltiplo que a persegue. Isto porque os dois, por vias de estarem instalados na neurose, querem a mesma coisa: que o troço não saia do lugar, mas que não saia de certo modo. Um quer garantir o que conseguiu; a outra quer fugir do que ameaça perda.

Isso faz toda diferença vetorial e pode resultar, em pessoas distintas, dado o panorama social, dados outros modos de comportamento daquele grupo, em certos modos mais ou menos repetitivos de comportamento... mas não necessariamente. Aí é que a fenomenologia se ferra, pois dizer que a histérica faz isso, que ama assim... não necessariamente. Por via cultural, até se oferecem modelitos da histérica, porque são modelitos instalados nos regimes discursivos que estão disponíveis, e não modelitos da histeria. Modelitos para a obsessão, por exemplo: a burocracia, que está aí pronta para servir de modelo. Mas se tomarmos como se fossem necessariamente, se formos pela descrição de comportamentos, faremos bobagem, pois toparemos com histéricas e obsessivos que estão em outra, e que não seguem os modelitos costumeiros. Mas o vetor está lá e é distinguível.

É preciso, a cada caso, sem modelitos, sem *design* institucional, entender como aquela pessoa está vetorizando as suas modalizações. Poderíamos dizer que, dada a vetorização entre obsessão e histeria, o

obsessivo, para garantir o seu processo, apela para a vertente recalcante, do recalçamento. A histérica apela para o seu confronto com a vertente de retorno do recalcado, na qual ela pretende habitar. Tanto é que, às vezes, toma o partido do retorno. Já o obsessivo toma o partido do recalcante. E isso por uma questão liminar, vetorial.

Dizer que o tipo de recalcado da histérica é tal e que o do recalcante do obsessivo é qual, já é asneira, pois tenho que conhecer a pessoa. Não posso estar escrevendo em livros que a histérica quando ama faz isso, faz aquilo, se não, vou quebrar a cara, pois o obsessivo faz o mesmo e, aí, eu erro. Isto é modelito discursivo, discurso pronto pelo social.

A *obrigação* de sentido, como chamo, no nível do gozo-do-Sentido, que o obsessivo preza, é na vertente do recalcante como sustentação do Haver, do Um, que ele supôs ter obtido. Freud dizia que o obsessivo foi amado demais, a histérica de menos. Pode ser, mas não garanto, não acho que seja nenhum universal.

Mas se for o caso, um sujeito ser amado demais é ser compactado como Um, estar todo desenhadinho. E a histérica, dita mal amada, ficar no regime de estar correndo atrás do Um porque sempre a coisa lhe aparece múltipla. Ela fica na luta de prestígio, que chamam de fállica – não sei por que, pois não me faz sentido –, de estar perenemente requisitando o Um, porque tudo parece desabar.

Como ambos são de vocação neurótica, o que lhes interessa é a manutenção do Haver. Um, tentando constituí-lo o tempo todo: vetor histórico. Outro, tentando não perdê-lo. Daí, dizerem que o obsessivo detesta perder e que a histérica só pensa em ganhar. Mas é só o vetor. Se ambos deixassem de ser neuróticos, pensariam que, às vezes, operam no Haver, às vezes, no Ser, dependendo das circunstâncias.

A paralisia maior é que em função do processamento do recalque e da fixação de certo modelito interno de vetor, mesmo quando está na ordem de pensar no Ser, ela quer o Haver. O outro, ao contrário, mesmo na hora de pensar em Haver, esbarra no Ser. Mas, no decorrer do processo analítico,

quando se mexem em algumas coisas, o sujeito, de repente, esquece e troca o vetor. Isto seria normal para qualquer um no nível do juízo foracclusivo, o *juízo freudiano*. Quando não se tem compromisso neurótico, ou seja, não se faz formação de compromisso, como Freud chamava, no nível dos recalques, está-se livre para, diante de uma situação, operar por juízo foracclusivo valorizando o Haver ou o Ser, dependendo do momento, vai-se jogando com isso.

Aquele que está dentro do cacoete, que está preso junto à neurose obsessiva tentando segurar o Haver, fica desesperado, pois justamente a força que faz para sustentá-lo, por ser força discursiva, produz Ser: quanto mais trabalha para o Haver não se arrebrantar, mais Ser produz, mais múltiplo fica. O chamado obsessivo, se é que isto existe, é aquela coisa infinita, trabalhosa, que, como dizem, não suporta deparar-se com nenhum desejo, o que é uma evidência.

Basta exibir-se um mínimo desejo para o obsessivo começar a sacanear, entrar em pânico. Pensamos esse tipo de coisa no nível das neuroses particulares, dentro do consultório, mas, em termos de Clínica Geral, podemos observar no mundo que encontraremos isso de montão.

Ontem, por exemplo, eu estava para estacionar numa rua onde havia vários carros parados. Noto um cara entrando no carro, então venho e paro atrás, esperando-o ir embora. Foi só ele perceber que eu ali estava, para diminuir seu ritmo. Isto é da ordem da neurose obsessiva: ele viu que havia desejo de entrar naquela vaga, começou a sacanear o outro.

O Recalque Originário, no circuito do Pleroma, estabelece a distinção entre o Haver enquanto tal em face do desejado não-Haver. Ou seja, o que de múltiplo terá sido cerceado seria a vocação de atingimento do não-Haver, que é impossível. Então, há o Haver, o Um, etc. A fractalidade é interna ao Haver. Ela é conseqüente da formação do Haver por instância do Real. É no nível da catoptria do Real que a exigência é infinita e pede até o que não-há.

Está aí instalado o conceito de Recalque Originário entre Haver e não-Haver, com conseqüências drásticas no nível interno. O nível baixou e temos duas conseqüências. Primeira, posso imitar o Um pela conta-por-um

que faço no interior. Segunda, posso imitar – e não posso não imitar, porque a catoptria está funcionando – aquele desejo de não-Haver, que não há, criando fractalidade.

O Recalque Originário tem, então, essas duas conseqüências e, por ser estruturante genericamente, faz funcionar o Revirão em qualquer nível: no do eixo vertical, no do horizontal, intra-níveis e inter-níveis. O Revirão é a máquina criada juntamente com esse momento. Do ponto de vista de distinção teórica, a série dos recalques, os recalques Primário e Secundário são possíveis porque há o Originário.

A distinção Ser/Haver que estou traçando em outro nível, é também possível por causa daquele acontecimento. Tanto é que não é preciso mais, pela repetição insistente do Revirão em qualquer nível e em qualquer eixo, reportar-me ao Recalque Originário. Posso trabalhar entre Primário e Secundário o tempo todo. O Originário é posto, é dado, e está encerrado.

Todos os eixos possíveis de vetorização são fundados por via do Recalque Originário. Então, ele se repete em qualquer eixo como Revirão. Ele não é fundador apenas das séries dos recalques. No nível dos recalques, é, só-depois, fundador da seriação: Originário, Primário e Secundário. No nível do eixo horizontal, é fundador do liminar que há entre Haver e não-Haver, entre Ser e Haver, que é distinção interna ao Haver.

Se há recalque, a dominante é de Haver. A dominante recalcante é sempre de Haver, pois, se não, seria corroído pela multiplicidade, que perderia a potência de recalque: tudo que é corroído pela multiplicidade perde sua força recalcante. Isto porque, em última instância, a dialética é entre consistência e inconsistência. Onde, como eu já disse num Seminário do ano passado, vamos parar com esse negócio de feminino e masculino, pois isto não existe. O que existe é consistência e inconsistência.

Se essa vetorização for um pouco válida, poderíamos dizer que a vertente *fóbica*, a vertente negativa da morfose, é da mesma ordem de Ser da vertente obsessiva. Só que é outra coisa, pois aí, por ser morfose, não incide recalque, portanto, o jogo é diferente.

No regime da insistência de uma constituição mórfica, apela-se para o vetor liminar do Ser. Sem passar por um recalque, o que o fóbico encontra é uma veemente contundência diante de certa formação que arrasa com a sua estabilidade de Haver. Há um aspecto mórfico insistente, que é contraposto à segurança de unicidade com que esse sujeito se garante em cima do fetichezinho. Tudo é fetiche. Há uma formação qualquer que se estraçalha diante de determinado aparelho, de determinado comparecimento do que se chama de objeto fóbico, que simplesmente acaba como índice de Haver desse sujeito.

É, em outra região, semelhante ao obsessivo. É o contrário disso que querem chamar de perverso, que seria a morfose positiva que age no sentido de se garantir perenemente o gozo instalado sobre determinado objeto que garante o seu Haver, a sua unicidade. É por isso que chamavam de gozo-fálico propriamente dito, mas num regime completamente diverso do regime da neurose.

Então, em livros de psicanalistas, encontramos: “aspectos fóbicos da neurose, aspectos perversos” ... Não existe isso! O que existe é que qualquer histérica ou qualquer obsessivo está adscrito às formas de gozo, corporais e outras, que existem para a espécie humana e vão jogar com isso, na sua história, na disponibilidade dos modelitos, etc., dentro do modelo neurótico. Não há perversão nem fobia nenhuma.

O termo é que está mal designado porque, ao invés de acompanhar o movimento dos vetores em cada caso, define-se a perversão por índices de normalidade comportamental. O que tem determinada histérica a ver como que você acha que é normal? Ela, como boa histérica, está cagando para você. Insistir nisso é não entender nada e fazer uma grande bagunça dentro do processo de vetorização do sujeito. O que está ali se jogando vetorialmente entre o que é pressão recalcante ou retorno do recalcado, chama-se de “perversão na histeria”, quando não há perversão alguma, e sim jogo de forças no nível do recalque.

O mais difícil – e sobre o que teremos que nos delongar em outro momento – é que uma coisa parece evidente: a *paranóia* é na vertente do

Haver. Se não por nada, por aquele ponto de basta que vira um arrebite na sua história. É na vertente de produção perene daquele ponto. Mas prefiro não discutir por enquanto a psicose, pois isto exige outro tipo de panorama.

\* \* \*

Para encerrar – e deixar aberta a questão para as próximas vezes –, não se tratam apenas de dois, há um terceiro eixo. Se quisermos ser cartesianos para valer. É a velha história da tridimensionalidade das coisas.

No começo da minha fala de hoje, descartei a Dinâmica por ser consequência e não constituição. Isto justamente para poder assumir que o terceiro eixo é o que se poderia chamar de intensivo, que, além do tópico e do liminar, é o eixo da quantitatividade das forças. Aí é onde Freud amarrou o cavalinho da Economia.

O eixo intensivo faz falta absolutamente na medida em que vai registrar e gerir o regime do que Freud chamava de investimentos, das forças em jogo do ponto de vista quantitativo das pressões para a instalação daquelas coisas. Então, no regime do primeiro eixo, a passagem é pura passagem de Tópica. Por exemplo, se psicose ou neurose são da mesma ordem do eixo vertical de passagem de um regime para outro, isto não faz muita distinção. A distinção está na questão de haver ou não recalque e de como haver recalque, o que depende do terceiro eixo.

Qual é a relação entre as forças recalcentes e as forças recalçadas para: não se ter recalque, caso de morfose; ter simples recalque, o que se poderia chamar de primeiro grau da reificação; ou ter hiper-recalque, segundo grau da reificação? Isto medido pela intensividade e a relatividade das forças em jogo.

Encontramos analistas perguntando: “Dizem que é a função paterna, o modo como pai e mãe operam dentro da casa, etc., que faz a criança ficar psicótica, mas, numa família de vários filhos, por que um ficou psicótico e outros não?” No eixo das intensividades, tudo é muito relativo. Que forças em

tal momento estavam em jogo do lado da repressão e do lado do reprimido para, nessa mecânica, isto se situar como resultante para lá ou para cá?

É o que Freud, não sabendo tratar, ou não querendo, chamou de *predisposição*, que não é nada que nasceu com o sujeito. São as predisposições a esse fenômeno. Para determinado sujeito, uma forma de repressão funda recalque imediatamente; para outro, passa por cima, não doeu. Por que não doeu? Há uma ordem *estética* em jogo, amplíssima.

A Dinâmica, como eu disse, não é constituinte, é o resultado das forças em luta. Se considerarmos que coloquei o Revirão como fundamento, tanto faz Freud ou Janet, pois é circular: é dinâmico porque é catóptrico, é catóptrico porque é dinâmico.

De cada caso, é bem provável que eu tenha que admitir que é o eixo das intensidades que gera a pressão contra a reversibilidade, que gera o irreversível da coisa. Mas é relativo, pois isso não são senão investimentos parciais da única força que é a *konstante Kraft*, a libido. E, seja qual for o movimento localizado, finito, que isso possa fazer operar, em última instância, em termos de Pleroma, encaminha-se inexoravelmente para: desagregação e reagregação.

O mesmo vetor que regionaliza em função dos outros vetores, é por sua própria força que carrega para o brejo. Por isso, fico sem saber se é só a ele que posso adscriver a irreversibilidade. Isto porque há a própria resistência da formação, a resistência do nível em que a coisa se coloca de recalque, a resistência do vetor de escolha entre Haver e Ser... Tudo isso está fazendo resistência.

14/MAI



## 9

### C7H17N03

*“Os sonhos mais lindos, sonhei!”*

O título de hoje é a fórmula da Acetilcolina.

Além de estarmos no ano Comenius, segundo a Unesco, esta foi considerada a década do cérebro. A acetilcolina, segundo os especialistas do cérebro, é a fórmula da substância química envolvida na produção do sonho. E a gente que pensava que era o desejo...

Na produção do sono, por sua vez, os elementos nele envolvidos seriam induzidos pela norepinefrina. Os estudiosos dizem que há um momento no sono em que a acetilcolina começa a funcionar. Eles podem verificar isto pelos “movimentos oculares rápidos”, MOR, do sujeito que está dormindo. Em inglês é REM, *rapid eye movement*.

O que podemos juntar disso com a famosa *Traumdeutung*, que vai fazer cem anos daqui a pouco?

\* \* \*

Ouçam a frase que retirei de uma reportagem bem popular, que estava na revista *Veja* (não com todo o fulgor da família Collor). Diz o seguinte: “Fetos de sete meses de gestação e bebês recém-nascidos sonham duas vezes mais do que pessoas adultas ( ... ). Os bebês sonham muito porque estão construindo

suas referências na memória, já os adultos não precisam sonhar tanto, porque já dispõem dessas referências”.

Freud disse que a construção do sonho era a realização de um desejo, nem que fosse desejo de dormir. Se ele pôde dizer que o sonho era a estrada régia para o Inconsciente deve ser não por aquilo que se encena dentro dos sonhos, ainda que isto seja o que chamou de um “outro palco”, mas sim porque o que se apresenta no sonho como algum roteiro leva ao que quis chamar de “umbigo do sonho”.

Se o sonho tem a ver com a “realização”, entre aspas, de um desejo, isto só tem a ver com o que podemos chamar de *fixação*. Isto tanto do lado do recalçado quanto de seu retorno. A única coisa que ali ainda não tem a ver com fixação é o vazio de um umbigo, que eu diria que é o vazio do Cérebro dos anjos, na sua imantação pela falta absoluta engendrando o que é própria e verdadeiramente inconsciente: o que se passa entre Haver e nãoHaver.

É bem possível que a descoberta dessas químicas cerebrais não tenha que invalidar a tese de Freud. Mas é preciso repensarmos.

Parece, então, que a gente sonha para sonhar. Do mesmo jeito que, quando estamos acordados, acordamos para sonhar de novo. Lacan colocava a questão: “O que é realmente despertar?” E chamava atenção para o fato de que quando se acorda do sono ou do sonho, acorda-se para continuar sonhando. Ele também dizia que o despertar só existe no encontro com o real.

É o que digo, que só se desperta realmente no Cais Absoluto, por um átimo de tempo, e se retorna a continuar no “a vida é sonho”, como dizia Shakespeare. Então, o sonho continua sendo, dormindo ou acordado, realização de desejo... de dormir. Ou a gente sonha acordado ou dorme de pé: noventa e nove por cento da vida são sonambulismo puro.

Será que poderíamos dizer que as fixações que o Inconsciente costuma manejar na produção de sonhos são da ordem da *hipnose*? Problema seríssimo. De repente, essas bobagens que se chamam de desejos constituídos são hipnóticos. Já que o etológico está furado e que os comportamentos não são decisivamente engendrados pelo etogramático de nascença, quem sabe se a

psicanálise não precisa retomar e repensar a hipnose? Ou seja, nossas motivações, por mais brilhantes e interessantes que sejam, têm algo da ordem do sonambulismo.

Só há despertar no regime da Indiferença radical. O que quer que se estruture como oposição dentro do Cérebro angélico é mais ou menos fixado pela repetição sonhante, mediante um gosto, pelo dormir, talvez constituído e repetido por uma hipnose.

Se a psicanálise tem a ver com o Inconsciente que verdadeiramente fica entre Haver e não-Haver, na denúncia de um vazio radical de um Cais Absoluto para o Impossível, só ali, fora de qualquer sonho e de qualquer sono, há um breve despertar capaz de inventar um novo sonambulismo ou um novo conteúdo para os sonhos.

Por isso, dizemos ter certos sonhos a realizar... Só temos sonhos! Teríamos mais o quê, afinal de contas? Então, aquilo que Freud dizia achar no sonho como possível realização de um certo desejo, na verdade é repetição fixadora de uma experiência de satisfação, de prazer. Por isso, talvez a humanidade seja tão devagar, repetindo esse sonho.

Todos os processos que acontecem conosco, inclusive nas formações ditas patológicas, estão na dependência dessa sonhação, que será mais ou menos adscrita ao procedimento de verificação de realidade, que Freud chamava de prova de realidade. Na verdade, é um gigantesco sonho permanente com provas de realidade mais ou menos aceitáveis constituindo, a cada momento da nossa frequência na história, uma certa noção de realidade muito doida, muito delirante. Isto porque, prova de realidade efetiva, não se tem.

Fica, então um pouco difícil separar o sonho de qualquer realidade mediante essas provas extremamente precárias. Fica difícil dizer que o que quer que se componha não seja *delírio*. Assim, o delírio não serve de modo algum para classificar uma nosologia. Isto dependerá de que delírio, ou seja, de que relação mais ou menos frouxa, certo delírio terá com uma prova de realidade aparentemente aceitável no momento presente. Nadamos no escuro, numa certa tentativa de apalpamentos e tateamentos da situação.

Duas questões, então:

A primeira é que não se tem distinção precisa entre delírio e não-delírio, a não ser certas provas de realidade que parecem aceitáveis em determinado momento. Isto classifica toda e qualquer produção teórica, por exemplo, como uma formação delirante. Freud já havia dito isso, mas psicólogos e psicanalistas se esqueceram. De tal modo que alguns chegam a dizer: “A teoria do Magno é muito delirante”... Ia ser o quê? Outro dia abri a *Monadologia* de Leibniz e fiquei espantado, pois o cara era completamente pirado. Como é que pode inventar um troço daquele? É absolutamente delirante, mas é formidável.

- Pergunta – *E se você tomar como prova de realidade o ingresso no “consenso de observador”, mais nada?*

Aí fica de uma tal democracia que fico com mais medo do que do louco, pois vou ficar debaixo da ditadura da opinião pública. Prefiro, então, lidar com louco privado, porque ele é mais diferentinho. Se não, vou cair no marketing ou na democracia. E democracia é o pior governo possível, não acha?

- P – *Não!*

Pelo menos, para o Inconsciente, é!

A outra questão, além dessa de prova de realidade em relação ao delírio, é: se o sonho é estrada régia – e não, como dizem alguns, “real”, que, em português, é uma palavra muito ambígua – para o Inconsciente, por que vou dar muita atenção aos sonhos se todo mundo está sonhando o tempo todo? Por que dar tanta importância aos sonhos numa análise, por exemplo?

Freud fez isso porque queria descobrir o processamento do sonho no Inconsciente. Mas quando escutamos as coisas no consultório, sabemos muito bem que o sujeito está fazendo igualzinho como faz no sonho. Então, tanto faz contar um sonho ou qualquer bobagem, dá na mesma. Ele está sonhando mesmo, ele, não quer acordar...

- P – *Como é que se sabe quando uma pessoa está acordada?*

Segundo Freud, é quando ela tropeça, dá uma topada, faz um vigoroso ato falho que equivoca tudo, cai numa de absoluta indiferença, nisto que chamo de Cais Absoluto, momentâneo, etc. Parece que, aí, há um breve despertar. Mas a gente volta correndo, recai imediatamente... Então, o processo é de movimentação, é extremamente dinâmico dentro dessas possibilidades de abordagem do sonho. Não há outra saída.

Mas isso não impede, que deliremos o mais corretamente possível dentro das circunstâncias contemporâneas. Lacan dizia que não era bom analista o suficiente por não ser psicótico o bastante. O que quer dizer disto? Que é de se esperar do rigor a possibilidade de intervenção mesmo que seja delirante? Questão grave.

Mesmo que o rigor seja delirante, Lacan parece esperar dele a possibilidade de intervenção. Ou seja, é melhor um bom delírio do que nada. Esta é a história do pensamento humano, da filosofia, da ciência, da arte, da religião. Prova concreta, temos no que acontece na psicose efetiva. Damos graças a Deus quando o sujeito fica paranóico, por ele não se perder inteiramente... O deslize radical em cima de uma esquizofrenia pura seria o fim da picada e a morte certa. Até os psiquiatras acham que ainda bem que o sujeito é delirante, que tem uma boa teoria, como a de Schreber, por exemplo, para continuar tentando elaborar as coisas.

Nós nos esquecemos de que vivemos metidos nessa loucura e que os acertos e os desacertos, mesmo da ciência, não estão muito longe do desbaratamento radical. Então, vamos deixar de ser bestas e, pelo menos, entender que os processos são assim.

\* \* \*

Eu gostaria de fazer um breve resumo do que vimos até aqui.

Na seqüência do Recalque Primário para o Secundário – já há algum tempo venho deixando de lado o recalque dito Originário, pois ele está sempre presente, em todos os interstícios –, como já falei, encontramos graus de reificação.

Nessa sonhação, nessa fixação de desejos nomeados que vão insistir nos sonhos, e que vão eventualmente sofrer processos de recalçamento numa nosologia específica, um primeiro grau de reificação pode ser chamado de *Analogia*. A pura e simples operação de tomar um proibido e operá-lo como se fosse impossível, já é um pequeno processo de reificação, ainda que se esteja com a noção de que se os está operando.

O segundo grau é quando já se constitui essa analogia como sintoma: esquece-se de que está operando uma analogia e se opera sintomaticamente. Efetivamente, é isto que Lacan chamou de *Metáfora*: o proibido já não é mais operado *como se* fosse impossível, mas é sintomatizado para o sujeito como impossível *mesmo*, um recalque chamado Secundário.

O terceiro nível, chamo de *Hipóstase* da Lei: o proibido é acoplado ao impossível. É o que chamei de hiper-recalque. Não só se está operando uma metáfora, em cima de uma analogia para com algum dado dito natural, quer dizer, um sonho da natureza... Se tomarmos o que eu disse, a árvore é um sonho da natureza, a lua é um sonho de Deus, por que não?

Então, temos a possibilidade de estabelecer uma analogia entre dois níveis, do Secundário para o Primário; temos a possibilidade de recalcar essa analogia, de maneira que ali não se toma mais *como se*, mas como *mesmo*; e temos a possibilidade de reificar mais ainda, de acoplar alguma co-naturalidade, no nível do Recalque Primário, de maneira que fica aí grudado, e foi isto que responsabilizei pela psicose.

Retomemos os eixos de vetorização:

O eixo *vertical*, tópico, de passagem de Primário para Secundário e vice-versa, pode ser progressivo ou regressivo. É sempre regressivo no caso da psicose: o conceito de regressão, aí, está sendo usado como regressão tópica mesmo entre os níveis de recalque. O eixo *horizontal*, liminar, fica entre Ser e Haver. Aí, comentei um pouco sobre histeria e neurose obsessiva. E o eixo de *perfil*, intensivo, é das intensidades: mais forte, mais fraco, etc.

Nessa Dinâmica, dentro dos processos de recalques Originário, Primário e Secundário, temos o Recalcante, *Re*, o Recalcado, *Ro*, e o Persistente, (que

só podia ser:) *Pt.* O persistente insiste, são essas formações sonhosas que insistem e serão recalçadas ou não secundariamente. Se são recalçadas, é porque existe algum recalcante, alguma formação fazendo pressão para aquele recalque.

Isso é absolutamente compatível com tudo que Freud colocou. Ou seja, um recalque não se sustenta se não tiver uma *patrulha*. Onde, por mais que o Recalque Originário seja construtural, em função do repique dentro do Haver pelo fato de que não-Haver não há, nada impede pensar que as formações dos recalques propriamente ditos dependem, no nível Primário como no Secundário, de patrulhas, de forças recalcantes.

O que temos aí sempre é uma polêmica intensiva entre forças recalcantes e forças recalçadas, ou forças de retorno. Isto porque, se não fazem força, são mero recalque; se fazem força, são conflitos, entre o recalcante e o que retorna, o que tende a retornar. Recalcado só pode ser aquilo que tende a retornar. Se não, não era recalcado, e sim reificação absoluta, a qual nem no caso da psicose o é: é regressiva, mas é capaz de explodir dentro do Primário, é capaz de fabricar algum tipo de retorno no diálogo do Primário com o Secundário, tanto é que se pira delirando, inventando um sonho novo.

Então as forças são recalcantes e retornantes. Ou seja, não existe o recalcado, graças a Deus! Se existisse, virava-se um animal específico. O recalcado seria aquilo que não retorna. Na verdade, chamamos de recalcado, mas é simplesmente um retornante, um *revenant*. São os fantasmas do Outro mundo, do mundo do recalque, que são tão reais que, por existirem no nível Primário também, retornam contra as próprias formações ditas naturais. Tanto é que, em alguns quadros, de Chagall, por exemplo, o pintor tem sete dedos...

No meu projeto, então, retorna em qualquer lugar. Tanto é assim que há alucinação, a qual é retorno do recalcado, em nível Primário: revira-se a realidade, aparece uma alucinação. E o que chamamos de delírio são borbulhas no Secundário com pegos no Primário. Ou seja, delira-se no Secundário e alucina-se no Primário.

Delírio bacana é, por exemplo, a produção de uma teoria científica: o cara começa delirar com o que há no Secundário da teoria, levantando certos

recalques, mas invadindo o campo do Primário. Para, por exemplo, não aceitar que os átomos sejam tais quais foram ditos pelo cientista anterior, é preciso alucinar uma nova forma de átomo. Isto faz parte da invenção.

Precisamos parar de dividir a humanidade entre loucos e sadios, pois é abuso de poder. Dizer que “a loucura é direito de todos”, como está num cartaz espalhado por esta Universidade em que estamos, já é supor que sou bonzinho: eu vou dar o direito ao outro de ser louco – já tem safadeza aí. Se fosse um direito, estava bem, mas o pior é que é obrigação. Democracia da loucura é simplesmente aceitar que ela está aí. Então, não é direito: é imposição, condenação de todos. É claro que, por causa disto, não vamos implantar a porralouquice generalizada como fizeram os movimentos dos anos 60.

É possível estabelecer um mínimo de distinções no sentido de os sujeitos não se ferrarem inteiramente. Mas essa média é extremamente difícil. Talvez com uma Dinâmica possamos (de modo algum definir, mas) assertar, combinar uma média de loucura razoável: conseguir fazer pactos de loucura razoáveis.

\* \* \*

Vejamos as vicissitudes do recalque.

O que acontece na *Neurose*? Sob pressão – eficaz, é claro, se não, não adiantava – do *Re*, o *Pt*, como fixação – que escrevo: fixão, com *x*, torna-se *Ro*, mas encontra via de retorno (ainda que parcialmente) traduzido, deslocado (por semelhança). Há uma vontade de retorno, parecida com a vontade de recalque, no nível do metafórico: assim como por metáfora recalquei, por metáfora retorno. Ou seja, substituído em sua significação, como sintoma, em alguma persistência compatível com a significação do recalcante.

É a tapeação do retorno do recalcado, que se aproveita de certa significação do recalcante: aceita-a, não precisa recalcar, faz uma metaforazinha e invade de novo. Na verdade, é uma estratégia política do



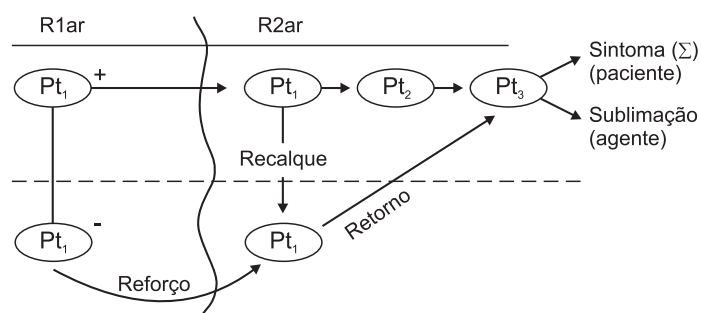
Haver. Na neurose, não se trata de burlar a lei, mas de cumpri-la, ao mesmo tempo que se aproveitando dela para fazer esgueirar-se (como sintoma) o retorno do recalçado, ou seja, a força retornante.

Isso não é muito diferente da chamada sublimação. Existe o moralismo da sublimação, que é uma coisa horrorosa. Nela, na permissividade da significação do recalcante, o neurótico faz um sintoma para ele, mas é um sintoma que acaba invadindo sua própria existência, às vezes até mesmo corporal. É uma desculpa: “Você não deixa eu dizer isto, mas posso ficar doente. Você acha bonitinho, fica com pena de mim, eu pago com esse preço a possibilidade de dizer o que está interdito”.

A diferença, então, é que, na sublimação, aproveita-se uma formação sintomática disponível no campo do recalcante. Não é apenas uma permissão que o recalcante dá para que eu, enquanto inferiorizado, possa funcionar. Existem no campo do recalcante certas formações, consideradas bacaninhas, ao invés de eu fazer sintoma aqui, entro no sintoma dele. São sintomas permitidos e, às vezes, valorizados no mercado.

Quando Marcel Duchamp, por exemplo, critica a constituição da obra de arte, nas artes plásticas, em cima do que chamava “sintoma nasal” do pintor, sintoma olfativo, está apontando que inventaram um recanto sublimatório para os artistas plásticos em que eles, ao invés de terem como força maior a intensidade de produzir a obra, têm a intensidade do manejo do *métier*: ficar cheirando terebentina, essas coisas... que não é muito diferente de cheirar merda. Criou-se aquele local privilegiado, mediante um tesão nasal deslocado para a terebentina, onde o artista se sente muito feliz sublimando não sei o quê. E é absolutamente dispensável, pois não é preciso terebentina para ser artista. É um exemplo típico de sublimação por via gozosa do nariz (de Freud e Fliess).

Digamos que o lema da neurose seja: “Cumpro a Lei, mas nem por isso deixo de dizer o que, apesar dela, me convém – mesmo que seja mostrando os estragos que minha obediência me faz e lhe faz”. Muito trabalho para pouca coisa.



Temos aí algo que persiste,  $Pt$ , e o tracejado como região do recalque. O  $Pt$ , de cima, pode, no Primário, ser eventualmente recalcado para baixo, ou seja, existe algo que é contraposto a ele aí no regime do Primário: persiste em cima, mas outra persistência é possível justamente no avesso da primeira. Mas o  $Pt$ , não entra no Secundário com sua persistência específica, pois o Secundário tenta recalá-lo para baixo.

Acontece, que isso não persiste sozinho, pois outras persistências estão disponíveis. Mesmo no fato do Recalque Primário, busca-se, pelo menos, uma analogia e, no caso do Recalque Secundário, a metáfora de algo que é negado mesmo no nível do Primário. Assim como a mão só tem cinco dedos, minha persistência precisa amputar-se tal qual, e isto é metaforização do Primário para o Secundário. No que o recalque funciona no Secundário, faz-se uma metáfora do que vem do Primário, mas consegue-se um retorno eventualmente através de uma persistência qualquer, que não seja a mesma e que inclua a possibilidade de isso se dizer, nem que seja parcialmente: no caso da neurose, como sintoma; no caso da sublimação, como sintoma externo, do mundo. É a mesma coisa, funciona igualzinho, só que um prejudica para cá e outro engata para lá – é uma questão de vetor também.

Muitas vezes, então, tenta-se a cura parando de sofrer e engatando onde permitem. Este é o problema da sublimação, da qual, é claro, usa-se e abusa-se. Não é tudo que tem que ser sublimado: há umas coisinhas que podíamos botar para quebrar, e que não são diferentes de uma sublimação. Por

que um texto santarrão sublima mais do que um texto pornô? Este é tão sublimatório quanto um texto religioso, pois fez o mesmíssimo percurso, tanto é que se vende no mercado, que já não seria tão escondido como antigamente. Basta ver a magnífica Hilda Hilst. Isto sem crítica à pornografia de baixo nível, que é deliciosa. O Prof. Carlos Alberto Messeder, diretor desta nossa Eco – da verdadeira, e não da 92 –, sugeriu que fizéssemos um grande congresso sobre erotismo e pornografia na Universidade. Seria ótimo, mas não sei se vai dar. Isto por uma questão de reciclagem de lixo...

\* \* \*

Na *Morfose*, sob pressão talvez insuficiente do recalcante, o persistente, como fixão, insiste, é claro, mas segundo duas maneiras.

Insiste *diretamente*, cara-de-paumente, tentando substituir-se ao enunciado legal – e isto é o que caracteriza a morfose, pois a pura e simples insistência na vetorização caracteriza somente um sonho que a cultura, mediante seus interesses, chamará de perversa ou não, mas que, na verdade, é apenas uma persistência. Isto é o que caracteriza a morfose, seja ela de vetor positivo ou negativo, disso que chamam de perversão ou fobia.

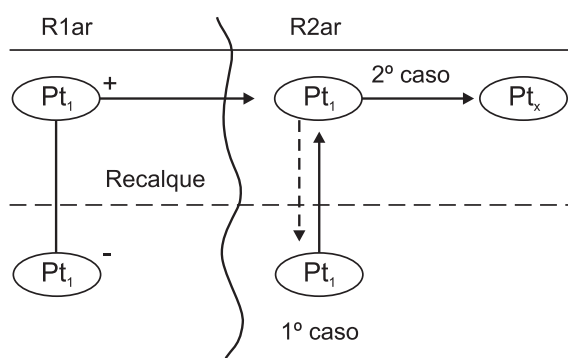
“Você diz que o enunciado da lei é tal. Como ousa? Eu, cara-de-paumente insisto e persisto no meu sonho e digo que a lei é o que *eu* estou dizendo, e não o que você está dizendo!” Isto é de uma ambigüidade extrema, pois ao mesmo tempo que é um processo de luta política com a situação, não deixa também de incluir, em caso de morfose típica, um desconhecimento do outro, um desinvestimento em qualquer dialogação com o outro em relação à Lei.

O que encontramos, em muitos casos, é um desinvestimento em qualquer dialogação com o outro. Mas julgar disso é precipitado, pois pode ser tanto (a) um desinvestimento radical, pura e simples substituição da lei do outro pela minha, como (b) uma máquina de guerra reconhecendo o outro e, portanto, fazendo guerra abertamente.

Onde colocaremos o Marquês de Sade, cujo kantismo Lacan tentou nos desvelar? Parece-me que Sade, como podemos conhecer, que é textual, e não é o Sr. Alphonse, faz uma máquina de guerra evidente, boa ou má. Ele diz com todas as letras, baseado no próprio imperativo da sociedade que o condena, que a sua imposição erótica é conforme com as vontades da natureza, que era invocada por aquela espécie, segundo Lacan, de kantismo da liberdade. É só fazer um esforço a mais... Como situar precisamente isso? Ficamos entre duas posições, entre *Kant com Sade*, de Lacan, e o meu *Cante com Sade* – talvez a canção ou escansão faça sentido...

*Indiretamente*, é a outra maneira de a morfose persistir. Ao invés de defrontar-se com o enunciado legal e substituir-se a ele por via direta – e diferentemente do retorno metafórico do recalado, no caso da neurose –, a perversão ou a fobia, por exemplo, inventam um *disfarce*. Não é um retorno do recalado com formação de sintoma, mas um deslocamento metonímico com produção de um *disfarce*.

Isso é pespegar-se numa determinada formação, de maneira talvez metonímica, para esconder-se atrás dela, o que é diferente de formação sintomática. É o caso, por exemplo, do que chamamos fetichismo: o sujeito se esconde atrás do fetiche como formação disponível para enganar os olhos do observador. Isto ou porque sai ganhando com isso, ou porque, mediante o fetiche, pode transar todas, já que põe aquele objetinho como garantia, sem formação sintomática de especificação de comportamento erótico, por exemplo.



Nesse caso de persistência indireta, se há morfose propriamente dita, e não uma simples máquina de guerra – ou seja, se o sujeito está imbuído desse troço a ponto de não perceber que sua formação fetichista é uma construção, que ele não a maneja, que está subdito ao disfarce, o que é diferente de arranjar um disfarce como ator –, é mediante o disfarce que o sujeito tentará substituir-se à Lei. Ou seja, a lei é: “O imperativo de gozo é tal objeto, e não o que você está dizendo!”

Os analistas, de modo geral, supõem existir uma verdade normativa a respeito da qual têm que convencer o analisando. E quebram a cara, certamente. Suponho que é muito mais eficaz fazer-se entender o processo de disfarce e, pelo menos, transformá-lo em uma máquina de guerra. Por que o sujeito não teria direito à sua perversãozinha, desde que haja diálogo com o outro, que ela não seja assassina... como aquela que querem aplicar sobre ele dizendo querer “curá-lo”?

Teríamos, então dois tipos de lema possíveis. No primeiro caso, da persistência direta: “Cumpro a Lei, mas por uma troca mediante a qual faço ocupar o lugar da Lei pelo que me convém”. No caso de disfarce: “Finjo que cumpro a Lei, mas sob o disfarce mediante o qual ocupar o lugar da lei que me convém”.

Uma máquina de guerra não diz nem uma coisa nem outra. Diz: “Contesto e discuto a Lei”. Isto é muito diferente. Não há a menor morfose, porque tudo está claro.

É preciso não nos confundirmos, pois é bem possível que, numa escuta, perceba-se que, no segundo caso, da formação de fetiche, a coisa tenha um pouco de sintomático. Isto acontece, pois pode haver alguma relação dessa formação metonímica com algum recalque em torno daquilo. É quando analistas escrevem em livros: “o perverso jamais procura análise a não ser por certos recalques em torno de sua perversão”. Pode ter havido recalque e, então, a troca é feita sob o disfarce do retorno do recalcado: metonomiza-se a metáfora.

Ou pode não ter havido recalque nenhum, mas o disfarce ser promovido por (a) ameaça ou (b) interesse de ganho a mais. Cada caso é um caso. E não esquecer que o disfarce pode ser positivo ou negativo, ou seja, o que chamam de perverso ou de fóbico.

A persistência direta é o que seria propriamente perversidade. Mas onde podemos colhê-la? Apenas na contestação do que é apelidado de perverso no seio do social e gerido por tal lei? Ou também na formação do enunciado da lei de tal grupo social com seu sonho particular impedindo a singularidade?

Na situação absolutamente perversista em que o mundo começa a reconhecer-se como habitando – sempre foi assim, mas começa-se a reconhecer isto –, temos a formação esquisita, na moda, do “Politicamente Correto”. O que é transformar algo sintomático, ou algum disfarce, em máquina de guerra. Mas, por si mesmo, já é morfótico, pois ainda chamam de “correto”. Então, é a *obrigação* de ser politicamente correto: é a Lei sobre a Lei.

Estou esperando que nasçam os que digam que são politicamente incorretos. Aí, será a contestação da permissão de contestação. O politicamente correto é um outro rótulo, que torna em perversidade a ação da Lei, justificando, no campo do social, os disfarces e os sintomas como lutas políticas internas. Mas por que tem que ser “correto”? Esta é minha questão.

No caso de morfose, poderíamos dizer que certa persistência, que sempre tem um avesso possível, persiste no Secundário. Há tentativa de seu recalque. Como este recalque não funciona muito bem, há, primeiro caso, contestação desse recalque; e, segundo caso, toma-se como disfarce uma persistência  $x$  qualquer.

Isso tem fortes aparências de retorno do recalcado mesmo não o sendo. Mas às vezes é, pois está acoplado a uma função sintomática. O cara toma um sintoma e o transforma em fetiche. Às vezes, não: simplesmente faz a metonímia por um acontecimento histórico do momento. E isto tem todas as possibilidades de Revirão interno, entre positivo e negativo.

Cito freqüentemente um texto da revista *Scilicet*, onde os autores ficam perplexos de encontrar no mesmo cara, com o mesmo objeto, uma posição fóbica e um perversa – o caso do botão. É o Revirão interno. O mesmíssimo

objeto em situações diferentes: numa, servindo como fetiche, para o que chamam de, perversão, e noutra, servindo de objeto fóbico.

No primeiro caso, então, temos um desafio direto diante do suposto aplicador da Lei. E, nos textos dos analistas, encontramos coisas espantosas: a classificação e qualificação da perversão pelo *desafio*... Assim, há perversos chamados Freud, Lacan, pois desafiaram mesmo o saber contemporâneo, desafiaram mesmo.

No segundo caso, o sujeito, pelo disfarce, oculta o seu comportamento daquele que é, suposto aplicador da Lei. O disfarce é puramente de ocultação. É certa classificação de perverso em que não se encontra nenhum fetiche, e só que ele está sempre tapeando o outro – é uma maneira de ele gritar. Não há nenhum fetiche específico mas, no seu comportamento, ele tapeia o outro, faz sempre escondido.

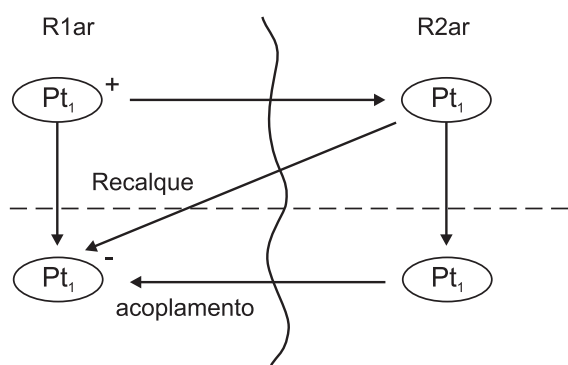
O disfarce é por deslocamento, por metonímia, o que permite efetivar-se no seu funcionamento comportamental diante do nariz do suposto aplicador da Lei. Esta é a vantagem, a manobra do fetiche: pensa-se que o cara está comendo a mulher, mas está comendo o cabelo ou o pé, então, ninguém nota. Cada um goza por onde pode. O que vai-se fazer?!

\* \* \*

Vamos ao caso da *Psicose*.

Sob pressão excessiva do *Re* – excessiva, já diz que não depende da força recalcante, mas da relação de forças entre o *Re*, o *Ro* e o *Pt* –, o persistente sucumbe como hiper-recalcado, mas em acoplamento com algo do Primário supostamente, natural. É o que Marx chama de reificação.

Há, então, reificação propriamente dita do Secundário como se fosse retroação da Lei, como se a lei que há no Secundário fosse capaz de vigorar no regime do Primário. Aí temos um verdadeiro *neo-etológico*: começa-se a funcionar quase como animal. Não é nem um ponto de basta, é arrebite, soldadura.



O que não tem inscrição primária passa a funcionar como se a tivesse, como se fosse um verdadeiro *imprinting* de uma interdição. Todos os processos de reificação são animalizantes, são metáforas da animalização. Neste caso, é muito vigoroso, pois o que era primariamente indiferente passa a ser primariamente marcado. O que não estava marcado para esse ou aquele lado no Primário, por pressão do Secundário, junta-se a uma marcação supostamente natural e se torna marcado no Primário, aí funcionando como recalcante de seu anti-alelo no Revirão possível. Fica tão marcado que recalca toda possibilidade de Revirão no Primário.

Mas se o indiferente passa a ser primariamente marcado, este passar a ser é retroação do Secundário, e não marcação primária. Não é algo que, no nível da história do indivíduo, do que chamei de momentos estéticos, etc., se tivesse formado como uma persistência. Não tinha formação para esse lado, mas vem indicar essa imposição tardia, e aquilo passa a ser como se fosse uma marcação. E de uma virulência muito maior, pois temos guardas em todos os lugares do Secundário, do social, etc., tomando conta para aquilo ser marcado. É regressivo porque vem do Secundário para o Primário. Isto, diferentemente do que acontece na neurose, na morfose ou na sublimação, que é sempre a tentativa de andar, carregar para frente.

Chamo de neo-etológico, metaforicamente. Se supusermos que os etólogos estão certos, há formações estratificadas nesse corpo – que, diferentemente deles, chamei de etossoma –, que são os etogramas que estão



inscritos na possibilidade de certa espécie. Isto é macaco mesmo e não tem deslocamento a não ser por degradingolamento do sistema. Então, suponho que o que quer que, em nossa espécie, não seja absolutamente revirável – e esta seria a nossa singularidade – já tem um odor de etologia, mesmo no nível da metáfora, do sintoma, etc. Já é um encosto, produção de neo-etológico. Em nosso processo de educação, etc., a gente vai inventando uma etologia nova.

O simples falo de se falar uma língua, co-naturalizar-se com uma língua e achar que a outra é estrangeira... A rigor, só falamos línguas estrangeiras. Por que o português não o seria? Simplesmente, foi etologizado para mim. Daí que os procedimentos de variação de língua, desde a infância, são, talvez, capazes de deixar o sujeito na noção de que língua é um instrumento que pode ser usado sintomaticamente, mas não é necessariamente *o seu sintoma*. Então, são formações que tentam tornar-se como verdadeiros *imprintings* que persistem enquanto recalcantes e recalcados, dependendo do nível.

• P – *Seria admissível supor que essa configuração que você está propondo, de neurose, psicose e morfose, não no nível de hipóstase mas do neo-etológico, em termos históricos, formaria uma tríade dialética na qual a psicose seria a própria síntese das passagens das lutas e embates entre neuroses e morfoses? A psicose representaria sempre novas passagens. Por exemplo, o imaginário bestialógico da Idade Média poderia ser pensado como sendo vértice e ao mesmo tempo a ruptura para uma nova passagem, para um processo de neurose que se configuraria no renascimento. Seria um momento psicótico de passagem.*

Eu diria que a psicose representaria novos assentamentos. São delírios com vocação de instalação psicótica como se fosse a co-naturalidade. Mas dificilmente poderíamos entender, dadas as lutas na história, etc., que a coisa se instalou mesmo no nível da psicose. Parece-me mais que se instala no nível da neurose, vinda do metafórico, do sintomático. A não ser, quem sabe, que haja certos momentos históricos com vocação psicótica mesmo, com vocação de co-naturalidade radical. O fascismo, por exemplo.

É interessante isto que você está dizendo, pois pode haver fingimento de psicótico em Bosch, por exemplo. Fingimento de mostrar que aquele aparelho enorme era um grande delírio psicótico configurado naqueles animais, naquelas figuras. Quem sabe se a mostraçõ disso não tenha sido suficiente para deslanchar um processo de procura em outro lugar chamado de renascimento do classicismo grego. Estamos atolados nessa configuração como um grande delírio psicótico, se não mesmo uma alucinação boschiana.

O brusco retorno do anti-alelo desse marcado lá no Primário faz desmoronar todo edifício da significação, borrando inclusive a distinção dos níveis Primário e Secundário, já que a própria marcação serve como modelo para isto. Ou seja, faz-se uma regressão, uma hipóstase, um acoplamento com alguma coisa que parece um dado natural. Isto fica ali, mas, em função dos manejos no Secundário, e até de certas pressões no Primário, no nível corporal, por exemplo, de repente, pode fazer um brusco retorno.

Como a marcação atravessou a linha do Secundário para o Primário, não impede que o retorno atravessasse a linha do Primário para o Secundário e o cara, aí, perde as estribeiras.

Não há prova de realidade que se agüente num momento desses, quando há uma *Bahnung*, uma trilha. É o chamado surto. É um caminhozinho já preparado, que foi o processo mesmo de reificação para o Primário e que já abriu ali para revirar entre Primário e Secundário.

Ou seja, a coisa foi feita sem escalonamentos adequados. As provas de realidade são necessariamente provisórias e escalonadas e, sem balizamento, eu, nelas, me perco. E se me perder aí, tô fu... porque entro em surto. São, bem entendido, as provas disponíveis e aceitáveis razoavelmente pelos outros, sem nenhum “consenso”, talvez, sim, consentimento...

Brusco retorno, significa que, pelo menos, um acontecimento na vida do sujeito faz desequilibrar a conjuntura sustentada pelo hiper-recalque. Por que, então, esse neo-fixado primário, como hipóstase, não passa simplesmente, a recalcado secundário? É uma pergunta a se fazer. Porque, com o processo da hipóstase, ele perdeu todo caráter de metáfora. É isto que Lacan chama de

perda da metáfora – paterna, no caso. Perde o caráter metafórico acoplando-se a um dado supostamente natural. E se é dado natural, não é metafórico, na cabeça daquele que está fixado.

Então, a questão da cura pensável na psicose é, quem sabe, a da possibilidade, ou não, de desreificar o hipostasiado? Se isto for verdadeiro, dá-se um pequeno passo na clínica. Ficar procurando o Nome do Pai para tacar nas pessoas, já não acredito que se vá conseguir. Se houver possibilidade de achar qual é o núcleo e desreificá-lo, quem sabe, o sujeito conseguirá achar caminho de metaforização.

\* \* \*

Em termos de esquema, temos uma persistência, com seu avesso possível em relação à barra de *não*, que persiste no Secundário, sofre um recalque aí, mas isto é hiper-recalcado. Ou seja, vai-se acoplar a um *não* primário de tal maneira que a coisa fica hiper-recalcada: a persistência é recalcada, trazida para o nível do acoplamento primário. Então, enquanto persistência mesmo, está diretamente ligada ao nível do Recalque Primário. É só lermos Schreber de novo. Esse triangulozinho aí, horroroso, é que faz o processo da psicose de Schreber.

Esquematizemos de outro modo. Deixando de lado qualquer insistência de baixo, consideremos que algo já é recalcado no Primário – representado pelo pequeno círculo em Rlar – e vai-se acoplar com algo dito como lei no Secundário. Trata-se de determinada persistência que é recalcada (–), e não podemos esquecer que quando recalco, reprimo algo, estou necessariamente, porque há Revirão, dizendo que o oposto disso é positivo (+).

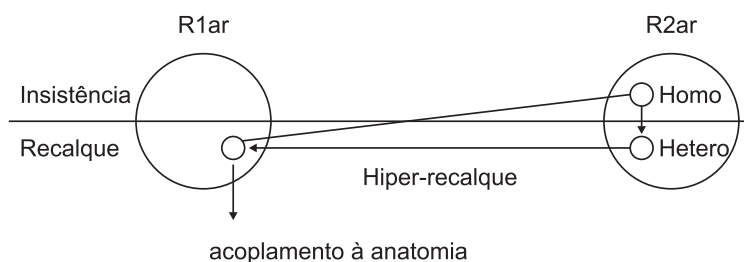
Então, recalca-se para cá, acopla-se para lá, e está formado o triangulozinho fatídico, que elimina a possibilidade de se entender qualquer manejo aí dentro como processo possível de metaforização.

Não há como metaforizar o que é supostamente dado natural, pois passa a ser suposto até no nível Primário, como da ordem do não dialetizável

de modo algum. Ou seja, o que chamo de impossível modal – que é dialetizável pelo cientista, pelo inventor da técnica – passa a ser de uma co-naturalidade tal que é fixado em todos níveis.

Mas mesmo no Primário, porque não é o Impossível absoluto, quando funciona o modelo do Recalque Originário, ou seja, o Revirão possível, isso pode desrevirar de repente, até por injunções de discurso no nível Secundário.

Na cabeça de Schreber, de repente, passa a frase: “Como, enfim, seria maravilhoso ser uma mulher sendo trepada”. Mas isto não pode. Não, para ele. Aí, Freud dirá que Schreber demonstra que a psicose tem a ver com a homossexualidade. Mas o que se demonstra aí é que se pusermos, em (–), *homo* como insistência, que é seu namorico com Flechsig, em (+) estará necessariamente posto *hetero*, recalcado.



Tem que ser para o lado do Primário, há algo da ordem do “natural”, como encontramos nos livros de sexologia do século XIX, que fazem uma listagem de perversões que são “anti-natureza”. Ora, Schreber é justamente o autor da frase: “Isto não é natural”. Pois se tem um corpo de macho, o qual lhe foi designado e fixado pelo discurso, no Secundário, com intenções de recalque, ele lhe foi designado como sendo a prova de realidade absoluta de que seu avesso, se persistente, não é possível. Então, acopla o processo diretamente ao dado suposto natural.

Schreber é um cara que acreditou piamente, por via de hiper-recalque, que um corpo macho só pode ser macho. Isto virou uma espécie de arrebite. Mas, por circunstâncias secundárias e primárias, isso dançou de repente, cruzou as linhas e não lhe permitiu pensar que era uma bobagem, uma

metáfora. Se o troço está cruzado, acoplado, ele tentará modificar no Primário, mas não como um cientista que inventasse uma operação para virar fêmea, e sim: “Para isto que pensei ser verdadeiro só pedindo a Deus, como absoluto, que me transforme em mulher”.

Se seu corpo vira fêmeo, logo é permitido o retorno do recalcado primário. Ele apela direto para Deus: “Não posso transar com Flechsig porque sou macho, mas falo com Deus, Ele me transforma em mulher e ainda me come!” É um felizardo! Quem não queria ser a fêmea de Deus?! Então, leiam os místicos.

O fenômeno do acoplamento é simples. Os indiscerníveis comem, ameaçam o Secundário o tempo todo. No que, diante da situação, pinta um processo, este, no nível pelo menos Secundário, é absolutamente indecível, será decidido pelas forças em jogo. Então, um indecível Secundário se decide pelo exemplo do Primário em nível baixo, de primariedade de formação co-natural, de corpo, etc. Aí, ele se acopla como pura natureza.

E o cara pira, porque as provas de realidade são absolutamente deslocadas. Ele tem que ir à instância máxima. Ele viaja – da maneira que pode, com o rabo preso no já recalcado do Primário, que é o que não solta nunca – até o Cais Absoluto e fala com Deus. E Deus faz milagres, etc., cuja prova de realidade é impossível: são puros delírios, alucinações...

\* \* \*

Para além de neurose, morfose e psicose, temos que pensar também na existência de uma *Tanatose*, de que já falei. É quando o cara estaciona num lugar onde ninguém pode estacionar. Estaciona de marotagem: um estacionamento meio indeciso no Cais Absoluto. É isto que se chama de melancolia e de autismo. Ele quer fugir desse inferno todo, vai para lá, estaciona lá. Com o rabo preso, naturalmente.

Já o que chamo de Denúncia do Sujeito, e que nada impede que se chame de Sujeito da Denúncia, é a possibilidade de despertar de vez em quando

desses sonhos todos numa Indiferença radical, e retornar criativamente aos processos permitidos pelo Recalque Originário.

...Assim como há prova de realidade, há a prova de competência. Competência é só quando aparece na performance. De algum modo, seja qual for, não há tanatose em Schreber, nem melancolia ou autismo, tanto que ele produz aquele texto enorme para dar conta, competentemente, de sua loucura. Freud tinha certa inveja dele. Só que as provas de realidade de Schreber eram barafundadas, coitadinho! Eu, quando vou fazer as minhas, tomo muito cuidado, pois não é fácil...

28/MAI

## 10

### HUMANA SEXO-HAÇÃO

O interesse deste Seminário aqui na Escola de Comunicação da UFRJ é termos a possibilidade de, aproveitando a linha de pesquisas que oriento na Pós-graduação, “Sistemas de Significação”, entrar em diálogo efetivo com as demais linhas de pesquisa da Escola, e mesmo com as de outras unidades do campus. O interesse maior é fazer com que se possa acolher, disseminar-se, de modo a tecer um diálogo entre linhas de pesquisa e disciplinas as mais diversas, com pessoas do melhor gabarito, que são pesquisadores da Universidade.

Este primeiro semestre de ensaio dessa iniciativa já teve bons frutos na medida em que alguns colegas estão colaborando tanto com a simpatia de suas presenças quanto com suas discussões. A partir do próximo semestre, queremos que este Seminário, como lugar de encontro, já comece a funcionar um pouco mais efetivamente com o cruzamento de linhas, com a fala de colegas de outras linhas no sentido de um encontro, dentro da Universidade, entre várias posições de pensamento.

Eu gostaria de fazer a posição da psicanálise dialogar com outras do saber contemporâneo, já que temos colegas da maior importância, que certamente nos darão o prazer de entrar nesse diálogo mais amplo. O projeto maior, então, é fazer deste Seminário, dentro do campus, um lugar de *inter* e de *trans*: uma *intertransa* aberta.

Neste primeiro Semestre, infelizmente, fomos bloqueados pela “Eco 92”. Ficamos, pois, devendo um pouco mais para o semestre que vem.

Recomendo-lhes como leitura para as férias um livro saído em fevereiro deste ano, muito estranho e, como todos nós quando tentamos pensar um pouco, inteiramente (mas correta e rigorosamente) delirante. Do ponto de vista do que chamo *Gnômica*, talvez aí existam algumas indicações.

É de François Laruelle, que, aliás, é citado em um rodapé de *Qu'est-ce que la Philosophie*, de Deleuze-Guattari. Trata-se de *Théorie des Identités*, Teoria das Identidades, PUF. Quem se der ao trabalho de lê-lo, talvez possa encontrar alguns pontos de conexão, ainda que com uma terminologia radicalmente diferente da que proponho. Parece-me que ele está pensando a diferença entre Ser e Haver e contestando a hegemonia da visão filosófica da epistemologia sobre o pensamento científico e artístico.

Ele diz que há um pensamento próprio tanto da ciência como da arte e que se refere ao Um. Segundo meu percurso, é o que se refere ao Haver e às suas declinações. Isto, como ele toma, na brutalidade da identidade do que comparece das formações do Haver.

Quero, então, agradecer-lhes, neste semestre, a colaboração com essa fabricação, seja com a atenção que dispensaram, seja com a participação que tiveram aqui e ali. Quanto à maneira de me comportar nestes Seminários, sinceramente não sei, não consigo aprender essas coisas, sou muito mal educado... Não sei se notaram, mas, por termos sido obrigados a trocar de sala hoje, felizmente consegui terminar o semestre no “Auditório Anísio Teixeira”, onde eu queria ter feito todos os nossos encontros. Deus não perdoa...

E não há maneira correta de me comportar para que o Seminário não vire um elefante que chateia alguma gente. Quando supostamente incomoda alguns consultórios, certos analistas correm a espalhar que só falo de teoria, deixando de lado a clínica, que seria o que interessa. Mas quando o mesmo Seminário supostamente incomoda algumas salas de aula, certos professores correm a espalhar que só falo de clínica, o que não interessaria aos estudos teóricos da moçada universitária. Assim, é um Seminário realmente do terceiro sexo... que consegue situá-lo, contudo.



Continuo a repetir que teoria psicanalítica só se faz dentro do laboratório da Clínica (o mais é pura filosofia), assim como a Clínica Psicanalítica não se faz jamais por fora de adequada teoria (o mais sendo pura terapia). Deve ser por isso que essa coisa, nem carne nem peixe, fica estranha.

O fato de se trabalhar com psicanálise na Universidade, ainda que se constituam institutos para isto, é necessariamente falso, pois trata-se evidentemente de aplicação de resultados teóricos publicados por analistas no escopo universitário de transar textos, teorias, etc. E não propriamente o exercício de partir de um laboratório especificamente analítico e pensar-se algo. Talvez esta seja a estranheza: não sendo um lugar de laboratório analítico, o hábito é aplicar e manejar teorias fabricadas com um sabor de filosofia, de ciência social ou de sei-lá-o-quê...

Em nosso caso, como estamos, para usar uma palavra da moda, na *interface* da Clínica com a Teoria, isto fica parecendo exótico. Mas é o único lugar que pode ser eventualmente verdadeiro.

\* \* \*

Remexendo em Fernando Pessoa, encontrei duas frases deliciosas que, como curiosidade, quero trazer-lhes para definir o que se passa no Pleroma.

Da ALEI de Haver desejo de não-Haver, para nossa espécie pelo menos, diz ele que somos “aves fascinadas pela ausência de serpente”. E quanto ao desejo fundamental de não-Haver, que Freud chamou de pulsão de morte, ele diz de um desejo de “cessar, acabar finalmente, mas com uma sobrevivência translata”. É óbvio, se estamos vivos, que Haver desejo de não-Haver é dentro da sobrevivência já translata desse desejo diante de uma morte que não há.

Há uma questão que retorna sempre neste Seminário e que, a cada vez, recebe uma pequena modificação. O processo é este mesmo: algum dia, temos que aprender; portanto, temos que corrigir a teoria freqüentemente.

Levei algum tempo mostrando-lhes o que consegui articular sobre uma tópica estritamente baseada no recalque. Mostrei-lhes o estético fundamental – segundo o modo que costumo escrever: Est'Ética, esta ética – como, em níveis os mais diversos, desde o Recalque Originário, passando pelo Primário e indo ao Secundário, há as decantações, as fixações, os retornos, as regressões, etc., que certamente têm alguma condição de explicar os fenômenos encontrados na chamada patologia e mesmo no *pathos* da vida cotidiana.

Mas sabemos perfeitamente, que a psicanálise só trata fundamentalmente do sexo. Até ordem em contrário, o cerne da questão analítica é a sexuação ou, já que falei do livro de Laruelle, a identidade sexual.

Lacan ousou escrever, porque assim o quis, baseado no que chamou de função fálica a partir da diferença sexual estatuída na castração, de Freud, as famosas fórmulas quânticas da sexuação, que hoje se repetem como a maior banalidade. São, para ele, como sabem, duas: o sexo *Homem*, assim chamado não entendo por que, que estaria estatuído a partir de uma exceção capaz de negar a função fálica: se existe pelo menos um que diz *não*, que nega a função, isto funda um universal com *todos* como função fálica, em contraposição à fundação do universal, por Aristóteles, a partir da pura existência.

Se, para Aristóteles, existe-pelo-menos-um, o universal não é senão a universalização do que esse um faz comparecer. Lacan contesta isto, mostrando que tem a ver com o desenvolvimento dos *Principia Mathematica*, de Russell e Whitehead, y *otras cositas más*. Ou seja, a contestação do universal aristotélico se faz colocando como um universal que funda a exceção, por aquilo que lá não cabe: pelo-menos-um que fica fora, que nega essa pertinência. Ele não chamou nem de masculino, mas de sexo Homem.

Mas na medida em que o chamado gozo-fálico, esteado na castração segundo o princípio da diferença estatuído por Freud, definiria o universal desse tipo de gozo, e em não havendo negação em excesso como exceção que funda o universal – ou seja, sendo negado que exista pelo-menos-um-que-*não*, Lacan escreverá o não-Todo que rompe a possibilidade universal

para o tipo de gozo que chamou de gozo-do-Outro. E colocou no feminino com o nome de *Mulher*.

Isso é muito complicado e impreciso na medida em que, mesmo no projeto lacaniano, uma vez escritas as fórmulas – basta ler *L'Étourdit* –, a sexuação se demonstra independente daquela mesma anatomia sobre a qual fora pensada segundo sua diferença. É declarado por Lacan que nada impede que um sujeito do sexo macho, em diversos níveis de modalidade de operação, na mística, por exemplo, esteja inscrito no sexo Mulher; como nada obriga que a falta de pênis num determinado corpo proíba que este sujeito se apresente do sexo Homem.

Então, me pergunto para que isso? Mesmo porque os “cinquenta por cento” sonhados por Lacan são mero sonho. Ninguém, a rigor fez a pesquisa. A psicanálise, infelizmente, escutou muito pouca gente, o laboratório é muito pequenininho. Não faço a menor idéia.

Lacan diz que A mulher não existe. Ou seja, em função do não-*Todo*, já que não faz um *Todo*, não se poderia dizer A mulher. Então, é o caso de perguntar se, apesar do *Todo* da universalidade que estatuiu para o masculino com a fórmula, se este *Todo* tem existência, de fato, para o homem. Ou seja: existirão homens?

A formulinha está aí escrita, todo mundo leu. Assim, se alguém nela cabe definitivamente, é do sexo homem... mas eu, nunca vi nenhum, não conheço nenhum. Conhecer como existência fenomenal alguém que se organiza peremptória e indefectivelmente segundo a sexualidade do universal, ainda não fui apresentado. Talvez seja por isso que Philippe Sollers diga que só existem mulheres. São todas umas moças, pelo menos em algum lugar...

Como sabem, tentei procurar pelos outros lados da formulação. Isto, não pelo brinquedo combinatório de encontrar as fórmulas simétricas das apresentadas por Lacan, mas pelo fato de que isso que Lacan escreve com o nome gráfico de função fálica,  $\phi x$ , é mero resultado da operação castração segundo a diferença sexual anatômica. E o tal falo, cuja função ali está, bifidiza-se e não é necessariamente a mera simbolização, aliás metafórica, da pregnância gestáltica do pênis, mas sim o jogo puro de uma diferença estatuída sobre determinado lugar

no corpo que goza intensamente à maneira disso que, em psicanálise, querem chamar gozo-fálico. O que não elimina outros gozos para ninguém.

Então, em cima dessa crítica e agora dando um desenho para a função fálica, tentei indicar que ela não é senão, inserido, engastado no próprio corpo, um acúmulo de expressão do que podemos chamar o movimento do Pleroma, do Desejo, isto é: Haver desejo de não-Haver. Estou, então, dizendo que o estatuto da função fálica é ALEI do Haver:  $A \diamond \tilde{A}$ . Por isso, escrevi as outras fórmulas.

\* \* \*

Quero, hoje, fazer uma pequena correção no modo de operar disso que apresentei.

Se, como eu disse, um se afirma como universal pela negação de uma existência e outro não se afirma como universal pela negação dessa negação, o que fazemos com a pura e simples afirmação da existência, que era de onde Aristóteles tirava o seu universal? Existe função fálica, ponto! Isso existe, pelo menos um. E se isso já não funda nem o universal macho, ou do masculino, do homem, sei lá do quê, nem o não-Todo do feminino lacaniano, no que resultará?

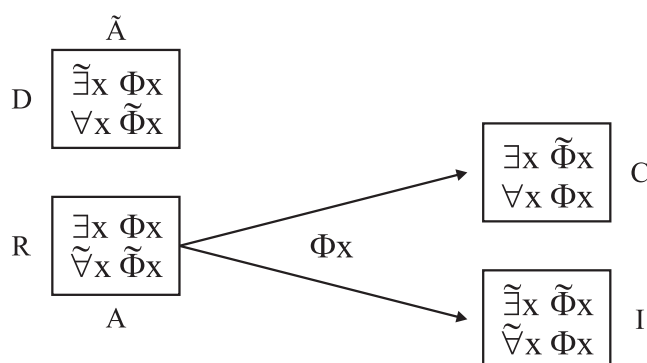
Eu, não parti daí, e sim do fato de que, se há função fálica, está esteada n' ALEI, Haver desejo de não-Haver. Então, o movimento libidinal de quem-quer-que, no sentido de um gozo absoluto, não é senão o vetor no sentido de entrar com a cessação absoluta desse movimento desejante. Isto é o que Freud chamou Pulsão de Morte. É isto que Fernando Pessoa está dizendo: “cessar, acabar finalmente, mas com uma sobrevivência translata”. Simplesmente porque não cessou o desejo de cessar, acabar finalmente como “aves” que somos “fascinadas pela ausência de serpente”. Serpente, seria o não-Haver que nos engoliria.

Então, escrevi para meu uso e, para o de quem quiser, que sexo mesmo é a diferença entre Haver e não-Haver, no movimento da pulsão de morte. E que o gozo absoluto, aspirado, desejado, é o gozo da morte, do Nirvana, segundo a pulsão assim nomeada por Freud. Foi daí que parti.

Onde se goza absolutamente? Onde não existe função fálica. Qualquer Buda assinaria embaixo. O que poria necessariamente um universal de negação da função fálica. Se não houver mais função fálica onde gozo absolutamente, se  $\tilde{\exists}x \Phi x$ , isso pára e há universal, daí para frente, todos serão *não*,  $\forall x \tilde{\Phi}x$ . O sexo, então, é este desenhado pelo movimento da libido. E não há outro... senão o que resta do impossível de isso acontecer.

O impossível de gozar assim determina que simplesmente não há negação da função fálica na existência: o que quer que haja, há dentro dos níveis do movimento desejante. Então, o gozo absoluto, que se teria se se tivesse, sendo impossível, só há o fato de que existe função fálica,  $\exists x \Phi x$ . Nunca conseguimos nos encontrar com sua inexistência, nem mesmo no melancólico ou no esquizofrênico.

Freud pensou a castração como embargo à funcionalidade do fálico. Ela é simplesmente: “Menino, tira a mão daí”... por enquanto; depois, bota de novo, manda-se tirar... Ele não pensou nenhuma castração por extirpação da função fálica. É um *não* que se diz e suspende esse funcionamento... às vezes. A verdadeira experiência de castração simbólica se escreve não onde parece estar na fórmula de Lacan, mas em:  $\tilde{\forall}x \tilde{\Phi}x$ . Se existe, ela pode até ser negada, mas não por inteiro, pois negá-la por inteiro seria demonstrar que a morte existe, que é possível gozar na morte. Mas não é possível gozar na morte e voltar contando que gozou: “Como é que foi para você? Foi bom?” – pergunta o seu cadáver. Este filme, não vi ainda...



Se ela existe, pode até ser negada, mas não por inteiro. É isto que escrevo aí dizendo que há um não-universal da negação da função fálica. E prefiro tomar a castração aí, a qual, no nível do Simbólico e essa função inarredável, indefectível e que, ainda que castrada, simplesmente não tem a menor condição de sê-lo universalmente. Nega-se a função: “Tira a mão daí!”... por enquanto, porque não se tira a mão toda.

Se o encaminhamento for este – e estou me repetindo –, a verdadeira sexualidade se encaminharia em vetor absoluto para esse gozo, *Ã*, que, sendo impossível, nos deixa apenas *A*. Não sei se apenas por questão de estratégia momentânea, mas resolvi chamar este de Terceiro Sexo, do Falanjo, o qual só é terceiro na conta de quem aí está e que, na verdade, é o único. Não há outra sexualidade viável, factível para a espécie senão esta: haver, existir função fálica e, por isso poder ser até negada, mas não inteiramente. A que referi primeiro, chamada Quarto Sexo, não é viável, embora seja para ela o nosso movimento.

Como vêem, estou rearrumando didaticamente o que já havia colocado anteriormente. Mas, do que está publicado, n’*O Sexo dos Anjos*, etc., a coisa se situa num triângulo mais ou menos de equivalência, e agora o que quero mostrar é que há hierarquia. Ou seja, que o Terceiro é o sexo possível para qualquer falante. E ele se modula e se modaliza dentro das suas próprias possibilidades.

Se, então, existe função fálica e ela até pode ser negada mas não inteiramente, temos duas maneiras de lidar com essa negação não por inteiro: (*a*) escolhendo ou (*b*) não escolhendo a negação. E isto faz hierarquia, ou seja, o triângulo que aí se forma é meio pseudo porque, se é triângulo, existe um vértice superior, *R*, e as duas outras posições, *C* e *I*, são dele decorrentes.

O vértice superior não é mistura, intervalo, interstício ou intermediário entre as duas posições. Estas é que são as duas modalidades daquela posição única para qualquer falante a qualquer momento e, em qualquer situação.

O que Lacan escreve como sendo homem, *C*, e como sendo mulher, *I*, são simplesmente dois modos de possibilidade de exercício da sexualidade

humana. E são modalizações que absolutamente nada têm a ver, por predeterminação, com nenhuma diferença sexual anatômica. Mas a diferença sexual fundamental não é homem/mulher, masculino/feminino, essa bobagem toda, e sim entre sexo possível, *R*, e sexo impossível, *D*, entre Haver e não-Haver.

O importante é que isso faz hierarquia, o que não esteve lembrado em nenhum momento quando apresentei. Acho absurdo, não vejo nenhum motivo para chamar, como fez Lacan, de homem, mulher ou de masculino, feminino, as modalidades da sexuação. Ele, na história pregressa que tinha, foi montando assim. Acho até que, hoje em dia, esses nomes servem é para o que é da ordem do macaco, ou seja, essas coisas que os corpos apresentam. Um homem, é, supostamente um ser da espécie, anatomicamente macho; uma mulher, um ser morfológica e anatomicamente fêmeo. Isto não quer dizer nada quando à sexuação e só interessa à ordem da reprodução. Do ponto de vista da sexuação, isso dependerá de outras coisas.

Fundamentalmente, minha sexualidade é a que Freud escreveu como pulsão de morte pura. Ela é impossível, então, só funcionará no nível do que chamo de Falanjo, da pura e simples existência da função fálica e, portanto, de que pode ser negada, mas não inteiramente.

A hierarquia decorre de que o fundamental, por impossibilidade, cai no Terceiro Sexo que será o vértice desse triângulo isósceles e que se modaliza segundo as outras duas formas. E isto absolutamente, nada tem a ver, necessariamente, com nenhuma sexuação do corpo.

O engano se faz em se aproveitando as possibilidades de tomar o poder. Investiu-se, nesse, engano dos corpos como competência de reprodução contra o que as feministas têm absoluta razão. Se me aproveitar da diferença anatômica, funcional e fisiológica, etc., dos sexos, colocar vantagens para cá e desvantagens para lá e tomar isto na ordem de um poder em que eu possa decidir, é claro que vou levar vantagem. Mas assim, a maior bichona pode ser o imperador do universo, por que não? E, na história, costumou ser...

O que Lacan chama de masculino e feminino, mesmo no nível simbólico, é hierarquicamente inferior ao Terceiro, pois dele é que emana a possibilidade da modulação, da modalização. Este terceiro é o sexo segundo o modelo da castração, já que o anterior é impossível.

A castração se escreve em se dizer: pode ser negado, mas não inteiramente. A castração é a suspensão simbólica... de vez em quando. Tanto é que ela se apresenta como castração efetiva, como Freud queria, no nível do universal, que chamou de masculino; e como castração em suspensão, em nível feminino. Por isso, ele disse que as mulheres não eram lá muito morais... graças a Deus! O que é, aliás, a genealogia da moral, antes que Nietzsche trema na tumba? É apostar radical e decisivamente na posição da castração em exercício. Mas há quem suspenda isso: somos nós mesmos...

Fico pensando se a noção do terceiro excluído, da lógica, não é hierarquicamente superior à da dualidade das oposições. Neste sentido é que insisto no terceiro. Ele é excluído por ser um terceiro termo de uma equilateralidade, ou por ser hierarquicamente superior e não se sabe dar conta dele? Teoria do caos, etc., são muito recentes. Então, como não se soube, dar conta, fez-se a sua exclusão? Ou, se não, pensa-se em fazer o triângulo exatinho como sendo três? Na verdade, é um só modalizado em dois.

\* \* \*

Para acabar com essa brincadeira, já que macho-fêmea, homem-mulher, etc., são uma questão de corpos competentes para reproduzir, desenhados para isto, eu gostaria de chamar o sexo fundamental de sexo *D*, sexo da *Desistência*. Isto em função do gozo que ele propiciaria, se pudesse. Ou seja, a coisa desiste, pois não é possível nem mesmo desistir estando presente, à sua desistência.

O que gosto de chamar de Falanjo é o sexo *R*. Isso que erra é o sexo da *Re-sistência*, e como já lhes mostrei no Seminário do ano passado, isso resiste de duas maneiras. Na realidade, as duas fórmulas que Lacan escreveu



só se chamam masculino e feminino porque se quer, pois não são senão as fórmulas do sexo *C*, da *Con-sistência*, que fica melhor escrito em francês: *con-sistance*; e do sexo *I*, da *In-consistência*.

Não há, pois, masculino-feminino nenhum aí. É a consistência ou a inconsistência de gozo. Por isso, Lacan disse *Encore, un corp*, um corpo, que não está visualizado no gozo-fálico como con-sistência por exclusão (pois se existe-pelo-menos-um que diz *não*, toda consistência é baseada na exclusão). Então, isso goza inconsistentemente, falhadamente, como Lacan mostrou no *Encore*; ou goza supondo-se consistente.

Afinal de contas, o que é que dá consistência a um gozo? É, de algum modo, limitá-lo, ainda que seja como Lacan quer, pela indicação de um significante, que o produz. Leiam os romances de Philippe Sollers, onde ele, brinca com isso: os caras estão transando e combinam que quando um falar tal palavra o outro goza.

Estamos, então, no primeiro caso, diante da morte, do Nirvana sonhado por Freud, onde encontraríamos, se pudéssemos, a Felicidade. Felicidade é isto, não conheço outra: a que teríamos se pudéssemos gozar com o sexo proposto, no entanto, impossível.

O sexo possível e nem por isso universal, pois pode ser negado, embora não inteiramente é o do Falanjo. Não é o sexo da felicidade, mas o da *falicidade* possível. No exercício da função fálica, o sexo da falicidade é simplesmente que a função fálica aí está, pode ser negada, mas não inteiramente. Então, já que não temos felicidade possível, arranjamos umas falicidades.

Lembrem-se que o possível, de Lacan, era o universal. É preciso fazer o diálogo Lacan-Aristóteles. A pura e simples existência não comprovaria a possibilidade ou é preciso o universal para a comprovar? Em meu regime, a existência é possibilidade, e não universal. A partir da definição de função fálica que proponho, não posso me manter em sustentar a possibilidade sobre o universal. A não ser que seja possibilidade de exercício do poder, mas isto é outra história.

Por que o sexo *D*, que põe uma exceção impossível, não dá consistência? Do mesmo modo que meu universal não é o masculino. Na medida em que, é impossível, faz um Um, mas que é fractal na sua essência. Não é o Um da exclusão, mas o da impossibilidade para além do Haver, que fractaliza todo o interior do Haver. Portanto, isso se caotiza e se fractaliza.

O sexo *R* não é consistente, apenas re-siste duplamente: (*a*) ao fato de o não-Haver não haver, e (*b*) à desistência desse desejo pelo fato de isso não haver. Então, paradoxalmente nos dois sentidos, é insistente e resistente.

Tomar o *Haver* na sua fractalidade diante do impossível de passar para o Outro lado, é reconhecer sua resistência. Tomá-lo no impossível de pura e simplesmente passar para o Outro lado, toma consistência também. É o modo de abordar que interessa. Se venho correndo e tento passar pela parede, quebro a cara: se penso que não pude passar pela parede, estou no nível da consistência; se penso na cara quebrada, estou no nível da resistência.

Enquanto pura afirmatividade da função fálica, há a dupla vertente de: (*a*) considerar a negação porque dá consistência e (*b*) considerar sua fragmentação porque lhe dá a sua inconsistência. Isso consiste porque não passa, mas se fractaliza porque quebra a cara. No mesmo ato, no mesmo momento.

Como coloquei da vez anterior, ou se opera na inconsistência do Ser, o que se verifica, por exemplo, no logocentrismo das abordagens do que há, e o discurso se encaminha no movimento do Ser, da infinitude do devir, etc. Ou se opera no recorte bruto, puro e simples do que há e do que comparece, como o universal tomado aqui e agora como Um, mas nem por isso este Um deixa de se fractalizar na sua interioridade. Essa perspectiva é a de não acreditar que haja universal senão como recorte, ainda que dado.

Ou o modo é de Haver ou é de Ser. O imaginário da neurose, é que funciona em termos de ter ou ser, e é contra isso que estou lutando. O tal de ter ou ser o falo, em última instância, acaba na posição neurótica de não resolver a diferença sexual em nível estritamente simbólico, para além de reprodução e da anatomia do órgão.

A diferença *é, está, há!* É referir-me a uma exclusão no sentido do puro existe-função-fálica,  $\exists x \Phi x$ , se ela pode ser negada mas não por inteiro,  $\tilde{\forall} x \tilde{\Phi} x$ , então, há duas maneiras de abordar: ora nego, ora não nego; ou sou viciado em negação, ou em não negação. Até, acredito que existam pessoas viciadas, por exemplo, em inconsistência. Basta ter experiência tanto de escuta quanto sexual no mundo para saber que isto é encontrável em machos e fêmeas. Vocês nunca encontraram um macho desses, que trepa, trepa e não chega a “gozar”?

• P – *Ele não é neurótico?*

Vai ver que é viciado em inconsistência... Segundo Lacan, é uma moça. Por que vou pensar que é neurose? E se ele simplesmente se viciou na posição da inconsistência do gozo e alguém tem que lhe fazer uma iniciação qualquer, dizer-lhe: “Cara, dá um limite aí, que você goza”? Se abordar pelo lado neurose, posso errar. Do mesmo modo que encontramos, no divã, uma porção de gente do sexo fêmeo sobretudo, por causa da funcionalidade social, etc. – que diz: “Não consigo gozar...” É vício na inconsistência.

No nível da decantação da possibilidade de gozo, temos, então, um sexo Consistente, que está no nível do Haver: haver realidade, digamos, na falicidade consistente, na consistência do gozo no nível do Haver possível. E na Inconsistência, é o nível do Ser: ser realidade, a falicidade inconsistente, na in-con-sistência do gozo – o Ser possível. Haver possível não é a mesma coisa que Ser possível, pois este entra em deriva, em devir, e aquele dá um basta e goza...

A grande confusão na montagem do aparelho da função fálica, em Lacan, embora ele tenha abstraído radicalmente, é que sempre se torna regressivo. E o tal de “ter o falo”, que dizem que não se trata do pênis, quando abrimos qualquer texto e vemos como analistas o abordam, ele acaba na anatomia.

É preciso deslocar essas bobagens psicanalíticas de uma vez por todas. O sujeito, às vezes, está sofrendo no nível de uma fixação em consistência ou inconsistência e fica-se procurando neurose onde não há.

\* \* \*

A Consistência do sexo não é senão tomar uma *decisão*, pois que isso é absolutamente indecível no nível de cima, *R*, em que se pode negar, mas não por inteiro. Ou seja: tome uma decisão que você consiste. Mantendo-se no regime da Inconsistência, sem decisão, você será Santa Tereza: morro de não morrer, gozo de não gozar... Isso escorrega o tempo todo, fica no indecível, na infinitização do gozo, seja macho ou fêmeo. Quem tem experiência, reconhece isto em qualquer lugar.

• P – *Mais é um gozo?!*

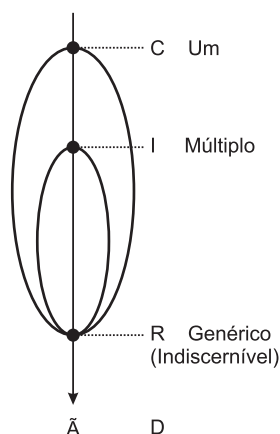
Sim, mas o cara reclama, quer o outro também. É um direito que ele tem. Se ele é do sexo de cima, porque que terá que viver na Inconsistência? Ele também queria dar uma gozadinha consistente.

Se gozo do lado da consistência, é o gozo consistente. Se gozo pelo lado da fractalização, é o gozo inconsistente. Meu gozo faz Um ou faz múltiplo? Às vezes, Um; às vezes, múltiplo, graças a Deus! Isto porque tenho passaporte... quem não tem, fica numa pior.

É uma bifurcação. A cada momento, isso se bifurca. Então, há escolha ou evento possível. Qual é o terror dos machinhos? É levarem a moça para a cama e poder não funcionar. Isto porque acham que a bifurcação já está indicada para tal lado. Eles não podem ser uma moça, serem lésbicos, e dar tudo certo?

No desenho do Revirão estão: o sexo da De-sistência, que é o impossível de passar; o da Re-sistência, que é o terceiro, o vértice; e isso se bifurcando em Con-sistência e Incon-sistência, como escrevi em cima do Revirão.

Como *R* é um vértice supremo, ele dá passagem para lá e para cá. É o lugar por onde se passa. Não existe diferença sexual *cloisonnée*. Não se pode estar nos dois ao mesmo tempo, é impossível. Donde, o andrógino não existe: não posso gozar consistente-inconsistentemente ao mesmo tempo. Mas em tempos diferentes, posso.



Tampouco posso determinar em qual sexo estarei porque quero. Há um evento aí. As pessoas precisam entender que uma trepada é um evento, pois pensam que é uma função. Não existe funcionário público da cama. Vai-se para a cama sem saber qual será o evento. Existem, sim, uns viciados... Como tem nêgo que é viciado, procuremos, então, como se fundam os vícios.

Se tudo isso for verdadeiro, se a diferença sexual, no nível mais baixo, pelo menos, fica absolutamente abstraída na consistência e na inconsistência, como é possível estabelecer a diferença entre heterossexualidade e homossexualidade, já que não estou falando de anatomia? No nível de macho e fêmeo, essas coisas que chamam de homem e, de mulher, heterossexualidade é: duas anatomias diferentes, que conseguem fazer uma pegadinha. Homossexualidade: duas anatomias iguais, que conseguem dar um pegadinha também. Só que, numa, há o “inferno” da procriação e, noutra, está-se livre, embora não se esteja livre do vírus. Hoje, a coisa se homogeneizou. Sempre pode ter impregnação, nunca se sabe...

Ora, uma verdadeira heterossexualidade seria a Consistência transando com a Inconsistência, dentro ou fora do sujeito. Só esses dois são diferentes, no nível de baixo. Isto nada tem a ver com homem ou mulher, que são registro civil, anatômico, fotografia.

Uma homossexualidade, para ser possível, teria que ser a transa da Consistência com a Consistência. Seria C<sup>2</sup>. Duas Consistências transando são homossexuais, pouco importa se os caras sejam de sexos iguais ou diferentes no nível anatômico. Por isso, há algum tempo eu disse: gozou, é colega. Estamos aí em plena atividade homossexual. Duas Inconsistências transando, teríamos o I<sup>2</sup>. Aí fica aquela coisahahah... ninguém é colega de ninguém...

Se, então, largarmos de mão toda baboseira histórica, mesmo dentro da psicanálise, sobre questão de diferença sexual, anatômica, etc., temos que procurar a cada caso, a cada indivíduo, a sua *identidade* sexual. Não estou falando de identificação. É preciso entender, no processo de uma análise, por exemplo, qual é a composição em cruzamento de tudo aquilo que falei este semestre, de todas as decantações nos níveis sucessivo de recalque, de toda uma estética fundada pelas ocorrências, pelos eventos, na história de um sujeito, na sua relação com consistência e inconsistência desse gozo. Isto mostrará que a identidade sexual é absolutamente múltipla e cada indivíduo terá que achar qual é, pois não dá para se ter nenhum indício *a priori*.

Se a psicanálise presta para alguma coisa, cada sujeito, mediante ela (ou qualquer outro barato disponível), terá que poder fazer a leitura de todo o seu processo, desde o Recalque Originário ao Primário e ao Secundário fundando a sua estética de base, e de como seu gozo se modaliza, na consistência ou na inconsistência, em cima desse panorama estético. Não há outra sexualidade. O resto todo é desenho insistente da cultura neolítica em que vivemos em cima da diferença sexual anatômica e da sua repetição. O que não quer dizer absolutamente nada, ainda que as pessoas se empenhem em fingir que estão neste ou naquele partido. Mas nós, que escutamos, sabemos que não estão.

Isso teria a ver com a constituição de uma *Gnômica* da identidade sexual. O sexo de alguém é a acumulação estética dentro da tópica do recalque, fundando as fixações estéticas de um indivíduo na sua confluência com o movimento da libido na consistência ou na inconsistência. Ou seja, o sujeito tem fixações no nível dos recalques, como, às vezes, consegue fixar atitudes no nível da consistência ou da inconsistência.

O pensamento clássico, por exemplo, era viciado em consistência e não podia pensar no múltiplo. É vício de pensamento como pode ser um vício erótico. Não é nenhuma nosologia, mas, no máximo um *pathos*. Se o indivíduo não está reclamando, quem sou eu para dizer-lhe que deve gozar do outro lado? Ele que se vire, o problema é dele. Só posso dizer que o *pathos* da questão está vetorizado para cá, para lá, etc.

Não me sinto autorizado a fazer mais do que a Pedagogia da Psicanálise, que está sendo a pedagogia dessa expansão para cada um. Mas sem que isso venha a ser um furor pedagógico da obrigação de o sujeito gozar assim ou assado. Nosologia é o que comecei a desenvolver em cima dos processos dos recalques, as modalidades de hiper-recalque, etc., e que continuarei desenvolvendo. Aí se fundam neuroses, morfozes, psicoses.

Se a tese é aceitável, o que é fundamental, específico, da espécie é que ela pode revirar. Portanto, pode ampliar sempre seus horizontes de gozo, de estética, etc., por mais fixados que estejam. Se tal sujeito não quer, ou não consegue, ampliar os horizontes na sua prática pessoal, pode, pelo menos, entender que a do outro é diferente. O abusivo, o ditatorial, o autoritário, no mau sentido, mesmo no campo dos analistas, é, pelo *design* anterior da história do Neolítico, etc., determinarem-se nosologias, nosografias e imputações de doenças ao que é pura especificidade de determinado indivíduo. Aí, chama-se tudo de neurose. É mentira! Se falei que há um cruzamento do estético, da ordem do recalque, com a consistência e a inconsistência, a cada escuta teremos que descobrir se um sujeito se apegar, no nível da consistência ou da inconsistência, com a vertente positiva, no esteticismo fixado, ou se apegar pela massa de recalcamientos que está proibida. Isto é ambíguo.

O sujeito está viciado na consistência ou na inconsistência por regime mórfico ou por regime de recalque? Podem acontecer as duas coisas. Por isso, não tenho que ter *parti pris*. Coloca-se, por exemplo, uma “boneca” no divã, os recalques começam a ser suspensos e ela oscila, pois era recalque. Mas, de repente, vê-se que a razão é mórfica, é um gosto, um valor estético ultra prezado, o que é diferente de ser recalque. Isto sem esquecer o fundamental:

se a razão é mórfica, está recalcando, pois no nível Primário, é recalcante da possibilidade de revirar. É recalcante, não no nível da neurose, mas no nível de um aspecto mórfico, e nem por isso é uma morfose necessariamente. Para sê-lo, há que se caminhar para a frente.

Então, podemos descobrir fixações consistentes ou inconsistentes por nível de neurose, de morfose, de aspecto mórfico. É preciso ver qual é. O pior é quando o analista já sabe e tem um saber que já vai chamando de perversão, histeria, etc., em vez de escutar o que o cara tem a dizer. Isto é abuso de poder, só porque estudou as “estruturas clínicas” lá no livro de tal moço...

Então, mesmo enquanto identidade sexual, ela é múltipla, fractal na sua interioridade e ainda conta como processo de Revirão, que é de nós todos. E também ninguém é obrigado nem a isso. Porém, de uma boa cantada ninguém escapa...

Ainda que digam que estou fazendo Seminário clínico na Universidade, é preciso saber que a perspectiva clínica é radicalmente diversa, e não se trata do casuísmo dos freudianos ou do estruturalismo dos neo-lacanianos (que já vêm com fórmula pronta). É buscar os vetores caso a caso, acontecimento a acontecimento, entendimento a entendimento, vez a vez.

25/JUN



## 11

### ... ETC.

Estamos aí de volta para mais um semestre. Quero agradecer a presença de vocês e também a acolhida do CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, neste local, através do Prof. José Henrique Vilhena de Paiva, que é nosso decano. Quero retomar os nossos trabalhos com algumas mudanças decorrentes das próprias atividades do semestre anterior, e que só nos vêm beneficiar e acrescentar.

\* \* \*

Fazendo um breve resumo, introduzi a questão da *Pedagogia Freudiana* estabelecendo, a meu modo e apoiada sobre alguns conceitos da ontologia matemática de Alain Badiou, uma diferença entre Pedagogia, Didática e Educação. E situei a Prática Freudiana como uma pedagogia na medida em que este termo considera aquilo que aborda a *singularidade*.

Em seguida, retomei o conceito de *Recalque* para tomá-lo como pedra angular a que Freud se referira para todo o edifício da psicanálise. Isto, no sentido de estabelecer uma *Tópica* estritamente nele baseada. Essa pedra fundamental, dizia eu, não deixava de ser uma pedra no sapato de Freud, mais ou menos compactada entre a pedra angular do recalque e o famoso rochedo da castração, que precisava ser mais uma vez reconsiderado e levantado.

A partir, então, do conceito fundamental de Pulsão de Morte, estabeleci três níveis de recalque – Originário, Primário e Secundário – e tentei mostrar o conceito de *Fixação* agindo como o sustentador dos processos de sedimentação tanto no nível das fixações produzidas espontaneamente dentro do que possa haver de conaturalidade da espécie com o Haver, quanto também no nível do que Lacan chama de simbólico como Recalque Secundário.

Aí, pude estabelecer a diferença entre: a simples insistência das fixações; o processo de recalque no nível Primário como no Secundário; e mesmo o conceito de hiper-recalque como retroação ou hipóstase do Secundário para o Primário.

Com isso, pude pensar um pouco o que seriam os *vetores* consideráveis nas formações do Haver, chamadas, em Lacan, de formações do Inconsciente. A tentativa era a de pensar de maneira energética, como sugerira Lacan, o que acontece nessas formações e, portanto, estabelecer o movimento e a função opositiva de vetores no interior mesmo dessas formações recalcentes em níveis diversos.

Assim, sugeri *eixos* onde se inscrever a vetorização: eixo liminar, que estaria na relação com o Haver e o Ser; eixo tópico, onde se poderiam inscrever os recalques Originário, Primário e Secundário; e eixo das intensidades, que são apenas descritíveis dentro da fenomenologia de cada caso. Tudo isso resultando no grande projeto do conceito de *Dinâmica*, que suponho ser resultante desses eixos.

Tentei fazer uma adscrição do que fosse da ordem do simples recalque, que tem a ver com a produção da chamada *neurose*, no nível do recalque Secundário. Mostrei que a insistência e a dominância das fixações não recalçadas são a base mórfica do que podemos chamar de *morfose*. E enderecei para o conceito de hiper-recalque o que possamos chamar de *psicose*.

Tentei também estabelecer a diferença entre a simples *analogia* no nível Secundário, ou seja, a imitação, a mímese, em relação às formações primárias, que não precisam necessariamente ser tratadas como recalque, mas sim como mera analogia. Pensei a *metáfora* como tendo essa origem e sendo

... etc.

encarregada do processo de recalçamento. E na *hipóstase* do Secundário sobre o Primário – falei em acoplamento com alguma coisa da ordem do Primário –, para pensar o processo de hiper-recalque ligado à psicose.

Para terminar, dei um pequeno pulo para falar da *Humana Sexo-Haça*, uma vez mais reconsiderando as fórmulas quânticas da sexuação, de Lacan. Isto para mostrar a relação entre Haver e Ser, Con-sistência e In-consistência, dentro das formulações da sexuação. E sugeri os sexos De-sistente, Re-sistente, Con-sistente e In-consistente.

\* \* \*

Mas o que aconteceu de interessante nesse percurso do semestre foi justamente a grata satisfação de termos sido acolhidos e podermos acolher diferenças discursivas no seio deste Seminário. O que resultou na perspectiva de sustentar o diálogo, que me parece necessário, entre o encaminhamento mais ou menos rebarbativo sobre si mesmo que faço neste projeto de teorização dentro da psicanálise, com outros discursos que possam nos esclarecer ou ajudar a estabelecer diferenças e conjunções no processo dessa produção.

Uma coisa resultante do último movimento vivo no seio da psicanálise, que foi o movimento lacaniano, isto é, aquele produzido por Lacan, é que, uma vez aprendido o lacanismo e dispersado pelo mundo na forma de instituições, grupos e formações profissionais, é provável que isso tenha conduzido outra vez, como aconteceu no pós-freudismo, à produção dos novos avestruzes, como chamara Lacan: aprendeu-se o lacanismo, enfia-se a cabeça na areia e nada mais acontece, pois todos já estão sabendo o que seja psicanálise, coisa que Lacan não sabia e assim o declarava.

Esse diálogo é importante para tentar evitar que nos tornemos os novos avestruzes. Isto porque, nos campos ao redor, as pessoas não pararam de pensar, de produzir, e é preciso manter o diálogo para ser-se contemporâneo a si mesmo nas produções teóricas de nosso momento.

No intuito de sustentar esse diálogo, tivemos a idéia de produzir um lugar onde isso possa manter-se vivo apesar das diferenças. Assim, entre aqueles que começaram a participar do interesse por este acontecimento, decidiu-se fundar, no seio mesmo da Universidade – que tem condições de acolher, pois já tem núcleos dessa natureza – um aparelho de maior eficácia em que possamos tornar oficial esse diálogo, com todas as conseqüências que isso possa oferecer.

Fazemos, então, hoje, o primeiro lançamento do *Núcleo de Estudos Transdisciplinares da Comunicação*, já que nossa sede é a Escola de Comunicação desta Universidade. O que dá uma sigla muito interessante: ETC. Lançamos, pois, o “... etc.” O termo me parece extremamente feliz na medida que se trata de estudar tudo isso, etc. (e outras coisas), num processo de diálogo permanente que possa ser enriquecedor tanto para nós quanto para outros.

Assim, faremos uma mudança no andamento deste Seminário, a qual me parece muito rica e espero que todos venham a colaborar em seus diversos momentos. Na medida em que estou sustentando este Seminário já há tanto tempo e vou fazer a coordenação do “...etc.”, cederei a vez semana sim semana não em sua seqüência.

Nas semanas intervalares teremos imenso prazer em receber pessoas do mais apurado nível de estudo, de trabalho, todos doutores, doutorandos, mestres, mestrandos de áreas diversas, inclusive da nossa, que virão trazer reflexões que possam corroborar com este percurso. Assim, podemos manter um diálogo mais fecundo e criar um processo que espero venha a ser longo, farto, eficiente, contundente e nos ajude a pensar em torno dessas questões.

Da próxima vez, já teremos, discutindo pontos fundamentais do que eu já trouxe aqui, a Profa. Dra. Ieda Tucherman. Em seguida, virão outros. Isto é importante até mesmo para, cada vez mais, a psicanálise assumir com precisão a sua diferença discursiva em face do discurso dos companheiros da sua contemporaneidade.

\* \* \*

... etc.

A psicanálise não é filosofia, de modo algum. Para tentar escapar da influência evidente e vigorosa da meditação filosófica na produção de seus teoremas, Lacan, em palpos de aranha, inventou o título “anti-filosofia” para a psicanálise teórica que apresentava. Isto é extremamente importante, mas ainda mantém a filosofia como eixo, pois se é “anti”, está preocupada com ela.

Mesmo depois da entrada do discurso de Lacan no seio da psicanálise, pode-se ver uma vontade filosófica tão vigorosa que a coisa tem-se encaminhado de tal maneira que, nos lugares onde se supõe pensar filosoficamente, a psicanálise começa a ser acolhida no nível estritamente teórico, o que é uma espécie de filosofização da psicanálise. E isto não pára mais.

A psicanálise não pode estar alienada desse modo à filosofia, embora precise manter um diálogo fecundo com ela em qualquer nível que ela compareça. Diálogo possível e necessário, sobretudo para a psicanálise, conceber um modelo cada vez mais próprio de abordagem dos fenômenos.

O psicanalista, quando se exprime teoricamente, parece que fica meio envergonhado, pois disseram que psicanálise não faz ciência, sobretudo por causa de Karl Popper. Ele fica na situação de não saber se está fazendo filosofia, se está aparentando discurso científico e, na maior parte das vezes, não podendo assumir essas duas posições com clareza, o que ele faz vira literatura, que não é das melhores, infelizmente.

Assim, a maioria dos textos dos ditos analistas ou teóricos da psicanálise é aquela coisa enfartada de sub-filosofia, sub-ciência, sub-literatura, sem que se assuma uma posição propriamente psicanalítica, como queria Freud. Isto até mesmo do ponto de vista dos teoremas da psicanálise aplicados. E nem por isso, como já disse, há que se perder o diálogo com os outros discursos.

Ora, a hegemonia do pensamento filosófico é coisa discutível e muito discutida hoje. Fim do semestre passado, aconselhei que lessem o livro de François Laruelle, *Théorie des Identités*, PUF, 1992, que é um exemplo claro desse questionamento. Sua questão é que a filosofia, na hegemonia sobre o que possa ser pensamento, acabou ditando as regras sobre todos os comportamentos nomeáveis de pensamento. Então, a epistemologia se acha no direito de, com

bases filosóficas, fazer o juízo sobre a cientificidade ou sobre a essencialidade pensante de qualquer outro tipo de produção de pensamento.

A audácia desse autor é enorme. Indo à forra de toda hegemonia da filosofia, ele pretende construir um discurso a respeito do que seja o pensar. É um projeto de produção para designar o que seja pensamento na independência e em contrariedade com o pensamento filosófico. Ele está procurando, no arcabouço mesmo do que é produção científica, um tipo de pensamento que venha a se explicar como tal. E mais, que venha a defrontar-se vigorosamente com o pensamento dito epistemológico no sentido de que, se a filosofia tem a pretensão de fazer a filosofia da ciência como epistemologia, este pensamento, baseado no que seja a ciência enquanto tal, terá a pretensão de fazer a ciência da filosofia para dizer o que é o pensamento na filosofia.

É, no mínimo, uma atitude promissora. Mesmo que venha a dar com os burros n' água, ele se colocou de outro ponto de vista, esteado no pensamento científico, para mostrar que este é um pensamento por si e que ainda vai devolver à filosofia os desaforos que sofreu durante toda a história da epistemologia, dizendo: “Vamos fazer a ciência do que seja a filosofia para mostrar-lhes o que vocês são, segundo nós”.

Em Seminários passados, eu já me perguntava sobre a questão tão batida de psicanálise e epistemologia: psicanálise é ciência? não é ciência? o que é ciência? será que a ciência vai lá das pernas, se ficar se demandando a uma filosofia da ciência a definição do que ela seja? Daí, quer me parecer que, de algum modo, é possível também repensar esse mesmo percurso e perguntar se, na relação da psicanálise com a epistemologia, com a filosofia, ao contrário de estarmos submetidos à hegemonia, que é um pouco mais violenta que o simples diálogo, não deve chegar a vez de fazermos a psicanálise da filosofia.

Ao invés de estarmos preocupados se estamos sob a égide da filosofia, sendo ou não científicos, filosóficos, isso ou aquilo, podemos perguntar se a psicanálise não terá condições de abordar os outros pensamentos a partir de sua prática e das meditações sobre esta, na produção de sua teoria sobre o mundo. Perguntar o que, do ponto de vista da postura da psicanálise, uma

... etc.

filosofia, uma epistemologia, uma ciência produzem. Isto seria fazer psicanálise da filosofia.

Não é psicanálise dos filósofos, o que seria bobagem, pois eles não se propuseram a isto. Mas há um discurso, uma filosofia, uma epistemologia aprontadas, sobre as quais, mediante os processos das formações dentro do Haver como a psicanálise pode posturar, podemos perguntar como aí funcionam as fixações, os recalques, os hiper-recalques, no sentido da própria produção daquele escopo filosófico.

Como a psicanálise não é filosofia, também não tem obrigação de ser ciência. Ela pode ter simplesmente obrigação de ter seu projeto, seu escopo, sua abordagem, dentro da sua experiência, e também de conseguir mostrar que pensa no seu nível próprio e é capaz de devolver, em diálogo, as considerações que outros discursos façam a seu respeito. É um projeto audacioso, perigoso mas não deixa de ser possível.

\* \* \*

Quero retomar alguns pontos que estava tratando.

Na tentativa de vetorizar as formações do psiquismo, tomei a tópica dos recalques e comecei a pensar vetorizações em seu seio. Há o vetor da tópica – Originário, Primário e Secundário – e o do liminar, do limiar entre o que chamo de Ser e Haver. Aliás, será interessante, depois, retomarmos Ser e Haver em função da produção de Laruelle, que não fala nisto, mas coloca a questão do Um com precisão.

Comecei a endereçar a vetorização mais em torno da *neurose*, estabelecendo-a no campo do Recalque Secundário. Mostrei que um processo de recalque por forças recalcentes – pois há sempre um recalcante e um recalcado – do nível Secundário produz determinado recalque, que insiste no seu retorno. O modo de operação em relação a isto varia segundo o vetor em que, seja pelo acidente que for, determinado tipo de indivíduo é colocado dentro dessa situação.

No caso das neuroses, então, os vetores estão em oposição. A *neurose obsessiva* é uma instalação no Haver, que faz com que o indivíduo seja acossado pelo Ser. Ou seja, a questão da neurose obsessiva é do lado do Ser, justamente por sua instalação no Haver, na unicidade, mas o acossamento que produz essa neurose é do nível do Ser, da multiplicidade.

A luta, na neurose obsessiva, é pela sustentação do Um já supostamente obtido, que terá sido obtido, num determinado momento. É luta contra o esvaziamento, a fragmentação desse Um na multiplicidade. Ou seja, há uma luta contra a multiplicidade na tentativa de lançar uma garantia do Haver no seu caderninho de anotação econômica. É a contabilidade do obsessivo. Isto incide sobre a vertente do recalçamento. A aposta é no recalçamento contra a possibilidade do retorno que o levasse a uma abertura dessa unicidade.

O vetor contrário seria a neurose chamada *histérica*, que, por estar instalada no Ser, deve ser debitada na conta do Haver. Como não conseguiu nenhuma unicidade, ela luta por obtê-la e, portanto, busca o Haver. Ou seja, no caderno da contabilidade, está do lado do Haver.

Não tendo conseguido, de saída, nenhuma unificação, a histeria luta por ela, tentando fugir da pressão do Ser em busca de um Haver que possa ter como unicidade. Sua vertente fundamental está do lado do retorno do recalçado, pois é isto que lhe faz pressão no sentido de precisar retornar à unicidade do recalçamento.

Na verdade, então, o que chamamos de neurose é a tentativa de cura pelo processo patológico. Ou seja, tentativa de safar-se mediante a sustentação de um processo patológico.

A *morfose* é progressiva no sentido de manutenção da insistência. Ou seja, desfazendo toda e qualquer possibilidade de recalçamento, ela aposta de maneira dominante na hegemonia de determinada insistência. Isto, sendo ela com a vetorização para um lado ou para o outro, o que costuma ser chamado de fobia ou de perversão.

Mas o que vai importar muito para o desenvolvimento de certos discursos que serão trazidos aqui, é a questão da *psicose*. Apresentei o conceito de



... etc.

hiper-recalque como retroação, hipóstase, do que é da ordem do estritamente Secundário, do faz-de-conta, como acoplado e reduzido a um processo primário. É como se aquilo fosse de uma co-naturalidade com o que se apresenta no mundo já pronto na sua espontaneidade.

A questão da psicose precisa ser repensada, pois, como disse, há dois modos de sua produção: o do hiper-recalque enquanto tal; e também o de ser possível que, em algum nível, haja um processo psicotizante que não dependa de hiper-recalque, mas de um relanceamento tão freqüente, tão abusivo, do processo de reviramento que faz com que o indivíduo se perca. E deixei isto como questão em aberto para continuarmos a pensar.

Agora, quero sugerir que nos afastemos um pouco dos textos já produzidos no seio da psicanálise, da psiquiatria, etc., pois temos o mau hábito de acolher o diagnóstico antes de pensar o que ali está sendo produzido. Como, de cambulhada, tudo foi chamado de psicose, temos que nos virar para explicar tanto a psicose suposta de um Schreber ou de um cliente psiquátrico, quanto as coisas esquisitas que aconteceram com aqueles que podem ser chamados de “loucos egrégios”, como já o fez um autor. Por exemplo, Artaud, Nerval, Nijinski, Van Gogh, Hölderlin, Nietzsche... Temos mesmo que fazer a suposição de que haja loucos do mesmo tipo que não são tão egrégios, que não foram conhecidos. É preciso, pois, considerar a loucura humana nos seus aspectos e tentar pensar o que ela seja.

Devemos incluir todas as loucuras no regime do que se costuma chamar de psicose? Acho que não. Tentarei, neste semestre, recortar isso um pouco segundo o que posso pensar, segundo minha experiência e minha reflexão.

Insistirei, provisoriamente que seja, em que: *psicose só tem a ver com hiper-recalque*. Retiro, pois, aquela segunda hipótese e a deixo em suspenso.

O que estou chamando de psicose só pode ser pensado no nível do hiper-recalque. Não confundir tudo que se chamou de psicose sem se saber o que era, os diagnósticos produzidos, com o que estou chamando de psicose e que deveríamos procurar encontrar onde aparece.

Estou tentando recortar dentro do campo embaralhado, misturado, da perplexidade de psicanalistas, psiquiatras, polícia, tudo junto, diante desses

fenômenos que, a partir de certo momento, passaram a ser chamados de psicose. É simplesmente loucura: loucuras em geral. Não sei por que não se deve considerar o neurótico um louco. É maluco também. No campo das loucuras, é uma maluquice como outra qualquer, só que diferente por ter suas especificidades. Então, considerando a ampla, geral e irrestrita loucura humana, quero fazer outro tipo de recorte.

Não estou, pois, chamando de psicose tudo que se chamou assim. Pelo contrário, tomo o conceito de hiper-recalque, que posso diferenciar do de recalque simplesmente, como sendo o que me serve para chamar algo de psicose. Isto na medida em que grande quantidade de casos expostos, escritos, de hospitais psiquiátricos, de consultórios, etc., neste sentido, são casos de psicose.

\* \* \*

Assim como se vetoriza nos casos do recalque simples, na neurose, e da insistência na hegemonia da fixação, na morfose, também no caso da psicose se vetoriza em função do seu específico, do hiper-recalque. A hipóstase do enunciado legal, do faz-de-conta, como hiper-recalque, ou seja, o que Marx chamava de reificação, é o responsável pela fundação de uma psicose. O exemplo *princeps* é o de Schreber.

Talvez pudéssemos chamar de *paranóia* propriamente dita certo vetor do movimento de uma psicose em torno do hiper-recalque, e chamar de *esquizofrenia* outro tipo de movimento, com outro vetor, oposto, em torno do mesmo processo de reificação. Ou seja, apenas com o conceito de hiper-recalque, podemos pensar a vetorização tanto para um lado quanto para outro.

Hiper-recalque é quando a confusão, por pressão excessiva – que não é só do lado do opressor, mas também do lado das forças de competência do oprimido – no acontecimento, faz com que o indivíduo passe a não conseguir entender – e era isto que Lacan dizia ser forclusão da metáfora (tiremos o “paterna”) – o faz-de-conta que há na transferência de um impossível para um

... etc.

proibido. Algo que só é pensável no dialético, na oposição dentro do Revirão no nível Secundário, é trazido como se fosse acoplado a alguma coisa da carne.

Lacan vê isso com clareza, e o diz no Seminário d'*As Psicoses*, no caso da relação de Schreber com o que Freud chamava de sua homossexualidade. Lacan vem mostrar que, na verdade, era-lhe impossível a mínima aproximação de qualquer postura feminina, o que ele coloca na conta de sua impossibilidade de ser castrado diante do pai. Esta é a anedota que conhecemos... Tudo acaba em Édipo, mesmo que com nome trocado. É uma mania da psicanálise. E, embora tirar o nome de Édipo e colocar foraclusão do Nome do Pai já seja um passo gigantesco, é preciso abstrair mais.

Mesmo que tenha sido isso na relação de Schreber com seu pai – que, mais do que qualquer função paterna, era o pedagogo, a função pedagógica, que estava em causa –, o que importa é que algo da ordem do estrito faz-de-conta, construtor de relações simbólicas, foi acoplado a algo da ordem do Primário, e ficou parecendo que não há faz-de-conta, que é aquilo mesmo.

Se, por exemplo, pudermos dizer que Schreber não podia entender a dialelização possível de um sujeito de corpo macho entre posições masculinas e femininas por estar acoplado à carne, ou seja, que ele não poderia nunca dialetizar nada, pois aquilo, para ele, era uma monstruosidade unilateral, é este processo de hiper-recalque que Lacan chama de foraclusão do Nome do Pai.

Eu diria, então, que a paranóia é o que corresponde, no nível do simples recalque, à instalação dentro do Ser e, portanto, tenho que a colocar na conta do Haver como acontece com a histeria. A paranóia é a irmã hiper-recalcada da histeria no recalque.

Numa paranóia, há um hiper-recalque, portanto, o faz-de-conta foi hipostasiado, não funciona mais como faz-de-conta. Tenho que escrever isto do lado do Haver, pois faz Um, estabelece uma unicidade inamovível. Mas temos que ver que o paranóico aí instalado, na verdade, está em questões com o Ser e na busca da sustentação permanente desse Haver obtido.

No caso Schreber, um hiper-recalque elimina o alelismo da sexualidade. Ele está fixado no acoplamento ao invés de ser metafórico, de fazer metáfora:

“Vou metaforizar minha sexualidade a partir, por exemplo, do corpo”. Isto é um faz-de-conta. Outra coisa, é hipostasiar e não haver possibilidade de faz-de-conta, que é a espontaneidade da espécie. Ou seja: “Tenho que ser como um animal construído segundo determinado etograma e funcionar de acordo com o etograma correspondente àquela carne”. Isto não se dialetiza nem se dialeliza de modo algum. Por isso, vai bagunçar todo o campo dos Revirões possíveis: o campo geral fica completamente acossado quando algo vem sugerir que se dialetize ali onde não é possível dialetizar.

A paranóia, então, tenta reduzir todo e qualquer acossamento de flutuações, de Revirões, no nível do simbólico, e até mesmo das possibilidades de reviramento no nível do espontâneo, do chamado natural, mediante prótese, fabricação tecnológica, científica, etc. Ela vai tentar, o tempo todo, exorcizar essa movimentação. Isto no sentido de reunificar em torno do Um do hiper-recalque.

Todo o processo de construção rigorosa – *un essai de rigueur*, que Lacan vê sobretudo na paranóia, mas que, segundo esse meu aparelho, é para qualquer uma das psicoses – é no sentido de construir um delírio magnificamente instalado: uma grande teoria, absolutamente enlouquecida, que seja capaz de demonstrar, o tempo todo, que o hiper-recalque gere todo o processo e não deve ser dissolvido, senão o estraçalhamento virá.

Lacan diz mesmo que a paranóia é a personalidade. É como se fosse necessário uma grande construção teórica, mais ou menos delirante, no sentido de garantir a identidade daquela pessoa sobre um hiper-recalque. Ou seja, co-naturalizar, reificar, hipostasiar, reduzir o que é da ordem de um deslizamento perene.

O vetor da paranóia seria, então, o de fechar-se no reduto do hiper-recalque contra os deslizamentos. Isto é que faz todo o sabor teórico, construtivo, do delírio paranóico, o qual não é muito diferente de uma teoria, como Freud notou. Schreber e Freud não são muito diferentes, só que aquele está sentado sobre o hiper-recalque e este sobre determinadas suposições, axiomas, etc. Schreber é fanático de um hiper-recalque, e Freud aposta em algo que até

... etc.

possa vir a ser considerado como hipóstase, mas que não é hiper-recalque para ele.

Se o que estou dizendo é verdadeiro, a possibilidade de cura de uma paranóia seria tentar dissolver o hiper-recalque, tentar de algum modo modular artificialmente o que parece co-natural. Neste ponto, sou tão ignorante quanto os predecessores.

O que aí acontece é uma luta permanente de construções delirantes, maravilhosas, etc., pela unificação em torno do hiper-recalque. Do ponto de vista vetorial, a paranóia é, então, centrípeta e o centro é o hiper-recalque num processo de tentar unificar, dominar, a multiplicidade que ocorre com dissolução. Isto em torno da garantia do hiper-recalque como fundamento.

É como se o hiper-recalque ficasse valendo como axioma teórico de produção delirante. É o que faz Schreber. Ele se vira para dar conta e, em última instância, acha um ser onipotente, Deus, que tem o direito de tomá-lo como posição feminina. Como é um onipotente, pode transformar o seu corpo. Ele não é um homem que vai transar com outro homem, mas um homem que transa com Deus que o vira fêmea. Aí dá, tudo bem, pois não suspendeu o hiper-recalque, suspendeu o corpo. Suspendeu aquilo a que o hiper-recalque está acoplado, mas não o hiper-recalque.

\* \* \*

Na *esquizofrenia*, temos a mesma questão. Há hiper-recalque, mas o vetor mediante o qual, na historicidade, na formação do caso, o psicótico lida com o hiper-recalque é justamente o contrário do vetor da paranóia.

O vetor é mais próximo do momento fecundo da produção da psicose, do momento de perdição. Qualquer psicose passa por esse momento de perdição na multiplicidade. Na paranóia, o vetor é de reconquistar a unicidade centrada sobre o hiper-recalque. Mas o esquizofrênico, no que está em torno do hiper-recalque, ao invés de centrar-se nele contra as formações da multiplicidade delirante, vai lutar contra essas formações, uma a uma.

O processo de defrontamento é o contrário. Uma coisa é estar fugindo da multiplicidade de olho no centro do hiper-recalque, outra, é estar instalado no hiper-recalque tentando afastar as multiplicidades, o que é parecido com o processo do obsessivo que faz isto no nível do simples recalque.

O esquizofrênico no que, ao invés de estar centrado no hiper-recalque fugindo da multiplicidade, está, de dentro do hiper-recalque, observando, vigiando todas as multiplicidades, o que faz é perder-se nelas. Isto dá a impressão – que é mera impressão, mas que qualifica melhor a estrutura da esquizofrenia – de que ele está parecendo fugir da prisão do hiper-recalque para a dissolução dentro do processo da multiplicidade.

Nessa impressão, nessa fenomenologia, é como se o paranóico estivesse fugindo da multiplicidade para se centrar, se fechar dentro de uma fortaleza pequena, e o esquizofrênico tentando fugir da prisão para a multiplicidade. Mas não é bem isto que está acontecendo, e sim que o esquizofrênico, fundamentado no mesmo hiper-recalque, ao invés de nele estar centrado, está voltado para as multiplicidades, em luta com elas. O vetor, a posição, é que mudou: uma coisa é estar de costas para a multiplicidade, correndo para o centro, outra, é estar no centro, de frente para a multiplicidade, pois isto dispersa, estraçalha, e dá a impressão de que se está fugindo do centro, da prisão.

A aparência de abertura na esquizofrenia, por exemplo, não é abertura nenhuma, e sim dispersão: o cara se perde nas lutas fragmentárias, o que resulta aparentemente numa expansão. Mas uma coisa é eu estar aqui paranoicamente, é o caso de dizer, pensando em torno de uma produção teórica centrada num axioma, em determinada formação nodular. Isto é da ordem da construção paranóica. Outra, é, ao invés de ficar centrado nisso enquanto penso, eu tentar pensar no diálogo com a multiplicidade de pessoas que está aqui, sem esse centramento. Embora esteja nessa posição, eu me perco e o diálogo se estraçalha. Então, não é abertura nenhuma. E, por falar nisso, colocar a questão deste modo tem consequências *políticas* no processo esquizofrênico que estamos vivendo hoje em dia.

... etc.

Digamos que o vetor da paranóia fosse no sentido de implodir para o centro do hiper-recalque. O da esquizofrenia não é no sentido de explodir, mas porque fica lidando com os fragmentos, se expande.

Ficar fazendo a apologia da esquizofrenia é não saber que o pobrezinho que está nessa situação, só pode nos estranhar. Ele nos olha e diz: “Esse cara é doido. Estou aqui me virando para segurar o troço, e ele está dizendo que estou abrindo”. Ele está se virando para manter a sua cidadela, fazendo o esforço de empurrar um a um todos os elementos da multiplicidade, e lhe dizem: “Você é um nômade maravilhoso!” Por isso, não há conversa possível.

\* \* \*

Se, então, esse recorte presta para alguma coisa, é preciso fazer a distinção disso para poder pensar a loucura em geral. Devemos nos reduzir a casos de paranóia e de esquizofrenia, ou seja, a casos de psicose, segundo minha terminologia, para pensar, por exemplo, os loucos egrégios? Isso que Lacan chama de loucura dos riscos supremos? Por exemplo, a loucura dos santos?

Aconselho que leiam *Les Hommes Ivres de Dieu*. Os Homens Ébrios de Deus, de Jacques Lacarrière, Paris, Fayard, 1975. Ele trata daqueles que são os malucos maravilhosos que construíram a Tebaida: Santo Antão, São Pacômio, os estilistas, aquela turma toda. São os que estavam em busca de Deus, entre os quais, mais tarde, podemos incluir Santa Teresa, São João da Cruz...

Que loucura é aquela? É tudo louco, não há a menor dúvida... como nós. Mas Nietzsche é esquizofrênico, paranóico ou não é nada disso? Ou não é psicótico?

Quero começar a dizer que não vejo psicose alguma nessa gente. Um ou outro egrégio pode até ser psicótico. Afinal de contas, mais egrégio do que Schreber não é fácil: o grande Schreber, professor de Sigmund Freud, esse, me parece uma paranóia. Mas o que mais haverá para além da psicose?

Aí, faço recurso ao Recalque Originário e ao modo como, sem nenhum hiper-recalque, alguns, no seu movimento (não delirante, mas) deslizante por

sobre os processamentos dialéticos das possibilidades libidinais, se aproximam radicalmente do zero, do furo do Real. Lá onde a Denúncia de Sujeito, e não nenhum Sujeito da Denúncia, insiste e, acossa na possibilidade de dizer uma verdade, ou seja, dizer o Indiscernível.

A freqüentação disso, seja por acidente da história do indivíduo, seja porque seu percurso o levou muito longe aí, é, por conseqüência, a freqüentação insuportável do Indecidível. Isso faz loucura, mas não psicose. A freqüentação exagerada da Denúncia, da beira do vazio, no dizer de Alain Badiou, seja por metodologia de pensamento, seja porque a história do indivíduo o empurrou para lá, é outro tipo de construção, de formação dentro do Haver.

Acho extremamente difícil estabelecer diferença entre isso ocorrer por metodologia de pensamento ou por acontecimento na história do indivíduo. Eu gostaria, por exemplo, de, para isso, tomar o que seria o Schreber do nosso tempo: Louis Althusser. Servirá o texto de Althusser, para este caso, e não para o da psicose, como o Schreber deste nosso momento? Tenham a coragem de lê-lo, pois é terrível: *L'Avenir dure Longtemps*, Paris, Stock, 1992. É o livro testemunho e, a meu ver, testamento de Althusser, escrito depois do “caso Althusser”, é claro.

É impressionante o nível de depoimento, de tentativa de leitura dos acontecimentos pregnantes da sua vida. Ele não está fazendo filosofia, psicanálise, nada disso. Está dando o depoimento do que lhe aconteceu. Belíssimo! Terrível!

Minha questão é: para além de psicose, neurose, morfose, o que é uma *Tanatose* radical? Ou seja, no mesmo lugar em que, em Seminários do ano passado, eu insistia em tomar como capaz de definir o que fosse a melancolia, vamos encontrar a freqüentação, de diversos modos, da beira do Vazio e da beira do não-Haver, que empuxam o processo para um tipo de loucura que dá nos grandes homens e nos grandes malucos.

Às vezes, a vetorização impõe, uma mera melancolia, onde o sujeito se perde virado para o não-Haver, de costas para o Haver, mas numa saudade covarde daquilo. Às vezes, empuxa para um processo de ambivalência em



... etc.

relação aos fantasmas que se produzem aí, o que vai dar naquilo que erroneamente chamamos de psicose maníaco-depressiva. Não há psicose alguma aí, e sim posição maníaco-depressiva lá no limiar do Haver.

E, às vezes, o sujeito simplesmente consegue freqüentar ali e sempre retornar para um processo – mais ou menos maníaco, é claro! – de produção, onde, ao invés de ficar na melancolia, na oscilação maníaco-depressiva, ou até mesmo numa loucura de fuga, de destrambelhamento radical em que pode acontecer autismo – é só ver o fim da vida da Nietzsche –, ele pode virar de frente, para dentro do mundo do Haver e elaborar por ali com certa prudência. Às vezes, até requerendo certos aspectos neuróticos, requisitando juízos forclusivos e ir se equilibrando por ali.

• Pergunta – *Há um livro recente de uma autora americana, que desmonta todas as teses sobre autismo, diz que está tudo errado. Sua conclusão é que a questão do autismo é simplesmente de déficit cognitivo...*

O déficit cognitivo é anterior ou posterior ao conhecimento? Esta é uma questão séria. Suponhamos que Nietzsche conseguiu ficar absolutamente ignorante. Aqui pelo meio, a gente sabe as coisas, mas antes, não sabemos nada. Depois, então, não sabemos mais nada mesmo. Qual é a diferença? Eu, consigo estar aqui falando e brincando de fazer teoria porque penso que sei. Isto é paranóia.

• P – *O raciocínio dela é aproximar o autista do débil mental.*

Mas quem é mais débil mental, o prévio ou o pós? Nietzsche no piano, batendo as teclas, é mais ou menos débil mental do que quem enfia o sorvete na testa? São as questões dos limiares e dos vetores. Só estou dizendo que isso não é psicose. Débil mental, quem não é? Depende da grandeza da debilidade...

Uma coisa é estar-se dissolvendo nesses embates, mas com fé no hiper-recalque. Outra, é não ter nada disso, estar lá na fronteira, até articulando bem. Ninguém pode dizer que a obra de Nietzsche é de psicótico. E há, sobretudo, o fato de que aqueles que freqüentam esse lugarzinho, se não forem

extremamente prudentes, ficam sem companheiros, não têm eco no seu percurso, no seu diálogo, o que é enlouquecedor.

Eles são empurrados para uma situação de singularidade tão intensa que a falta de resposta os coloca em processo de dissolução. Isto porque, de fato, toda vez que alguém frequenta muito esse lugar, as pessoas tentam massacrá-lo. É preciso, pelo menos, fingir que se é imbecil, se não, não se sobrevive.

20/AGO

## 12

### EU (E OUTRAS POESIAS)

Vocês são testemunhas de que, há muito tempo, eu já estava de preto. Os ministros militares proibiram que se vestisse de preto, principalmente no próximo dia 7. Se alguém tiver uma roupa verde ou amarela para me emprestar... Perguntam-me por que ando de preto. De repente, é porque a gente precisa andar de luto, o que ainda é bem melhor do que andar de melancolia.

Aliás, há ocasião para estar de luto: presto aqui a minha homenagem ao recém falecido Félix Guattari, cuja importância para o nosso campo e nosso trabalho é indiscutível. Uma pessoa extremamente simpática, que tive a oportunidade de conhecer com certa intimidade num certo momento, e que era louvável por não ter a menor tendência para o assassinato cultural.

\* \* \*

Quero agradecer a Profa. Dra. Ieda Tucherman, por sua gentileza, aliás, Dura Gentileza, em ter-se dado, semana passada, ao trabalho de ajudar a coonestar, pelo menos, diante de outros discursos, as minhas colocações, propiciando certamente alguma interlocução sem a qual fica difícil o nosso próprio desenvolvimento.

Um dos pontos principais desta tentativa de pensar o que fosse uma Pedagogia Freudiana é justamente pensar: *pedagogia de quem, para quem?*

Digamos que, na perspectiva que estou exercendo, ela, em última instância, seja o que se poderia chamar Pedagogia do Sujeito, restando saber onde colocar esse tal Sujeito. Se é preciso uma pedagogia dele, é porque ele não é nada espontâneo e nem anda solto por aí. Deve ser porque ele é raro e precisa de alguma pedagogia para fazer o seu parto.

Daí que entre os comentários brilhantes da Profa. Ieda, preciso destacar um deles, pelo menos, para que não haja mal-entendido quanto à minha postura. Este, aliás, é o valor da interlocução: suscitar diálogo diante de questões. Quero me referir principalmente à utilização feita por ela de Paul Virilio, questionando, com muita atenção e com motivos, o conceito de *Prótese* que venho colocando.

A minha Prótese, eu a apresentei como sendo uma escapada decisiva da dialética, apesar de levá-la em consideração. Falei em Tese/Anti-tese sobre Ek-tese, como escapada fora da dualidade de tese e antítese, o que só tem como resultado, de retorno dessa escapada, o que chamei de Pro-tese, ou Prótese.

Conheço pessimamente o tal Virilio. Apenas li um artigo seu, que não achei grande coisa. Pode ser que haja mais coisas importantes. Certamente, o conceito de prótese que ele consegue criticar é o das produções artificiosas que vêm substituir, no corpo humano, algumas funções que certamente o homem aliena a essas próteses. Neste sentido, ele teria absoluta razão. Se for o caso de alienar às muletas os movimentos de uma perna que bem funcionaria não fosse a sua alienação às muletas, as próteses tornam-se mutilantes, tornam-se mesmo perigosas. Mas isto nada tem a ver com meu conceito de prótese.

O que é uma prótese quando se coloca a hipótese do Revirão? É: o que quer que esteja disponível para se lançar mão como artifício. Se o meu Revirão fica entre Natureza, se quiserem usar o termo, e Cultura, se é ele o centro e o fulcro de todas as possibilidades de alavancamento das situações, tudo que haja, que esteja disponível para esta espécie centrada no Revirão, tudo eu considero como artifício.

Daí que, para esta espécie, Natureza não é senão o artifício espontâneo, um artifício dado. E os outros artifícios, fabricados pela espécie, poderíamos chamar de artifícios industriais. São aqueles que não estão sendo dados espontaneamente, mas que são produzidos a cada passo.

Se a psicanálise serve para alguma coisa, sabemos muito bem que muitos dos artifícios industriais são reificados e transformados em artifícios praticamente espontâneos. Com o que, posso situar com bastante singeleza a idéia de Neo-etologia.

Isso, a meu ver, é de posição muito distante da que foi apresentada sobre Virílio. Não há salvação fora da prótese. Justamente na tentativa de se considerar qualquer disponibilidade como artifício para esta espécie, ainda que seja um braço, uma perna, os movimentos do corpo, suas excrescências, suas secreções. Esta espécie, então, no que se refere ao que a especifica, que coloco como sendo a possibilidade de reviramento, o que quer que ela toque, é situável no nível do protético.

• Ieda Tucherman – *Virílio, na verdade, teria uma posição, em relação a essa questão da prótese, muito semelhante à ontologia de Badiou. Ele coloca que a pura existência de próteses artificiais não determina uma superação da ontologia porque, na realidade, a reificação criaria uma neo-etologia. O que ele propõe é uma pedagogia da prótese, no sentido de uma manutenção da invenção de próteses singulares e na diferença de uma sociedade que fez uma didática protética e, nesse limite, impedia a singularidade. Isto é, de fato, o que está em seus textos: Inércia Polar e Velocidade Política. É evidente que, agora, estou usando os termos de Badiou e os seus. A questão dele não tem, pois, a simplicidade, a inocência, de imaginar algo fora da prótese.*

Sem essa ressalva, fica parecendo que se continua a manter a oposição Natureza/Cultura, etc., que é absolutamente prejudicial nos encaminhamentos de hoje em dia. Então, estamos no mesmo barco...

Afinal de contas, também estou propugnando a pedagogia da prótese. Prótese não sendo senão a consideração do que quer que se ofereça na sua

disponibilidade à ação humana como tendo que necessariamente cair no índice do artifício. Cultivar o corpo é artifício para esta espécie.

\* \* \*

Pedagogia de quem? para quem?

*Vês?! Ninguém assistiu ao formidável  
Enterro de tua última quimera.  
Somente a Ingratidão – esta pantera –  
Foi tua companheira inseparável!*

*Acostuma-te à lama que te espera!  
O Homem, que, nesta terra miserável,  
Mora, entre feras, sente inevitável  
Necessidade de também ser fera.*

*Toma um fósforo. Acende teu cigarro!  
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,  
A mão que afaga é a mesma que apedreja,*

*Se a alguém causa inda pena a tua chaga,  
Apedreja essa mão vil que te afaga.  
Escarra nessa boca que te beija!*

...

*Senhor da alta hermenêutica do Fado.  
Perlustro o atrium da Morte... É frio o ambiente  
E a chuva corta inexoravelmente  
O dorso de um sarcófago molhado!*

*Eu (e outra poesias)*

*Ah! Ninguém ouve o soluçante brado  
De dor profunda, acérrima e latente,  
Que o sarcófago, erecto e imóvel, sente  
Em sua própria sombra sepultado!*

*Dói-lhe (quem sabe?!) essa grandeza horrível,  
Que em toda a sua máscara se expande,  
À humana comoção impondo-a, inteira...*

*Dói-lhe, em suma, perante o Incognoscível,  
Essa fatalidade de ser grande  
Para guardar unicamente poeira!*

*...*

*Falas de amor, e eu ouço tudo e calo!  
O amor na Humanidade é uma mentira.  
É. E é por isto que na minha lira  
De amores fúteis poucas vezes falo.*

*O amor! Quando virei por fim a amá-lo?!  
Quando, se o amor que a Humanidade inspira  
É o amor do sibarita e da hetaíra,  
E Messalina e de Sardanapalo?!*

*Pois é mister que, para o amor sagrado,  
O mundo fique imaterializado  
– Alavanca desviada do seu fulcro –  
E haja só amizade verdadeira  
Duma caveira para outra caveira,  
Do meu sepulcro para o teu sepulcro?!*

São três sonetos do grande Augusto dos Anjos. No primeiro, registra-se o que Freud chamava de ambivalência: a equivocação, o chamamento, a convocação equivalente da *hainamoration*, como diria Lacan, do amor e do ódio, na mesmíssima mão que afaga e apedreja, na mesmíssima boca que escarra e beija. Estamos aí na dialélica, se não na dialética, do amódio, se pudermos traduzir mal isso que Lacan nomeou.

No segundo, que se chama *O Sarcófago*, estamos diante de uma metáfora bastante interessante do Cais Absoluto: o esbarrar, afinal, naquele vaso de Nada, naquele depósito de coisalguma, naquele conjunto vazio.

No terceiro, embora de maneira irônica, dada a interrogação dos dois tercetos, está-se procurando por alguma coisa que pudesse, quem sabe, orientar uma *Philía*. Talvez do tipo sonhado por um Nietzsche, quando a chamava de *amizade estelar*: “Com certeza, dizia ele, existe um astro longínquo, invisível e prodigioso que estabelece uma lei comum às nossas pequenas evoluções. Elevemo-nos até esse pensamento!”

No regime da mão e da boca os ódios equivalem os amores. O que poderia ultrapassar essa dialética? E, do ponto de vista clínico – pois que é dele que sempre estamos falando: da intervenção no mundo –, o que poderia suspender a *hainamoration*? Nada mais, nada menos do que a consideração do *sarcófago*, como metáfora. Quem quiser pensar um pouco mais abstrato, estamos falando em encaminhamento até o Cais Absoluto que põe quem ali está não na diferença ou na oposição entre amor e ódio, mas na Indiferença para com isso na sua oposição para com não-Haver.

O que seria uma Pedagogia capaz de insistir na aproximação do Cais Absoluto? – esta é a nossa questão. Chamo-a de Pedagogia Freudiana. É o tratamento analítico de quaisquer questões. O que, como já disse, nada tem de filosófico. Este, aliás, não sendo senão a possível consideração do que aí se passa.

Quem vai ao Cais Absoluto, ou quem nasce lá? E que retorne possivelmente na frágil competência de estabelecer a amizade verdadeira de uma caveira para outra caveira? Quem pode estar lá, ir lá ou vir de lá? Acho que é Eu. Só Eu pode estar lá, vir de lá.



Já tive oportunidade de colocar que o dito *sujeito dividido* da psicanálise penúltima, considerando do ponto de vista estrito da divisão do Eu, o que não é toda a consideração que Lacan produz, apesar das diferenças que devemos reconhecer entre o Eu de Lacan e o *shifter* de Jakobson, é apenas o sujeito disponível onde quer que alguém fale e, portanto, suposto ali entre os dois alelos de um Revirão. Isto, fazendo lembrar que não é necessário que a oposição alélica se apresente na evidência de uma oposição sensível – entre branco e preto, claro e escuro, por exemplo –, mas que é pensável na oposição entre uma afirmação e a negação disso, o que é o estofo último do que opera no pensamento dialético.

Lacan resolveu que havia sujeito aí no intervalo vazio da oposição. O que indicia que sujeito é a figurinha mais fácil do mundo: está disponível onde quer que alguém abra a boca para dizer algo, ainda que sejam loucuras ou estupidezes. Não posso considerar aí nenhum sujeito. Se quisermos manter o nome, devemos aí chamá-lo de sujeito verbal ou o assujeitado. Um membro desta espécie, no que é afetado pela essencialidade que lhe é o Revirão, nesta afetação, mostra-se como assujeitado ao movimento da oposição. Portanto, sente-se o assujeitamento ao intervalo entre o sim e o não.

Daí que, de muito antigo, sem saber ainda do que estava dizendo, ou dizendo mais do que sabia, comecei a questionar esse sujeito num artigo, de péssima construção, chamado *O Shifter e o Dichter*. Naquele momento, eu me referia ao *shifter* de Jakobson que, como sabemos, é situado por ele no cerne da enunciação. E pedi alguma coisa a mais, que eu supunha estar lendo no próprio Lacan e que chamei de *Dichter*, copiado de Heidegger certamente: o condensador, o poeta. Tolamente, eu me dizia que era necessário procurar por ele *entre* enunciado e enunciação. Aí é que está a bobagem. Mais tarde, já pude corrigir isto.

O assujeitado que pode comparecer como *shifter*, que Jakobson quis chamar de enunciação, não é senão o que, na índole mesma dos essencializados pelo Revirão, promete a obsessão (não necessariamente uma neurose obsessiva, mas o comportamento obsessivo) de oscilar entre as oposições. Daí que muito

disso a que se chama de enunciação é apenas a dúvida perene no caminho a seguir quando se está diante do *ipsilone* de uma bifurcação.

Felizmente, Lacan não parou aí. Embora restem os textos mais antigos em que tenta dar conta da enunciação de Jakobson, ele caminhou muito mais. É lá que, apesar do erro lacaniano de dispor o sujeito a todo e qualquer falante a qualquer momento, posso suspeitar, posso ler, já por ele enunciado, um outro e mais raro e preciso lugar para o Sujeito da tal pedagogia das próteses, que encareço: *Vers un signifiant nouveau*.

\* \* \*

O *shifter*, no sentido de Jakobson, pode me prometer trocar de lugar com qualquer outro assujeitado: todos estamos dentro da mesma condição. Em “Maria foi ao cinema”, por exemplo, está indicado um alguém para sustentar o lugar desse assujeitado que – por maluquice, naturalmente – foi ao cinema (pois cachorro não vai ao cinema, cachorro não é maluco).

“Eu vou ao cinema”, deixo escrito no quadro. Há um assujeitado que diz que vai ao cinema: *shifter*. Qualquer um que ler a frase, dirá: “Eu, quem?” É preciso indiciar alguém para o lugar desse assujeitado.

Jakobson começa conversando sobre o fato de que as crianças se chamam por seu nome, apelido, de neném, qualquer coisa, na terceira pessoa. No que elas têm absoluta razão! Estão ali ocupando o lugar de um assujeitado que só é indicado por outrem. Ainda não aprendeu e não assumiu o *shifter* que lhe dá o mesmo lugar de todos os assujeitados.

Eis senão quando, parece um grande progresso – talqualmente o progresso que alguns suspeitam no Estádio do Espelho, sem considerar o meu Estalo – o fato de a criança agora poder dizer: “Eu”. Pintou sujeito!? Não pintou não! Não há sujeito algum aí. Muito pelo contrário, o que se enunciara previamente como sujeito possível, no que ela se chamava pela terceira pessoa a ser nascida num parto qualquer, entrou em decadência. Isto, para conviver com os demais assujeitados desse possível lugar de sujeito, para tornar-se um

assujeitado como outro qualquer e poder incluir-se no bom-senso dos assujeitados na sua universalidade.

Chamar-se de Eu na passagem da infância é abrir mão da possibilidade de Sujeito. Notem que estou dizendo o contrário do que vocês se acostumaram a aprender. É abrir mão para sobreviver no campo etológico geral do bom senso comum.

Jakobson suspeitava aí um grande momento de surgimento de sujeito da enunciação. Eu, digo que o sujeito da enunciação é puramente gramatical. Ou seja, o que há aí é uma possibilidade – que não é de se desprezar, pois é necessária – de se cair no sintoma da língua e, junto com a universalidade dos assujeitados, participar dessa prótese.

Reencaminhando ainda a questão de Virilio, pergunto se não está aí uma alienação protética. A prótese chamada língua é capaz de fagocitar a singularidade emergente e cheia de possibilidades daquele que se chamava de “neném”. Mas, do ponto de vista do panorama educacional em que vivemos, o que fazemos é aplaudir essa entrada no nível da enunciação de um eu gramatical e procurar coibir o neném. Aí, estamos de uma vez por todas, metidos tanto no sintoma de uma língua, a qual carrega e facilita a enorme quantidade de outros sintomas que a prótese industrial fornece, bem como na possibilidade de reafirmar a sintomatologia das próteses espontâneas que carregamos junto com a tal de Natureza.

Começa a língua a remarcar, seccionar, extirpar, antes ainda que algum poeta venha a resuscitar, no corpo mesmo da língua, o Revirão que a originara e que ela pretende esquecer no cotidiano das falas. Se tomarmos como a pe-dagogia de Nietzsche, por exemplo, o retorno à infância, ao *infans*, o seu *noch Kind werden* – que, a meu ver, está situado no mesmíssimo lugar do *wo Es war* de Freud –, não será isto, para além da sintomática da língua e da enunciação gramatical, a suspeição de possibilidade de Sujeito, a retomada de uma posição singular no seio da língua, tal como fizera a criança ao se chamar (no lugar gramatical correto de um Sujeito, que é) na terceira pessoa do singular?

Eu não é sujeito, é assujeitado. Sujeito é ele. Quem? O Magno. Não me confundam com esse cara. Só é possível arriscar a posição rara de Sujeito quando posso coabitar com o terceiro lugar, terceira pessoa do singular, de quem eu possa falar na distância para com o assujeitado que vos fala.

O assujeitado que vos fala pode perfeitamente citar o Magno como um outro, como terceiro do singular. Só quando começo a sentir a possibilidade de aproximar a raridade da emergência de lá do Indiscernível, do lugar que, pelas práticas de fidelidade, começo a construir um nome, é que posso designar essa terceira pessoa, singularíssima, como Sujeito, que não coincide com o assujeitado que vos fala.

Estar assujeitado à sua condição, à sua especificação, a qual designo como sendo a máquina do Revirão, não garante que se faça exercício de se encaminhar para a Outra diferença. Qual é a diferença que posso suspeitar nisso que Jakobson quis chamar de enunciação e pôs aí um *eu*? É a diferença dialética, se não meramente dialéctica, entre as oposições.

Qual é o indício, a indicação, que nos dá Augusto dos Anjos em seus poemas? Que, para além do amódio, da oposição, há um encaminhamento para a Outra e radical oposição que indiferencia as oposições e coloca um lugar, que é Denúncia de Sujeito: lugar onde Sujeito pode emergir, onde se denuncia que Sujeito pode vir a acontecer. Isto é, na indiferença para com as oposições, na extrapolação ek-tética das oposições. E que não é em branco, pois é a oposição entre o lugar vazio e indiferente às oposições internas e a oposição inconsecutível, impossível de se inscrever entre haver sarcófago e não-haver, nem mesmo sarcófago.

É esse o lugar onde Sujeito se denuncia e que, por algum evento na história do assujeitado, no confronto com a verdade possível de emergir do indiscernível, um nome talvez se inscreva. E não poderá ser chamado na primeira pessoa, pois pertence à terceira pessoa do seu singular. Denúncia de Sujeito na terceira pessoa do singular, desde onde um nome talvez se escreva. E mesmo o assujeitado que porta esse nome não pode referir-se a ele senão na terceira pessoa.

Uma coisa é fazer a pedagogia do empurrão para a Denúncia de Sujeito, aonde ele talvez ainda não tenha pintado, esteja por pintar. Outra, é reconhecer que talvez tenha pintado, que aconteceu algo. Mas é lá no mesmo lugar: um sujeito por vir, outro sujeito vindo.

O que suspeito é que, lá no começo havia Denúncia de Sujeito. Por isso essa coisa, essa dificuldade de entrar no universal de um sintoma designado. No entanto, entra-se, graças a Deus! Se não, não dava nem para conversar. E a porta de saída é por aquela por onde se entrou. É óbvio que não é a mesmíssima coisa.

Agora, feito o percurso, posso designar o terceiro lugar, nomeá-lo e apresentar as provas do seu nascimento. Antes, era a pressão mesma do processo de Revirão, a pressão plerômica, que deixava o sujeito ainda não sintomatizado no terceiro lugar, o qual indiciava pela fala dos outros, por como os outros o chamam. Mas a criança não está assumindo o terceiro lugar, e sim utilizando o terceiro lugar que lhe é dado. Mas como assumi-lo, designá-lo, desenhá-lo e provar o seu desenho?

\* \* \*

No que, de maneira terminal, Lacan coloca o Inconsciente entre Saber e Verdade, há um passo que distingue o lugar do Inconsciente daquele que ele falara como estruturado como uma linguagem. A não ser que se faça a leitura de que “ser estruturado como uma linguagem” não é o assujeitamento aos arcabouços dos sintomas lingüísticos, mas sim que a linguagem seja o que, no emergencial, dê condições às línguas de dizerem o não-dito. E isto está em Lacan. A questão é de *onde* nos colocamos.

Do meu ponto de vista, estou *lendo* Lacan. Do de outros, acham que estou lendo coisa diferente. É uma questão de tomar todo o pensamento de Lacan ou apenas uma parte, e ficar-se nessa tolice de considerar que há sujeito disponível por aí, o qual está na enunciação, nessa equivocação menor entre as oposições disponíveis.

É claro que, dado o percurso feito por Lacan, isso fica extremamente ambíguo. Se, no primeiro momento, ele situa o sujeito como o intervalo vazio entre  $S_1$  e  $S_2$ , entre um conjunto, *essaim*, um enxame, ou seja, uma multiplicidade que mais ou menos desenha aquele assujeitado, e o  $S_2$  que é o saber do Outro, que ele também chama de saber inconsciente, estamos diante de uma dificuldade. O sujeito é aquilo que um significante representa para outro significante. Digamos que vamos privilegiar esse significante, que seja esse *essaim*, essa multiplicidade de base, e a grande multiplicidade do Outro, para a qual ele inventou até um furo muito legal, chamado  $S(\text{A})$ , S de A barrado...

Temos aí o sujeito *baseado*, que é aquele que está meio no *barato* do  $S_1$ , que é a sua droga. O intervalo entre  $S_1$  e  $S_2$ , mais tarde, no pensamento de Lacan, demonstrou-se furado pelo tal do  $S(\text{A})$ , que devia chamar-se S de A furado. Ele indica o tipo de diferença, de oposição: a interna, que posso equivocar nas oposições da língua, ou a externa, que fura o Outro na sua impotência de atingir o não-Haver.

Assim, não é de se jogar fora o conceito  $S(\text{A})$ . Há, então, o sujeito baseado, aquele que, dado o  $S_1$ , encontra-se no intervalar de  $S_1$  para  $S_2$  se considero aquele último furo. Mas, no lacanismo dominante no mundo, o que acontece é o esquecimento disso: fala-se em  $S(\text{A})$  para fazer bonito em congresso de psicanálise, mas é diferente se pensarmos que, se  $S(\text{A})$  é pensável, não há sujeito nenhum entre um significante e outro. Isto porque o tal sujeito *baseado*, como Lacan disse muito bem, daí para frente, só pode ser pensado como *sujeito aspirado*, numa indiferença radical para com o seu enxame, seu *essaim*.

É lá no percurso à beira do vazio, no Cais Absoluto, que posso indiferenciar-me para com meu sujeito baseado como meu  $S_1$ . Então, aquilo passa a ser uma coisa outra, a ser (como é o corpo, uma séde, ou uma espécie de base corporal) de incorpóreos para a minha estação por aí.

O Sujeito que não pinta ainda, não é senão aspiração, algo que é aspirado no sentido do aspirador do não-Haver, do baita aspirador que não há e que aspira para a possibilidade de um lugar onde há Denúncia de Sujeito, mas não há Sujeito ainda. Este é Sujeito possível, e quando comparece é sujeito assinado.

Digamos, por exemplo, que há uma pedagogia de Fernando Pessoa sobre si mesmo e emprestada para nós. Quem escreveu aquilo tudo? Quem escreveu todos aqueles autores? É uma Pedagogia do Sujeito.

Para cá, estamos simplesmente na sintomática do assujeitamento. Uma coisa é salvar o sujeito lacaniano na sua última instância de aspiração pelo furo, outra, é, no mundo e mesmo nas clínicas, negociar com o assujeitado como se sujeito ele fosse. Então, para que análise? Pois se ali há sujeito, está-se fazendo análise para quê? Isto é uma contradição nos termos do próprio Lacan. Não considero contradição, pois ele escreveu até o fim. Mas pergunto aos lacanianos – que não são Lacan, graças a Deus! – para que que serve a análise se há sujeito lá? É a pedagogia do mesmo?

Estou denunciando a leitura extremamente ambígua no texto de Lacan, mas aproveitada pela maioria dos lacanianos, como posição intervalar do sujeito de significante para significante, sem fazer recorrência à última instância que nele está apontada. Não entendo que o sujeito esteja para além ou para alguém disso, e sim que está na perspectiva de ser retomado desde um lugar último que não tem além.

Os efeitos secundários disso é que, no percurso dentro das línguas, fazem com que se fique oscilando no para além e no para alguém: fica-se girando em cima do Revirão. Mas isto são efeitos secundários, pois é na terceira e última posição que se faz a aspiração disso. Esta posição última foi, a meu ver, inscrita por Lacan no algoritmo  $S(\bar{A})$ .

Não tenho nenhum motivo para destratar o meu mestre, muito pelo contrário. Que culpa tem ele de as pessoas não saberem ler? A lacanice não é Lacan. E mais, não devemos confundir os enunciados de congressos e artigos com a postura de quem os opera, pois o que nela e na prática de muitos frequentemente podemos ler é  $S_1$  tomado como um conjunto sintomatizado e  $S_2$  como a tal de cultura.

Se Lacan quisesse dizer que o Inconsciente é estruturado como uma linguagem na sua última posição – e por isso, em certo momento eu disse: então, a linguagem é o Revirão –, então, estamos lendo um Lacan absolutamente

preciso. Aí, não se pode diminuir o conceito de linguagem para o de línguas estabelecidas.

Até fiz a brincadeira de dizer: *l'Inconscient est structuré comme on l'engage*. Como é que se engaja essa massa discursiva e linguística no parâmetro de mal e bem que correm por dentro dos sintomas? Isto foi o que Lacan me ensinou. Aquele que estão lendo por aí é outro Lacan que não o meu.

Se o furo aspira, não há Sujeito senão pelo encontro fortuito com um evento à beira do Real. O que parece erro em Lacan é continuar a chamar as pessoas de sujeito, mesmo se tendo dito isto. Certamente, como ele mesmo declarou, ele dizia muito mais do que sabia, como todos nós.

O Sujeito, portanto, nessa emergência, não é a *ziquizira terrestre*, a qual é o que Nietzsche disse ser a doença dermatológica da terra, que são os assujeitados. O Sujeito fica para além da *ziquizira terrestre*.

O Revirão, de extrema disponibilidade desde sempre, é acachapado pelo quê? Pelos recalques Originário, Primário e Secundário, e, cuidado!, pois logo alguém inventa o Terciário... Se nada acontecer, pelo amor de Deus!, o que temos são primatas de luxo, ficamos no nível da *ziquizira terrestre*. E pior, ao contrário do que era de se esperar, estamos vivendo um momento em que todos os aplausos são para os recalques. Não banquemos os pra-frentinhos, pois somos absolutamente obscurantistas.

\* \* \*

Talvez, quem sabe, uma saída viável, apresentada desde Freud, seja a Pedagogia do Sujeito. A pedagogia na fidelidade aos processamentos que conduzem à beira do Real, de modo a que as sintomáticas possam, pelo menos, entrar em suspensão. Mas, para isso, precisam primeiro entrar em suspeição. Aí está o lugar privilegiado da psicanálise e de sua Pedagogia.

Quando se está visando a última instância, ao mesmo tempo que se fornecem as próteses, os sintomas de possibilitação de manejo, mantém-se a suspensão deles no regime de entendimento de sua artificialidade, mesmo quando



é um dado natural. As didáticas dos processos educativos fazem outra coisa: o marketing de tentar convencer o sujeito de que é o *mesmo*. Não mantêm a suspeição e a suspensão no próprio processo da formação. Isto com razão, pois é extremamente difícil morar à beira do abismo. Mas o homem está aí para ser ziquizira ou para freqüentar o seu risco? Esta é a questão. Façam jogo!

Alguns autores aproveitaram um brinquedinho que Lacan inventou, chamado Quatro Discursos, para fazer a suposição, a meu ver inteiramente idiota, de que a psicanálise não é uma pedagogia. Uma ferramenta matemática pode libertar absolutamente o pensamento, mas quando é solidificada em significações é a pior das prisões.

Certos autores, que já comentei, tomam o que Lacan chama de discurso universitário e pensam que é o discurso da pedagogia. O brinquedinho é muito interessante, promete um vigor muito grande: colocar quatro lugares, quatro letras e ficar rodando, etc. Já brinquei demais com isso, até inventei mais quatro. Mas se fizermos alocação a sujeito nesse lugar intermediário, já não funciona mais. Se não formos à última instância da Denúncia, os quatro discursos são apenas quatro sintomas. Mesmo o que está escrito como discurso da psicanálise, onde o objeto *a* ocupa o lugar de agente, passa a ser o que costuma ser nas terapias, mesmo quando chamadas de analíticas: o lugar daquele cara, Sr. analista, que não tem terceiro nome.

Sem aproximação última do lugar de Denúncia, o que se escreve como discurso do analista não é coisíssima nenhuma. É apenas o sintoma dos psicanalistas. E essa maquininha, mesmo na referência à última instância, não consegue ser mais do que o discurso da separação, aqui e agora, do enxame múltiplo que teria fundado sintomaticamente um sujeito. Por isso, eu disse que é o discurso da separação e não o da psicanálise.

Para além da separação, onde fica o dessemblante radical que Lacan pedira – *un discours qui ne serait pas du semblant* – para a psicanálise? Lá na última instância, para além da separação operada por um discurso aqui e agora, na indiferença radical para com o que quer que haja, na diferença absoluta entre Isso e simplesmente não-Haver. Que *phília* é possível constituir a partir

desse lugar? De uma caveira para outra caveira, do meu sepulcro para o teu sepulcro? Visitar o lugar da Denúncia não é senão tornar-se um *revenant*. Como falar como se estivesse para depois da morte que não há? Que política viria daí?

Continuo da próxima vez na aproximação do Cais Absoluto em relação à patologia geral e do que se possa pensar para além da psicose.

03/SET

## 13

### MAIS ALÉM DO SOM E DA FÚRIA

Então, é, assim... É normal... O pior é que normal: é perfeitamente normal! Talvez até o problema seja este: tudo isso é normal.

Alguns ainda reclamam de eu ter dito que não confio genericamente, em jornalista – a frase foi esta. O impressionante, é como conseguem realizar a proeza incrível de saber escrever – aliás, sobre qualquer coisa – antes ainda de aprender a ler. Isto me deixa estupefato. É muita competência...

Mas isso não é muito importante.

\* \* \*

Importante mesmo é o Sexo dos Anjos, que as pessoas não entendem – o qual só é pensável (e se impõe a quem quer que queira refletir sobre isto) em função do Revirão.

Revirão que sempre foi visto, não é novidade nenhuma, só que não o haviam nomeado assim e não lhe deram todo o peso que tem. Não se lhe havia, no trato de discursos influentes, como o da psicanálise, por exemplo, consignado essa importância. Mas é muito velho.

Quem, talvez, melhor articulou isso foi Marcel Duchamp. Este que cito com tanta frequência e que acho que tem um lugar de prestígio e de eminência no entendimento dos processos do psiquismo.

A providência divina é uma coisa muito importante. As pessoas têm certa ojeriza a ela porque pensam que há que estabelecer um Deus pessoal para Ele providenciar. A providência é que é divina: não precisa ninguém providenciar acima de todas as coisas. Tanto é verdade que sempre me trazem o que é necessário para eu fazer este Seminário.

Outro dia, pude receber um livro de Jean-François Lyotard, onde há uma série de textos, dos quais eu até já conhecia alguns, *Le TRANSformateur DUchamp*, Ed. Galilée, 1977. E também recebi um texto de Emmanuel Lévinas, que eu desconhecia. Isto é a providência divina.

A grande equação montada por Marcel Duchamp – parece que a única durante, toda sua vida, toda sua obra – resulta facilmente no conceito de Revirão. E com indicação precisa para o lugar terceiro que Lyotard gosta de chamar de *charneira* porque funciona como tal.

Charneira é o termo usado em geometria, como em carpintaria, para indicar o eixo neutro que faz a espinha dorsal dos rebatimentos, das basculações, por exemplo, a linha que passa pelos gonzos de uma porta. Lacan costumava dizer que uma porta está ou aberta ou fechada – isto, do ponto de vista estrito da computação binária, é claro.

Marcel Duchamp veio demonstrar que uma porta pode não estar nem aberta nem fechada: pode estar entreaberta ou entrefechada. Mas do ponto de vista da conta de *sim* ou *não* na oposição alélica que a razão binária impõe aos computadores, uma porta estará fechada ou aberta.

Imaginem que eu esteja numa situação corporal de certa distância em que não posso me aproximar da porta e que ela não esteja nem aberta nem fechada, mas entreaberta. Então, ela me fecha e me abre para o quê? Algo se passa diante, detrás dessa porta que não posso aproximar no momento, que me é importante e que tento vislumbrar ou semi-entender por essa brecha semi-aberta, por essa porta semi-fechada. Tenho que conjecturar o que se passa na charneira para imaginar a basculação dessa porta e tentar pensar o que eu possa tirar de congruente com a minha posição sobre o que se passa por detrás da porta.

A última obra de Duchamp se chama *Étant Donnés...*, Sendo Dados o Gás de Iluminação e a Queda d'água. É uma porta espanhola onde há dois furos, dois buracos, para a gente espiar como qualquer *voyeur* o faz: pelo buraco da fechadura que a porta me é, naquele momento que está trancada.

O que se vê lá atrás é a *mariée* – não temos este termo em português – já despida. O ponto principal, que é o ponto de fuga de todas as perpendiculares dos testemunhos oculistas – ou seja, os *voyeurs* – vai direto para a vulva da moça, iluminada pelo gás de iluminação e tendo atrás dela a cascata, a queda d'água.

Duchamp está equacionando de uma vez por todas o que pude colher em muitos lugares como sendo a estrutura mínima do que ocorre com esta espécie diante de qualquer fenômeno, que se chama Revirão. Ali, de um modo quente, na oposição suposta da diferença dos sexos.

Lytard brilhantemente demonstra que o buraco do olho de Duchamp – chamado *pupila*, a propósito – espia pelo buraco da porta o buraco da *mariée*. Ele faz um trocadilho interessantíssimo em francês: *le con* que espia *le con*, o babaca, de um lado, espia o babaca, do outro. Num distanciamento – igual a qualquer outro, ainda que se toquem as coisas e as pessoas – que reduz qualquer aproximação disso a mera projeção, a mera épura, ainda que seja uma tangência carnal. O babaca de um lado e a babaca do outro, onde fica o sexo desse acontecimento?

O olho de Marcel Duchamp espia pelo buraco na porta a vulva de Rose Sélavy situa o lugar terceiro dessa sexualidade. Qual é o sexo de Marcel Sélavy? É o buraco na porta para Rose Duchamp. Lá no terceiro buraco, aquele da porta, é que está a sexualidade disso que acontece aí.

Por isso, quando falei do *Grand Verre: La mariée mise a nu par ses célibataires, même*, apontei que o *même* significava simplesmente que, na tentativa de pôr a nu a *mariée*, no que ela é posta a nu por seus celibatários, ela *mesma*. Encontrado o terceiro lugar, mesmam-se as oposições.

Daí que, a rigor, o verdadeiro título do *Étant Donnés* é: *La mariée mise à nu par ses célibataires, même*, já posta nu. No *Grand Verre*, o título

verdadeiro é: Sendo dados o gás de iluminação e a queda d'água. Simplesmente se trocou. Isso levou anos para ser produzido, uns vinte.

Na *Mariée*, ele faz uma épura extremamente matemática da projeção de um acontecimento que vai decaindo em suas dimensões até chegar à segunda dimensão do vidro, da superfície do vidro. É uma épura: coisa de engenheiro e de matemático tentando equacionar o que se passa entre os sexos. O que se passa aí é o sexo do vidro. Como o que se passa entre os sexos no *Étant Donnes* é o sexo do buraco, do furo na porta.

Todo o processo de construção da obra de Duchamp recai necessariamente na produção do Revirão. Desde a possibilidade da coleta não indiscriminada, mas por evento, de um *ready-made*, como na produção de um *objet-dard*, que não é senão a reversão topológica de uma vagina, de uma bainha, em pênis. E todos os processamentos que utilizam o terceiro lugar – ou a charneira, como quer Lyotard – como fulcro de basculação das oposições alélicas que se apresentam no mundo.

Tanto é que *Le Grand Verre* e *Étant Donnés* são a mesma obra. Não há diferença: é a basculação da primeira na segunda, segundo parâmetros diversos. É a mesmíssima obra que ele fez a vida inteira. Está aí questionada a diferença que pretendia estabelecer entre o que chamou de *aparência* e *aparição*.

Considerando os dois alelos de um reviramento em termos de postura diante do mundo, ele considera que é da ordem da aparência isso que fala diretamente à percepção, à sensibilidade, etc. É da ordem da aparição isso que pode ser decantado segundo um processo de projeção, de perspectivação, seja em que dimensão for.

No caso da aparência, o olho é capturado: o retínico parece ter uma importância muito grande, parece nos tocar diretamente. No caso da aparição por decantação projetiva, o olho percorre, goza nesse percurso sem conseguir acolher uma formação pregnante no nível da percepção visual. É a eterna guerra de Duchamp contra toda história da pintura até ele, na tentativa de ultrapassar o cubismo, por exemplo: a eterna guerra contra o império do retínico.

No entanto, se pudermos, como sugere Lyotard, tomar o *Grand Verre* na sua aparição projetiva como da ordem do erótico – o olho percorrendo sem encontrar um retínico que se apodere dele – e, de outro lado, o *Étant Donnés*, que tem todas as aparências do futuro Pop americano e onde estamos diante da captura retínica, então (em vez de erotismo), vamos chamar de *pornografia* – que é o nome correto – a basculação entre o erótico e o pornográfico. Isto segundo o terceiro lugar da charneira, que faz a basculação e reduz toda e qualquer produção, inclusive a aparência do *Étant Donnés*, não só a aparição do *Grand Verre*, à ordem das projeções. Portanto, tudo se *mesma* nesse terceiro lugar: indiferente.

Por isso, em Seminários antigos, eu disse – o que causou certa espécie – que a distinção que nossa cultura bem comportada tenta fazer entre erotismo e pornografia é absolutamente indecível. Demonstração feita por Duchamp. Afinal de contas, não conheço nenhum animal capaz de produzir pornografia. Nunca vi uma revistinha de sacanagem com cachorros que tenha sido feita por eles.

Do ponto de vista do equacionamento das funções psíquicas em relação com o Haver, no reconhecimento do terceiro lugar como eixo de báscula de todos os nossos processos, isso se indifere e indecide radicalmente dessa distinção. É apenas um moralismo social, se não sociológico, que pode se permitir colocar porque tem o poder para isso.

\* \* \*

Donde chegamos à conclusão de que a aproximação do lugar terceiro, que chamo de Terceiro Sexo – e já cansei de explicar que não se trata de viado ou de sapatão, mas não querem entender –, do lugar vazio da indiferenciação das oposições e que as produz na sua basculação para um lado e para o outro, é na aproximação radical do lugar inabitável, onde o Sexo dos Anjos dança com radicalmente Outra música.

“Ora, direis, ouvir estrelas, certo perdeste o senso. Eu vos direi no entanto que, para ouvi-las, muita vez desperto e abro as janelas, pálido de espanto”.

Que música é essa, que não é bem aquela que se pode ouvir das estrelas, mas que fica muito para além delas? Ouvir estrelas as pessoas até já entenderam que é possível, desde que Bilac tentou mostrar isso, na coonestação da cultura de sua época.

Tive imenso prazer – pois é um pensador que desconheço, de quem já li algumas coisas mas não posso dizer que conheço – de receber um pequeno capítulo intitulado simplesmente *O “Haver”*, de Emmanuel Lévinas. Não estou falando novidades: o pensamento disso em Lévinas é da década de 40.

N’*O “Haver”*, L’*“Il y a”*, ele procura por essa música terceira, que chama de silêncio, que é a música desse Haver como ser impessoal, o “ele”, o *Il* do *“Il y a”*. O Haver, que ele não sabe dizer como infinitivo, aquele de Duchamp.

Mas ele fala de um “silêncio ruidoso”, coisa que foi bastante comprovada por um discípulo de Duchamp na música, falecido este ano, chamado John Cage. Ele fala de uma música que, em francês, é *dés-astre*, que não é mais astro. Que não é aquela que Bilac conseguiu ouvir das estrelas. É uma música do sem-estrelas.

A escuta dessa música, como ele chama atenção, nada tem a ver com *angústia*. O que tem a ver com angústia é o horror de se deixar de escutar a música. Aí, fica-se angustiado, mas se escutar, não fica. Digamos que angústia é uma barreira que colocamos para não escutar a musica.

Não é questão de angústia, mas sim, diz ele, de uma inversão do psicológico: um acontecimento que não é nem da ordem do ser nem do nada. Ele adscrive, por exemplo, essa escuta à verdadeira insônia. Quando o sujeito cai na insônia – não é o cara perder o sono porque está angustiado ou preocupado, pois isto é só perda de sono –, que não é nem triste nem alegre nem preocupada, perde-se o sono porque há uma música dentro da cabeça, que não se sabe qual é. Fica-se acordado, despertado, escutando essa música que não diz nada. E, continua ele, é preciso conseguir sair do há, do Haver, sair do seu próprio não-senso dentro do Haver para ficar disponível para escutar a música.



\* \* \*

Como pensar o Haver para além do som e da fúria? Como aproximar o terceiro lugar, onde se situa o sexo enquanto tal? O sexo radical, capaz de dançar conforme essa música entre, Haver e não-Haver, para além do não-senso?

É a isto que chamo de aproximação do Cais Absoluto. Se pensarmos na *deposição* de que fala Lévinas, depor-se – “Eu sou um rei que voluntariamente abandonei o meu trono de sonhos e cansaços”, diria Fernando Pessoa – do lugar marcado no Haver é aproximar o Cais Absoluto. Renunciar ao trono é aproximar-se da patologia fundamental desta espécie: o patos genérico de seu sexo, do seu entendimento. Ali, talvez, é onde habite a possibilidade de deslanchamento das loucuras egrégias de que falam alguns autores, ou da loucura dos riscos supremos, de Lacan.

Insisto nisso na medida em que pretendi estabelecer alguma distinção entre: (a) o que situei como psicose na dependência estrita de um hiper-recalque, seja ela de vertente paranóica ou esquizofrênica, e (b) outra e mais radical loucura (onde não encontramos um hiper-recalque desenhável, distinguível), que certamente não é da mesma ordem dessa que chamamos de psicose.

Lacan, como já apontei diversas vezes, no Seminário d’*As Psicoses*, chama atenção para o fato de que Schreber não faz metáforas. Suponhamos que seja verdade, que numa psicose estrita, esta que quero fazer depender de um hiper-recalque, justamente porque há hipóstase do faz-de-conta, o que fica prejudicado é a produção da metáfora. Mas por que outros loucos maravilhosos enlouqueceram apesar de todas as metáforas maravilhosas que produziram e que estão diante de nosso nariz?

Enlouqueceram de certa forma, pois a tendência dos outros é pensar que *eles* são loucos, nós não. Mas nós outros podemos ser loucos da neurose, que é uma loucura tão louca quanto uma psicose ou essa outra coisa. Como a patota é “solidária” nessa loucura, não se percebe que é todo mundo maluco.

Na aproximação terrível – Lévinas fala o termo certo: quando, sem angústia, pode-se estar diante do *horror* da música inarredável do Haver, seja com que configuração o Haver se nos apresente, mas é inarredável, e não adianta querer morrer porque não se terá outra música para escutar além dessa –, como poderíamos começar a pensar a aproximação do Cais Absoluto no regime da outra loucura, que não é necessariamente psicose? Na invocação de todos os nomes que conhecemos, Nietzsche, Artaud, Nerval, Van Gogh, etc., e também daqueles “ébrios de Deus”, que tentavam se santificar no deserto?

O que é propriamente um *deserto*? Por que essa mania de santo, quando quer virar santo mesmo, ir para o deserto, algum tipo de deserto: uma célula trancada, um lugar distante? Do ponto de vista da Tebaida, ficou mesmo o deserto geográfico como símbolo e o significante deserto como o lugar da santificação. Isto porque a aproximação do Cais Absoluto nos põe no vazio indiferenciado radical, que nos deixa na situação de escutar a música que denuncia o Sujeito – esta é a música. A Denúncia de Sujeito faz música – esta de que fala Lévinas.

Escuta-se o som indiferenciado, sem nota ainda, que denuncia um Sujeito possível. Denúncia de Sujeito, onde? Num deserto, que é um lugar geograficamente encontrável ou artisticamente construtível, onde tudo se indiferencia porque a sua aparição última é de Nada, Vazio, Zero.

Em termos matemáticos, é plano de projeção absoluto de uma épura de tudo que acontece nas suas oposições do lado de cá. Seja o que interessa aos “ébrios de Deus” na loucura da sua santidade, por via de deserto da carne. Seja também por via daqueles que são ébrios da carne, que, quando chafurdam até o final dela, encontram o mesmíssimo buraco, como Georges Bataille já demonstrou. A mediocridade erótica, como a pornográfica, é que são ruins, necessariamente.

\* \* \*

A aproximação radical do Cais, por qualquer via, não pode senão santificar o Haver, na escuta de sua música fundamental. Mas por que isto é enlouquecedor? A não ser que seja a cura.

O fato de não haver o não-Haver põe o Haver – se prestarmos atenção nele, nessa música que ainda está do lado do não-senso, que não o extrapola ainda – como recalcante originário.

Imaginem aqueles homens “ébrios de Deus” se aproximando do deserto, do Cais Absoluto, numa indiferenciação que não é desprezo: há, em Santo Antão, por exemplo, um processo de indiferenciação, e não de recusa do Haver. Nessa aproximação, o que é da ordem do Haver é recalcante do movimento para o não-Haver, ainda prende, pois até o santo tem o rabo preso.

O não-Haver desejado, para os ainda mortais, é impraticável. Isto porque há o Haver funcionando ainda, em última instância, como o recalcante originário do desejo fundamental que faz a nossa Lei, que é: Haver desejo de não-Haver. Aí está o Recalque Originário.

Se o Recalque Originário se apresenta aí nesse lugar, o próprio Haver começa a funcionar como recalcante primário. Esta é a luta dos santos: querem largar tudo e falar diretamente com Deus – se não chamarmos de Deus, é a Denúncia de Sujeito que lhes vem nessa música. Dá para aproximar. Não dá para ir lá. Há apenas aproximação pelo buraco do vazio entre Haver e não-Haver: o buraco na porta, de Duchamp, o buraco da fechadura do Haver.

Mas no que estão espiando para não-Haver, e não ao contrário, o momento que se demonstrara de Recalque Originário, tendo como recalcante o próprio Haver, começa a traduzir-se facilmente em Recalque Primário: tem que lutar com o corpo, com os demônios, com tudo para tentar se aproximar do Furo – Recalque Primário geral.

O mesmo Haver, nesse lugar, em função dos percursos simbólicos do sujeito, começa a funcionar também como Recalque Secundário. Tudo é contra essa aproximação terrível.

Então, pergunto eu: na aproximação radical do lugar que quero chamar de Cais Absoluto, não fica o próprio Haver como hiper-recalcante geral capaz de produzir a loucura em que alguns caem nessa aproximação? Assim, aí, por mais paradoxal que pareça, estamos na *aproximação curativa*

*da loucura fundamental da nossa espécie, que, no entanto, não podia não ser enlouquecedora.*

A tentativa de cura é o risco supremo. As pessoas pensam que é da ordem da adaptação de uma pessoa aos acontecimentos em oposição dentro do Haver. Isto é adaptabilidade pura, nada tem a ver com cura, e sim com a administração dos negócios da vida, dos bens possíveis de serem administrados.

Toda a questão da análise finita ou infinita, por exemplo, está na dependência do entendimento, de que: *o movimento da cura não é senão aproximação da loucura fundamental e o aprendizado de dançar conforme essa música, sem grandes estragos, de preferência.*

Neuroses, morfozes e psicoses dependem de insistência mórficas ou de decantações por via de recalque no seio do Haver. As fixações marcadas, situáveis e até reviráveis em qualquer dos três casos, é preciso mesmo supor que sejam reviráveis, se não, não se trata mais delas.

Mas, para além de tudo isso, está a loucura fundamental, onde, na aproximação do Cais Absoluto, o próprio Haver começa a funcionar na sua plenitude com essa música esquisita para além do não-senso que produz: a música para além do seu caos. O próprio Haver começa a funcionar como insisiência mórfica, embora genérica; como Recalque Primário; ou como Recalque Secundário – só que não é diretamente nomeável na língua. Por isso, o esforço de Lévinas em levantar esse lugarzinho de nossa insônia fundamental.

\* \* \*

Podemos, então, dizer que, para além de neurose, morfose e psicose, muito para além do Marrakech do cotidiano dos consultórios, temos uma *Morfose-limite*, que não é superável: apenas pode-se dançar com ela conforme aquela música. Superá-la seria morrer, ou seja, não superá-la.

Na situação de horror à beira do Cais, há uma *Fobia original*, até mesmo sem angústia, para aqueles que resolvem escutar a música, o que Lévinas

chama de horror sem angústia. É a fobia originária de todos nós e no lugar tão indecível de não sabermos se a fobia põe como objeto fóbico o Haver ou o não-Haver. Do que tenho medo nesse horror: de o Haver não me deixar encaminhar direto para o não-Haver ou de o Haver me sugar de uma vez por todas para dentro do Haver?

Quando se toma alguma decisão aí ou (a) cai-se no misticismo radical de se encaminhar para o não-Haver na loucura dos santos, ou (b) na angústia que acossa aqueles que pensam que vão ser tomados de dentro do Haver. Daí a angústia também ser coisa tão radical, tão fundamental, tão originária quanto a santidade de cada um de nós.

*Perversão original* também, no nível da *Morfose-limite*. Não foi por nada que Freud, com muita precisão até, encontrou isso regionalizado na fala última de seus analisandos com o nome de *masoquismo primário*.

O que pode ser masoquismo primário, em Freud, que eu chamaria de masoquismo originário? A paixão mórfica, se não morfótica, quando o próprio Haver funciona como insistência pelo não-Haver: “Quero morrer em teus braços, oh não-Haver!, oh Deus!, me estraçalha, me come, me mata!” É o cúmulo do erotismo. Basta ler os santos.

Naturalmente que Freud destacou com muita precisão masoquismo e não sadismo primário. Isto porque aquele é que é compatível com a ALEI, Haver desejo de não-Haver. Por isso, masoquismo originário.

Mas, na escuta da pregnância do Haver em sua música fundamental, é só dar uma guinadinha de 180 graus para tomarmos o próprio Haver como *fetichê* e entrarmos na perversão. *Père-version*, no sentido de Deus até: a perversão divina de retornar ao Haver como fetichê e querer fazer algum barato com ele.

Daí Freud também ter destacado que é impossível fazer qualquer abordagem do Haver fora do regime da perversão. Mas não é o mesmo regime da morfose porque esse objeto aí, o Haver, é absolutamente geral, genérico. E quando se começa a estraçalhar esse fetichê, que, por si mesmo, é já estraçalhado, absolutamente fractal, o que se está fazendo não é senão

despedaçar sadicamente, esse corpo enorme ou aquela teta gigantesca do universo, se quisermos ser kleinianos.

“Ébrios de Deus”, alguns exercem rigorosamente o seu masoquismo originário; ébrios da carne, outros exercem rigorosamente o seu sadismo originário. Está aí Sade que não me deixa mentir.

Considerado assim, também posso falar de uma *Neurose-limite*. De uma *histeria originária*, na qual qualquer invenção simbólica é insuficiente, para dar conta do assimbolismo radical na aproximação do não-Haver: não há quem não se histericize diante disso. De uma *obsessão originária*, onde o indecível da relação entre Haver e não-Haver não pode fazer mais do que enlouquecer e pirar uma cabeça que fica nessa dualidade insustentável e inominável, a não ser dando um passo para a morte ou caindo de boca no Haver.

Usando mal o termo, poderíamos também pensar numa *Psicose-limite*, que deixa de sê-lo, portanto, assim como, neste caso, neurose e morfose não o são. Indiferença radical lá no ponto de aproximação do Cais Absoluto e o lastro do Haver fazendo peso de hiper-recalque.

Daí a posição insustentável dos psiquiatras diante desses loucos. Não sabem o que fazer, dizem um monte de bobagem. Que tipo de loucura é a de Arlaud? Todas as formas disso que chamo de Tanatose podem, como mostrei, comparecer com aparências de neurose, morfose, psicose, aquilo tudo de cambulhada porque o sujeito fica passeando por ali: fases maníacas, depressivas, aparência de autismo na indiferença para com o que é interno ao Haver.

Um dia, Nietzsche desligou a tomada, aparentemente, e ficou olhando para o Haver com cara de quem estava do Outro lado. Alguns, por causa disso, viram santos, são canonizados. Por que não Nietzsche? Arlaud?

Começo por aqui a minha tentativa de aproximação desses casos, que, para mim, estão absolutamente distintos de neurose, morfose e psicose.

\* \* \*

- Pergunta – *Na estrutura da narrativa mítica existem referências a essa aproximação do Cais Absoluto? O que teria acontecido a Ulisses caso se tivesse entregue ao canto das sereias?*

Fiz um Seminário, chamado *O de Seu: Entre as Sereias e o Mastro*, onde queria me parecer que aquele momento da narrativa indicava que Ulisses usava o artifício da corda, da amarração – eu não diria que necessariamente ele estivesse aproximando o Cais Absoluto –, e se sustentava num terceiro lugar: preso ao mastro e chamado pelas sereias. Ulisses, naquele momento, é o Falanjo em sua manifestação tentando, por esse artifício, encontrar o terceiro lugar.

Duchamp, por exemplo, faz uma engenharia enorme para construir esse lugarzinho. Ulisses, diferentemente, através do artifício da corda, colocase na escuta das sereias, mas na referência ao mastro e procurando se encaminhar para o terceiro lugar.

Fernando Pessoa entendeu muito bem essa aproximação, freqüentou esse lugar, inventou para mim o termo Cais Absoluto. No lugar terceiro, terceira pessoa do singular, de retorno para dentro das possibilidades literárias do Haver, começou a inventar nomes, pessoas, capazes de ser personagens referidos a este terceiro lugar, que certamente era algum Fernando Pessoa que tentamos capturar e não conseguimos. Sua estratégia foi disseminar Sujeito. Isto em seu processo de captura do indiscernível, na habitação desse lugar.

Isso sempre custa muito caro: os corpos não têm muita resistência para habitar aí, geralmente se cansam e perecem relativamente cedo. A não ser que o sujeito consiga inventar perenemente a prudência de só ir lá de vez em quando, de retornar, passear. Como eu disse: ver novela, conversar com a vizinha, fingir o tempo todo que é imbecil, essas coisas que ajudam a segurar...

Chamam Santa Teresa de histérica porque, certamente, na histeria originária de que falei, foi a vertente que ela mais freqüentou no processo dessa aproximação. Tanto é que, no retorno, ela quer fundar monastérios, uma ordem, e isto é absolutamente histórico. Mas não da histeria das históricas normais: é a freqüentação do absoluto na via, por retorno, de uma histeria fundamental. São João da Cruz não seria um pouco mais puxado para o obsessivo?

São freqüentações que têm que ser distinguidas das formações inferiores. Estas não deixam de denunciar o modelo da mesma ordem, mas que toma a diferença entre Haver e não-Haver como Causa do processo, e não como mero Recalque Secundário, Primário, ou uma insistência mórfica qualquer. Tanto é que, nesse tipo de loucura de Santa Teresa ou de outrem, há todo um procedimento de criação literária, toda uma competência enorme para com o Haver.

No esquema do Pleroma, onde o Revirão está em aberto, o que chamei de Furo, de Vazio, é o Real como furo e como espelho, como produtor da catoptria radical. Freqüentar aquilo, na verdade, é ou (a) aproximar aquilo quase que infinitamente, como no registro do místico que fica tendendo para o não-Haver na aproximação do furo, ou (b) esbarrar no furo e virar ao contrário, no retorno para dentro da própria ordem do Haver.

Ora, virar ao contrário, é virar para outro lado? Não, é virar para o mesmo lado com sua outra cara, eventualmente. Esta é a demonstração de Duchamp: o babaca e a babaca – é a mesma coisa. Ou seja: quem está espiando quem nesse *voyeurismo* fundamental?

Lacan tirou de onde a sua intenção de colocar o sujeito no quadro? Fico diante do quadro olhando, de repente, se não for demasiado resistente ao babaca que sou – se o for, pensarei que babaca é o outro –, o quadro começa a me espiar. Aí é o horror.

Se o Haver não fosse furado, não haveria nem desejo de não-Haver. Só posso postular o não-Haver como Causa e como desejado porque o furo, o vazio, que há no próprio Haver, é uma máquina catóptrica que exige, em última instância, nos processos de produção de simetria, que o não-Haver seja colocado. O não-Haver não há, mas a exigência dele há, mediante o furo e a catoptria.

Na aproximação do furo, que tudo aspira, aspira inclusive a não-Haver, algo ali é aspirado, não se sabe para que lado. Temos, no máximo, Denúncia de Sujeito, o qual jamais se dirá para lá, mas sempre para cá.

• P – *Essa perversão, essa histeria e essa obsessividade originárias, e a psicose limite, quando nascemos, essas inscrições todas seio possibilidades*



*marcadas, de estrutura? Quer dizer, são um repertório depois do qual vai se colher uma neurose histérica, uma perversidade ou uma psicose? São marcações em potencial?*

Eu gostaria de não usar o termos marcações ou potencial, pois dão a impressão de que cada um, *per se*, existe como formação na estrutura mínima do psiquismo desta espécie. Não. É a estrutura mesma desse Pleroma, que não é nem um pouco diferente, do grande Pleroma do Haver, que, por seu modo de funcionar, não poderia ser outra coisa.

Se quisermos pensar de maneira estruturalista, diríamos que a estrutura do Haver é assim, e, compativelmente, a estrutura do psiquismo é assim. Uma vez que Haver desejo de não-Haver, resistências localizadas, o próprio Haver funcionando como resistência ao não-Haver, etc., induzem à loucura originária que pode tomar vertentes que aparentem a psicose, a morfose, a neurose, mas que não o são.

No entanto, a loucura originária não deixa de ter a mesmíssima estrutura, mas não está situada no regime inferior das marcações fundamentadas nas diatribes, dentro da vida de um sujeito, dos recalcentes e do recalcados locais. Isto porque, lá, o recalcente é o Haver como tal, o recalcado é o não-Haver como tal, e os retornos podem-se dar em cima dessa coisa geral.

Com o mesmo objeto podemos ser histérica ou obsessivamente limites e costumamos passear por vários lugares. Alguns pegam uma vertente, outros, outra. O que acho bonito em Nietzsche, por exemplo, é não ser nada parecido com morfose, psicose ou neurose. Parece que ele vai à loucura direto. Se alguém se der ao trabalho de ler a obra toda e procurar, verá que ele fica desviando por tudo quanto é lugar: obsessiviza, histericiza, psicotiza, vai por todas as vias. Artaud também parece ser assim. Já Santa Teresa, não. Ela inventou um dispositivo pseudo-histérico e investiu nele, sendo que podemos ver todos os seus delírios pseudo-psicóticos, etc.

Quando digo que São João da Cruz é mais obsessivo é por mero faro: aquele seu encaminhar-se para o monte, a dúvida... Não estou garantindo...

• P – *Santa Teresa me parece mais obsessiva. Ela ficou um grande mestre, fundou uma instituição, que dirigiu com mão de ferro, inventou uma porção de regras...*

Você ouviu o que você falou? Um grande mestre, fundou uma instituição que dirigia com mão de ferro, o que é isso? É o que chamo de histérica.

• P – *O que se chama de histérica é uma mulher em êxtase.*

Não, a mulher em êxtase é: “Gozo de não gozar, morro de não morrer, Deus não me come direito!” Quantas pessoas são nosologizadas no regime inferior da patologia, quando apenas estão, sem essa notoriedade – não precisa nem ser com talento, mas podem até tê-lo –, no mesmo processo e não estamos escutando?

A questão da possibilidade de abordagem da patologia é na tentativa de fazer essa distinção. Qualquer psicótico que encontrarmos, em seu delírio, dirá que é Santa Teresa, é claro, e não que é um mero psicótico. Suspeito que é possível uma escuta adequada e suficiente para eventualmente discerni-los, por exemplo, no caso de uma psicose aparente – e por isso a minha tentativa de sair do genérico da forclusão do Nome do Pai e procurar o hiper-recalque –, um hiper-recalque localizado, distinguível, etc., que geralmente é produtor de incompetência.

Aí, entro com um termo extremamente difícil de manejar: o *grau de competência*, talvez, ajudando a discerníveis. O grau de competência delirante de Freud é evidentemente diferente do de Schreber, no sentido de poder manejar no campo do Haver no seu retorno, no mínimo de competência de manejo.

Freud não era menos doidinho que Santa Teresa, só que sua vertente não é histérica, nem obsessiva, nem psicótica: é mórfica, evidentemente. Com toda a histeria da produção da ciência, a vertente é mórfica: ele quer fazer ciência, segurar aquele Inconsciente na mão e descrevê-lo.

• P – *Em relação a Nietzsche, Artaud, etc., e se, na realidade, nessas figuras emblemáticas, seria uma patologia, uma forma identificável e distribuída, ou se eles configurariam uma singularidade, há o vetor de intensidade, que você trouxe. A tal visita no Cais Absoluto exige um grau*

*de intensidade, que se chamou de talento, mas podese chamar de coragem, etc. A competência no retorno do Haver é um segundo grau disso, pois a intensidade de visita é bem menos repartida que o bom senso. A loucura que se está diferenciando de psicose é, de fato, algo pouco distribuído pelo nível de intensidade que ela requer. É uma questão de quantum de energia...*

Sem, evidentemente, deixar de levar em conta os outros dois vetores. Há, sim, um processo de intensidade quase que dirigida. É o que podemos chamar genericamente de *ascese*. Não vejo porque a ascese dos “ébrios de Deus” seria mais ascese do que a dos ébrios da carne. Considerados os dois outros eixos, deve ser levado em conta o investimento intensivo nessa ascese. No entanto, tenho que manter a questão de um mero esquizofrênico banal poder ser extremamente intensivo. Nada impede.

17/SET



# 14

## A MORTE NÃO É HAVIDA (HAVIDA É A PULSÃO DE MORTE SINGULAR)

*Início com a audição de Metamorfose  
Ambulante, de Raul Seixas.*

O título de hoje é o cerne da Pedagogia Freudiana, cujo Revirão, portanto. Em função das dúvidas, das questões, dos erros, dos mal-entendidos, mesmo da má fé, eu me repito, repito e repito, até à exaustão se for preciso: mesmo se emparedado, como Antígona, pela imbecilidade de Creonte. Repito e repito, não para *convencer*, mas para afirmar e afirmar a fidelidade do meu dizer ao meu encontro.

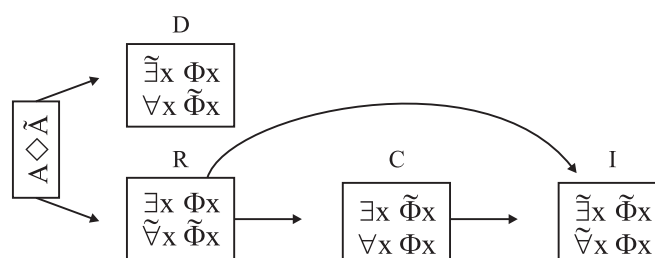
\* \* \*

ALEI é  $A \diamond \tilde{A}$ , Haver desejo de não-Haver, da qual, pelo que nela se escreve, se depreende que (a) o desejo de Impossível é o desejo que há. O que é impossível é gozar segundo a modalidade impossível do não-Haver: o gozo absoluto. E que (b) a Morte não há, justamente, porque não há o gozo da Morte.

O que quer dizer “desejo de” ( $\diamond$ )? Na formulação do Pleroma significa função fálica ( $\Phi x$ ), em última instância, isto é, em conformidade com a Pulsão de Morte: haver desejo de gozo impossível. Assim, escrever desejo-de como  $\Phi x$  ou como  $\diamond$ , dá na mesma.

Se a função fálica ( $\Phi x$ ) se escreve como desejo-de ( $\Diamond$ ) (duplo genitivo), então, o que é o Falo? Desejo-de como duplo genitivo: é o Haver como desejante e é o desejado pelo Haver, ou seja,  $\tilde{A}$ . Não há aí nenhum objeto, mas sim *destino* da pulsão, justamente porque o objeto não há.

O desejo de gozo impossível institui seu destino. Destino este que, por ser assim designado, é a sua Causa. Ou seja, o que Freud chamou *das Ding*, que, em última instância escrevo como  $\tilde{A}$ . *Das Ding*, como Acoisa, é o lugar instituído pelo desejo. Lugar de objeto a ser indicado na decadência do desejo.



Na decadência do desejo, *das Ding*, não-Haver, é apenas um lugar como destino da Pulsão de Morte onde posso situar os objetos do desejo decadente. Por isso, Lacan falou em “elevant o objeto à condição da Coisa” – o que é o contrário da decadência da Coisa em objeto.

Desejo de quem? Do assujeitado, daquele que é sujeito à ALEI. Isto significa ser sujeito, mas Sujeito que não Há ainda como sujeito no sentido de haver sujeito. Ser sujeito, é o assujeitado à ALEI. Haver Sujeito é outro comparecimento, dependente de evento.

Então, o que é o Falo? Há um erro grosseiro, primeiro em Freud, e repetido no primeiro Lacan: a construção do falo a partir da simbolização (metaforização) da pregnância gestáltica do *penis-erectus*, que é uma espécie de objeto pré-histórico. Já no Lacan das Fórmulas Quânticas e do *L'Étourdit*, esse falo é equi-vocante e equi-vocado.

Partir da última instância freudiana, isto é, da Pulsão de Morte, é deslocar radicalmente o falo de qualquer *aparência* sua em pregnância

gestáltica. O que difere essencialmente de sua *aparição* na *épura* que dele faz a psicanálise. A *épura* do falo em *aparição* não é a *aparência* do falo em *pregnância*. E muito menos em *metáfora* dessa *pregnância*.

Dado que há psicanálise, o falo metafórico da referência gestáltica é necessariamente um falo não analisado. Assim, o falo está disponível para qualquer indivíduo da espécie (dita falante). Isto porque *Há o Falo*, e não pode não haver. O que não impede de se perquirir sobre o Ser do falo.

Não haver a Morte não impede que se prodigalize o Ser da Morte. A Morte, então, fica como paradigma do que pode Ser sem Haver.

Ser Sujeito, isto é, assujeitado, ou então, o Ser do Sujeito, que significa “o assujeitado”, não é Haver Sujeito. O Ser do falo não é Haver falo.

Da ALEI se tira que: o Outro sexo não Há, ( $\tilde{A}$ ), o que não impede que se prodigalize o seu Ser. Mas qual é o Outro sexo? É aquele compatível com o  $\tilde{A}$ , isto é, aquele em que não há função fálica, tal com a defini de começo, não há desejo, portanto, uma vez que igualei função fálica a desejo-de. Ali, a função fálica não funciona, ou seja, se houvesse Outro sexo ele se escreveria:  $\exists x \Phi x. \forall x \tilde{\Phi} x$ . Não existe função fálica, não comparece, o que resultaria numa espécie de para-todo meio esquisito, pois a função fálica desaparece absolutamente. Então, há um universal esquisito que quer dizer: Todo não é  $\Phi x$ , logo, não há.

Ou seja, o sexo que gozaria absolutamente se houvesse tem sua fórmula tirada da ALEI, do lugar de não-Haver, como: não comparecendo função fálica, toda e qualquer suposição desaparece. O universal desse para-todo absurdo se tira da absoluta não havência sem restos, aliás impossível, uma vez que estou criando um Universal de inexistência, que simplesmente não comparece, mas pode determinar muita coisa.

O sexo da Morte, o Outro Sexo, o verdadeiro sexo do Outro, lugar onde haveria se houvesse a verdadeira *jouissance de l'Autre*, de Lacan, que não há –, ele não há: o que não impede, para o que há, que se prodigalize o seu Ser, o Ser do sexo que não há, que dele se fale. O Ser do não-Haver é

um filosofema. Por isso, Heidegger ficar tão preocupado: “Por que há o Haver e não, antes, o Nada?”

É claro, então, que estamos aqui diante de uma outra construção lógica, a qual estatui a Nova Psicanálise:

- A construção de Aristóteles põe a existência para dela, por reiteração, tirar o universal. O que se escreveria, considerada a função fálica,  $\Phi x$ , de que estou falando, desejo-de, como existência,  $\exists x \Phi x$ , e, conseqüentemente, tira-se daí o para-todo:  $\forall x \Phi x$ .

- A construção de Lacan, baseada no que quero chamar de primeiro falo de Freud, isto é, na construção como interdição ao gozo, tira o universal não da afirmação como faz Aristóteles, mas da exclusão por exceção, isto é, da existência de uma negação da função fálica. Se existe negação da função fálica,  $\exists x \tilde{\Phi} x$  – e agora a função fálica de que falo é a minha, e não a dele, é desejo-de –, conseqüentemente, Todo é função fálica,  $\forall x \Phi x$ .

- A construção da Nova Psicanálise se baseia no que quero chamar de segundo falo de Freud. A saber: que a pulsão é de Morte; que a Morte não há; o que há é o Haver com sua ALEI ( $A \diamond A$ ); donde haver Pulsão, donde o falo ser Terceiro (e mesmo ternário) e se impor como positividade pura, para além da oposição binária de sua decadência alélica; positividade esta só oposta ao  $\tilde{A}$  que não há.

Esta pura positividade – da qual Aristóteles tirou seu universal e que Lacan recusou – se escreve: existe função fálica,  $\exists x \Phi x$ . Entretanto, da existência pura e simples da função fálica tiro que o UM do Haver é não-todo em sua imanência, pois ele requer o ultra-Um do evento, como resto indiscernível da equação de sua castração que, esta, já está inscrita na ALEI porque o não-Haver não há. Tal operação é castração na sua Verdade, isto é, no seu gozo desejado ( $\tilde{A}$ ).

Assim, seu Desejo resta inteiro, mas não intacto. Sua liberdade de desejar o  $\tilde{A}$  permanece UNA em face do  $\tilde{A}$  impossível – mas seu Poder de gozo, como todo poder, é limitado pelo impossível de haver o  $\tilde{A}$ . Isto é que é a verdadeira castração: o desejo resta inteirinho, porém tocado, traumatizado.



Assim, a função fálica é negada quanto a seu destino, mas não toda, isto é, não enquanto desejo (que ela é, de  $\tilde{A}$ ). Esta é a essencialidade da castração. Isto se escreve: se comparece a função fálica,  $\exists x \Phi x$ , conseqüentemente ela *pode ser negada* quanto ao atingimento de seu destino ou quanto ao seu poder de gozo, e só em última instância, *mas não toda*, não quanto a seu movimento desejante,  $\forall x \tilde{\Phi} x$ .

Por que podemos dizer aí não-toda? Porque a função fálica como desejo-de não é senão desejo (liberdade) de gozo (poder). Ela resta aí inteira em sua liberdade (desejo) mas tocada, marcada, pela impossibilidade desse gozo. Castrada em seu poder e inteira em seu desejo, em sua liberdade.

A função fálica é vetada em sua face de gozo absoluto (de  $\tilde{A}$ ), mas resta plena em sua face desejante (de  $\tilde{A}$ ). Nada aí se perde. Desejo sempre existente de um gozo impossível (*konstante Kraft*).

O que constitui o  $\tilde{A}$  como *das Ding*, como objeto supremo, não é que ele haja, mas sim que se deseje gozar dele, que justamente não há. *Das Ding* como bem supremo – que se pode dar de presente a qualquer filósofo – porque desejado absolutamente é o mal supremo porque não há (*Sacer*, o intocável o sagrado pensável).

O Outro sexo do Haver é uma alucinação do Haver em seu desejo. É como alucinação que ele *causa* o Haver. Tudo começa na alucinação desde Freud: uma miragem no deserto do Haver (desertado pelo seu Outro-sexo, que não há).

É lá no deserto que aqueles santos loucos vão insistir na sua procura pelo Outro-sexo, que chamavam Sexo de Deus. É esse Outro-sexo alucinado que impõe, ao Um do Haver, como não-todo, o ultra UM que o acossa. A imposição do acossamento do ultra-Um vem da alucinação do Outro-sexo que não há, que o acossa lá em sua imanência, como séde ou séde eventual de sua verdade (como gozo do que não Há).

É esse ultra-Um que fractaliza o Haver, sem lhe tirar o seu Um, isto é, a sua singularidade, e nessa fractalidade, lhe oferece a chance de um gozo a

mais, prêmio de consolação pelo impossível do gozo desejado. Já que A verdade não pode ser dita, uma Verdade pode vir em seu lugar.

\* \* \*

Aí aparecem imediatamente dois vetores: (a) desde o não-Haver alucinado, em se considerando o Haver que há, o Haver é Um. Donde seu UNiVerso. Por outro lado, em outro vetor, (b) desde o Haver que há, na consideração do não-Haver alucinado, o Haver é fractal. Donde o seu uniVERSO.

Digamos assim: O Haver só é Um, é experimentado como Um – isto é uma experiência –, lá no Cais Absoluto. Fora dali, ele é múltiplo. A visita, freqüentemente evitada, ao Cais Absoluto, reitera a experiência do Um. Todo afastamento do Cais Absoluto expõe a fractabilidade do Haver.

O Um do Haver como experiência ou como prova, provação, se quiserem podem encontrar bem abordado entre as páginas 37 e 79 de *Philosophie et non-Philosophie*, de François Laruelle, Bruxelas, Mardaga, 1989, segundo a perspectiva desse autor.

O que fractaliza o Haver? É que, embora sendo UM perante  $\tilde{A}$ , é justamente porque  $\tilde{A}$  não-há que seu movimento pulsional, sua plerocinese, sua função fálica, compatível com ALEI ( $A \diamond \tilde{A}$ ) sempre sofrerá negação quanto ao seu destino legal, será negada sua função fálica, mas não toda, pois que esta retorna, enquanto desejo, sem desgaste nenhum, ao próprio seio do Haver.

Só aí e só com isso, já há suficiente construtura para a castração. Então, o que lhe é lesado é seu gozo absoluto, e não sua existência desejante daquele mesmo gozo absoluto. A fractalidade do Haver é a disseminação da marca do  $\tilde{A}$  no seio do Haver. Ela se torna múltipla, mas fica marcada a experiência de negação de atingimento de seu destino ( $\tilde{A}$ ), veto do gozo: trauma.

Digamos vulgarmente: o Haver quebra a cara na mole do Cais Absoluto, sem conseguir passar a não-Haver, que fora e é o seu destino

como gozo. Quebrada a cara, ela se fragmentaliza, se fractaliza e multiplica a marca dessa experiência.

Embora fractal, o Haver não deixa de ser UM, e, embora sua função possa ser negada (quanto ao atingimento de seu destino), ela pode ser negada, mas não toda: muito pelo contrário, pois ela retorna por inteiro como desejo, apenas fractalmente marcada por essa negação.

É essa negação, que nada exclui, do desejo do Haver, que funda a repetição do Haver no seu próprio seio, ou seja, funda o seu eterno retorno. Retorno eterno do Haver em seu movimento desejante. Repetição, portanto. Funda-se aí o *motu perpetuo* do existe-pelo-menos-um de sua plerocinese.

No entanto, essa negação que nada exclui é o Recalque Originário do Haver. Recalque esse que nada recalca do Haver desejo. Se não que recalca para ele o gozo do que então se manifesta por forma denegatória do desejo do Haver. O qual não é senão desejo de não-Haver por via de repetição.

Daí que o Sexo do Haver, como o nosso – não há outro –, se escreve, por força d’ALEI – e não por arbítrio de ninguém – e como resultante de não-Haver seu Outro sexo, como  $\exists x \Phi x. \sim \forall x \Phi x$ : existe função fálica, ela pode ser negada, mas não toda. Esta é a fórmula do sexo do Haver: a fórmula do nosso sexo, o que há. Não há outro sexo para a espécie humana.

O que faz universo aí nesse não-Todo não é o Haver, mas a negação da sua função fálica. Nega-se a sua função fálica quanto a seu atingimento de destino, só – a qual é devolvida (rejeitada) por inteiro à fractalidade de sua imanência. Não se perde nada porque o não-Haver não há e não se pode tirar o que não é. Se há falta, não é no desejo, apenas no atingimento. Não é na liberdade, mas no poder. Não é no desejo, mas no gozo absoluto – mas ele se fractaliza e, cá embaixo, pode-se gozar muito bem.

Daí o engano de Freud – natural naquele momento – ao supor a oposição Pulsão de Vida/Pulsão de Morte. Quando é a mesma pulsão: para a Morte, que não Há, e, não havendo, a devolve ao Haver. Pulsão de Morte é o nome que a pulsão tem no seu encaminhamento desejante para seu destino. Pulsão de Vida

é o nome que a *mesma* pulsão tem no seu retorno por não poder encontrar esse destino. É a mesmíssima pulsão em suas duas vertentes de funcionamento.

Por essa castração, o Haver não resta mutilado, mas resta impossibilitado o gozo que busca o seu desejo, marcado na possibilidade múltipla dos gozos, em fractalidade, que ele, sim, pode colher no périplo para o impossível.

Não é por menos que Freud, topando com isso, apelou para a famosa “perversão polimorfa” – que não é senão a fractalidade do Haver –, cujo nome correto é: *múltipla chance de gozo*. A palavra perversão aí é sujeira da história, não serve para nada. É o rabo preso de Freud na construção dos elementos da psicanálise. Múltipla chance de gozo, já que O Gozo (absoluto) não há.

Então, a Morte não é Havida, Havida é a Pulsão de Morte, absolutamente singular. A Morte não cabe no futuro anterior: ela não terá sido e não será tida. A Morte é o verdadeiro Gozo-do-Outro (JA) que, aliás, não há.

A Morte não é um evento para aquele que morreu. Para os que ficam, o acontecimento é perda daquele que morreu. Onde, o luto possível. Se fosse a morte dele, não haveria luto.

O Orangotango de Freud, o dito Pai da Horda Primitiva, como evento de seu assassinato não funda ALEI – mas apenas uma ordem. ALEI já estava lá. Da Horda primitiva à Ordem primitiva, o que faz a passagem é um evento – chamado: o assassinato do orangotango –, o qual, segundo os procedimentos daquele momento, acabou por decantar-se como sintoma: uma ordem. Ora, um novo acontecimento, digamos que revolucionário, pode deslocar esse sintoma.

A luta de puro prestígio, indicada por Hegel, não é até a Morte, a qual acabaria com todo prestígio ou, se não, inauguraria um prestígio novo baseado no morto, tal como aconteceu com o Orangotango que certamente não morreu sem luta, pois não era babaca, apesar da covardia numérica da canalha.

A luta de prestígio que inaugura o Dono e seu Escravo é para aquém da morte – e se decide pelo Poder do Dono reconhecido pela impotência do Escravo. Mas, com isto, este não perde a sua liberdade – o que obriga o Dono à vigilância contra a singularidade desejante do Escravo. Ou seja, escraviza o Dono.

Marx pôde reconhecer isso – mas o traduziu em luta-de-classes. E classe não tem singularidade, pois é aparelho de Estado. Donde a falência da luta de classes.

Todos os eventos se dão no seio do Haver, isto é, para aquém da Morte Impossível. E não há evento sem pressão do indiscernível sobre uma singularidade. E o campo dos eventos possíveis, como campo do Haver, é regido pela pura e simples afirmação da função fálica e isso é o que faz a diferença da Nova Psicanálise:  $\exists x \Phi x. \forall x \tilde{\Phi} x$ .

\* \* \*

O possível não é o universal, mas o Haver como UM. Haver Um (*Ya d'l'Un*). Singularidade do Haver. (O Haver não faz classe). O Haver como Um, o Um como Caos – e não como Cosmo (que, este, depende da morte do Oranotango). O Um cosmológico, se não cosmético, é decisão, na decadência, definindo o possível pela negação da função fálica. Mas pensar o possível é reconhecer que a função fálica pode ser negada, mas não toda.

A função fálica é o matema do desejo (de  $\tilde{A}$ ), o qual é desejo de extrapolar o Haver para o gozo do  $\tilde{A}$  (aliás impossível). Mas é aí que vigora a Denúncia de Sujeito, cujo evento possível. Com o exercício dessa Denúncia, o Sujeito é um Ser que passou a Haver. Aí há sujeito: o Ser assujeitado passou a haver como sujeito.

Ora, como eu disse, o Sexo do Haver, bem como o nosso, se escreve como Singularidade. O que pode ser o singular do sexo? É que, para o Haver como para qualquer um de nós, tomado não como parte de uma representação, mas como pura apresentação elementar – e em face, da ALEI ( $A \diamond \tilde{A}$ ), que rege imperativamente seu movimento pulsional originário, a função fálica que designa esse movimento pode ser negada, mas não toda. É isto que induz o singular.

Aí está, portanto, a fórmula do nosso sexo (em sua secção perante o  $\tilde{A}$  que não há). A secção do *secare* deste sexo que aí aparece é singularidade

absoluta diante do Impossível. Então, como fórmula de nosso sexo, escreve-se a fórmula da singularidade sexual:  $\exists x \Phi x. \forall x \tilde{\Phi} x$ .

Esse é o sexo de qualquer um de nós, da espécie Alterada e Alterosa, machos ou fêmeas que sejamos, homens ou mulheres, pretos ou brancos, ricos ou pobres, etc. Esse é o nosso sexo, na última instância de sua hiperdeterminação.

Essa é a singularidade do nosso sexo, cuja função fálica pode até ser negada, mas não por inteiro, pois há de sobrar sempre o resto de sua havência inegável embora distinguível: negar por inteiro sua função fálica, só em sua presença, o que é impossível. Destruí-la é não poder negá-la, mas afirmá-la, em acontecimento, no que ela terá sido, para os outros.

A inegável singularidade do nosso sexo não depende portanto de nenhuma idiosincrasia. Pouco importa que lacanianos procurem singularidade de alguém nos  $S_1$ , de sua vida. Não está ali. Não depende de nenhuma *pèrversion* particular que bem pode definir, na história de um sujeito, um gosto mais ou menos fixado. Ela depende sim, e não conteudisticamente, é da UNIVersão de Haver-Sexo perante o impossível não-Haver. Ela já é singular ali.

É dessa singularidade sexual, cuja função fálica *pode ser negada* (1º termo de equação), *mas não toda* (2º termo), que se pode tirar, mas tão somente em decadência, em declinação, por clinâmen, o que tirou Lacan, como formulação quântica, como a *polaridade* sexual mais aparente desta nossa espécie. A formulação quântica, de Lacan, que a encontrou primeiro na aparência da funcionalidade da espécie, é decadência da verdadeira formulação, que escrevi.

Nossa singularidade sexual é nosso sexo como determinado, isto é, hiperdeterminado, pela ALEI. Já a sexuação formulada por Lacan é a ordem sexual possível segundo a polarização já previamente inscrita na singularidade do sexo.

Mas essa polaridade só encontra sua chance de Verdade na aproximação da singularidade que ela própria polariza. Não há chance de verdade

na sexuação decadente. É preciso elevá-la à aproximação do sexo singular. É quando, supostamente, aparece como que fixada certa hemiplegia de sua estada, esta só é possível por sobredeterminação e recalque. No que fica prejudicada a hiperdeterminação de sua matriz em singularidade. Mas só lá podemos aproximar sua verdade.

\* \* \*

Os dois pólos da singularidade, conforme mostrei nos dois termos da equação são: (a) o pólo da existência da negação da função fálica, que chamei de Consistência. Lacan quis chamar de Homem, não sei por quê. E (b) o pólo do não-todo, da negação da função fálica, que chamei de Inconsistência. E que Lacan quis chamar de Mulher, só ele sabe por quê. Ou seja, (a) pólo da negação por exclusão, e (b) pólo da negação pela negação dessa negação.

Isto é seqüencial, faz clinâmen, faz série decadente, ou seja: embora o Sexo Singular tenha dois pólos, do qual ele é o terceiro – por isso, chamei de Terceiro Sexo –, embora seja anterior, é o primeiríssimo: o unário, o segundo pólo só funciona como contestação do primeiro, pelo menos na formulação de Lacan. Ele diz que se existe negação da função fálica, todos são. O segundo pólo apenas diz: não existe nenhum que diga *não*. É contestatório.

Porque ele parece contestatório mesmo que tenha fundamento legal? Se a bipolaridade é esta que coloquei no esquema (a seta que vai de *C* para *I*), na vertente *C*: “pode ser negada”, diz-se: *não*, e aí cria-se o primeiro universal. Em *R* criou-se o Um, e não um universal. Na vertente *I*: “mas não-toda”, vem a contestação que tem herança lá atrás e diz: não quero considerar ninguém que diga *não* a isso, portanto, de novo, faço um não-Todo.

Se isso é verdadeiro, é preciso perguntar por que e de onde o sexo-inconsistente, dito feminino por Freud e Lacan, em conformidade com o Recalque Primário aí distinguível no nível corporal e etológico, por que e de onde esse sexo-inconsistente tira sua garantia e sua força de negar a negação

imposta no nível do sexo-consistente. Mesmo se fosse por pura rebeldia, de onde ele tira essa força?

Por que há alguns que dizem: não existe ninguém que possa dizer *não* à minha função fálica? Porque o sexo hierarquicamente superior é singular. Mesmo que fosse pura delinquência, de onde vem essa força? Do pólo do não-  
Todo daquele sexo singular, se não, não se estava dizendo isso.

Reitero aqui um modo de perguntar. Se isto é verdadeiro, é preciso perguntar por que e de onde se tira isso. O que é compatível com a pergunta que fiz para criticar o falo: se a criança, de saída, acha que não há diferença sexual, por quê?

Daí Freud ter achado, aliás ingenuamente, que as mulheres são menos moralistas que os homens – o que não é necessariamente verdade (pois basta ter experiência, para saber isto). Mas é verdade que o sexo-inconsistente, este sim, é menos moralista e mais *ético* (no sentido desta nossa ética) do que o sexo consistente seja onde quer que apareça.

Daí a força de Antígona, remetida ao Terceiro Sexo e provando, no segundo, a bobagem da pseudo consistência de Creonte. E segundo uma Lei Maior do que a dessa consistência, como Lacan aponta. Daí Lacan, mesmo não sabendo tudo que dizia, poder dizer que “as mulheres são muito mais homem do que os homens” – o que também não é verdadeiro. Mas sim que o sexo-inconsistente é mais aproximado da essencialidade e da identidade singular do sexo do Haver assim como do nosso.

A consistência do sexo deste nome, é apenas um artifício (conta-por-um) que imita (mímese) a Unicidade e Singularidade do sexo do Haver, mas em declinação, em decadência. Do mesmo modo como, no regime do recalque, se substitui, artificialmente, o impossível pelo proibido.

Por seu lado, o sexo-inconsistente, ele denuncia como mera formalidade, como ato artificioso, às vezes requisitável mas não necessariamente, aquela negação da função fálica. Mas faz isto baseado no sexo enquanto singular.

Daí Lacan ter reconhecido, no seu feminino, a apresentação de uma a uma, quando, na verdade, a conta de *mille e tre* é aquela computada por Don



Juan, isto é, a partir da negação da negação da função fálica. Ao passo que, no Terceiro Sexo, a singularidade de qualquer um, homens ou mulheres, não depende de nenhuma conta-por-um, mas sim, da hiperdeterminação, do Real da Sexuação.

\* \* \*

Resumindo, está tudo no esquema que lhes apresentei de início:

- O sexo que há é o sexo *Resistente*, R: *puro tesão*, absolutamente singular, expressão pura da Pulsão de Morte.
- Na sua polaridade, o sexo *Consistente*, C, é descoberto desde Freud como *pura perversão*. Isto por que se inaugura através de uma exclusão que sabiamente Freud chamou de “assassinato do orangotango”.
- O sexo *Inconsistente*, I, decadente do sexo singular, portanto não sendo como ele puro tesão, é *pura sedução*, mais nada.

Se querem um exemplo disto, recorram ao grande painel de Michelangelo, na capela Sistina, que utilizei para falar do alcoolismo: *As Filhas de Lot*. Dá-se um porre no Consistente e ultraja-se a Lei (no sentido da ordem). Mediante o artifício de algum porre, exerce-se a sedução pura e não há nenhum pai que resista, segundo a Bíblia (e não, segundo eu).

*Término com a audição de  
Maluco Beleza, de Raul Seixas.*

01/OUT



## 15

### A MORTE NÃO É HAVIDA – 2

Gostaria de retomar o Seminário anterior. Foi uma pletora de afirmações e algumas pessoas estão com questões.

\* \* \*

Mas, antes disso, quero fazer um pequeno comentário sobre o acontecimento de uma carta ao *Jornal do Brasil*, publicada no caderno B do dia 13 passado, em que algumas pessoas tomaram posição quanto a um pequeno deslize jornalístico. Não há que crucificar nenhum jornal por causa disso, não é nada muito grave. De qualquer forma, é interessante saber que algumas pessoas ficam atentas e também notar – já que é do meu conhecimento – que foram principalmente duas mulheres que tomaram essa iniciativa...

- Pergunta – *Você não disse que as mulheres são pura sedução?*

Pura sedução, mas, seja para bem ou para mal, enquanto os homens ficam muito preocupados com a moral, as mulheres são mais éticas. E há que louvar também a dignidade do jornal em publicar a carta, que não é muito elogiosa para com algumas pessoas que estavam operando lá.

Comento isso para reforçar o que tenho repetido sobre essa neurose brasileira, neurose da cultura brasileira, que chamo, repetindo Anísio Teixeira, de *mazombismo*. Porque insistimos em apenas valorizar, apostar, “fortalecer”,

como diz a carta, o que vem de fora como se não houvesse talento e criação nacionais? E há, por toda parte.

Isso tem resultado em prejuízos enormes, pois nos faz perder a oportunidade de desenhar o rosto de nossa identidade e a cara da nossa vergonha. Porque há de ser sempre a riqueza da cultura brasileira sustentada pelo espólio dos linchados?

Ao mesmo tempo que há uma anuência fácil para a pura importação das coisas externas, a contrapartida sintomática da heterofagia apontada por Oswald de Andrade é uma *autofobia*, ao contrário da xenofobia das culturas nos outros lugares.

Que possamos buscar em qualquer parte do mundo o que quer que se diga de importante, como é o caso de buscar Lacan como pensamento, mas invasão de pensamento não é ruim, desde que seja digerido. O pior é quando desistimos das possibilidades de reflexão, de digestão, etc., dentro da nossa casa e importamos diretamente, o *poder constituído*, o comando das nossas ações.

Embora tenha sido eu neste país, talvez, o maior responsável pela invasão do pensamento de Lacan, desde cedo, pelo menos logo depois de seu falecimento, rebelei-me contra o *domínio* francês. Uma coisa é assimilar um pensamento, outra, é deixar-se comandar, aceitar a hegemonia de um grupo só por que nasceu lá perto do moço ou é herdeiro do espólio. Com isto, não concordo, pois sabemos *ler*, pensar e não precisamos de intermediários.

Aliás, aproximei-me de Lacan sem nenhum intermediário. Ninguém me apresentou a Jacques Lacan, eu me apresentei a ele, fui bem recebido e tive a oportunidade de estar próximo para trabalho e para análise. Ao contrário, foi ele quem me apresentou a esses hoje intermediários. Não foi à toa que ele jogou no mundo um negócio chamado *Écrits*: estava escrito, é só ler.

Faço esses comentários por causa da nossa teimosia em nos cervirmos, com *c*, cervicalmente, de pau-mandado para os interesses de grupos, quando aqui se pode fazer as coisas.

Ainda outro dia tive acesso a um texto absolutamente terrorífico – que me mandaram, não fui eu que pedi – onde se escrevia o projeto de Código de Ética da *International Psychoanalytical Association* e fiquei pasmado. Essa associação internacional propunha – o que certamente será votado em alguma ocasião – um código de ética, o que significa: o comportamento dos analistas da IPA como deve ser. Basta dar uma lida de esguelha para vermos que é o fim da psicanálise. Acabou, não tem mais! Quando uma instituição desse porte promove o que, na verdade, é o código de comportamento do psicanalista, acabou a psicanálise!

Esse é o lado da Guiana Inglesa... Mas não se preocupem, pois a Guiana Francesa já se instala. Também recebi um papel onde, aproveitando o mês de outubro daquela famosa *Proposição* de Lacan... Aliás, houve até quem achasse a proposta indecorosa, o que é um direito: Piera Aulagnier, por exemplo, achou... Eu, não a considero indecorosa, e sim falha. Mas, aproveitando tal ocasião, instalam-se comitês de estudo da *Proposição*. Isto com o aviso de que é “não só possível mas desejada” a instalação, no Brasil, da Escola da Causa Freudiana. Ou seja, mais dez anos e sai o código de ética... (Anotem para, quando sair, não esquecerem de que avisei).

Tudo que é fabricado na estranja é melhor. O comando da estranja também é melhor do que a polícia nacional. E certamente, sob a hegemonia estrangeira, isso não pode não dar certo.

Quando conheci Lacan pessoalmente, em 75, tive ocasião de fundar o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, junto com Betty Milan, e, de saída, declarando que era um grupo *do* Rio de Janeiro sem hegemonia de ninguém e interessado apenas no seu percurso. Fomos extremamente úteis para divulgar os trabalhos da Escola Freudiana de Paris, para começar a traduzir a obra de Lacan, etc. Mas, a partir de certo momento, tive que repudiar toda ingerência do ponto de vista hegemônico.

Em seguida, em 83, depois de vários percalços, tive a ocasião de criar e distribuir – para não ficar dono daquilo – uma instituição chamada A Causa Freudiana do Brasil, em cujos estatutos se escrevia que estava excluída toda e

qualquer hegemonia. Isto embora, aqui e ali, por imitação que fosse, tenham espantosamente acontecido vários Colégios Freudianos pelo Brasil: todo mundo inventou o seu, nunca meti o nariz, pois não é problema meu, cada um invente o Colégio que quiser...

Foi, então, criada a chamada Causa Freudiana do Brasil, que era uma instituição que recebia instituições autônomas, com absoluta autonomia para cada uma e que, a cada ano, seria orientada e dirigida por uma delas, por sorteio ou por seqüência. Sua única atividade seria congressual uma vez por ano: a instituição dirigente produziria um congresso para todos se encontrarem e discutirem sem, repito, qualquer tipo de hegemonia.

Isso foi boicotado de dentro e de fora, apesar da tentativa de pequeno escândalo com um congresso realizado no Rio em 85 e conhecido como “da banana”. (Antes “da banana” do que *de la banane*). Chegou um certo ponto em que eu mesmo pedi que se dissolvesse aquilo. Mas, agora, todos estamos felizes porque vamos construir a Escola da Causa Freudiana do Brasil. Bom proveito!

Isso é apenas para exemplificar o mazombismo brasileiro: a recusa de se tomar as nossas coisas, mesmo que com reflexão vinda de onde vier, e instituir-se o que é nosso na busca de uma identidade, de uma produção própria.

Agora só está faltando a Guiana Holandesa, mas como parece que lá não tem analista, fica difícil...

\* \* \*

Para, então, dar um pequeno desenvolvimento ao que já foi colocado da vez anterior, lembro que, se o esquema que apresentei for verdadeiro, o que ficou estabelecido é que há singularidade do sexo do Falanjo, ou seja, do falante, desta espécie. Absoluta *singularidade*, porque não há o Outro sexo.

Singularidade essa que se depreende da própria ALEI e que, na decantação dessa ALEI, vai polarizar-se nas duas posturas – chamadas de “sexuais” por Lacan – da Consistência e da Inconsistência. Lacan as chamara

de masculino e feminino e até mesmo, espantosamente, de homem e mulher, apesar da existência de um texto seu chamado *L'Étourdit*.

Nesse projeto de teoria, partindo-se da ALEI assim colocada – Haver desejo de não-Haver, ou seja, Haver desejo de impossível –, o que temos é a confluência, na própria escrita da formulação legal, do estatuto da ALEI assim como do desenho do que chamei de fantasia primordial. A fantasia primordial do Haver, como a nossa, é: Haver desejo de não-Haver. É a própria ALEI que se estatui como fantasia primordial. Isto, na *alucinação* de um objeto impossível, que não há.

É de se estranhar que alguém pudesse alucinar o não-Haver, mas é alucinado como lugar, destino, pelo próprio movimento da plerocinese. Ou seja, na sua catoptria, é alucinado o projeto de um lugar para onde a pulsão se encaminha, e que é impossível de ser atingido porque não há. Então, alucinação de um impossível, no entanto causador, no mesmo momento em que produzido por esse processo catóptrico, por essa alucinação. É causador do próprio movimento do desejo. E isto, decantadamente, resulta na singularidade absoluta tanto do sexo do Haver, como do nosso.

Por que *sexo*? Por causa da secção do desejo. Se eliminarmos as figurações corporais, reprodutivas, etc., poderemos ver que há um movimento desejante que devo chamar sexual porque algo ali se biparte, é secado, seccionado, entre uma imanência absoluta do lado de cá e esse objeto alucinado e desejado do lado de lá.

Então, a relação sexual primordial e impossível é do Haver com o não-Haver. Onde Lacan ter absoluta razão em dizer que a relação sexual é impossível, mas ele o disse no nível da Consistência com a Inconsistência. O que aqui se mostra é que, é radical e originariamente impossível pela simples razão de que há uma secção, isso é sexuado, mas o Outro sexo não há, ele é alucinado, por isso é impossível.

Tudo que é decadente do Impossível leva sua marca. Onde quer que estejamos, a relação sexual é realmente impossível como eco da impossibilidade original.

Daí, no nível inferior das colocações matemáticas da sexualização, podermos perguntar: o que pode ser a fantasia, que Lacan escreveu como  $\$ \diamond a$ ,  $S$  barrado punção ou desejo de objeto  $a$ ? Ele fez todo um Seminário sobre a *Lógica da Fantasia*, onde nada se tem sobre lógica da fantasia. Dá para notar que não se trata da lógica da fantasia ou que ele não achou a tempo.

Em certo momento, ele dissera que a realização de uma análise, em última instância, se resolve pela “travessia da fantasia”. O que pode ser isto? Eu, estou dizendo que a fantasia primordial é: Haver desejo de não-Haver, escrita como ALEI. O que quer que se substitua aí, na decadência da ALEI, sofre do mesmíssimo processo.

Mas, à medida que isso decai, declina, a fantasia primordial vai tomando rosto, forma, porque vai-se apropriando das formações disponíveis no Haver, e não mais do Haver enquanto tal. Seja, então, em qualquer dos sexos – Resistente, Consistente ou Inconsistente – está lá a fantasia primordial inserida no processo e se polarizando em função da indicação, ou não, de uma exceção capaz de reger, ordenar polarizadamente o que na ALEI se escreve como ALEI. O sexo Resistente é consequência imediata da ALEI e os outros dois se colocam como polarização possível na lógica dessa construção.

O que, então, pode, no nível individual, vamos dizer assim, de uma análise, ser a fantasia,  $\$ \diamond a$ , colocada por Lacan? Só pode ser a tradução declinada, degradada, decadente, para cada um, do que se inscreve como fantasia primordial.

Lacan quis escrever sujeito barrado,  $\$$ , porque o tinha construído entre significante e significante. Mas a posição de um assujeitado, sujeito a Isso, à ALEI, e não ainda Sujeito da ALEI, é a de declinar-se de seus encontros, digamos, dos eventos na vida de um sujeito, os quais darão substituição ao não-Haver em objetos ditos objetos  $a$ . Isto porque vazios e capazes, como letra, de ser substituídos por objetos de pregnância normal nas formações do Haver.

Se a fantasia para cada um é declinação da fantasia primordial, nos acontecimentos da história de cada um de nós, algumas coisas vão ocupar o lugar de objeto  $a$  nessa escrita decadente da fantasia individual. Assim como,



segundo ainda a escrita de Lacan, o tal sujeito representado de significante para significante e, no caso individual, representado de  $S_1$  para  $S_2$  – o  $S_1$  ter alguém representado para o  $S_2$  como *saber* do Inconsciente, mas não como *verdade* do Inconsciente –, é estarmos no caso da multiplicação, da multiplicidade possível dos ancoramentos da ALEI nas histórias individuais.

Se a fórmula da fantasia, de Lacan, serve, o sujeito não é de modo algum acéfalo, pois está historicizado no enxame do seu  $S_1$  representado para o saber inconsciente, ainda que consideremos este em aberto. (Lacan, antes, o chamara de grande Outro). Mas isso está historicizado, assim como estarão aqueles objetos historicizados nos encontros desse assujeitado, mais ou menos demarcado, com os objetinhos da sua história.

O que tem a ver a fantasia, assim escrita, com qualquer determinação de sexualidade? Primariamente, nada! Se considero somente a fórmula  $\$ \diamond a$ , isto é abstrato, nada tem a ver. Vai ter, portanto, a ver com as decantações significantes, no sentido de Lacan, no nível da produção daquele sujeito escrito de  $S_1$  para  $S_2$  e no ancoramento de objetos disponíveis nessa história. Nenhuma sexualidade aí está marcada, a não ser que, como Lacan ensinou, do lado do saber, do Outro, venham dizer para o sujeito, ou tornar-lhe disponíveis, quais são as sexualidades disponíveis. Isso, então, faz parte tanto dos processos repressivos, portanto recalcentes, do lado da formação do sujeito quanto dos processos mórficos do lado da formação do objeto.

Mesmo a determinação – sobredeterminação, e não hiperdeterminação – de sexualidades ditas disponíveis vem por via discursiva e como processo de recalque. Isto sem, de modo algum, determinar, mesmo que venha assim, o ancoramento na Consistência ou na Inconsistência. Absolutamente nada tem uma coisa a ver com a outra.

O que, na história de cada um, do ponto de vista de ocupação de lugar de Consistência ou de Inconsistência, tem necessariamente a ver com as pressões recalcentes que vão fundar os significantes disponíveis na área daquele sujeito dividido entre  $S_1$  e  $S_2$  e os objetos na área das disponibilidades eróticas? Nada! A não ser que, de certo modo, venha embutido nessas dicas de recalque.

Portanto, não há absolutamente nada – Freud sabia disso e Lacan também, pois nunca disse o contrário – que venha designar nenhuma posição sexual – pois estão disponíveis para nós, tudo está disponível – a não ser os processos recalcentes, no nível do significante, e os de ancoramento, no nível das insistências mórficas.

O discurso cultural não faz mais do que pressionar por uma estética regional, mais nada. O discurso de uma cultura recebe um sujeito absolutamente disponível ou subjetivável e pressiona. Assim como os recalques primários de ordem corporal, etc., tudo isso pressiona. E a cultura come isso, alimenta-se disso, no sentido da formação de um projeto estético.

Projeto estético por projeto estético, por que um valeria mais do que outro? A designação de valor vem de onde? De uma cultura dada? Mas eis senão quando é possível, desde que denunciado por Nietzsche, a transvaloração disso tudo.

Vivemos, então, na neo-etologia das pressões estéticas de determinado assentamento cultural, o qual não tem nenhum valor absoluto, é inteiramente relativo e ensina que a travessia de cada fantasia não pode ser senão a suspensão, até à insignificância – e Lacan ensinou isto –, dos significantes que tentam estruturar aquele sujeito amarradinho na sua história. Assim como suspensão dos valores estéticos das insistências mórficas, ou pelo menos sua disseminação.

Atravessar cada uma das fantasias é reconhecer que, por detrás delas, o que as sustentaria como formação primeira é a originalidade da fantasia primordial. Isto não significa que se possa passar a borracha na razão sintomática de cada um, e nem mesmo na sua razão perversa, do ponto de vista do objeto. Mesmo porque não há necessidade disto.

Dentro da multiplicidade, cada um goza por onde pode e por onde quer. São diferentes a fé, a crença absoluta nessas decantações e, simplesmente, a sua eventual utilização com possibilidade de suspensão na medida que se sabe que, por trás disso, a fantasia é absolutamente aberta. Antes de qualquer possibilidade de desmanchar essas construções, uma análise pelo menos relativiza radicalmente toda e qualquer posição.

O que existe é o era-uma-vez de algumas ocorrências na história individual, e o faz-de-conta de que isso é dado no discurso secundário dessas colocações. Só existe isto. Toda e qualquer intenção de normativizar para alguém da *secura desértica* da realidade primeira só pode ser impostura, seja oferecida diretamente pela cultura ou pela associação dos analistas em mal-estar de travessia. Que possa ser eventualmente útil, tudo bem, mas ser denominado um fator de normatização é pura impostura.

Impostura essa que não deixa de freqüentar certos deslizes da teoria penúltima e ante-penúltima, quando se pretende ver isso repetido de que, sem o reconhecimento da diferença sexual inscrita na decadência da Consistência e da Inconsistência, e pior, na decadência das conjunturas da família e da sociedade, não seria possível alguém normativizar, isto é, possibilitar a sua transação corporal com o outro.

Quando lemos, com o perdão da denúncia, até mesmo num certo Lacan inicial, e que foi muito mal aproveitado, que um homem só pode realmente realizar-se sexualmente com uma mulher na medida que ocupa essa diferença, isto é uma bobagem.

Um falante só pode transar com outro na medida que faça alguma *suspensão*, este é o caso, mais nada. O fato de um ou outro estar submetido a uma região de fornicação, seja de macho com fêmea, de fêmea com fêmea ou de macho com macho, são todos doentinhos. Ainda que a cultura aplauda esta ou aquela fornicação, é doente do mesmo jeito. Há doenças bem e mal sucedidas.

É preciso rearticular isso perenemente de maneira a se manterem os níveis de abstração e de suspensão que podem, eles sim, gerir o entendimento do processo. Não é por menos que tenho feito a crítica do famigerado *Nome do Pai*, substituto abstraído, cristianizado, do orangotango de Freud. Como diria o nordestino, esse Nome do Pai é pai d'égua. E do pai d'égua ao *superégua*, é um pequeno passo...

Se o pai d'égua fosse abstraído, até como o é em Lacan, não passaria de um significante capaz de transformar o era-uma-vez no faz-de-conta. Mas, como já tentei demonstrar, não é por sua falta mas por seu excesso, o que

chamei de hiper-recalque, que se pode fundar toda e qualquer psicose decente. E qualquer rebaixamento do pai d'égua a superégua, estamos debaixo da regência absoluta da hipóstase, no social, do que seria uma mera referência do faz-de-conta. Não foi bem isto que Lacan disse, mas o famigerado Nome do Pai está virando superégua. Cuidado!

\* \* \*

• P – *Mesmo se podendo perceber em Lacan o movimento abstrante de não colagem dentro da marcação de diferença anatômica, mesmo mantendo um aparelho extremamente abstrato em que estão em jogo os conceitos de  $S_2$ , de saber na tensão da verdade, a questão do gozo, etc., por que ele lança mão da marcação macho e fêmea? Isto com as ambigüidades que estão presentes no texto quase concomitante ao L'Étourdit, que é o Seminário Encore, onde ele fala mesmo de corpos, de situações que, às vezes, recaem na psicologia do feminino ou do masculino?*

Pessoalmente, não vejo isso em lugar algum em Lacan. Digo que os lacanianos vêm assim. Seja por ironia, seja para sustentar a origem do falo que promoveu, Lacan continua fazendo esses jogos, os quais, se degingolam imediatamente no próprio texto.

Quando ele fala *Encore*, que não pude traduzir porque era demais, pois não há na língua portuguesa alguma coisa que diga: *mais ainda* e *um corpo*... O Seminário se chama: um corpo... Quando ele trabalha em cima de um corpo – e acho que basta ler o *Seminário XX* direitinho, até abrindo mão do *L'Étourdit* –, o que está é produzindo a diferença entre o centramento orgânico do gozo, que as fêmeas também têm... Pergunto às senhoras presentes: estou mentindo? Ninguém vai ter que gozar em público para provar isto, mas podem declarar...

Quando se goza segundo *un corps*, para Lacan, está-se no feminino. Quer dizer: descentrou-se do gozo do órgão, saiu da masturbação perversa e se caiu na disseminação do corpo. É assim que ele reconhece, nos

estrebuchamentos dos corpos, a diferença entre a Consistência e a Inconsistência. Eu, em lugar algum o vi dizer outra coisa. Isto mesmo quando diz que alguns homens são mulheres e que algumas mulheres são homens.

Como ele viajou de um falo de pregnância gestáltica até essa abstração e, para não fazer da psicanálise algo que ficasse pairando no horizonte, começa a esticar, ele tem que manter o discurso assim. E não vejo por que não mantê-lo. O que não se pode é traduzir (não decadentemente, mas) boçalmente a enorme abstração que ele produz em diferença sexual antômica. Assim como não se tem que traduzir Nome do Pai em Superégua.

Isso está em Lacan. Não me sinto dizendo nenhuma novidade mas sim escarafunchando para cada vez, abstrair mais ou, pelo menos, mostrar a abstração que lá já está. Não existe essa confusão no pensamento de Lacan, ou ele seria totalmente estúpido depois de tudo que disse.

Uma coisa é você gozar na centração do órgão, outra, é suspender isso e gozar na dispersão, ou seja, na multiplicidade corporal. O que, não sem frequência para quem tem prática dos corpos, ainda que seja pela leitura, vai-se encontrar regido, à revelia do corpo, pela centração no órgão. Muita gente sabe disso, que nas manipulações objetais ultradecantadas a pessoa acaba gozando. É só ir à experiência da vida: quantas mulheres já gozaram só porque alguém manipulou seus peitinhos, etc.? Não vamos nem entrar no Marquês de Sade, porque não há tempo. Só por isto, aliás...

• P – *No Seminário XX a fórmula da fantasia está encaixada no masculino e a travessia seria a passagem para o feminino.*

Não acredito nisso. Isso não é travessia de coisa nenhuma. Isso é virar de banda.

... Assim como os judeus gostam de cortar a piroquinha dos meninos – não toda, graças a Deus! –, encontramos algumas tribos primitivas que praticam a infibulação, ou seja, a retirada nos bebês fêmeos do clitóris. Isto é interessante como designação do sonho de diferença sexual. Por que entregam o gozo do órgão chamado fálico estritamente aos machos e o retiram radicalmente das fêmeas? É um artifício cultural – neurótico, é claro! – de,

mediante uma operação corporal, conseguir uma distinção que não há para espécie, desde que Freud descobriu isto.

Considero a prática da infibulação como a prova concreta desse cruzamento. Isto porque vai-se lá operar a eliminação disso. Se a nossa civilização não infibula as meninas, pelo menos trata de *convencer* – elas e os meninos. Chamo isto de etologia “braba”, brabeira, porque justamente fazemos parte de uma espécie que, sem a diferença sexual reprodutiva, certamente não teria chegado onde chegou mas que, na sua performance, nada tem a ver com isso a não ser a mimese constante da reprodução, até o cúmulo, em certas boçalidades primitivas, de se retirar os clitoris das moças. *Agnus Dei clitoris peccata mundi...*

\* \* \*

... A vontade de poder, de Nietzsche, é na ida ou na volta? Vejo muitas leituras de Nietzsche onde a vontade de poder é na ida, na acumulação, na aproximação das formações do Haver, e isto é no mínimo bobo de se pensar. Se a vontade de poder é pós-deceptiva, então, é a aceitação pura e simples dos fragmentos de Dionísio e investimento neles. Porque o não-Haver não há, e já sei disso, então, vou investir nos fragmentos de Dionísio. Acho que esta é a leitura correta de Nietzsche, se não, tudo vai para o beleléu.

Se considero a plerocinese, o movimento pulsional, na ida, supostamente sem a experiência da decepção do não-Haver, fico sonhando com o desejo enquanto vontade de incorporação das formações do Haver. Isto não é diferente de qualquer pensamento liberal na sua acumulação. Frequentemente, vejo que o termo “vontade de poder”, de Nietzsche, é brandido pela via da ida...

No caminho da ida, o que existe é inconsciência – não estou falando do Inconsciente, mas da não-consciência – da pura e simples resistência, que são esses objetos no meu percurso. Eles são puramente resistênciais, e me

apaixono, me deixo fascinar, por essas resistências, e aí dá a tolice. Então, no percurso de ida em direção ao Cais Absoluto, mesmo na inocência, é mera resistência fora da consciência disso.

Só a visita, a travessia disso – e aí é que situo a travessia da fantasia: chegar à fantasia primordial –, é que me empresta condições (não de ficar paráltico ou nostálgico, fixado ou melancólico, mas) de, pela decepção radical de que não-há, retornar ao corpo estraçalhado de Dionísio. Aí é que está a glória dionisíaca, pois agora sei que são resistências e que posso ou não aderir a elas. Há uma diferença radical entre o percurso de ida e o de volta. O percurso de volta é o que chamo de análise propedêutica realizada.

... Sem retorno à forma, não posso dizer nada. No ápice do Revirão, no seu vértice, digamos assim, entre as oposições, fico indiferente e minha oposição radical é para com o não-Haver. Mas, sem retornar, o que posso dizer?

• P – *Na verdade, o limite da forma parece ainda ser o ponto da Pedagogia Freudiana que é grego e não budista, como você colocou no seu comentário da semana passada. Isto na medida em que se pode ver no budismo uma indiferença e, portanto, realmente, uma não-pregnância formal, e que, na Pedagogia Freudiana, embora você fale em multiformidade, vê-se a necessidade da forma para que possa ser dito. Neste sentido, ela retomba nessa experiência tensional de forma, o que é uma coisa grega.*

Pelo menos, aí podemos admoestar o famigerado Heidegger. A origem já se foi, não tem nada para trás: é de volta que se reconhece. Uma coisa é: como posso estar diante da forma na sua curtição, no seu investimento e sem o esquecimento da indiferença para com ela? Outra, e estar “enformado” pela forma. Onde fica a “nostalgia”, de Heidegger?

... A diferença sexual já está escrita definitivamente na ALEI: há desejo de não-Haver e o não-Haver não há. Diferença mais radical do que esta é impossível porque trata diretamente do Impossível. O que estou chamando de função fálica coincide materialmente com o que chamo de libido, de *konstante Kraft*, haver “desejo de”. Coincide materialmente, mas não conceitualmente.

A função fálica, então, pode estar materialmente ali, mas como conceito é o conceito de desejo-de. Lacan construiu a função fálica em cima das peripécias da diferença sexual anatômica para daí tomar a abstração do falo e construir a função fálica como função de gozo. Este é seu percurso, que não é o meu. Coloco ALEI como tal e daí depreendo imediatamente isso. A minha função fálica se depara com a impossibilidade do gozo absoluto. Por sua própria construção, de Haver desejo de não-Haver, o desejo-de se depara com o impossível desse gozo desejado.

Há uma diferença fundamental que talvez não esteja sendo escutada quando a digo. Desejo, para mim, é necessariamente de impossível, enquanto Lacan dissera que é desejo de possível, se não, fica explodido no feminino por não ter nenhum possível para ele. É desejo de possível na medida que adscreeve a função desejante ao masculino e deixa para o feminino a função amorosa. Quer dizer, para Lacan, é um desejo que só tem substância no ancoramento significante e objetal. Dizer um desejo, no pensamento mediano de Freud e de Lacan, é um desejo demarcado. Sem demarcação, eles não reconhecem desejo. A não ser que seja *le désir de l'Autre, la jouissance de l'Autre*, que não há.

Lacan chega a dizer que a psicanálise não está aí para ensinar o desejo de impossível. Qual é a pequena transformação que tento fazer? É que o objeto é impossível de fato, mas não *de direito*. O direito onde se escora o desejo pela formação catóptrica do Haver é absolutamente suponível e desejável, mas de fato seu gozo não há.

Digamos que o desejo enquanto tal é impossível de ser satisfeito porque seu objeto não há. No que o objeto desejável é aquele que não há, desejo se apresenta como desejo de impossível, sempre. Ao invés de partir do dito masculino na sua perversão localizada, desejando e sabendo o que deseja para, depois, suspender isso com a negação e produzir o gozo do Outro como impossível, parto do princípio da ALEI, de que é impossível o que se deseja. E isto não tem a ver nem com masculino nem com feminino.

... O real não tem complacência para lá, mas tem para cá. Vemos a ambigüidade de Lacan quando diz que o real é o impossível de se escrever e,



adiante, se dá conta de que o real é o impossível de se escrever à espera de ser escrito. Isto faz uma diferença bastante grande.

... Lacan não é burro. Ao contrário, é gênio, pelo amor de Deus! É brilhante! O que é preciso é reconhecer a diferença de *protocolos*. Em última instância, posso dizer que tudo está em Freud. Afinal de contas, ele inventou a pulsão de morte. A diferença não é que Lacan disse isso e que outro disse aquilo, é o protocolo que modifica. Quanto se os troca, a coisa se diz de outra maneira. A meu ver, o meu diz a mesma coisa que ele disse, mas, por diferença de protocolo, há quem diga que não. Aliás, quantos não dizem que não é a mesma coisa que Freud disse que Lacan disse? Para mim, disse a mesma coisa. Agora, Freud tinha um protocolo ruim e Lacan o melhorou.

... A singularidade *há*, ponto! Não tenho que sacá-la. O que posso sacar são seus encostos. A coisa clínica é no sentido do reconhecimento da travessia de uma singularidade, aliás inominada, e não o destacamento de uma singularidade. Singularidade inominada, embora não inominável, pois nomear é, dentro da decadência da singularidade, bordar-se um nome como Sujeito. Nomeou, é Sujeito que há. A nomeação da singularidade já não a é. Lembrem de Lewis Carroll: “Como é o título dessa história? Este é o nome do título da história, mas o título da história, é preciso saber o nome...” É por aí.

... Qual é a alteridade do Pleroma? O Pleroma é absolutamente idiota. O que quero dizer é que o Haver é absolutamente idiota, mas cujo *ídios* não posso desenhar e cuja alteridade justamente é designada, alucinada, mas não há. O Outro de Lacan se encosta num real impossível, mas ele há como simbólico, com um buraco dentro dele que se chama  $S(\text{A})$  ou indicação de real. Estou dizendo que o Outro não-há.

15/OUT



## 16

### SORVETE COM NIRVANA

*Sorvete com Nirvana*, podia ser o título de uma peça de Gerald Thomas, embora estilisticamente até possa ser. Tipo: *Eletra com Creta*, *Antígona com Fritas...* Ou, quem sabe, *Hamlet com Bacon*, que não seria nenhum trocadilho ou chispeta surrealista, pois alguns especialistas acham mesmo que o verdadeiro Shakespeare era Francis Bacon.

Digo que estilisticamente poderia ser, pois o que muitos não pegam na escuta ou na leitura de meu Seminário e, às vezes, dizem que não entendem, é que o estilo de minha falação é como a de uma cabeça pós-quadrinhos e pós-televisão. O que fazer? Fomos invadidos por isso. O que pode ser, por exemplo, uma cabeça pós-Tv colorida com controle remoto e muitos canais? Imaginem que isso faça um estilo. Afinal de contas, a chamada tele-visão é a irmã caçula, rebelde e dissidente, da meta-física.

\* \* \*

O *Sorvete com Nirvana* é de Guimarães Rosa. Em algum conto ele nos aponta a fácil confusão que, com frequência, fazemos de um com outro. Isto naturalmente é resistência, quando o que está oculto pelo sorvete é o Nirvana, ou seja, o não-Haver. O que essencialmente desejamos na delícia do sorvete é o Nirvana que está oculto e inexistente para além dele.

Já expliquei que Marcel Duchamp tem razão quando se nomeia *Rrose Sélavy*, cujo pseudo-pseudônimo é *Aimée Sélamor*, ou seja, aquilo que a velha Índia nos anunciava com a identidade de *Mara* com *Kama*: *Mara*, a morte; *Kama*, o Eros da Índia. A última deusa *Una*, podemos chamar de *Marakama* ou *Kamara*, se quisermos acreditar em *Mircea Eliade*, seu nome, perfeito podendo ser indianamente *Ariana* ou, como quer o *Bussunda*, *Kaganda Yandanda*.

Mas estamos aqui para beber ou para conversar? Nem uma coisa nem outra, mas sim para oferecer e para tomar sorvete com *Nirvana*. Para tomá-lo, é preciso ultrapassar o sorvete, mesmo que mergulhados na imanência da sua delícia. Não tem nada de mal. Pelo contrário, não há transcendência, mas o sorvete é transcendental. Quero dizer, pura imanência, no entanto defastável. Para tomar sorvete com *Nirvana*, é preciso defastar o sorvete que se toma com delícia. Tornar-se, portanto, indiferente ao mundo enquanto mundo do sorvete, com qualquer sabor. O afastamento radical do mundo, mesmo na sua imanência, na delícia dos sorvetes e seus sabores – que, aliás, os franceses chamam de perfumes: acho que eles tomam sorvete com o nariz –, naturalmente põe uma solidão radical.

Radical solidão e indiferença radical do Um do Falanjo, lá no Cais Absoluto, único lugar onde se desvela o oculto pelo sorvete. O que ali se desvela para o solitário radical na sua indiferença radical, desvela-se pelo menos como Vazio. Ou seja, desvela-se que o Outro-sexo não há.

Não é por menos que, na tradição psicótica – isto existe, é até bem representada por *Salvador Dali* e refletida por *Lacan* –, falava-se no Grande Masturbador. Desvela-se, então, ali, que o Outro-sexo não há, que existe função fálica sim, que ela pode ser negada, mas não toda. Isto faz o Um da solidão absoluta individual em pura indiferença para com o mundo, apesar de suas delícias ou junto com elas.

É esta *experiência* – este é o nome – que é de cada Um, enquanto absolutamente individual. É ela que funda o Haver como Um, digamos depressa: o Haver com'Um, ao mesmo tempo que funda o indivíduo como Um, de novo: o

indivíduo com'Um; e, ao mesmo tempo ainda, aquele que é o homem como Um: o homem com'Um. Todos esses comuns de que nos fala François Laruelle num livro de 91, da Aubier, Paris, chamado *En tant q'Un*, Enquanto Um, onde, p. 220, lemos: “O que constitui o fundo do indivíduo é a sua solidão e finalmente sua indiferença ao mundo”. Nisso, pelo menos, o autor coincide com a Nova Psicanálise.

Nova Psicanálise, cujo fundamento não é ético, como quis a penúltima forma da fixação psicanalítica. *O fundamento da psicanálise é místico*. Esta é a experiência radical, embora ocultada, do indivíduo com'Um. Vocês se lembram da canção de Roberto Carlos: “Das lembranças que eu tive na vida, você é a saudade que eu gosto de ter; só assim eu me sinto bem perto de ti, outra vez”? O homem com'Um, com essa experiência, consegue dizer isto.

Que saudade é essa? De que experiência? A experiência mais radical do homem com'Um. Aquela que Freud escreveu: *wo Es war, soll Ich werden* – aonde iss'tava, devo chegar. Poderia dizer também: devo tornar onde o Haver estava. Vocês se lembram que Lacan marotamente pegou o *Es* e disse que era a letra *S*. Isto para dizer que onde estava o sujeito eu devo retornar, o que é redundância pura. Valeu, no projeto da ideologia do significante.

No projeto da Nova Psicanálise, o que tenho aí é a *haíresis* freudiana, ou seja, a heresia, que, em grego, significa: ação de tomar, o ato da escolha, o ato de tomar parte, de eleger, a função eletiva ou de magistratura, uma certa inclinação, um gosto particular, o exercício da busca, o trabalho da pesquisa, o estudo. Ou seja, em suma, como diz o dicionário de Bailly, o que a inteligência possa pegar.

Isso é que é uma *haíresis*, contra toda e qualquer posição dogmática ou ortodoxa. Ela se opõe a um dogma, a uma ortodoxia, porque a opinião correta ou é aquela que funciona aqui e agora, ou é pura ditadura. *Hairetos*, não usamos esta palavra em português, o hereto, com *h* – a não ser quando as coisas estão eretas, há certa escolha –, é o preferível.

Daí que a heresia freudiana – antes de, em certas igrejas, tanto a inglesa quanto a francesa, tornar-se em ortodoxia – diz uma frase que é preciso escandir pelo meio: *wo Es war/soll Ich werden*.

*Wo Es war*: aonde estava Isso, aonde o Haver havia, desde sempre, ali encontro, segundo indiquei há pouco, o fundamento místico da psicanálise. *Soll Ich werden*: o Eu sujeito, como assujeitado ou como nomeado porvir, que terá sido na incidência da mística, é o fundamento pragmático da psicanálise, sua ética. Diferentemente do que tenham escutado, digo, então, que o fundamento da psicanálise é místico, do qual fundamento resulta uma pragmática, que é sua ética.

\* \* \*

Lacan oscila entre o fundamento ôntico ou ético da psicanálise, embora tenha declarado que era ético. O que proponho com a Nova Psicanálise, e com o desenho do Pleroma, é que o fundamento do Haver é ôntico, o que é pura redundância: o fundamento do ente é assim mesmo, mesmo doente.

ALEI que exprime esse fundamento se escreve: Haver desejo de não-Haver. Dado isto, e por isto, o fundamento da psicanálise é místico. E a postura do Haver na referência do seu fundamento místico, nessa sexão, se escreve: existe função fálica, ela pode ser negada, mas não toda.

Disso tudo que acabo de colocar, tira-se um *Vínculo Absoluto*. Estamos num final de século onde se diz que não há mais vínculos, que os vínculos acabaram, etc. Isto não é verdade, há o vínculo, ele é absoluto, embora vazio, e tem ancoramento no Cais Absoluto.

Significa que a nossa *viagem* é possível à hiperdeterminação, de onde, eventualmente, em seu eterno retorno nos chega o Sujeito de uma Denúncia. Tudo isso acontecendo no lugar do Vínculo Absoluto perante o não-Haver, que outro homem com'Um disse ser: "Meu bem, meu Zen, meu Mal".

O Vínculo Absoluto é, portanto, o fundamento da *Transferência*. Ele não é aquilo sonhado que pudesse vincular cada um a cada um ou, como seria no imaginário pregresso, cada um a cada outro. Isto simplesmente porque não há a possibilidade de vínculo de um para outro.

Cada um está vinculado absolutamente ao Cais Absoluto, embora cada qual esteja ali sozinho. Essa é a falta de entendimento de final de século, que supõe que não há vínculo entre os humanos. Entre cada um e cada um, não consigo achá-lo, mas todos, ou seja, cada qual está vinculado ao Cais Absoluto.

Apesar, então, da solidão e da não relação de cada um, aos desvinculados entre si não falta condição de empatia conseguida mediante o Vínculo Absoluto. (Vejam que estou re-permitindo palavras banidas do último vocabulário da psicanálise: empatia ou simpatia, se quiserem). O *pathos* dos patos é o Vínculo Absoluto, logo, através do *pathos*, posso fazer uma empatia, e até mesmo uma empatologia.

O que é necessário, por tudo que coloquei, é a Imunda e Sagrada hiperdeterminação. Imunda, porque vem de fora do mundo, do não-Haver; sagrada, porque tem algo do intocável do não-Haver, do *Sacer*. Tudo o mais, enquanto mundo, é contingente. Tudo que se apresenta no Haver é contingente, portanto, absolutamente indiferente. Para quem? Para o analista, aquele que supostamente terá feito a viagem, seja quem for.

Indiferente de modo algum quer dizer desinteressante, insignificante ou desprezível. Muito pelo contrário, para o indiferente não há o que não seja interessante, significativo, precioso: o que quer que pinte é interessante, significativo e precioso, justo porque é indiferente. A ideologia filosófica da diferença é que estatui desvalores e não transvaloriza nada, como queria nosso velho amigo chamado Friedrich Nietzsche.

*Mystikós*: o mistério, o misterioso, o secreto. Não foi à toa que, anos atrás, comecei a falar (e ninguém entendeu, nem eu): *De Mysterio Magno*, sobre o grande mistério. Sem saber muito bem porque, eu dizia que não há mistério algum. Este é o grande mistério: a absoluta falta de mistério.

Pobrezinho do Heidegger, queimou a mufa perguntando: porque há o Haver e não antes o não-Haver? O que aprendi da experiência fundamental da psicanálise é: há o Haver e o não-Haver não há, e isto está na cara. Logo, só pode haver o Haver e não antes, jamais, o não-Haver.

Essa escansão suspende todo mistério e diz que o mistério está na escansão onde não comparece nenhum mistério. E além de não haver nenhum mistério aí, porque o não-Haver não há, a única coisa que sobra, dada brutalmente, é a imanência do Haver desejando o não-Haver: imanência pura de um desejo que deseja não desejar.

Daí é que se tira o Um radical e absoluto, solitário e indiferente ao que quer que aconteça como contingência dentro do Haver. E capaz de colher a eventualidade dessas contingências.

*Secreto*, porque o Um não é se não a secreção do Haver. O Haver secreta o Um na impossibilidade do não-Haver. Então: místico, porque o mistério é da falta de mistério; secreto, porque secreção disso é Um.

O que o Haver tem de secreto é sua secreção: Um. O que há de oculto aí, é o que a psicanálise desvela por debaixo dos recalques primários e secundários, ou seja, por trás do sorvete. Para além da delícia de lamber o sorvete, por falta absoluta de Nirvana, topa-se com Um sorvete: dá-se uma sorvetada, sorve-se Um, um de cada vez. O que há de secreto e de oculto para o Um dessa experiência, e que a psicanálise tentaria desvelar, é o desejo enquanto velado pela massa sorvetal dos recalques primários e secundários.

Onde nos enganamos diante do sorvete, é esquecermos do desejo radical de não-Haver, que funda o Um para além da lambedura do sorvete. O que há de misterioso em qualquer desejo de sorvete é que é desejo de Nirvana. Quando disso ainda não sabemos, por não termos feito a viagem até o Cais Absoluto, encontramos um grande mistério: “Que coisa é essa de querer sorvete?” Depois da viagem, sabemos que era só Nirvana. E na falta de Nirvana, por que não sorvete? Mas sabendo que é falta de Nirvana.

Esse “segredo” que a psicanálise nos desvelou, do desejo por trás do sorvete, pode ser desvelado para cada Um. Esta é a sua grande dica. Isto no afastamento, na superação, do sorvete, portanto: místico. A essencialidade do místico é o reconhecimento da solidão do Um no afastamento indiferente para com o mundo: Cais Absoluto. Se é isto que a psicanálise permite desvelar, então, seu fundamento é místico.



A experiência do Um não é de, modo algum extra-ordinária. É absolutamente ordinária, mesmo trivial, é por excelência a experiência como Um, a experiência com'Um. Tanto é que até Roberto Carlos pode cantá-la, porque a tem. Não é preciso ser filósofo, basta existir como indivíduo, como Um.

O que não é freqüente, ordinário, trivial, é a *lembrança* dessa experiência, a saudade de ela apresentar-se, dizer-se em seus próprios termos, pois que o esquecimento do Um – mais radical do que o esquecimento do Ser, lembrado por Heidegger – é inarredável, é decadência da indiferença essencial e originária no jogo cotidiano da diferença faturável. Então, eu poderia dizer que o esquecimento do Um é alienação ao outro da diferença declinada.

O Outro do Outro não há, como lembrou Lacan. Haverá simplesmente o Outro, ou isso é sonhação de cada Um no esquecimento do Um e na tentativa de faturar a diferença, decadente? Quando coloco alguma coisa no lugar do que Lacan chamou de objeto *a*, na alteridade objetual que isso tem, há duas maneira de colocar: (*a*) de ida, ou seja, como babaca, pensando que aquilo é faturável, ou (*b*) de volta, reconhecendo que aquilo pode ser delicioso, mas me deixa como Um, não me acrescenta nada. Pode acrescentar às minhas *performances*, às minhas peripécias, mas não a *mim*, que sou um indivíduo com'Um.

Lá no Cais Absoluto, Outro não há. E, de retorno ao Haver, cada um individualmente só encontra, quando encontra, o que é não-Um como *caso* do mundo. Isto faz Outro? Não faz nem um outro, se não no imaginário, apelidado de simbólico, dos encontros faturáveis.

\* \* \*

Se o fundamento da psicanálise é místico, isto que chamo de Pedagogia Freudiana é, de fato e de direito, uma *Mistagogia* radical, sem transcendência, em pura imanência. Mistagogia transcendental, portanto: sem mistério e secretando o Um.

Isso é dizer que a psicanálise é uma *iniciação*? De modo algum. É uma rememoração do Um do indivíduo com'Um, no sentido socrático. Não rememoração de um teorema de geometria, pois isto é bobagem. A não ser que Sócrates e vicinalmente Platão estivessem certos, na medida em que meu imaginário de primeira instância, de recalçamento primário, comporte esses teoremas. Talvez, então, eles possam até ser lembrados. Mas, ainda que isto seja possível, estou falando é da rememoração do Um da experiência como Um de qualquer um, embora ela fique obnubilada, sufocada, esquecida, por trás dos recalques primários e secundários.

O Revirão – não estou falando de outra coisa portanto –, sempre esteve disponível: para cada Um, em algum momento, ele foi experienciado e provado para além do sorvete. Experienciado e provado por cada Um. Outra coisa é o seu esquecimento, que em francês se diz *méconnaissance*, que não é ignorância mas *ignoração* de algo que lá estava.

Nossa prática, esta dita da psicanálise, a rigor, não é nenhuma *clínica* que é coisa de prostituta e de médico: negócio de deitar na cama; nenhuma *terapêutica*, seja de exorcizar monstros ou de retornar ao *status quo* anterior; nenhuma *hermenêutica* para interpretar a casuística dos casos; nem nenhuma *sugestão*, embora não possa deixar de usá-la.

A prática da psicanálise é uma *Maiêutica*. Trata-se de fazer parir de novo, por debaixo do lençol dos recalques primários e secundários, a experiência com'Um. Talvez, como quisera Nietzsche, arrumar ali algum Caos para que se possa parir aquela estrela.

A Nova Psicanálise, enquanto Mistagogia, melhor do que psico-análise, é a *psico-diálise* do homem com'Um. *O* ou *a* Sexão, qualquer gênero serve, lá no Cais Absoluto, põe uma diálise irreduzível: duálise, separação entre Haver e não-Haver e, portanto, solidão e separação em todas as manifestações internas do Haver. Se Freud não ficasse preso a certa configuração química talvez, em vez de psico-análise, tivesse chamado de psico-diálise, como estou fazendo.

Estamos, assim, no retorno *ao* Freud da Pulsão de Morte, promovendo o retorno da heresia de Freud. Ponhamos mesmo, logo de uma vez, o termo

retorno da *Gnose*: dia-gnose, pro-gnose, meta-gnose do Haver. Onde, uma gnoseologia não se obriga nenhuma epistemologia, embora possa parir epistemes.

Lacan dizia: “*Y a d’l’Un!*”. Estou dizendo: *só há Um*. Outra coisa é o que isso possa *Ser* – mesmo porque não faço filosofia. Onde – como Lacan tirou da dele, que a relação sexual é impossível –, curto e grosso, tira-se que: não há relação sexual! Assim como: não há relação! Não há relação entre o indivíduo que há, em sua essência de indiferente, e o mundo. Nem por isso – *mais quand même* –, esse mundo, mesmo assim, deixa de afetá-lo e solicitá-lo como não-Um. Isto não faz relação nenhuma porque o vínculo é só absoluto, e não *entre* cada Um e cada outro.

Não é preciso confundir a Hação, com *h*, do indivíduo com’Um com a alienação do homem qualquer. O indivíduo como Um é hiperdeterminado, só se dá mediante o encontro que sempre há e pode ser lembrado. O homem qualquer é sobredeterminado pela primariedade e secundariedade dos recalques, tanto é que pode ser computado no social ou re-computado no estatal. Mas o indivíduo com’Um, este, só há na sua solidão inalienável e na referência à hiperdeterminação, portanto, na suspensão da sobredeterminação.

\* \* \*

Ora, ora, ora, alguns poderiam objetar que a psicodiálise do indivíduo com’Um em sua essência de indiferente, não é senão uma postura regressiva à filosofia chamada Ceticismo. Só faço lembrar que o ceticismo exclui qualquer Pedagogia. Não há regressão alguma ao ceticismo.

*Skeptomai* significa: olhar cuidadosamente de todos os lados, é claro, em todos os sentidos. A melhor tradução é: *circunspeção*. Na língua brasileira, as pessoas pensam que circunspecto é um sujeito fechado. É o contrário, é o sujeito mais aberto. *Circumspectare*: olhar ao redor, de todos os lados, sem deixar de olhar nenhum lado. Isto, naturalmente, tem a ver com o Revirão.

Não são poucos os estrangeiros que, como vocês sabem, morrem atropelados na Inglaterra. Não são circunspectos, atravessam a rua olhando

só para o lado costumeiro da sua mão. Quantos de nós não somos atropelados pela hemiplegia do significante? O Halo significativo, por inteiro, nos induz à suspensão do juízo, do julgamento, segundo o exercício da circunspecção: *Epoché*, na terminologia dos cétricos – nada mais nada menos do que reconhecimento do Revirão. Mas não mero reconhecimento de seus dois lados oponíveis, e sim reconhecimento como tal lá no Terceiro lugar de onde se defronta, no Cais Absoluto, o nãoHaver que indiferencia o Revirão.

A Nova Psicanálise, que pratica a suspensão como indiferença interna ao Haver com'Um, não toma a *Epoché* senão como experiência referencial e na exasperação – o que não existia no pensamento cétrico – da diferença absoluta, que é externa, para o não-Haver. Donde, a psicanálise não é um ceticismo. Assim, ela pode acolher a hiperdeterminação e seu efeito eventual como verdade a ser, de retorno, instaurada no mundo.

O que se recolhe da experiência cétrica é a circunspecção, do verbo *skeptomai*, e a *Epoché*, na suspensão do juízo lá no Cais Absoluto. Mas há mais depois disso. Não se fica na ataraxia cétrica senão como referência de uma experiência de Um, de individuação, de solidão e, depois do retorno, no empuxo da hiperdeterminação à colheita do eventual e sua instauração fiel dentro do mundo.

O que acabo de dizer está fundado na dissimetria originária que se prova na experiência de viagem ao Cais absoluto. É ali que se funda a dissimetria. Assim como a *Epoché* do Revirão suspende a internalidade das suas oposições, a experiência do Cais funda a dissimetria que me manda de volta instaurar no mundo o eventual que se ofereça.

A postura dos cétricos em relação ao mundo – estou falando dos verdadeiros, como Pírron, pois há os acochambrados, que não sabiam o que fazer com aquilo e, então, adocicaram o ceticismo – é absolutamente aporética, ataráxica: “Não há saída!”. Aí termina o périplo do cétrico. Para o analista, isto é apenas experiência radical que devolve a *porosidade* do Haver.

Muito pelo contrário, descobre-se que o Haver é inteiramente poroso, rico. *Póros* em oposição a *Pénia*, a penúria: quando se encontram, tem-se

impossibilidades modais. Mas a insistência na porosidade tenta revirar isto, devolve-nos à porosidade do Haver e, portanto, à pragmática do mundo. Assim sendo, se a estrada que sobe é a mesma que desce, a ascense da subida não é a deiscência da volta.

No retorno à disponibilidade à Renúncia, que se encontrou no Cais Absoluto, terá facilitado o Sujeito em sua Denúncia. Disponibilizar-se à Renúncia pela indiferença facilita a Denúncia de Sujeito na nomeação do acontecimento. Agora sim, podemos dizer que há com-fiança sem crença, porque com-fiança advertida não é a tolice da fascinação do sorvete, embora delícia. E a ideologia do significante pode ceder lugar ao bem-dizer da significância de cada Encontro.

Ora, ora, ora, alguns também poderiam objetar que, afirmar que o fundamento da psicanálise é místico, é posturar-se na regressão, se não na reação, de todos os assim chamados misticismos que hoje retornam. De modo algum! Pensem um pouco e certamente hão de convir que a semelhança do cenário não implica a identidade das significações. Certamente que, pensando, hão de reconhecer, quanto a desaparecidos, o abismo que há entre a sandália de Empédocles e o boné de Ulisses, em meio às devoluções singulares que o Haver nos oferece.

Além do mais, esses ditos misticismos que retomam hoje, não o são de fato nem mesmo de direito. O que não têm é nenhuma mística: são vetores de crenças em saberes supostamente translados, mais nada. Outra coisa, por exemplo, é a Mistagogia da Tebaida, onde um felá do Egito, herdeiro de certa fortuna, *traduzido* ao cristianismo, é o caso de dizer, entra numa igreja e ouve dizer: “Vende tudo que tens e vai embora, abandona o mundo!” Como tinha uma irmã, que não tivera feito a mesma opção, ele vende tudo, dá a metade para a irmã, remete-a para um convento e vai para o deserto, onde se tem menos ainda. Chama-se: Santo Antão, no calendário católico. Este é o fundamento do místico: afastado e abandonado do mundo, encaminha-se resoluta, corajosa e heroicamente para o Cais Absoluto – e vai nessa. Setenta anos no deserto. Quando aos noventa anos de idade, morre.

Ele ensinou o caminho da ida. Uma multidão se forma ao seu redor para aprender este caminho. Isto em contraposição à decadência da Igreja, por ele suposta. Ela estaria se afastando do princípio de procura de alguma relação com o que não há e teria se mundanizado segundo o fingimento de alucinação de certo rei do Império bizantino: *In hoc signo vinces*.

Mesmo dentro do movimento de viagem de *ida*, na Tebaida, e em consequência disto, outro dito também santo, Pacômio, descobre que tem caminho de *volta*. Inicia-se, então, no caminho de retorno, a tentativa de fundação de uma ordem no mundo. Infelizmente, caiu na mão da Igreja e virou essa coisa que está aí. Lembrem-se que se chamavam ordens *monásticas*, unásticas: cada um se ordenava segundo a referência a Um Vínculo Absoluto, que não os vinculava. Mas o estado acaba comendo tudo que se lhe apresenta. Não confundir isso com as ordens monásticas contemporâneas.

A Mistagogia do analista sobe com Antonio e desce com Pacômio, sabendo bem que se trata do mesmíssimo caminho – que o Zen chamava o Tao caminho –, mas com seus dois percursos. Só o primeiro não basta. Não é por menos que, em trabalhos antigos, tentei fazer a distinção entre análise propedêutica e análise efetiva.

O ocultismo, a telepatia, a hipnose, essas questões que perseguiram o pobrezinho do Freud por razões menos analíticas do que políticas, por questão de sobrevivência da psicanálise, isso pouco importa à Nova Psicanálise. Se não que importam muito como materiais e acessórios. A Nova Psicanálise não teme ocultismos, telepatias e hipnoses, pois *lida* com elas. Para a Nova Psicanálise, com a sua Maiêutica, tudo isso é indiferente como os chuchus e as couves, como contingência do mundo, e nem por isso deixam de padecer da possibilidade de se tornarem alimentícias, uma vez que o Haver é onívoro, mais do que os porcos, ou corpos, assim como é onívoro o homem.

Dessas questões, sobretudo da hipnose, trataremos da próxima vez.

\* \* \*

...O que chamo de ideologia da diferença é ficar-se no jogo do reconhecimento da diferença e no seu faturamento. Quer me parecer que diferença mesmo só surge, comparece, se reconhece, no só-depois da experiência do Cais Absoluto, e é *resto* dessa experiência. Então, retornar ao Haver e lidar com, pensar, a diferença, etc., exige a referência à Indiferença e isto geralmente não consta do que chamo de ideologia da diferença, embora eu suspeite que conste assim no projeto de Lacan. Aliás, posso juntar a ideologia da diferença com a ideologia do significante e com a ideologia do simbólico, pois, na verdade, uma vez introduzido o Revirão, não tenho mais o simbólico, e sim o anfibólico. Logo, isto suspende muita coisa.

... Quando lemos os textos de Freud, vemos que, muitas vezes, ele fica em temores horrorosos que nada têm a ver com a reflexão ou com a teoria que está elaborando, a qual não comporta esses temores. Os temores, no fundo, são estritamente políticos. Ele teme, por exemplo, associar transferência a empatia (o que Lacan brilhantemente dirá que é o sujeito suposto saber), talvez, à magia da coisa analítica. Se quisermos ser refinados, diremos que, em termos de Pleroma, é o sujeito suposto saber a experiência do Cais Absoluto. Por aí, tudo bem até...

Mas é uma tentativa de evitar toda e qualquer confrontação *simpática* porque esta parece imaginária, são tesões localizados, etc., na fragmentação do Um. Então, digo eu, se a partir dessa experiência, fizermos a depreensão de Um Vínculo Absoluto, de cada Um vinculado a esse Vínculo, embora não vinculado a cada Um que não seja ele, a cada não-Um para ele, isso, mediante este elemento comum de todos esses conjuntos, essas multiplicidades, fará um vínculo direto de cada um com esse elemento. Isto de tal maneira que, mediante ele, é possível extravasar-se numa simpatia, no mundo e na análise.

Aí, é preciso salvar o termo de Ferenczi de que só a simpatia cura. As pessoas não o entendiam e pensavam que estava falando da simpatia do cotidiano, que ele usava também, mas, quem sabe, ele não estava pensando que há uma simpatia que extravasa tudo isso. E mediante a qual posso furar e trazer o Outro ao reconhecimento de sua própria experiência.

O não-Um me afeta e, mediante a minha referência ao Vínculo Absoluto, torno-me simpático a isso. Isto não faz com que se caia em nenhuma Outridade, pois aquele que se tornou simpático não se aliena mais. E, digamos assim, a desmontagem da alienação. Ele parece extremamente alienado, extremamente simpático, mas está sozinho. Isto, se não indicou teoricamente muito bem, Lacan indicou nas suas referências à, entre aspas, “técnica” psicanalítica (é uma bobagem falar isto, mas enfim ... ).

... O cético é incapaz de simpatia porque não tem o Outro absoluto que não há, nem o desejo do não-Haver e nem a hiperdeterminação para remetê-lo de volta. Lacan mesmo dizia que o ceticismo é uma filosofia impossível de se praticar. Por isso, eu disse que os descendentes de Pírron são acochambrados, pois ninguém consegue sustentar aquilo. Mas a experiência da filosofia cética é fundamental. Os caras descobriram isso, mas não sabiam o que fazer por falta de teorização e caíam simplesmente numa simpatia: “Ah, não há nada mais a fazer!” Eles podiam se matar...

... Atitude eminentemente política do analista, mas de volta. Digamos que aí pudéssemos, com Alain Badiou, fazer aquela diferença entre o político e a política. Sem a aceitação radical do que pintar, sem isto, não há analista. Quando Freud postura o que chama de atenção flutuante, que poderíamos traduzir por circunspecção no sentido dos céticos, e quando fala em neutralidade do analista, que a porcaria de igreja que ele deixou pensa que é o sujeito defensivo, sem nenhuma simpatia pela tática de sua vida cotidiana, no pensamento da Nova Psicanálise isto não fede nem cheira, pois o que pintar, pinta, e o que for, é. Isto porque tenho a referência da minha *Epoché* indiferenciando tudo isso. Portanto, posso até retomar, posso até ser vil, e até serviçal.

Se combinar de ida, você se aliena a um grupo político. De volta, você não está alienado, e sim operativo. Até permito que se faça alguma comparação disso diante de um raciocínio lógico e não lógico em Piaget, por exemplo. Isto porque você retorna operativo. Afinal de contas, se há possibilidade de Sujeito, se há Cais Absoluto, existe alguma ação para além do teatro? Entra-se em cena! E por que não representar bem, mas mantendo a suspensão, sabendo



que na coxia é outra coisa? Porque não representar verdadeiramente? O homem com'Um faz isso.

...O fundamento é alguma coisa que se pega, porque se teve alguma coisa para segurar, para ser a base de todo edifício, é um alicerce. Em todo pensamento, busca-se algum fundamento. Estamos num final de século onde todos os fundamentos ruíram. Mas como é que se pode fazer ruir o que não há? Então, posturo o não-Haver dizendo que é Um fundamento que não tem ruína possível.

O fundamento é místico porque, neste lugar aí, está-se em absoluta unariedade, solidão e em defastamento do mundo nas suas contingências. O espírito nuclear do que se chama de místico é, pois, a solidão, a unariedade e o afastamento do mundo. Por isso, essas coisas que hoje chamam de misticismo, feito horóscopo, runas, não-sei-o-quê, nada têm de místico. São saberes *míticos* localizados. Isso é alienação a saberes, como é ruim a alienação aos saberes da psicanálise. O horoscopismo psicanalítico está aí. Já se chamou, por exemplo, de tipos psicológicos, com Jung, e hoje chama-se de: estruturas clínicas. Isto é horóscopo. Estruturas clínicas são horoscopismo no saber psicanalítico.

É da posição do achado dessa *experiência* que tiro a fundamentação disso tudo. Isto é místico, e não ético. Ético é a decorrência disto no retorno. Lacan quis fundamentar a psicanálise na ética. Em primeiro lugar, dizendo: “não abrir mão do seu desejo”. Ora, isto é muito pouco porque o seu desejo, no que era dito naquele momento, é um desejo localizado, é o desenho do indivíduo para aquém do indivíduo. Depois, ele deu um jeitinho, dizendo: “é a ética do bem-dizer”. Aí, ele abriu as portas para mim.

29/OUT



## 17

### “PAI, NÃO VÊS QUE ESTOU QUEM MANDA?”

Da última vez, eu dizia que o estatuto da psicanálise é místico, e que ocultismo, telepatia, hipnose, questões que perseguiram o pobrezinho do Freud, não tinham muita importância para a Nova Psicanálise.

Isso na medida que, acontecesse o que acontecesse no seu processo ou fora dele, o que interessava era sua *Maiêutica*, no sentido de ela, eventualmente, com muita sorte, muito trabalho, fazer parir o que lá já estava, no sentido socrático, que é a disponibilidade para o Revirão e para a aproximação do Cais Absoluto. Portanto, pouco importava que o século estivesse impregnado de ocultismo ou que a psicanálise o esteja, em seus arredores ou até mesmo no seu antro.

Quando Aluisio Menezes nos falava aqui, semana passada, sobre Artaud, chamei atenção para o que este designou como “acidente bestial”, que não é senão o que venho designando já há algum tempo como a repetição, no seio do Haver, do Revirão originário. Mas, bestialmente, isto se deu no seio de uma besta mais do que quadrada, uma besta redonda, que é esta espécie simiesca onde estamos inseridos.

Então, como será possível algum distanciamento, alguma possibilidade, de despertar uma vez que estamos metidos nessa?

\* \* \*

Há um sonho na *Traumdeutung*, vol.V, p.545, edição brasileira, que fora contado a Freud por alguém que o ouvira, em que um sujeito perde o filho após longa enfermidade. Há o velório na sala, com o caixão contendo o cadáver, e algumas velas acesas. Esse pai pede a um outro para fazer o velório, enquanto vai descansar um pouco. Vai para uma sala contígua e pega no sono.

Eis senão quando é acordado meio bruscamente, certamente que despertado pelo sonho que tivera nesse momento. Na sala ao lado, onde estava o velório, aquele encarregado de tomar conta, que era um velho, pegara no sono. Uma vela tomba sobre o cadáver, que pega fogo. E neste instante que o pai, que está no quarto, acorda e vai acudir esse pequeno incêndio.

O interessante é que, ao invés de despertar imediatamente pelo clarão do fogo que se alastra no velório, o pai faz o seguinte sonho. O filho que estava morto o sacode e diz: “Pai, não vês que estou queimando?” Ele acorda assustado e vê que estava queimando mesmo. Freud se utiliza desse sonho como grande trunfo – uma vez que fora sonhado por alguém desconhecido, etc. –, como grande exemplo de que efetivamente o sonho é a realização de um desejo, ainda que seja pura e simplesmente desejo de dormir.

Como se diz isto neste sonho? Freud chama atenção para o fato de que o pai estava exausto, precisava dormir, ao mesmo tempo que estava sob a dor daquela perda. Comandou que outro sujeito tomasse conta do velório, mas sabendo que este era um velho, que também poderia dormir, etc., já dormira preocupado. Quando realmente aconteceu o acidente, ao invés de ser despertado imediatamente por ele, acaba o sendo por um sonho que, na verdade, fora feito para mantê-lo dormindo. Ou seja, sonhou em vez de acordar imediatamente: fez um sonho para ainda continuar dormindo.

Mas o desenvolvimento e o próprio conteúdo do sonho acabam sendo extremamente ambíguos, pois são eles que o fazem despertar. Isto na medida em que, no sonho, o filho morto o sacode e diz: “Pai, não vês que estou queimando?” Freud atribui esta frase a acontecimentos diurnos pregressos. Talvez o garoto, em febre, a tivesse dito, etc.

“Pai, não vês que estou quem manda?”

Esse sonho é, então, uma espécie de exemplo freudiano bem típico, lá pelo final da *Traumdeutung*, de que sonha-se para dormir, para realizar o desejo de manter o sono. Mas, ao mesmo tempo, é um sonho esquisito, pois, apesar de sustentar ainda o sono por alguns instantes, acaba sendo ele próprio o despertador nesse momento.

Vocês se lembram que Lacan, no *Seminário XI*, p. 58 da minha tradução, faz um comentário sobre esse sonho para mostrar, entre o sonho e a vigília, a diferença entre a pura e simples representação e o representante da representação que compareceria no sonho em lugar da consciência, etc. Não é isto que está me interessando, e sim *o que pode ser um sonho de despertar*. Se é verdade o que diz Freud, que é um sonho fabricado para manter o sono, como pode ser um sonho que mantenha um pouco o sono para justamente despertar desse sono?

Minha suposição é de que um sonho é de despertar quando aproxima o Cais Absoluto pela absoluta equivocação dos alelos dentro do pensamento do sonho. Quando um sonho embarca numa das direções possíveis do alelismo da significação, o que faz é sustentar o sono. Mas quando, por sua própria natureza, é equivocante de tal maneira que, no mesmo sonho, faz-se uma transposição de um lugar para o seu oposto e vice-versa, ou seja, aproxima-se mais ou menos bruscamente o ponto terceiro, de indiferença, do Revirão, aí se torna um sonho de despertar.

Quer me parecer que é o que acontece nesse “Pai, não vês que estou queimando?” É um sonho fabricado para manter o sono, no entanto sendo indicativo presente da situação efetiva daquela morte, da perda, da impossibilidade de retorno daquela figura que acabava de retornar, e na proximidade extrema desse desaparecimento. O sonho ou qualquer coisa feita para despertar, ou que tenha o resultado de despertar, pode ser (a) no regime da angústia, como acontece freqüentemente nas condições em que se desperta com certos sintomas de angústia, ou (b) simplesmente, num regime de despertar puro, e aí refiro-me ao texto de Lévinas que já citei aqui.

Nem todo despertar diante da aproximação do Cais Absoluto é angustiante. No caso, o é pela ruptura brusca entre os dois momentos equivocados do viver e morrer, de presença e ausência. Mas é possível que alguns momentos de despertar nessa aproximação sejam absolutamente sem angústia, em branco.

Lévinas fala de certa insônia relativa a esse despertar em branco, mas sem angústia. Eu nem diria que se trata de insônia, mas de estar simplesmente desperto. Isto é, chegou-se na aproximação do terceiro lugar e fica-se por ali. Isto não é nem angustiante nem falta de sono, é simplesmente estar desperto, durar desperto por algum tempo.

Durar desperto, ao contrário do que se pensa, é absolutamente desinteressado. Por isso, Lévinas fica perplexo com essa insônia sem angústia, mas que também não se aplica a nada, não está interessada em nada. Quando ficamos interessados é que já tomamos o despertar e fizemos dele uma aplicação, uma tentativa de faturamento dentro da realidade.

Quero supor que esse momento de “insônia” de que fala Lévinas, em branco, sem angústia, sem aplicação, é por puro e simples despertar à beira do Cais Absoluto: ficar-se desperto sem interesse nenhum, sem angústia, sem má vontade, sem nada. Simplesmente aquilo pulsa, pulsa sozinho e a nada se aplica.

Os movimentos dentro de uma análise que aproximam eventualmente do Cais Absoluto são da mesmíssima ordem: pequenos momentos de experiência desse despertar, sem aplicação, sem interesse, nem para bem nem para mal e que duram um certo tempo numa indiferença radical.

\* \* \*

Por que o meu interesse nesse sonho que escrevi dessa maneira: “Pai, não vês que estou quem manda?”

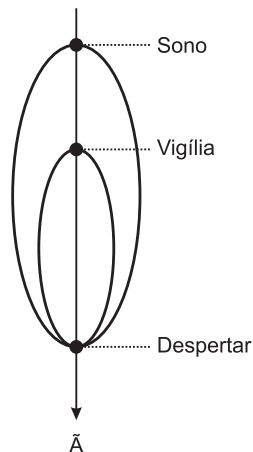
Quem manda? O que comanda aí? A possibilidade de despertar ou, muito pelo contrário, de dormir em cima do boi? Curiosamente, é um sonho de

“Pai, não vês que estou quem manda?”

despertar. Podia ser de dormir. Parece que os próprios conteúdos do sonho não permitiram manter o sono.

Como se faz a passagem da vigília ao sono e do sono à vigília? Não do ponto de vista das pesquisas cerebrais, que são extremamente importantes, mas sim do que nos interessa. Se desenhar um halo significativo com *sono*, *vigília* e *despertar*, teremos em oposição simétrica ao *sono* a *vigília*. O *despertar* não é da ordem nem do sono, nem da vigília.

O despertar certamente não é – e este foi o maior interesse que encontrei no texto de Lévinas – da mesma ordem da vigília, na medida que esta é sonhar de novo. A gente dorme para sonhar ou sonha para dormir, e acorda para continuar sonhando as besteiras que sonhamos o dia inteiro. Raramente está-se desperto – nem sonhando dormitivamente, nem sonhando vigilmente – e, justo por isto, não há nada a dizer.



Há uma simetria do ponto de vista do halo significativo. Mas a passagem de um para o outro é a mesma? Há uma simetria nessa passagem? Se ALEI diz: Haver desejo de não-Haver, tenho a impressão de que há uma indução sonolenta dos nossos anseios. É muito mais fácil passar da vigília ao sono com aparência de continuidade do que do sono à vigília com essa mesma aparência. Acho que uma disrupção acontece no movimento contrário. Há uma espécie de quebra de simetria.

Assim como, no movimento da plerocinese, vai-se encaminhando para não-Haver, vai-se num tesão só, mas quando se depara com o fato de que o não-Haver não há, há uma diferença, uma quebra de simetria em que alguma coisa faz uma indução de despertar e dissimetria a passagem da vigília ao sono em relação à passagem do sono à vigília. Quero dizer que, junto com o próprio movimento do desejo, por ser desejo de impossível, do que não há, há uma indução sonolenta.

A espontaneidade é para a acomodação sonolenta, numa continuidade em que a gente, quando está bem para dormir, não sente a passagem da vigília ao sono. Mas a passagem do sono à vigília se percebe, pois há aí uma pequena quebra de simetria.

Lacan, no *Seminário III*, falava de *la paix du soir*, de quando, de repente, a paz do entardecer cai sobre nós e não sabemos como começou. Acho que faz sentido o significante *paz do entardecer* na sua lassitude da espontaneidade do desejo de não querer lhufas. Ao passo que o *alvorço do amanhecer* é outra história, a gente se dá muito bem conta de quando ele começa. Então, há de direito uma aparência de simetria topológica e de sentido, embora de fato haja uma dissimetria no esbarrar na impossibilidade de o sono ir para além de seu umbigo.

Nesse sonho que Freud apresentou – chamado: “Pai, não vês que estou sonhando?”, seria o caso de dizer –, o que temos é um tipo de sonho que, na sua própria construção, exhibe o seu umbigo. Quando isto se dá, o cara desperta. Será despertado ou angustiosamente ou perplexo, insone, porém com uma insônia branca. No caso, ninguém, nem Freud nem quem narrou o sonho, diz se o pai acordou com angústia.

\* \* \*

Essa espontaneidade do dormir, do sonhar, tem a ver com outras aparentes espontaneidades que acontecem numa psicanálise, e cujos problemas a história da psicanálise tem tendência a descartar. O caso, por exemplo, de



“Pai, não vês que estou quem manda?”

saber quem manda em todas as articulações discursivas da nossa vida que a psicanálise pode enfrentar.

Há um texto de Freud chamado *Massenpsychologie*, de 1921, onde há um capítulo intitulado, em minha edição *Standard, Being in love and hypnosis*. Freud tenta dar conta do que seja a hipnose quando fala da psicologia de massa, da dominação hipnótica no exército, na igreja, etc. E faz a diferença entre amor e hipnose.

Lacan, no mesmo *Seminário XI* onde comentara o sonho do “Pai, não vês...” retoma, p.257 de minha tradução, para criticar, ainda segundo Freud, toda e qualquer possibilidade de aproximar psicanálise de hipnose. Ele repete aquele esqueminha que Freud desenhara na *Massenpsychologie* (para mostrar que um grupo de pessoas vai concentrar todos os seus objetos num objeto unificado, que ele chama de  $x$ , com seu ego e seu ideal de ego, tudo mais ou menos configurado numa concentração sobre esse objeto). Lacan diz, então, que é o objeto  $a$  comandando o processo de hipnose na medida que faz coalescência com o ideal de ego. E o trabalho da psicanálise seria justamente separar o  $a$  do  $i(a)$ , do ideal de ego.

A psicanálise, é, pois, segundo ele, uma anti-hipnose, é justamente o avesso da hipnose. Para garantir isto, ele diz que o analista é que é o hipnotizado. E agora, o que a gente faz? Se me permitem uma grosseria, eu diria: o avesso da merda é o cocô. Mas isso é grave. Não que não seja sério...

Muitos autores, de longa data, reclamam dessa espécie de recalçamento da hipnose na história da psicanálise, feito sobretudo a partir do susto de Breuer. Então, o que que pode ser a hipnose? Freud, nesse texto, e Lacan retoma, poderíamos dizer que nos dá uma bela demonstração do que seja a transferência. Mas se conseguimos explicá-la de algum modo, apesar daquele volumão de Lacan, seu Seminário sobre *A Transferência*, vamos é explicar a hipnose, o amor e uma série de outras coisas através de seu entendimento. Transferência esta que deve ser um mecanismo espontâneo para esta nossa espécie – e para outras também, pois há a hipnose animal –, que, no fundo no fundo, não é senão uma disponibilidade bastante forte, em diversos níveis, para aceitação da *sugestão*.

A gente estuda coisas, vai a Seminários, buscando o quê? Ser sugestionado por uma via que sirva para alguma coisa. O que é a psicanálise na sua sustentação dentro do mundo senão uma grande intoxicação? Não estou dizendo que outra coisa não o seria.

A partir da construção – que já mostrei ser delirante – de uma teoria convincente por algum modo, o que se cria é um grande aparelho de sugestão, extremamente útil, que pode ser sustentado, ser dejetado, ter sucesso. E, às vezes, é muito mal sustentado, de tal maneira que, apesar de se receber uma sugestão teórica no sentido de entendimento de coisas que acontecem com a espécie – chamemos de Inconsciente, teoria psicanalítica, etc. –, facilmente a coisa se degradingola e cai num aparelho hipnótico grave. Por exemplo, já é o que acontece, com os lacanianos no mundo, depois de ter acontecido com os freudianos: todos já estão devidamente hipnotizados pelo S barrado,  $S_1$ ,  $S_2$  repetindo essas frases e permanecendo no sonambulismo das instituições.

A questão fundamental é, queira-se ou não, que há um troço chamado transferência, que, se foi nomeado e descoberto dentro da psicanálise, não é só ali que existe. Muito pelo contrário, existe em toda parte. E é uma espécie de suporte de uma série de coisas importantes na história da humanidade: através de sugestões que dão certo e acolhimento de sugestões, acolhe-se a ficção de alguém, ela passa a funcionar... E não podemos ter a menor garantia de não estarmos sempre mergulhados nessa grande sonhação, freqüentemente produzida por todo um aparelho hipnótico.

O melhor que se conseguiria seriam alguns momentos de *despertar* para, pelo menos, lembrarmos que nada impede que sigamos sugestões, que acolhamos aparelhos hipnóticos, como ferramentas utilizáveis no cotidiano do mundo – sejam elas: teoria psicanalítica, filosofias, escola de samba, etc. –, mas que, no instante do despertar, tudo isso se indiferencia. Isto vem a bater com muita proximidade com a grande interpretação do grande analista de Freud que foi Charcot, e que lhe valeu para o resto da vida: “Teoria, meu caro, é muito bom, mas não impede de existir!”

*“Pai, não vês que estou quem manda?”*

\* \* \*

Estou, então, recomeçando, na tentativa de pensar a possibilidade de uma Pedagogia Freudiana, a entrar de novo por esse problema na medida em que tem sido escamoteado demais. Quais são as relações da psicanálise efetivamente com a sugestão, no sentido leve do termo, e com a hipnose mesmo, no sentido mais pesado do seu movimento? Quero supor, deixando de lado a explicação freudiana do ideal de ego e da sua coalescência com o objeto *a* em Lacan, que há uma forte tendência nesta espécie, como em outras, para a transferência. Freud achava que era alguma coisa da ordem do filogenético, que induzia isso. E achava muito corretamente, pois, hoje em dia, temos estudos etológicos a demonstrar que em todas as espécies, inclusive na nossa, há essa disponibilidade para a transferência.

Há nas espécies que não são falantes disponibilidades mais ou menos marcadas dentro de seu etograma no sentido de o indivíduo infante poder entregar aos adultos uma espécie de ordenação dos processos de defesa, de nutrição, etc. Em nossa espécie, temos o modelito mal construído por Lacan, do Estádio do Espelho – a teoria já foi muito mais longe, e pode-se rever aquilo com muita facilidade hoje –, sobre as disponibilidades etológicas que aí estão.

Há uma predisposição etológica, sim, etossomática de nossa espécie, como de outras, à transferência. Não é nenhum amor, nenhuma hipnose, que vai explicar a transferência, mas sim a predisposição no nível etológico, quer dizer, no seu nível grosseiro de formação. Mas não é só por aí.

Se seguirmos os níveis de recalque no modo como tenho colocado, teremos o que chamei de Recalque Originário. Isto é, existe em nossa espécie a disponibilidade do pleno funcionamento do Revirão, o que quer que não revire, é recalcante e funda aí o Recalque Originário. Até o que é da ordem do anatômico – do que chamo de autossomático e de etossomático: pregnancies, repetições, formações biológicas, etológicas, etc. – são massas recalcentes.

Funcionasse o Revirão à vontade, estaríamos sempre despertos. Porque estamos sempre sonhando, dormindo acordados? Porque o Recalque Originário

está funcionando sob a ordem recalcante da massa primária, etológica, autossomática, etc., dentro da qual existe, é preciso que exista, a disponibilidade à transferência. Acho que isto existe em todo o Universo, mas não vamos ser tão maníacos e fiquemos com as espécies próximas e com a espécie humana...

A transferência, antes de mais nada, é a disponibilidade etológica, etossomática, para certas entregas no nível da própria espécie ou em níveis paralelos, ecossistêmicos, etc., de acomodação e de ajustamento segundo massas recalcentes. Temos certo tipo de corpo, de biologia, certo tipo de modo de se alimentar, etc. Lacan colocou tudo na prematuração da infância, mas os bichinhos, às vezes, não são prematuros e fazem a mesma coisa: transferem.

Em termos de etologia animal, verifica-se, por exemplo, como certa espécie pode fazer uma seleção auditiva: o bebezinho está perdido pela mata, a mãe está distante, ele começa a gritar, basta a mãe responder para ele imediatamente se acalmar. Assim, pode ser medido todo o seu processamento cerebral em termos de química. Produziu-se uma calma no meio de uma multidão de vozes e barulhos: ele está ligado hipnoticamente àquele comando. Chama-se: transferência.

Só que nossa espécie, parece, não é tão (embora seja muito) besta. Sua disponibilidade transferencial não é só pela via do etossomático ou do autossomático. Se sua essencialidade é o Revirão – se está absolutamente submergido por imensa quantidade de processos e elementos recalcentes dos diversos níveis: primários, secundários, e entre eles encontramos a disponibilidade transferencial, tão animal quanto de qualquer outro animal –, temos a possibilidade de estabelecer o que chamei Vínculo Absoluto. E este é insuperável e inanalisável.

Somos puxados pelos dois extremos da corda. Há a disponibilidade como existe nos animais, de raízes etológicas, a uma transferência, mas isto até pode ser analisado: essa transferência pode ir sendo dissolvida no percurso de um indivíduo. E há uma disponibilidade radical, indissolúvel, inanalisável, incompreensível, que é a transferência que se pega pelo Vínculo Absoluto de cada um desses, que têm como essencialidade própria o Revirão, para com o

“Pai, não vês que estou quem manda?”

Cais Absoluto. E isto, porque todos estamos dentro do mesmo vínculo, cria por tabela um Vínculo transferencial inarredável.

\* \* \*

Eu diria mesmo, quem sabe, que os primeiros momentos transferenciais são de baixo nível, da baixaria do etológico e também do neo-etológico que se funda com a ordem secundária. Fazemos transferências em todos esses níveis: transferências estão aí espontâneas.

Lacan inventou o tal Sujeito Suposto Saber, o que é o tipo da construção da tapeação absoluta: sujeito que é suposto saber o que ele não sabe por um babaca. Há um babaca que supõe que um sujeito sabe o *truque*. No nível etológico, qualquer macaco faria o mesmo: há sempre um macaco que é suposto saber como pegar a banana, os outros macacos transferem e acabam aprendendo. Temos isto no nível do que é constituído como secundariedade do simbólico, das ciências, das artes, etc. — é a mesma coisa.

Quero supor que, para alguém de suposto saber, de qualquer suposição, essa disponibilidade, por necessidade de processamento de toda e qualquer formação sintomática, recalcante, não funciona sem transferência. E para além, em última instância, se há um Vínculo Absoluto, por ali a transferência é inarredável.

A única coisa que se pode fazer é: abordar a transferência em qualquer de seus níveis, desde a baixaria até alguma melhoria, e depois só conseguir situá-la e manejá-la no nível alto do Vínculo Absoluto. Talvez por aí isto sirva para fazer alguma distinção no que, há algum tempo, chamei de análise propedêutica e análise efetiva.

*Análise propedêutica* só pode ser o reconhecimento do desfazimento da transferência nos seus níveis baixos até o reconhecimento da transferência que só é efetivamente praticável como processo de (vejam o paradoxo:) *desvinculação* no nível da *análise efetiva*. Depois da experiência seguida do Cais Absoluto, aí então vai-se praticar a análise centrada numa transferência

que se funda no Vínculo Absoluto, e não em todo o imaginário boçal, é o caso de dizer, do primário e do secundário. Temos pois, duas vertentes transferenciais por dois extremos.

Começo com esses temas para tentar terminar o Seminário deste ano e introduzir o que virá ano que vem, quando vamos passar a essas questões mais graves. O tal do *afetivo*, por exemplo, que Lacan vilipendiava colocando na conta do significante, e que há muito tempo expliquei que não é senão a afetação radical que se passa entre Haver e não-Haver, que é onde há possibilidade de Denúncia de Sujeito e que invade todo o processo.

Podemos falar de um afeto originário na relação com o não-Haver; de um afeto primário no regime dos conflitos entre as fixações primárias e o Recalque Originário: isto nos afeta sem que se saiba o que é, pois só se sente o troço; e afetos secundários nos conflitos de fixações com os Recalques Secundários.

Freud falava em representação de coisa, *Sachvorstellung*, e representação de palavra, *Wortvorstellung*, mas não de representação de afeto. Por quê? Porque o afeto só se representa por si mesmo: se um afeto se representa, está se apresentando. Quando um afeto se representa, ele o faz por sua própria apresentação repetida. Então, por que não pensar em representação de afetos como si mesmos?

... É um afetado, esse tal de sujeito. O que Lacan quer afirmar é o fato de o sujeito ser algo que se passa entre significante e significante, que é preciso entender esse vazio, etc. Então, há representações de palavras, *Vorstellungs-repraesentanz*, representação de coisa – isto porque Freud queria e acho que ele estava certo –, mas e a representação dos afetos? Só posso pegar por essa via ou tenho que reconhecer, como reconheceu Artaud em cima do palco, que um afeto se representa quando se apresenta a si mesmo de novo? Ou seja, qual é o valor significante da entonação quando digo: “um significante”? Coisa que, aliás, Lacan chama atenção na prática da análise. Qual é o tom de uma representação?

O afeto fica inextricavelmente ligado com a experiência do Um e ele re-comparece, representa-se apresentando-se de novo. Uma representação

*“Pai, não vês que estou quem manda?”*

se representa apresentando-se de novo. Por que vou supor que um afeto não tem representação? Tem sim. O fato de essa representação ser, por exemplo, um movimento muscular não é representação?

Temos todos, então, por via do entendimento desse transferencial, uma predisposição tanto primária quanto secundária, quanto, em última instância, radical e absoluta para a hipnose. E o que se passa numa análise é da ordem da sugestão? É óbvio que sim.

Temos uma predisposição primária de base etossomática, como nos animais: a disposição, a orientação, pelo *nómos* da espécie, um etogramático. Temos uma disposição secundária, herdeira da primária enquanto afetada pelo Revirão, que possibilita a entrada na ordem simbólica ou anfibólica, como quiserem, e que põe a disposição para o *nómos* simbólico da situação lingüística, cultural, etc., de uma criança: o neo-etológico, o neo-etogramático, a nova gramática. E temos uma disposição originária oferecida pelo Vínculo Absoluto.

É pura tolice querer separar a psicanálise do grande bordel das sugestões. Onde poderíamos separar? No sentido que coloquei da vez anterior: que, seja como for, seja qual for o caminho seguido, assim como o final do século XX descobriu que se faz arte com qualquer coisa, tela, pincéis, um pote de merda, é possível fazer análise com qualquer coisa como faz o artista.

Não há motivo algum para esse temor da hipnose. Depende do que se vai fazer com ela. Afinal de contas, o processo da análise é uma hipnose a longo termo. Vários já demonstraram isto, não sou o primeiro.

Por que vou ter medo da hipnose? Eu, por exemplo, estou de retorno. Comecei por ela, na década de 50. É que faltava, talvez, à psicanálise a hipótese do Revirão. A canalhice está à disposição de qualquer um em qualquer momento e lugar.

Posso utilizar o processo hipnótico chamado transferência dentro da psicanálise, como muitos o utilizam, simplesmente para fazer a sustentação da debilidade mental do sujeito na sua acomodação ao mundo em que vive. Mas também posso, mediante esse processo sugestivo, tentar induzir o Revirão, neutralizar e suspender as certezas hipnóticas da boçalidade que chamamos neurose.

Não vejo porque temer o fato de se hipnotizar alguém. Só porque é mais brusco? Posso hipnotizar alguém para sugeri-lo a tornar-se imbecil ou sugeri-lo a tornar-se revirante? Vejam que, hoje, estou apenas abrindo questões cruciais.

\* \* \*

... Toda transferência e toda a hipnose são necessariamente alienantes? É o que estou questionando aqui. Ou existem aqueles que são capazes de suscitar o jogo de deslocamento com a massa no sentido da libertação? Se isto não for possível, a humanidade não existe. Se toda transferência e toda hipnose são do naipe da alienação, onde é que alguém, como eu, por exemplo, pode ter sido mordido transferencialmente pelo poético do despertar? Se a psicanálise é impossível, a humanidade não existe.

Do lado animal, etológico, faz-se a transferência “assistencial”, mas há uma coisa que os animais não têm, que é o Vínculo Absoluto. Isto não constava na história da psicanálise, por isso se disse que “psicanalisar é impossível”. Se Freud tivesse retomado sua noção de desamparo, para definir o Recalque Originário, teria ficado mais fácil... E uma série imensa de coisas fica desentendida, não praticada, às vezes coisas que são benéficas para qualquer um de nós, por causa desse preconceito idiota.

... O contrário da hipóstase é a epístase. Verificam-se epístases em nossa espécie? Em hipnose, sim. Pode-se, numa situação de frio intenso, levar uma pessoa a suar. Isto é uma sugestão em que nível? O que se desloca aí? Está-se produzindo aí um deslocamento em nível do Primário por ingestões sugestivas de nível Secundário. Temos que tomar tudo como alienação ou como possibilidade de operação? Qualquer transferência é perigosa, é claro. Se nos apaixonamos por uma pessoa, estamos fu.... o que acontece com muita frequência.

A questão é justamente conseguir manter o nível de referência ao Vínculo Absoluto na sua indiferenciação. Vai depender sobretudo do “caráter” do analista, da sua formação.



*“Pai, não vês que estou quem manda?”*

Serão poucos analistas que, nessa longa hipnose, não fazem nenhuma besteira, e que, com o aval de uma situação dita científica, dizem que não se trata de sugestão ou hipnose? Mas não pode ser, ao contrário, que se queira ali exercer o reviramento? Isto faz uma diferença radical.

... Só se diz mesmo essa diferença quando ela cai na radical indiferença da promoção do Revirão. É a única garantia que tenho, pelo menos para mim. Se não posso estar revirando o analisando, posso estar revirando do lado de cá e indiferenciarme diante daquilo. Portanto, estou certo de que há um recurso contra a canalhice, pelo menos a minha. Se, aqui e agora, não tenho recurso contra a do analisando, tenho contra a minha. Temos que rever isso: refazer toda a teoria e toda a prática.

12/NOV



## TEOREMA DO SEXO PASOLINI

*Mesa-redonda com o escritor João Silvério  
Trevisan, no ciclo “Pasolini” do Centro Cultural Banco do  
Brasil, 11 setembro 1992.*

*A Guest + a Host = a Ghost*  
Marcel Duchamp

O que mais me interessa no Pasolini que conheço é o Teorema de Pasolini, com seus verbo, significantes tanto para o lado do *theorous*, da Contemplação do mundo, quanto para o do *teós*, do Divino, se pudermos, por fórceps, chamar assim.

\* \* \*

Não estou pensando no filme propriamente, em abordá-lo do ponto de vista cenográfico, hermenêutico ou semiológico. Interesso-me pelo *Teorema* de Pasolini. Ou seja, por aquilo que, decantado todo o processo de sua obra e centrando no acontecimento do filme chamado *Teorema* – e que o é –, possa, mediante sua invenção poética, aí estar teoremizado. A meu ver, isto invade toda sua obra (que, confesso, não conheço muito bem).

Estou, então, interessado nisso enquanto o teorema poético de Pasolini, que também inclui um teorema matemático, um teorema político e explicitamente um teorema erótico. E, aí, o que me interessa é o teorema psicanalítico.

• *Teorema poético*. Poderíamos, por exemplo, invocar o último trabalho de Deleuze/Guattari no qual amarram a produção artística no que chamam de “plano de composição” para estabelecer uma diferença concreta para com a filosofia, a ciência, etc. Neste sentido, Pasolini consegue em *Teorema* construir um teorema poético mediante a inserção de um “personagem conceitual”, que aí destaco como o hóspede. Mas não é preciso fazer reportagem ao livro de Deleuze/Guattari diretamente, pois o próprio acontecimento poético chamado Pasolini induz, no filme, a produção de um teorema que é pensado por ele como teorema poético.

• *Teorema matemático*. Reportando-me ao pensamento extremamente contemporâneo de Alain Badiou, quero suspeitar que Pasolini está construindo – e ele não precisa ter consciência disso que está construindo, pois o teorema poético garante a base da construção – um teorema matemático sobre determinado acontecimento em torno de um personagem (conceitual) que está querendo dizer alguma coisa que é matematicamente pensável.

Aquele hóspede absolutamente indefinido, aparentemente neutro, funciona no correr da estória como um indiscernível que se apresenta e, obriga, como suporte de uma verdade, a uma série de movimentos de todos os outros personagens. Isto no sentido de darem conta dessa verdade segundo as fidelidades que cada um tem para com sua própria história, seu próprio lugar, na sociedade, no mundo, etc. Ou seja, fiéis à sua, digamos, instalação sintomática no mundo diante da indiscernibilidade do personagem chamado *hóspede*. Aliás, nomeado muito a propósito, pois que se hospeda no meio da enciclopédia local daquela família, daquela cidade, etc., e cria uma zona de indiscernibilidade que é suporte de uma verdade que não se consegue dizer senão na fidelidade das operações sobre as bases sintomáticas de cada um. E é aquela coisa terrível que acontece com as diversas personagens.

• *Teorema político*. É o mesmo evento, o mesmo acontecimento e suas conseqüências na família, na *pólis*, na fábrica, etc. Pressão, de novo, de

um indiscernível como fundamento de liberdade obrigando pronunciamentos nem que sejam gestuais ou artes, etc.

• *Teorema erótico.* É o que mais me interessa, no caso. Qual é o sexo do hóspede? Por via estritamente poética, sem se adentrar em considerações matemáticas, tocando o político no próprio movimento dos acontecimentos ali, e o poético pelo filme, etc., Pasolini brilhantemente consegue exhibir algo que, no percurso psicanalítico que fazemos e no processo de invenção teórica que produzimos, é uma questão fundamental para a sexuação desta espécie chamada humana.

Isso extrapola de longe qualquer reflexão localizada sobre os comportamentos e a corporeidade daqueles que estão nesses comportamentos, questões de homossexualidade, de heterossexualidade, etc. O teorema é muito bem construído.

\* \* \*

A sexualidade, em última instância, é determinante para o pensamento psicanalítico. Dizia meu mestre Jacques Lacan que a realidade do Inconsciente é sexual. Isto é uma obviedade desde Freud.

Por outro lado, o que a psicanálise vem demonstrando, apesar de resvalos os mais idiotas de certas produções teóricas em seu campo, é: *o sexual freudiano não é absolutamente determinado senão pelo movimento do desejo de um ser que está apenso a esse movimento em absoluta desconexão para com os dados oferecidos espontaneamente por natureza ou mesmo por cultura, etc.*

Esse desejo se inscreve na carne da espécie como aquilo que foi, digamos, o ápice da concepção reflexiva de Freud: o conceito de Pulsão de Morte. O que pode significar o pensamento psicanalítico ter, na encarnação do desejo que fundamenta os movimentos da espécie, desembocado nisso que

Freud chama de pulsão de morte, demonstradamente indicando que todos os movimentos pulsionais – todos os tesões aderidos ao corpo, à mente, que também faz parte do corpo – são tesões de morte? O que há de esquisito nesta espécie que, em última instância, deseja a morte?

Parece absurdo que a gente deseje a morte através de localizar movimentos desejantes sobre ofertas, disponibilidades, no mundo que parecem de extrema vitalidade. Daí Freud ter entendido que a realização da pulsão de morte se dá no nível do que tem que chamar de Pulsão de Vida. O desejo de conseguir o Impossível se exprime nas possibilidades, nas disponibilidades, que se encontram em todo mundo, regionalizados em objetos, etc., que, em nosso movimento, fornecem o motor e a gasolina da pulsão chamada vital.

O que a psicanálise vem trazer, e vem trazer de novo com outras reflexões, é: o movimento de desejo na espécie é no sentido de seu esgotamento num gozo absoluto, numa Paz total, que só podemos pensar inserido nisso que conceitualmente se chama, sem se saber do que se trata, de morte. Desejamos gozar absolutamente e para sempre. Ou seja: não ter que gozar nunca mais. Mas isto simplesmente não há, por isso esse desejo é de impossível.

Fazemos a suposição de que gozar absolutamente é morrer de gozar, é claro! Só que essa morte não é senão uma idéia que fazemos de nossa própria ausência. Isto na medida em que também ela se torna impossível. Vemos pessoas perecerem, receberem atestados de óbito, serem levadas para o cemitério no seu caixão. Isto para nós é uma perda, mais nada.

A experiência do que se chama de morte, ninguém tem. É essa Coisa desejada, aspirada, como Paz absoluta, gozo definitivo de uma vez por todas, da qual ninguém tem experiência. Antes ainda de fenecer, de perecer, o sujeito já apagou, não vai gozar com essa morte, *never*.

Freud nos fez, então, entender que o fundamento do desejo encarnado na pulsão, portanto, fundamento do movimento de toda e qualquer sexualidade, é no desejo do Impossível, da “Morte”. Podemos, assim, dizer que, como membros desta espécie, diferentemente de todas as outras, estamos esteados no desejo do Impossível que é: Haver desejo de não-Haver.

Filósofos, como Heidegger, por exemplo, viveram quebrando a cabeça: por que há o Ser e não o Nada, por que há o que há e o que não há não há? O fato é: há o que há; dentro desse o-que-há cabe o que quer que haja; o não-Haver simplesmente não há e não dá para gozar com ele, mas é tudo que se deseja.

O Outro sexo do Haver não há. O único sexo que conhecemos é o que há. E o que quer que haja deve ser do Outro sexo, porque há. Nesse desejo abstruso, nesse horror, no entanto com um tesão maravilhoso, encaminhamo-nos por dentro de todas as determinações de nossa existência (que Freud chama: o conjunto geral das sobredeterminações).

\* \* \*

Mas esse movimento é excedido a cada passo por seu fundamento, que é Outra determinação extremamente radical. Chamo-a de *hiperdeterminação*: acima de todas as determinações de nossa vida, de todos os tesões e horrores localizados, é esse empuxo radical de nosso desejo para o não-Haver, para o gozo absoluto, para a Paz total, inconsecutível, e que, lá na beira do limite entre tudo que há para nós e o que não há, faz um grande Vazio.

Constitui-se o que a matemática chama de conjunto vazio. E quando nos aproximamos desse lugar, deparamo-nos com nossa absoluta indeterminação quanto a conteúdos determinísticos no que diz respeito à sobredeterminação do que há. Mas é absolutamente determinado pelo empuxo do não-Haver, que tanto queremos.

Lá nessa beirinha, quando se abre mão das oposições, dos contrastes, das contradições de nossa vida, etc., e se aproxima dessa região absoluta em que a sexualidade não é entre isso ou aquilo, macho ou fêmea, preto ou branco, mas sim entre Há e não-Há, começamos a abeirar, a freqüentar o Vazio. Chamo a este lugar, roubando da *Ode Marítima*, de Fernando Pessoa, de: *Cais Absoluto*, no gozo radical entre Haver e não-Haver.

Não é um lugar muito freqüentado, pois costumamos nos perder nas oposições cá de baixo, entre as coisas que estão aí à disposição: gozamos um

pouquinho aqui, ali, etc. E estamos naturalmente debaixo de pressões violentas do processo que Freud nomeou Recalque, mediante repressões violentas que não são feitas só porque os outros não gostam da gente ou são contra nós. São mesmo feitas por esse ser, que tem a competência de se virar extrapoladamente até chegar na região de Vazio absoluto, estar preso nesse “macaco”, nosso corpo, que infelizmente é extremamente careta: tem um só sexo, uma anatomia absolutamente idiota, não tem roda, hélice, asa...

Coisas que, do ponto de vista do meu movimento psíquico em relação às possibilidades do Haver, eu as requisito todas. Costumo dizer que é chato podermos trocar de roupa, mas não sair hoje de lourinha, amanhã de negão, como está no filme de Michael Jackson, que é absolutamente correto. Nossa plasticidade protética ainda não permite esse passeio, mas podemos fazer de conta, podemos ser travestis, travestis do próprio sexo até: pode-se fingir que se é macho...

É lá nesse lugar que estou chamando de Cais Absoluto e onde se intensifica a hiperdeterminação, que é possível denunciar-se para nós a possibilidade de ser *Sujeito*, de dizer nomeadamente alguma coisa que se arrancou daquele indiscernível. Por exemplo, o indiscernível que era o hóspede na casa aquela família, naquela cidade.

É a aproximação dessa Denúncia, da possibilidade de tornar-se Sujeito porque *disse* alguma coisa de verdadeiro, e não meramente de saberes em que estamos enredados, que, para quem ali chega, indifere radicalmente todos os extremos. Então, qual é o sexo do hóspede?

Qual é a postura diante dos ditames morais ou culturais? Tanto faz estar “ébrio de Deus”, como certo autor chamou os santos da Tebaida, quanto, através da carne, pode-se pensar, numa prática um pouco escandalosa, num Marquês de Sade, ou num outro tipo de reflexão, num Georges Bataille.

Na hiperdeterminação, à beira do Cais Absoluto – que é lugar de Vazio, de indeterminação absoluta, o que deixou Kant completamente pirado procurando uma determinação moral e achando a bobagem que achou –, no vigor e fulgor de um tesão, um desejo, uma vontade de gozo absolutos, faz-se



entre todos os da nossa espécie um *Vínculo Absoluto*. É nesse lugar que há vínculo possível, absolutamente não discernível, não distinguível.

Estamos vivendo numa época em se reclama o quê? A falta de vínculo: os vínculos ruíram. O capitalismo universal tem a competência indiscriminada de dissolver todos os vínculos. Mas não este, que faz o seu próprio vínculo de capitalismo com a nossa loucura sexual. Ali, estamos todos vinculados. Abaixo dali, estamos nas diatribes, nas lutas e nas determinações locais, moralizantes, sobre como deve ser o comportamento de um bicho desta nossa espécie, um bicho louco.

Qual é, portanto, o sexo no Teorema montado por Pasolini? Não desenvolverei aqui, mas é facilmente demonstrado do ponto de vista matemático. Qual é o sexo desse hóspede... que somos nós quando decidimos assumir o lugar de Cais Absoluto, que é o nosso destino fundamental? É absolutamente *genérico*.

A presença desse personagem, a sua sexualidade, é absolutamente indiferente às diatribes da sexualidade dentro do campo da cultura em que temos estado por todos esses séculos de séculos. Está aí o sexo terceiro do que chamo (não de hóspede, mas pode ser o hóspede de Pasolini) de Falanjo: esse Anjo que fala através de nós.

Não preciso pensá-lo como anjo exterminador como alguns pensam que é na obra do Pasolini; nem mesmo como mensageiro de Deus, embora, dependendo da nomeação que se dê à personagem, possa sê-lo; ou como um Jesus Cristo erótico (que, aliás, era mesmo um cara muito erótico). Mas sim como: Sujeito hiperdeterminado e de sexo genérico, que é nossa condição última como membros desta espécie.

É claro que todos somos massacrados, afogados, dentro de todos os processos de recalque. Isto desde a constituição anatômica que recebemos até todos os percalços da etologia animal, que esta espécie não está livre de sofrer; da neo-etologia cultural se acumulando em cima da espécie fazendo macacos novos brilhantes, inteligentes, cientistas, etc., porém ainda macacos. Macacos enquanto não se dão conta do genérico do seu lugar à beira do Cais Absoluto como última instância da sua possibilidade de reconhecimento de si mesmos.

\* \* \*

Daí que – no sentido de reformular aquilo que a cultura tem de massa recalcante, de estupidez a respeito de seus próprios funcionamentos – preocupo-me menos com posições sexuais, de Pasolini ou de outro qualquer, do que com o fato de que esta espécie precisa se pensar no seu nível adequado: lá no lugar último de sua concepção à beira desse Vazio radical, onde tudo se torna absolutamente indiferenciado no vigor da Diferença extrema entre a indiferenciação de tudo que há e a diferença radical de que o não-Haver se nos depara.

Depois de chegar lá, temos que retornar ao seio do mundo, da cultura, etc. Mas tendo passado pela experiência – e é esta que a psicanálise pretende propiciar – de ter visitado aquele lugar, então, rever todas as acumulações culturais que estão ao nosso redor como meros sintomas. Sintomas que podem ser lingüisticamente articulados, falados, mas não tenho obrigação de estar preso a determinado sintoma, nem mesmo porque meu corpo decidiu assim, pois não fui consultado. E no que sou consultado, posso fazer disso uma articulação absolutamente genérica.

Se há, então, luta política nesse campo, nesse lugar, é muito mais importante que venhamos a reconhecer a genericidade da espécie – exemplarmente representada na genericidade dos sexos, mas é genericidade de tudo – para a reconsideração de todos os funcionamentos políticos, matemáticos, eróticos e poéticos, etc., no campo do sabido a partir deste reconhecimento. Isto ao invés de estarmos nas lutas localizadas entre posições tomadas por gosto ou por sintoma, por este ou por aquele.

Acho, por exemplo, que Pasolini não é homossexual. Simplesmente, acho que a homossexualidade não existe.

• João Silvério Trevisan – *Eu não existo?*

Você existe brilhantemente! Apenas estou implicando – já que você, em sua exposição, estava falando em pontos de vista, de olhar, etc. – com a posição outra que posso tomar em relação a isso. Para alguém ser homossexual,

é preciso que acredite piamente numa postura sexual consagrada, definida e imutável. Se você passa para o lado do sexo genérico, quem não tem outro sexo diante de você? Qualquer um!

Se faço a minha representação dentro da cultura como a cultura quer adequar a sexualidade ao desenho da anatomia, aí vou definir: heterossexual é o cara que transa com o outro que tem o sexo oposto. Aí é questão de definir o que é “oposto”. E homossexual é o cara que transa com outro que tem o sexo igual. Mas isto é coisa de macaco, pois apesar de o “macacão” que me porta ter a estupidez de ter sido desenhado de modo que não posso sair de negão ou de lourinha, apesar disso a genericidade do meu processo me indica que o que quer que compareça diante de mim é absolutamente outro.

É preciso ter feito o percurso e ter assumido esse lugar de Terceiro, que não é um sexo intermediário, entre os dois. Aliás, houve um jornalista idiota que disse que eu chamava de Terceiro Sexo os “homossexuais”. Não! É o sexo de qualquer um de nós, que é terceiro em relação a qualquer oposição. É um terceiro que vem sendo excluído porque tanto a reflexão quanto o percurso feito de cada um não levaram cada um a entender que está sempre numa terceira posição em relação às oposições do mundo e que, no seu processo de desenvolvimento aí dentro, pode manejar, revirar isso à vontade: preto em branco, claro em escuro, macho em fêmea...

É claro que, na história de cada um, o sujeito está apegado sintomaticamente a um percurso e a certos acontecimentos que sintomatizam, regionalizam, para etc. Então, de repente, o sujeito é do sexo macho e tem o sintoma de, no seu percurso, interessar-se pelo sexo fêmeo, aí o chamam de heterossexual. Mas, do ponto de vista de sua inserção sintomática paralisada, ele é absolutamente homossexual, pois só tem aquele sexo, coitadinho. Pode ser o contrário: ele é macho e, esteticamente, no desenvolvimento de sua história, o seu barato, sintomaticamente – não esqueçamos isto –, é o outro sexo macho. Mas que, para ele, é do outro sexo, se não, não estava procurando.

Qual é a posição sexual verdadeira? É a de ser absolutamente indiferente a isso. Todas as situações, as posições definitivizadas aparentemente na história do sujeito, são sintomáticas. Isto com todo o respeito, pois há que ter respeito por todos os sintomas, já que tenho o meu e quero que seja respeitado.

No entanto, o *percurso curativo* é o sujeito encaminhar-se no processo de busca e aproximação do Vazio do Cais Absoluto. Isto de maneira a saber que, em sua história, há determinadas formações sintomáticas, mas que a nossa sexualidade é absolutamente genérica. Ou seja: vão acontecer coisas e a minha sexualidade espera o acontecimento para se dizer.

É preciso fazer muita força, ser extremamente recalcado, obediente, à ordem dos recalques, para evitar como qualquer bom machão, boa bicha, boa mulherzinha ou bom sapatão fazem –, que, de repente, se tenha um encontro maravilhoso com o que se menos espera. O mais freqüente é colocar-se uma pedra em cima, chamada recalque, e não se falar mais disso. A sexualidade verdadeira, no nível genérico da espécie, espera um acontecimento, depende de um evento: um grande amor, um grande tesão, um choque estético.

Se nos reportarmos ao filme *Teorema*, de Pasolini, veremos como ele brilhantemente mostra isso comparecer naquele personagem absolutamente indiscernível para os outros, apesar do corpo aparentemente macho, da aparência de camponês belíssimo, etc. Ele funciona como gazua, chave que entra em qualquer buraco, e cria toda a loucura que cria em função dos sintomas, da disponibilidade, de cada um: da santidade da empregada à bobagem da dona de casa no nível da dispersividade sexual e seu retorno à igreja, no sentido do pequeno burguês, etc.

\* \* \*

[*Perguntas e Respostas*]

... Efetivamente, não posso acreditar que isto que querem chamar de “homossexualidade de Pasolini” seja causado por nenhum cristianismo. Ninguém

precisa de cristianismo para transar com o próximo, seja ele qual for. Certamente que é o modo de operação da sexualidade de Pasolini que está comprometido com o Ocidente burguês, cristão, etc., nas lutas dentro desse processo.

Não posso acreditar que sua escolha seja para além de alguma coisa pessoal em nível estético, de um achado, etc. Eu não acreditaria, por exemplo, que seja muito viável que ele só tenha amado como mulher a mãe dele, como foi mencionado na pergunta que me foi feita. Não conheci o rapaz – gostaria muito de tê-lo feito –, mas certamente amores... Amores não têm sexo. Ele deve ter amado outras mulheres. Talvez não as tenha comido. Não era do gosto dele, paciência! Faz muito bem: cada um come o que gosta. E gosto não se discute.

A partir do princípio genérico que coloquei, pergunto: qual é o sexo de Pasolini? *O sexo de Pasolini chama-se: Pasolini.* É isto que não nos damos a chance de entender na história de cada um. Ele inventou e resolveu seu movimento desejante encarnado segundo uma sexualidade – e da dele temos provas, pois se constituiu como Sujeito e disse, esse nome numa obra, numa vida, etc. – inventada num sexo chamado *Pasolini*.

Se ele conseguiu inventar um sexo chamado Pasolini, que não tem outro igual, qualquer um que transar com ele é heterossexual. *Sexo Pasolini*, só há um. O que é mais impactante, chamá-lo de homossexual ou dizer que é absolutamente heterossexual?

- João Silvério Trevisan – *Você acaba de criar um novo conceito para heterossexual.*

Graças a Deus! Muito obrigado! É coisa de macaco eu olhar para o corpo do cara, tem uma piroca, então é do sexo macho. Ele, por questões estéticas, prefere transar com outro corpo que tenha esse mesmo penduricalho, mas o sexo dele chama-se Pasolini, não há outro igual. Transou com ele, é hétero.

Se ele pessoalmente, na constituição de seus gostos estéticos, está sintomatizado em só achar o barato onde encontra determinada coisa... Uma pessoa não pode só ter tesão em loura? Pode! Acho uma falta de imaginação

muito grande, mas pode, tem gente que é assim: é macho como o diabo, mas só loura, moreninha nem pensar... Então, qual é a diferença?

Inventou-se, no percurso do pensamento ocidental – e até as “neuras” pessoais do meu caro Sigmund Freud ajudaram a colaborar com isso –, de tentar resolver a questão numa adequação com a anatomia. Não creio que isto seja possível. A anatomia é o destino, resta saber qual.

É, então, preciso, caso a caso, entender como o processo se monta. O que tem de elementos da ordem do estético fundamentalmente, da ordem dos elementos recalcentes, das subtrocas que o sujeito pode fazer no nível do recalcque. Quem sabe se Pasolini não estava dizendo: um certo cristianismo me fez tanta pressão que entendi o contrário? Não é pouco freqüente encontrar-se isto numa análise.

Há pouco tempo uma analista me relatava um caso disso que chamam de um “radical homossexual”. Seu pai era um bravo general do exército brasileiro que o levava, quando menino, ao quartel e mostrava os soldados garbosos em seus uniformes dizendo-lhe: “Meu filho, mire-se na virilidade desses homens!” Foi o que ele fez! Cada um entende a frase como pode. É assim.

De qualquer forma, na referência ao genérico da sexualidade, pessoalmente acho que é pedir muito pouco fixar-se demais num sintoma. Acho um pouco de prejuízo, de desperdício. Isto porque há uns brinquedos diferentes que, de repente, são interessantes...

• JST – *Há um detalhe a ser considerado, que Pasolini se sentia perseguido enquanto homossexual. O Sexo Pasolini, tal como criado enquanto Pasolini, havia nele uma componente profunda de perseguição política pelo fato de ele ser não aquilo que você definiu como heterossexual, mas aquilo que a sociedade que ele viveu definia como homossexual. Então, há uma briga de conceitos e o conceito da sociedade está acima de seu conceito.*

É verdade. Na medida em que estou na linguagem corrente subvertendo o conceito, isto é uma forma estratégica de operação, segundo meu ponto de vista, no sentido curativo do processo social. Mas não podemos esquecer que

o que está entranhado como sintoma funcionando conceitualmente é isto que você acabou de dizer.

Minha questão é: ao invés de se lutar por um processo curativo do social contra o que chamo de perversidade social que foi operado sobre ele – e isto sim é que é perversão – insistindo na luta segundo os termos da cultura vigente, por que não utilizar-se de teorias, pensamentos, reflexões, no nível da poética, da matemática, da política, da erótica, etc., que são absolutamente, viáveis hoje em dia, de modo a fazer com que a influência intelectual, científica, cultural, etc., possa mudar o conflito?

Eu diria mais. Não sei se Pasolini foi perseguido porque fosse homossexual, mas sim porque era homossexual declarado e em guerrilha. Isto porque homossexual pode estar no poder. Todo mundo sabe disso. Só que ele funciona como se não o fosse. E a assunção da guerra, da guerrilha, que Pasolini operou, guerrilha no cinema, foi o que fez seu processo de perseguição, sobretudo por parte dos enrustidos, certamente.

\* \* \*

Metáforas são balas, de chupar ou de furar. Mas não se consegue dizer absolutamente nada fora da metáfora. É impossível dizer alguma coisa sem metáfora, mas ela é uma faca de dois gumes, como todas as facas. Uma metáfora como decantação de algo que se conseguiu dizer a partir de uma indiscernibilidade qualquer – ou seja, a tentativa de dizer uma verdade é produzir uma metáfora –, porque está decantada mesmo no momento em que se a diz, ela é um *Sintoma*, como qualquer outro.

Resta saber o que se faz com essa bala sintomática. Mas não podemos esquecer que todos os sintomas que nos sufocam são metáforas também eles. A questão é, então: qual é o processo, passo a passo, na produção das metáforas? O fato de haver metáfora não significa de modo algum que vai haver um passo. Metáforas somos nós: estamos aqui metaforicamente, fantasiados,

sentados, esculpidos segundo metáforas antigas, que foram brilhantes num certo momento e que, talvez, tenham renovado alguma coisa.

É na vizinhança do Vazio da indiscernibilidade que tenho que colher a *chance*, se me acontecer – porque ninguém vai construir a chance: ela me vem –, de produzir uma metáfora nova que possa deslocar as velhas. Sendo que uma metáfora velha, para quem não sabe, dela, por exemplo, instalada numa obra qualquer, pode funcionar para aquele sujeito como nova.

É, pois, uma faca de dois gumes: um balé, um jogo de produção no ato e no processo de metaforização. O que, por exemplo, acontece numa análise? Que o sujeito possa dizer a sua metáfora, constituir-se como Sujeito e manter a suspensão de continuar a metaforização. Na verdade, vivemos a maior parte do tempo do uso repetitivo de metáforas enxovalhadas. E pior: cremos nelas.

... A aproximação do Cais Absoluto não é senão a tentativa de aproximar essa coisa absolutamente indiscernível, que será para sempre indiscernível, que é a idéia, o nome que damos de *Morte*. Mas não há a menor condição de abordar isso. Eu digo mesmo que a morte não há. As pessoas pensam que estou maluco, já que vão ao cemitério, vêm enterros... mas o que há é que alguns pereceram, parece que acabaram. Gosto de repetir o que Salvador Dalí mandou escrever em sua sepultura: “Dalí está morto, mas não todo”.

Sofrer uma perda – o que, em nosso registro, chama-se castração, e que não é que tenham cortado algo da gente – que parece que não tem volta é o que temos, mas não a experiência do que se chama de morte. Temos, sim, a experiência de aproximação do vazio radical – é preciso estar vivo para aproximar-se disso – e a experiência de indiferenciação radical diante de tudo que há, o que sonhamos como não-Haver, sem saber do que se trata. Este aí seria o lugar da “morte”. Lugar que me dá condições de retornar para o campo das metáforas surradas e fazer outra, pressionado por alguma indiscernibilidade, por algum acontecimento pelo qual passei.

E o *Sexo dos Anjos é o sexo do hóspede: é o nosso sexo*. Precisamos conseguir entender que a sexualidade da nossa espécie não está subdita à sexualidade reprodutora do macaco de onde tivemos nossa herança. Nosso



sexo é absolutamente genérico. Somos de um sexo que chamo de Terceiro Sexo ou dos Anjos e que, por ser um terceiro lugar, pode transar não só os outros dois sexos, mas os que pintarem. Não é obrigado, mas pode.

Esse, então, é o que chamo de Sexo dos Anjos ou Terceiro Sexo, ou Sexo do Falanjo: a genericidade da sexualidade humana. O resto é metáfora surrada. Metaforizou-se, organizou-se isso lá no Neolítico, do qual não saímos até hoje. Este é o problema: o modo de articulação da vida, da família, da sociedade... Lévi-Strauss aí está que não deixa ninguém mentir... Quem sabe, no século XXI, não acontece uma revolução de tal magnitude que seja a extinção do Neolítico, a invenção de outro lítico!?

E não é preciso pensar só no nível da sexualidade. Tudo que estamos falando aqui acontece em qualquer nível de produção metafórica. Pasolini pode ser malquisto porque expôs a dita “homossexualidade” de maneira guerrilheira, dentro da cultura, etc. Mas o simples fato de se operar um novo teorema matemático, uma nova forma de música, pode causar danos seríssimos. Está aí toda história da música, por exemplo, em que podemos verificar isto.

A massa compacta dos processos recalcantes, recalcados, etc., se recusa porque teme sair desse neo-etológico, sair para uma outra espécie, para um macaco sabido, etc., dar um passo a mais e sair para uma outra. Sempre é malquisto o poeta. Vamos falar a verdade, ser honestos: ninguém gosta de poeta, porque incomoda.

Quando o poeta chega a dizer alguma coisa, ou já passou algum tempo ou aquilo, porque foi dito e o cara virou uma figura notória, um figurão dentro da cultura, já foi para os livros da escola secundária, aí ele se torna uma “otoridade” cultural.

Então, pego uma metáfora sua, que funciona como coisa nova para o meu campinho pequeno de metáforas surradas, e gosto dele porque já está consagrado. Mas no momento em que o poeta *diz*, ele está sozinho. Pasolini declarou isto o tempo todo. É a absoluta solidão. Ele não vai ser amado por isso. Já pensaram no ódio que um matemático pode produzir porque inventou um teorema... que nos será extremamente útil amanhã?



## SOBRE A VERDADE

*Apresentação na mesa-redonda com Emmanuel Carneiro Leão e Muniz Sodré de Araújo Cabral, coordenda por Marcio Tavares d'Amaral, no “Diálogo Experimental sobre Verdade” do Psicom III, realizado pelo Laboratório de Pesquisa/ IP e Programa IDEA/ECO, no CFCH da UFRJ, 25 novembro 1992.*

Quero agradecer ao Prof. Marcio Tavares d'Amaral por sua distinção em me convidar a estar junto de pessoas tão brilhantes e de me dar o prazer e a honra de poder conversar com Emmanuel Carneiro Leão e Muniz Sodré, que sempre nos oferecem coisas tão importantes.

\* \* \*

Tentarei me restringir a certas questões cruciais da psicanálise no que diz respeito à possibilidade do verdadeiro. É claro que sem deixar de eventualmente perpassar pela questão do Sujeito e do Tempo,

Quando, num tempo curto e para pessoas que não estão acompanhando meus desenvolvimentos, devo apresentar algumas idéias organizadas segundo um processo de produção teórica muito particular, tenho certo temor de não me fazer entender. Então, já me desculpo antecipadamente se alguma aparência de confusão ficar no ar. Pretendo ser sucinto e deixar que a conversa, quem sabe, esclareça os pontos mais difíceis.

Eu diria que a nossa experiência – procurando tematizar os acontecimentos de uma análise e na dificuldade extrema da nossa resistência com aqueles que escutam e na resistência também infinitamente grande, como a nossa daqueles que nos falam – é a tentativa de *equacionar* de algum modo e, necessariamente, *reequacionar* perenemente. Isto na medida em que essa coisa que chamam de Inconsciente devora tudo que se lhe apresenta e torna os teoremas estagnados.

A partir, então, dessa experiência e da meditação possível para nós em face dessa experiência, gostaria momentaneamente de colocar a questão da verdade em três pontos:

- *Primeiro*, só há verdade por hiperdeterminação (do), entre parênteses, Sujeito. Isto porque hiperdeterminação é indistinguível de Sujeito. Portanto, só há verdade por hiperdeterminação (do) Inconsciente.
- *Segundo*, a verdade só pode com-parecer por decisão (de) Sujeito. O *de* está entre parênteses porque essa decisão funda Sujeito.
- *Terceiro*, isso só é operável em regime transferencial.

Então: só há verdade por hiperdeterminação (do) Inconsciente, o qual só comparece por decisão (de) Sujeito e só é operável em regime transferencial.

O que chamo de hiperdeterminação não é um excesso de determinação, desta que, em psicanálise, chamamos sobredeterminação. Muito pelo contrário, é hiper porque esvazia, aniquila, indiferencia todas as determinações. Isto quer dizer que a construção que venho tentando produzir, sobre tudo que pude saber sobre a teoria psicanalítica e sobre a experiência que na psicanálise se tem, parte de um axioma retirado da obra de Freud.

Isso na medida em que eu quis, arbitrariamente, considerar que a essencialidade do pensamento de Freud, em última instância, encontra-se no momento da sua descoberta e subsequente invenção do que chamamos Pulsão. Embora ela já existisse em sua obra, em 1920, no texto intitulado *Mais*

*Além do Princípio do Prazer*, Freud se dá conta de que a pulsão é necessariamente *Pulsão de Morte*.

Grande número de psicanalistas, posteriormente, recusa a Pulsão de Morte, o que vai resultar na psicologia de reforço do ego que, em alguns lugares, se chama de psicanálise. Nas mãos de Lacan, o que se reforça é o entendimento de que não há Pulsão senão de Morte.

A última posição da psicanálise, que é a de Lacan, fundamenta-a em quatro conceitos. Eu, prefiro fundamentá-la por inteiro num único conceito e achar que os outros são dele decorrentes. Para mim, a Pulsão, de Morte necessariamente, que é de-Vida, nos dois sentidos da escuta, é que funda o quadro axiomático possível da psicanálise.

Se há Pulsão de Morte, configuro a Lei que possa existir no regime psicanalítico inscrevendo-se matematicamente como: Há pulsão de não-Há. Isto querendo dizer que ALEI é: Haver desejo de não-Haver, o que fundamenta toda a psicanálise e descreve a Pulsão no seu aspecto de Lei absoluta e fundamental.

Haver desejo de não-Haver é aparentemente um paradoxo. Se o que quer que haja, o Haver na sua completude, no seu movimento desejante, nas suas possibilidades, não faz senão buscar esse algo absoluto que é não-Haver, que, como o nome está dizendo, não há, o movimento do desejo não pode fazer senão encaminhar-se, sabendo disso ou não, para o não-Haver. Isto lhe é de direito, porque é sua estrutura desejar não desejar – digamos que Freud conseguiu equacionar um momento búdico de entendimento de que a essencialidade do desejo é não desejar, o que seria a satisfação absoluta, o gozo absoluto.

O não-Haver – que podemos chamar até de Morte –, na medida em que não há, devolve todo e qualquer movimento desejante para a imanência do seu próprio movimento. Com isto, fica fundada uma das idéias importantes de meu percurso que é o conceito de *Revirão*, termo que, tomo de Joyce: *riverrun*, o movimento de atingimento de seu alvo absoluto, que não há.

Freud dizia que esse impossível de atingir era o objeto perdido desde sempre. A pulsão, ou seja, todo e qualquer movimento libidinal, desejante, não

faz senão espatifar-se, quebrar sua cara no muro intransponível para o não-Haver e retornar sobre si mesma com a possibilidade, se não mesmo, muitas vezes, a obrigatoriedade de reverter-se no seu contrário.

O conceito de Revirão entende que em toda oposição, nessa verve oposicional que funciona em nossa cabeça, há sempre necessariamente um Terceiro Lugar que a indiferencia e a toma como restos fractais de algum momento insecável em nossa relação com o que há. E quando, operando oposições, chegamos até sua indiferenciação, ao lugar terceiro, tudo se exacerba numa oposição absolutamente radical, que é entre Haver Isso, insecável dentro do campo do Haver, e que se traduz partidamente em oposições, e o não-Haver que nos acossa como Desejo, mas que não se apresenta jamais, por impossível.

Aí está o lugar da hiperdeterminação. Todos os fenômenos internos ao Haver, que são operáveis no nível do controle das oposições, seja de modo dialético, se quiserem, tudo isso, no terceiro momento, exacerba-se na hiperdeterminação que exige que se retorne. Alguns, às vezes, ficam paralisados ali, e podemos chamar isto, por exemplo, de melancolia.

A hiperdeterminação nos empurra para um retorno, mas com a experiência fundamental e radical de ter viajado até um lugar que, tomando de Fernando Pessoa na *Ode Marítima*, chamo de *Cais Absoluto* de nossa condição. No movimento do que entendo por psicanálise, o processamento de uma análise não é senão a Pedagogia da viagem até esse Cais Absoluto.

Nesse lugar onde indiferencio o que Há perante o não-Haver, digamos que indiferencio o mundo, e fico exacerbado na minha oposição para com esse não-Haver, no entanto desejado. Estamos nos aproximando aí do Imundo absoluto, daquilo que, por impossível, jamais será mundo.

\* \* \*

Dito isso, não posso deixar de dizer que o *estatuto da psicanálise é místico*. A última forma que conhecemos é de que o estatuto da psicanálise é ético, na mão de Lacan. Mas o sentido de místico é a ser tomado aí não como

mistério puro, mas como a operação que os místicos sempre nos apresentaram; de tentar indiferenciar o mundo e exarcerbar-se no movimento desejante para com esse Impossível.

Não se trata de reforço ou de se restar no *skeptomai* de uma ataraxia. Muito pelo contrário, o movimento de tentativa de atingimento do Cais Absoluto é que passa pelo movimento por que todos passamos (mas esquecemos) de rememoração.

O movimento do percurso psicanalítico é, em última instância, a rememoração de que teremos passado pelo Cais Absoluto e esquecemos dele. Pode ir junto com isso, no vazio desse lugar, o esquecimento do Ser, mas é também esquecimento de uma Unicidade absolutamente incomunicável, de uma solidão absoluta que, no entanto, encontra também vínculos de outras formas em outras regiões.

Se o fundamento à psicanálise é místico, isto significa, ao contrário de uma paralisia neste misticismo, nesta mistagogia, o retorno ao campo do Haver em suas oposições, em suas possibilidades. Aí vamos encontrar uma Ética que é absolutamente pragmática.

Ora, estamos falando da Verdade. O conjunto dos saberes, dos poderes, das organizações que estão disponíveis no Haver como tais, isto, a nosso ver, não diz e não tem compromisso com verdade alguma. Pode, na comutação, na possibilidade de cálculo dessas massas de saberes, ser da ordem do delírio, daquilo que calculadamente pode ser encontrado na sua posição atual.

Só há verdade quando somos tocados pela aproximação exacerbada, da diferença radical entre Haver e não-Haver como impossível. Isto, no seio da situação geral do Haver, força o reconhecimento de indiscernibilidade nesse campo. As indiscernibilidades terão a chance, por pegadas da própria situação, de comparecer mediante algum enunciado absolutamente indecível. E isto, na história de cada um como do mundo, no movimento das massas, por exemplo, de que falava aqui Muniz Sodré.

Mas isso não tem chance de comparecimento se não por um acontecimento que tem pega nesse indiscernível e nesse indecível, e que dará

chance – sim ou não – à emergência de Sujeito na decisão desse indecível. Portanto, contrariamente ao que poderiam esperar aqueles que me supõem lacaniano, estou dizendo que não há Sujeito disponível como se pensava. No que Lacan se fecha, ainda cartesianamente, no campo da representação, o Sujeito se lhe aparece como um *gap* no vazio intersticial de significante para significante.

Um passo que talvez se possa dar aí – e que foi o que tentei com a criação do conceito de Revirão e de ALEI estatuída como Haver desejo de não-Haver – é o de que Sujeito é algo raro. Vamos nos adulando com nossa presença, chamada de subjetiva, mas, na verdade, vivemos a maior parte do tempo na manipulação, no cálculo do verídico dos saberes. Mas tanto do ponto de vista científico como do poético, do político e das nossas relações amorosas, só eventos capazes, por sua fidelidade, de nos dar condições de fazer emergir uma nova possibilidade de Sujeito como decisão são momentos de verdade e de constituição de Sujeito.

Talvez seja exagerado narcisismo de nossa parte pensar que somos sujeitos. Somos é assujeitados tanto a toda a situação do Haver com sua massa de pressão recalcante quanto à possibilidade do reviramento no contraste com o Impossível. Operar o reviramento a partir de um acontecimento e decidir a respeito de algo indecível em determinado momento, isto sim é que é momento de surgimento de verdade e de exposição de Sujeito.

O sujeito não está disponível no campo do Haver ou da linguagem, de significante a significante, mas, muito pelo contrário, tem que ser hiperdeterminado lá no Cais Absoluto pela pressão de nosso desejo que, em última instância, deseja não desejar. Alguma pressão há que forçar a possibilidade de um evento se traduzir em decisão para que haja comparecimento de Sujeito. O trajeto – seja no nível da aproximação do Cais Absoluto ou no de trazer, de extrair de lá o absolutamente novo, ainda que seja uma pequena relação amorosa que tenhamos – como momento de historicização é absolutamente *prático*.

\* \* \*



Isso só é operável em regime transferencial. Ora, a *Transferência* – que Lacan colocou como um dos conceitos fundamentais da psicanálise, mas acho que já é secundário, que resulta do próprio conceito de Pulsão – é algo praticamente não teorizado.

Na verdade, o que a psicanálise chama de transferência se reduz, em última instância, a toda possibilidade de vinculação, seja ela amorosa, hipnótica ou a situação transferencial dentro da psicanálise. Trata-se, pois, de tentar entender o que possa ser o processo de vinculação.

A transferência tem duas pontas de vinculação. Uma, vamos dizer, de *baixa transferência*, que decorre de nossa instalação no seio de uma espécie que herda dos primatas uma série de movimentos, de processos, absolutamente etológicos – mesmo ainda que a etologia dita humana tenha escrúpulos em decidir a respeito dessa herança.

Em todas as espécies, ou pelo menos nas mais próximas, os primatas, por exemplo, encontramos uma organização etológica que não faz senão alienar os seus processos para fazê-los eclodir. Isto é da ordem da transferência, necessariamente não humana.

A segunda ponta é que, além dessas pegadas vinculares etologicamente rememoradas e rememoráveis em algum canto de nossa estrutura, ainda temos outra pega lá no que chamei de Cais Absoluto. Isto como construção mesma do que podemos chamar de *Cérebro* desta espécie (não estou falando de órgão vivo, de fisiologia ou de anatomia, mas do aparelho mediante o qual lidamos com o Haver).

A construção do Cérebro é catóptrica, absolutamente em Revirão, da estrutura do mais radical espelho. O espelho com que lidamos cotidianamente é caretíssimo perto da possibilidade de reviramento desse espelho radical, que é perfeitamente compatível com o que poderíamos chamar de Real. Tomo, pois, o Real como catóptrico, como espelho mesmo.

As duas pontas de vinculação são responsáveis por isso que permanentemente escapa da ordem da linguagem, da representação, e que, sem saber o que fazer com isso, grande quantidade de analistas chama de

*afetivo*. Lacan tinha implicância radical com ele e o tira da sua cogitação, de qualquer possibilidade de pensá-lo, na medida em que o reduz à ordem significante. Ora, a ordem do significante é a de representação de palavra. Freud colocou que temos representação de palavra e de coisa, mas se esqueceu de dizer que temos representação de afeto. Parece um absurdo o que estou dizendo, mas é preciso considerar que, mesmo no nível Secundário do Cérebro, há representação de afeto. Sendo que essa coisa que chamamos de afeto só se representa por si mesmo. O afeto passa inteirinho tal como vem do Primário para o Secundário, do Secundário para o Primário: transita à vontade como representação que não se representa mas que afeta assim mesmo e se instala no seio das outras representações fazendo pressão.

É mediante o regime da representação que podemos forçar dizer isso que parece indizível tanto na ponta etológica de nossas afetações quanto na ponta radical do Cais Absoluto perante o não-Haver. É mediante este regime que temos condições de sacar daqui e dali, na confluência das duas posições, momentos de possibilidades de instaurar uma verdade e, portanto, de comparecer como Sujeito.

Quando Lacan diz que “o desejo do homem é o desejo do Outro”, podemos tomar este enunciado como a própria *fórmula da transferência*. É claro que ele definiu essa tal transferência como “Sujeito suposto saber”, o que, mesmo no discurso de Lacan, resvala para o saber suposto sujeito. Podemos nos relacionar transferencialmente por suposição de saber como qualquer macaco faz. Não estou dizendo que ele suponha, mas sim que há uma aderência de saber para saber.

Mas há outro processo transferencial bem mais delicado, mais sutil, que é suposição de Sujeito, que é fazer a Suposição de que em alguém com quem operamos – que pode ser uma pessoa viva, a obra de Freud, uma obra pictórica, etc. – se inscreve Sujeito: no campo de um saber organizado algo pinta que é da ordem da extrapolação desse saber. Posso, então, como homem, estabelecer um regime transferencial na suposição de que ali houve operação de passagem, de experiência do Cais Absoluto, da solidão radical e retorno depois disso.

Esses dois momentos fazem dois aspectos radicalmente diferentes disso que cabe numa série de coisas, que cabe dentro do conceito de transferência.

\* \* \*

Estamos num momento em que se pretende retornar a pensar a *Hipnose*.

Que tipo de relação transferencial há na hipnose? Há outro tipo de relação transferencial operável em contrapartida à hipnose tal como Freud sonhou? Segundo ele, a psicanálise começaria no dia em que a hipnose terminasse. Ou estamos a maior parte do tempo sob hipnose? Quais são as chances na referência ao Absoluto que faz um Vínculo Absoluto (se não diretamente entre cada um de nós e outrem) pelo menos com a estrutura do Revirão à qual estamos todos vinculados, portanto, havendo possibilidade de transferência nesse Vazio aí?

Faço, pois, a suposição de que Verdade não comparece jamais sem passar pela experiência radical do Cais Absoluto. Ele é momento e só comparece na instauração de Sujeito, na possibilidade de decisão que acontece numa análise, por exemplo, ou até numa relação amorosa, científica, etc. E, em última instância, isso só se opera em regime transferencial.

O regime transferencial, como vimos, tem duas pontas. A específica da espécie humana é a que indica algo que talvez seja sua essencialidade, pois embora tenhamos a herança etológica dos macacos, dos primatas, a impressão que temos é de que somos a única espécie conhecida com essa última instância: a possibilidade de Cais Absoluto, de indiferenciação radical e, portanto, da hiperdeterminação.

No fenômeno da transferência, temos, então, dois vetores. Não é preciso pensar que são transferência e contratransferência, pois estes dois moram do mesmíssimo lado, são apenas dois nomes da ambigüidade do processo da transferência.

O que realmente se opõe, se diferencia disso que chamamos transferência no regime das pegadas, da alienação ao outro – ainda que este supostamente seja

o poético possível de trazer o novo, o Sujeito –, é que aquele que passa no Cais Absoluto, reencontra-se outra vez inominado. Aí, ele não pode fazer senão tornar-se um atrator transferencial. Este é o verdadeiro avesso da transferência.

Há o movimento transferencial alienante para algo, ainda que este algo seja referência a um avesso de Sujeito, a uma possibilidade de estar lidando com algo que lá passou. Mas há também o fato de que, para todo aquele que rememora a sua experiência de unicidade, de absoluta solidão, de absoluta necessidade de retorno, apesar da rememoração dessa experiência, ele não pode fazer senão não enlouquecer demais colocando-se como pólo transferencial.

Daí que é preciso repensar quais são as possibilidades de loucura, que não sejam traidoras de seu próprio movimento. Há loucuras que não traem seu próprio movimento. E essa loucura humana fundamental é da ordem da psicose? De modo algum!

Para além de psicose, há a loucura da aproximação radical do Cais Absoluto, que se demonstra perenemente cada vez que uma verdade é dita e cada vez que, genericamente falando, seja em qualquer área, aparece o momento poético de instauração de Sujeito. E isto é da ordem da essencialidade da nossa loucura. Alguns aí se perdem, sem nenhuma psicose: um Nietzsche, um Artaud...

Uma das intenções desse aparelho que lhes apresento – infelizmente, aqui, num quadro cheio de saltos – é, dentro da medida do possível, discernir a essencialidade da loucura humana na sua estruturação como Revirão e como atingimento do Cais Absoluto, das loucuras que traem a si mesmas, apegadas que estão a outros dinamismos. Não é possível, por exemplo, comparar Schreber com Nietzsche.

\* \* \*

[Perguntas e Intervenções]

- Emmanuel Carneiro Leão – *Lá em João Pessoa, há o doido, o maluco oficial da cidade. E essa loucura oficial do maluco de João Pessoa, ele exprime na seguinte frase: “É preciso ter muita saúde para ser doido na*

*Paraíba". Quero, pois, perguntar ao Magno se esta saúde não significa Revirão. Isto é, é preciso muito Revirão para ser louco na Paraíba...*

Se tivéssemos condições de operar mais freqüentemente o Revirão, de sermos loucos da Paraíba, estaríamos talvez no regime daquilo que, como entendo, Nietzsche chamava de Saúde. Só que é muito difícil, pois a massa recalcante é enorme.

Freud ficava procurando o tal recalque originário no seio mesmo das formações do secundário, conjecturando-o para dar esteio ao entendimento do recalque secundário. Uma vez que postulo que há Revirão porque há Cais Absoluto e que ALEI é: Haver desejo de não-Haver, está fundado, segundo esta ALEI, o próprio Recalque Originário. Ou seja, posso tirar daí, axiomáticamente, o Recalque Originário, que não é senão o movimento do Desejo: no Haver, aspirar ao não-Haver e isto ser impossível.

Conseqüência do Recalque Originário, da impossibilidade do encontro com o Outro lado, com essa simetria que não há e, portanto, dissimetria tudo do lado de cá... O jogo, em última instância, é a vontade de simetria: o Cérebro é simétrico em seu movimento desejante e encontra o Real como dissimetriação porque o seu oposto absoluto não há. Isto é o Recalque Originário e, em algum lugar, temos a experiência disso.

Conseqüência do Recalque Originário é, então, que se funda o Revirão: porque não se pode passar, revira-se. Se nossa essencialidade for o Revirão, que nos daria a bela loucura paraibana que Emmanuel nos lembra, a nossa herança, a nossa instalação hominídia no campo dos primatas, já é todo um processo, que vai desde o que chamo de autossoma, da nossa construção biológica própria, desde o etossoma, de algo que está construído aí, herdado, e que Freud chamava de predisposição filogenética em não conhecendo a etologia. Como tudo isso é massa recalcante das nossas possibilidades de Revirão, chamo de Recalque Primário.

Então, Recalque Originário: a impossibilidade de passar fundando a nossa estrutura como Revirão. Recalque Primário: toda a massa que está no Haver, e onde estamos instalados, já bloqueando nossa possibilidade de

reviramento. Basta ter uma mão destas. Por que não ter sete dedos, ou vinte, ou sei lá o quê... ?

Em nossa espécie – que não é a única, pois em outras encontramos indícios disso – há possibilidades de transposição da massa recalcante primária para o que gostamos, não sei porque, de chamar de simbólico. Acho que a Natureza também é simbólico, mas isto já é outro papo... Há, então, a possibilidade de passar para um regime outro de representação, o qual começa a funcionar como se fosse uma *analogia* ao regime primário.

Lévi-Strauss queimou a mufa tentando ver onde se passa de Natureza para Cultura. Tenho a impressão de que se passa do regime primário de certas modalizações dadas, pois temos corpos, modos de funcionar diante do sol, da terra, etc., que são modalizações que recalcam nossa possibilidade de revirar o tempo todo, mesmo porque, se o fizéssemos, seríamos absolutamente loucos, e, então, somos freados por essa massa recalcante... Mas, ainda por cima, temos a possibilidade de, num regime outro – que não tem essa obrigatoriedade que é uma impossibilidade modalizada, da ordem do corpo, etc. –, fingir que estamos no mesmo regime do Primário.

Costumo dizer que a interdição – seja ela qual for, e não é preciso nenhuma interdição de incesto para as coisas funcionarem – não é senão a analogia para com a modalização do Impossível: fingir, num faz-de-conta, que o proibido é como o impossível. Basta isto para fundar o processo. Então, passamos de um Recalque Originário ao Recalque Primário e ao Recalque Secundário, os quais se reviram entre si. Se não, não haveria isso que se chama de afetação psicossomática. Entenderam minha loucura?

• Muniz Sodré – [após exposição sobre Exu e sua função como Terceiro no Candomblé] *...Será que esse terceiro é efetivamente indiferenciador ou é o responsável pela existência dinâmica? Ou pelo dinamismo e o agenciamento – digamos, ágil – das oposições?*

É muito bom isto que Muniz Sodré acaba de nos falar sobre a posição terceira de Exu nos terreiros de Candomblé. Adorei o Exu... Uma coisa é entender o terceiro na sua oposição, na exasperação, para com o não-Haver.

Outra, é entender o seu retorno. O lugar terceiro indiferencia as oposições justamente para quê? Qual é a consequência desse indiferenciamento? O Exu de que se está falando seria o Deus da melancolia ou da morte? Ele não é: ele retorna e o retorno desse Terceiro é possibilidade de, até mediante participação num ritual, oferecer chance de aparecimento de subjetividade. Então, ele é o dinamizador aí.

Uma coisa é a *ida*, outra, é a *volta*. Eu perguntaria a Emmanuel se, por exemplo, a Vontade de Potência, ou de Poder, seja o que for, em Nietzsche, considerado o caminho de que estou falando, é de ida ou de volta?

- Emmanuel Carneiro Leão – *É de volta. A Vontade de Poder, de Nietzsche, supõe já constituído um Sujeito ao qual o poder se adere.*

Mas exige esse momento de constituição?

- ECL – *Exige, mas só esse momento.*

Que é eventual!?

- ECL – *É incalculável!*

- Muniz Sodré – *Qual é a diferença que você faz entre o Cais Absoluto e a Consciência, digamos, pura, ou não objetivada dos hindus, por exemplo? Vejo esse conceito muito próximo de uma Consciência não vinculada, anterior e não investida, que os hindus colocam como fundante de toda Consciência possível.*

Eu teria que saber permear esse pensamento hindu, o que não tenho condições agora... Mas, em última instância, a fonte disso tudo acaba sendo ariana, de Ariadne, se quiserem...

\* \* \*

- Pergunta – *O Cais Absoluto seria o elemento, o lugar, que situaria o corpo nessa dinâmica de Pulsão de Morte e Revirão?*

A questão é saber de que corpo se trata. Quais são os limites do corpo? Ele termina na anatomia ou, como diz McLuhan, é cheio de pseudópodes, de tentáculos, com toda uma produção protética? Costumo dizer que, se há essa

oposição de tese e antítese, talvez nenhuma síntese compareça se não como *pro-tese*, depois de uma *ek-tese*.

No campo das oposições, quando se indiferencia e vai ao terceiro lugar, retorna-se com a condição que, no gosto de Emmanuel, aqui, seria do *poético*. Quer dizer, com a produção de *porcos*, isto é, de *corpos*.

Isso tem a ver com a imundice, com o fato que Verdade é imundice: raspar nas beiras do Imundo, do Sagrado, portanto. Então, o corpo se constitui por imundices que são verdades capazes de se consubstanciar eventualmente em próteses.

[Muniz Sodré responde a uma questão do público sobre a *Tragédia e o Mito*]

Assino embaixo de tudo que Muniz Sodré acaba de falar sobre a *Tragédia*. Na verdade, o trágico como que apresenta o momento de instauração de Sujeito. Justamente por isso é trágico. No *corpus* do Esquema que fabrico e uso, a essencialidade do trágico é a irreversibilidade diante do desejo de reversão. Isto quer dizer que quando se instaura Sujeito, isto se historiciza e se torna algo irreversível. O sentimento do trágico é: “Eu desejo, sonho, com a reversibilidade, no entanto, por meu próprio ato, fundei uma irreversibilidade”.

Quanto à questão do *Mito*, reconheço o lado externo da sua ação, que fica para além de qualquer decisão, mas também que sua repetição no seio do grupo social acaba, na sua narrativa, retirando-o desse lugar, digamos, estacionário no Terceiro e transformando-o em operação recalcante.

• Emmanuel Carneiro Leão – *O Mito tem vários níveis de possibilidade. Essa multiplicidade, ou essa diversidade, em níveis dentro do mito, está sendo alimentada por uma experiência do trágico como sendo, digamos, para entender ou sentir a impossibilidade de se controlar qualquer constituição de Sujeito. É isto o que alimenta os vários níveis do mito: ele é narrativa, ritual, organização... é, pois, uma força de exercício de poder.*

Portanto, passa ao regime do recalcante.

• ECL – *Passa ao regime do recalcante.*

[ ...]

• P – *Se entendi, tudo o que há é recalcante...*



É resistente.

- P – *Pergunto, então: há o não-Haver?*

O não-Haver não há, como o nome está dizendo.

- P – *Qual é o estatuto desse não?*

O estatuto do não-Haver é redundante: o não-Haver não há. Isto é axiomático. Se não, terei que pensar esse não em sua decadência para cá e me perco, como os filósofos se perdem. Aí, seria fazer filosofia.

Mas posta a Pulsão de Morte, e reconhecido por Freud que morte não há no Inconsciente, ela se equivale a um objeto impossível, que não há. Não é que teria sido perdido, é chamado de perdido porque não há.

Sejamos simplórios: se pensarmos o que quer que haja, ainda podemos pensar o não-Haver para além do que quer que haja, o que não é da ordem do não-ser. Se fizermos a oposição entre o que há e que não há nada para além do que há, que não há nem Nada, aí está a suposição de não-Haver.

O tal não-Haver só comparece como desejável de direito, mas impossível de fato. Então, é na catoptria interna do Haver que ele se propõe, mas não se dá. Se o Cérebro é simétrico na sua operação, ao que quer que se coloque, ele pede seu simétrico, seu oposto, em termos de simetria radical: ele pode ir às últimas consequências.

A última oposição simétrica ao que há é o que não há, mas o que não há não-há de fato, mas há de direito porque é pedido. Este é o Inferno do Desejo: *desejar é desejar o Impossível*. Digamos, é desejar a morte, mas a morte não há, não há experiência de morte. Aliás, “só morrem os outros”, como Marcel Duchamp, mandou escrever em sua sepultura...

- Muniz Sodré – *Mas não há finitude em vida?*

Claro! O próprio Sujeito é o momento finito dessa operação. A própria instauração de Sujeito é instauração de um momento finito, como você mesmo colocou muito bem.

- Pergunta – *O não-Haver não é o finito que o homem cria para si mesmo?*

Eu não diria que ele cria, mas a que está condenado, é uma condenação. Não há passe para o outro lado que não há: o Outro não há. A gente inventa

outros fragmentando o Haver, porque o Outro não há. Aí é onde vai, por exemplo, esbarrar a sexualidade. Qual é o outro sexo? Não há!

Quando postulo que há um Terceiro Sexo, que resolvi chamar de Falanjo porque achei esquisito, *unheimlich*, é porque simplesmente não há outro sexo para nossa espécie. A gente fragmentaliza por dentro, e sem a menor condição de situá-lo.

O mito, por exemplo, no sentido em que Muniz o apresentou, é uma forma decadente, depende de como o abordo. Se o abordo na sua razão de loucura revirante, ele se oferece como tal. Se o abordo como momento de possibilidade de instauração de Sujeito, ele se oferece como tal. Mas ele também se oferece na redução desse momento de instauração de Sujeito em instauração de saber, mediante o qual posso fazer uma iniciação. Aí, ele vai entrando em decadência e se tornando uma força recalcante.

Isso do mesmo modo que uma multiplicidade pode ser contada ou não por um. Se entendo que, dentro dessa multiplicidade, há singularidade, ela está em aberto, mas se faço uma conta-por-um, fundo o social – estou falando na linguagem de Alain Badiou para explicar –, e se conto de novo esse um como um, fundo o estado. Então, a coisa vai-se recalcando.

No fato de o Haver se contrapor ao não-Haver, eu não diria, então, que se funda uma finitude, mas que se funda Um. Alguns pensadores contemporâneos estão retornando a pensar o esquecimento desse Um, que é uma experiência radical, de solidão absoluta e de reconhecimento de que *há Um* e talvez *só haja Um*. O Ser é outra história, é a infinitude da fractalização desse Um. Só fractalizo, só sou fractal, para cá, pois para lá não há passagem.

Se chego à experiência de Haver diante de um não-Haver radical, está posto o Um experimentado como Um. Se a psicanálise é alguma coisa, é a Maiêutica, se não a Pedagogia, da rememoração desse Um, desse momento aí. A gente faz tudo, a gente se vira, faz qualquer coisa, para esquecer, para não sentir esse momento de angústia. A gente faz qualquer negócio, até conferência, mesa-redonda...

• Pergunta – *Em certo momento, objetaram a Freud que o Inconsciente seria uma mera gradação do Consciente, portanto, não era preciso pensar em Inconsciente. Ele respondeu que isto seria como dizer que não existe a escuridão, que ela seria apenas gradações da luminosidade, mas que isto traz o problema de não se poder acender um fósforo no escuro, já que a escuridão não existe...*

Ele se deu bem e se deu mal nessa explicação. Pois se o Inconsciente, segundo ele mesmo, for o recalcado, a questão está posta com muita precisão. Isto porque o recalcado é da ordem de uma consciência não advinda, mas que funciona *quand même* como tal.

Então, Lacan empurra o sujeito para o interstício e diz que o Inconsciente dele não é o de Freud. Ele chega às raias de aproximar o que estou chamando de Cais Absoluto ao dizer que o Inconsciente é o que se passa entre o Saber e a Verdade. Eu, cá, estou dizendo que Inconsciente não é o recalcado; é degradadamente o que se passa entre o Saber e a Verdade; e, em última instância, o Inconsciente é o que se passa entre Haver e não-Haver.

• P – *Ele é a dimensão recalcante...*

Resistente. É recalcante porque o não-Haver não há: é o Recalque Originário. Esta é a fundação do Recalque: se o não-Haver não há, está fundado o recalque e o que quer que compareça como resistência. Daí que “resistir ao Inconsciente”, qual é o limite disto? É resistir ao recalcado? O analisando ficar recalcitrante e não querer abordar o retorno do recalcado, isto é tolice, é cá embaixo, até dissolve sintoma, mas não resolve a essencialidade daquele que está fazendo sua análise. Em última instância, o que é inconsciente mesmo é esse momento terrível, horrível, radical, de solidão de Haver para cá e não-Haver para lá. Isto é que faz com que Inconsciente seja pura resistência.

Lembram daquelas questões: resistência *ao* ou *do* Inconsciente, que elaboramos ao pensar a transferência, a hipnose, a relação amorosa? Isto porque *o Inconsciente é pura resistência*. Ele não consegue passar, lhe é impossível. Ele pode é fractalizar essa resistência e inventar resistências

menores internamente: vai-se fractalizando o mundo, produzindo próteses, tudo isso que Emmanuel nos ensinou hoje. Mas é produção de resistência, a qual é insuperável. Transferência não se dissolve jamais, ela se transfere. Ou seja, *Übertragung* é igual a *Verschiebung*.

• Muniz Sodré – *Quando falei da experiência da finitude em vida, eu estava pensando na loucura. Eu me perguntava se a loucura não seria uma experiência do que você está chamando de não-Haver.*

\* \* \*

... É a questão de saber se a psicanálise opera ou não mediante sugestão, se é ou não hipnose. A promessa de distinção feita por Freud, repetida eventualmente por Lacan, de que há uma distinção entre a hipnose e a psicanálise, ainda é sustentável do mesmo modo? Em que regime?

Não entendo e não poderia concordar com o que Muniz disse, de que o poder instaura a verdade, a não ser que isto não seja a noção de poder constituído. E ele está dizendo aqui que falava de *poder* simplesmente. Desejo é pura liberdade, mas o poder é conseguir gozar. O analista lá está para gozar o analisando ou para fazê-lo gozar?

[...]

Faço a distinção entre pedagogia, didática e educação. A pedagogia é a tentativa de oferecer um processo no sentido de destacamento de uma singularidade. Chamo a isto de Maiêutica.

Quando sou didático, estou fundamentado num saber sabido, ao qual arranjo meios de facilitar a sua transmissão. Quando estou no regime da educação, estou no regime do estado, tanto é que o Ministério chama-se “da Educação”. O regime dá conta dessa conta de, dentro de uma multiplicidade, contar os conjuntos, os subconjuntos, que posso ordenar dentro de uma visão de estado.

*Psicanálise é uma Pedagogia.* Isto, ao contrário do que muitos dizem, que ela é a oposição à Pedagogia, porque tomam a Pedagogia como da ordem do estado ou da didática. Ela é a *Pedagogia*, e não a *iniciação*, no sentido

*do destacamento de uma singularidade que só tem condições de aparecer numa viagem ao Cais Absoluto.*

Entretanto, seria ingenuidade pensar que quando o indivíduo frequenta um analista, ele está em análise. É preciso que – além da baixa transferência que fez por ouvir dizer ou porque achou o analista bonitinho, comível ou inteligente –, no processo, consiga fazer a pega como outro pólo da transferência, que é referida à suposição de Sujeito. Aí, é possível começar uma análise.

No manejo desse processo, freqüentemente o analista tem que manipular a transferência no sentido de um judô, de golpes, para ver se o indivíduo cai daquela primeira perspectiva, para ver se ele arregaça... Tudo vai depender de quem é analista, se ele existe. Há analista? Consultórios abertos, reconhecidos, há milhares. Mas onde eventualmente aparece aquele que, até usando de mestria na manipulação da transferência, etc., é capaz de sempre dar um empuxo a mais no sentido de fazer resvalar aquela primeira formação?

Estou tomando o termo *mestria* no sentido de se ter, dominar, um saber e aplicá-lo com todos os poderes de sugestão que este saber tem. Pode-se, por exemplo, ter o saber de brincar de amarelinha: o sujeito pula para lá, você pula para cá... mas isso tudo são manejos da transferência. Se há analista, ele se aproveita dessas ocasiões para equivocar o jogo do outro. Justamente porque tem mestria dentro do próprio jogo, ele joga na equivocação em vez de no reforço ou na sugestão. Então, vai fazendo vazio, buraco, empurrando o sujeito para lá.

Mas *nada obriga* que o cara vá. Este é o dilema da psicanálise. Muitas vezes, põe-se um pequeno golpe de manejo de transferência e o sujeito faz um buraco enorme dentro dele. Outras, passa-se anos com um sujeito que tem uma resistência tão violenta que até captura, hipnotiza o analista e não acontece nada. Porque analista também é hipnotizável.



# COMENTÁRIOS

*Comentários esparsos sobre os trabalhos  
apresentados no ...etc. – Núcleo de Estudos  
Transdisciplinares da Comunicação, UFRJ, durante o 2º  
semestre 1992.*

## 1. Educação Artística?

Agradeço ao Prof. Ronaldo Reis, doutorando aqui na ECO/UFRJ, sua participação e a gentileza de tomar os meus achados e pensar em cima.

\* \* \*

A questão colocada é espantosamente grave. Estamos vivendo, hoje em dia, o retumbante fracasso de um esforço feito, sobretudo, em termos mais gerais, na década de 60, em torno do que se chamava *Educação através da Arte*.

A iniciativa da educação artística na escola de arte propriamente dita como movimento, quero eu supor, em termos de Brasil, foi de Augusto Rodrigues, com quem no início dos anos 60 tive a oportunidade de trabalhar um pouco: frequentei aquele movimento na Escolinha de Arte do Brasil. É uma coisa que me parece um pouco decadente hoje, mas que, naquela época, era um grande centro.

Anísio Teixeira ainda era vivo e tinha grande simpatia pelo trabalho de Augusto. Isto no que dizia respeito à intencionalidade de Anísio em torno do pensamento de John Dewey sobre educação para democracia.

Essa experiência, consegui levá-la bastante mais adiante. Conseguimos introduzir esse movimento no ensino secundário do estado. Isto, com repulsas vigorosas na época. Mas tenho a impressão de que, no próprio cerne do movimento, a coisa já era um pouco fracassada.

As vedetes orientadoras do movimento eram: Herbert Read, que chegou a se tornar *Sir* na Inglaterra, mas que, curiosamente, era anarquista. Ele tem um tratado interessante sobre anarquismo e escreveu um livro de sabor jungiano, engraçadíssimo, que era o manual do movimento, intitulado *Education through Art*, Educação através da Arte, a outra era Victor Lowenfeld, que tinha um grande laboratório na Pensilvânia. Estes dois mais ou menos organizavam o movimento. Espantosamente, então, o que de psicanálise atravessava isso era a tipologia de Jung. Ou seja, psicanálise nenhuma.

Embora o movimento tenha fervilhado, etc., com alguns professores até brilhantes – havia certa base política no Colégio Andrews, uma vez que Flecha Ribeiro era secretário de educação –, o mais curioso é que o movimento não pega. A prova disto é que, hoje, tem um sucesso retumbante, com grandes congressos, etc., o que significa seu redondo fracasso: só se fala bobagem. Basta freqüentarem, no Brasil e fora, pois há a associação internacional dessa coisa, para verem o fracasso, dentro da sala de aula e do movimento.

Já naquela época, apesar do talento e da movimentação de Augusto Rodrigues dentro da Escolinha, tudo acabava por recair num tecnicismo de ateliê. Era uma coisa muito esquisita. O que de melhor se consegue nesse tipo de educação pela arte, hoje, é a pretensa educação de uma sensibilidade através da manipulação de materiais e da repetição incansável de quinhentas técnicas e materiais diferentes, etc., que são da ordem do *pot pourri* do lixo histórico do ateliê do artista. Começa-se a transmitir aquilo para as pessoas como se fosse uma espécie de feira livre das atividades de ateliê.

Desde então, eu achava aquilo um pouco esquisito. Embora Augusto tivesse uma sensibilidade muito grande para escutar esse tipo de coisa, os demais não tinham. Era como se fosse, vamos dizer, uma espécie de distribuição



de conhecimentos de certa classe social, que teria acesso à arte, aos ateliês, etc., para o povo.

Na verdade, o funcionamento, a possibilidade de invenção, de criação, era muito tolhida nesse processo todo. Lembro-me que se colocavam os desenhos das crianças pelo chão e se fazia a distribuição tipológica através do pensamento de Read, que era Jung. Era uma espécie de distribuição de tipos de representação plástica, de utilização sensível dos materiais, das técnicas, etc.

Eu achava aquilo um absurdo, pois, a meu ver, não se tratava de aculturar as pessoas para o ateliê. Essa tal educação através da arte, eu pensava que, em contraposição ao restante do enciclopedismo escolar, seria ter um local onde se pudesse operar o que, hoje, estou chamando de Pedagogia. Mas o engraçado é que isto, nesse movimento, já não era muito bem visto.

Uma coisa que me aconteceu lá pelo idos de 63, foi quando me chamaram para participar de uma reunião na própria Escolinha de Arte do Brasil. No meio da reunião, comecei a fazer uma série de questionamentos em cima do processo e uma pessoa que prezo muito, Noemia Varela, que até hoje toma conta da Escolinha, vira-se para mim e, tipo ato falho, diz: “Mas você é um poeta!”. Desde então, comecei a ficar um pouco assustado, pois estava sendo dito que não era disso que se tratava. Acho que eu era o único que estava sendo enganado na questão, pois pensava que era disso que se tratava.

Leciono há mais de 25 anos numa escola que pensa que é de arte. Ainda outro dia, numa reunião entre professores, eu dizia: “Vocês são engraçados, são professores de uma escola de arte, mas se entrar um artista aqui vocês matam, lincham o cara”.

É preciso entender esse fenômeno dentro da cultura. Não pensem que alguém gosta de artista. Isto é uma balela. É a mesma coisa que pensar que se gosta de psicanalista... Poeta sempre é odiado.

Basta entrarmos nas escolas de arte para ver que o que há é a apropriação do resto – isto que chamo de produto artístico –, a inserção dentro da cultura, dentro de certa história, e se começa a definir as suas

características. Até se conta a vida do artista, que sofreu que nem um desgraçado, como um anedotário muito interessante. As pessoas são cultas, sabem que Van Gogh se fodeu completamente, isto faz parte da cultura deles, mas Van Gogh foi quem se arrebentou...

Há a apropriação da obra com o maior desprezo pelo artista, do mesmíssimo modo que faz o mercado. Podemos ver isto narrado, por exemplo, no livro *Fête à Venise*, de Philippe Sollers, que é a crítica veemente disso vigorando hoje em dia. Não há o menor respeito por Van Gogh. Há, sim, respeito por um Van Gogh que custa tantos milhões de dólares, que é o que interessa.

Eu queria supor, e certamente estava enganado, que introduzir a tal educação pela arte na escola comum seria justamente fazer um lugar de contradição como processo: para além do didático e do educacional, no sentido que coloco hoje, criar um remanso de Pedagogia onde alguma articulação de singularidade pudesse vir. Isto não era muito bem visto, desde então. E essa bobagem que hoje chama-se o grande movimento de educação pela arte, simplesmente é igualzinho a qualquer outra disciplina que aprendeu os materiais, as técnicas, os artistas, e fica repassando.

Ficou, então, extremamente decepcionante. Um dia, larguei aquilo de mão e não me interessei mais. Mas eles estão em pleno sucesso.

\* \* \*

... Falou-se do Quatrocentos. Eu seria mais radical do que Pierre Francastel, aqui citado. O que me parece errado, do ponto de vista de história da arte, é querer-se levantar, caracterizar o Quatrocentos, que é uma colcha de retalhos...

Eu diria que o supra-sumo dos renascentistas, mais importante naquele momento do que a própria teorização, a invenção da estrutura capitalista que lhe dá até embasamento, etc., é a grande invenção dos artistas, arquitetos, escultores, pintores, que é o conceito de *Quadro*. Criou-se, com precisão

euclidiana, segundo uma representação inventada por eles, Piero della Francesca, Botticelli, Leonardo, os arquitetos também, o conceito de quadro absolutamente regrado, universal, infinito.

Regrado por leis euclidianas, segundo o ponto de vista caolho – porque era de um olho só – da construção, o *Quadro* foi inventado em laboratório pelos artistas que queriam ter o *status* do cientista para ver se podiam não ficar subditos aos teólogos. O grande emulador do artista do Renascimento, que assina, que inventa o *Quadro* como conceito, é, pois, o cientista que, enquanto tal, já podia dialogar com os teólogos, já podia questionar.

O conceito de quadro, onde se pode inscrever absolutamente tudo, onde se pode inscrever a partir de *um* ponto de vista, ou fracionariamente de diversos pontos de vista absolutamente regráveis, colocáveis, distinguíveis, etc., é, a meu ver, o denominador comum do espírito do Renascimento. É a regra absoluta que constitui essa idéia.

O mais importante do ponto de vista da existência do artista – para comparar com essas pedagogias idiotas da educação pela arte e educação artística – é que, no mesmo momento, sem talvez diferença cronológica nenhuma, no final do Quatrocentos e Quinhentos por ali, às vezes com os mesmíssimos artistas, a contestação disso se colocava. Temos contestações, digamos, internas, que faziam parte da própria estrutura da pintura renascentista, nas gozações anamorfóticas.

Elas estavam absolutamente regradas dentro do espírito renascentista, mas, aproveitando-se dos jogos perspécticos de então, faziam as deformações anamorfóticas. Faziam ou de brincadeira ou como terror, ou como Holbein no quadro d’*Os Embaixadores*, que Lacan coloca no *Seminário XI*. O tenebrismo de Caravaggio, por exemplo, é absolutamente correto, mas ele já entra com outro processo, criticando...

Mas é pior do que isso. A invenção dos esquemas barroco e maneirista são absolutamente concomitantes com a invenção do Renascimento. Ou seja, se há poeta, não há esquema que o segure.

Todo o prestígio da regragem perspéctica, colorística, etc., do Renascimento, ainda que se obedecesse aos tratados da época, como o de Leonardo, por exemplo, não impediu que um Rafael, que era o doce de côco de Julio II, com todo seu comportamento renascentista, terminasse sua vida, tão curta, aliás, caindo num maneirismo radical num quadro como *A Transfiguração*, por exemplo, que já tive oportunidade de comentar num Seminário. Michelangelo, este, nem pensar, pois o Renascimento passou longe de seu nariz. Ele se aproveitou dos processamentos, mas jamais se comportou direito como renascentista.

Leonardo da Vinci queria fazer um *Tratado* que fosse capaz de permitir qualquer um representar, naquele quadro universal, o absoluto da representação renascentista, mas ele próprio desobedecia isso nas franjas. Ele não conseguiu, graças a Deus! Era impossível inventar alguma coisa do ponto de vista do colorido, das densidades, de distância, etc., pois resultava em nada parecido com o euclidianismo da representação perspéctica. Então, dali ele podia desbundar à vontade, ficar apaixonado pelas manchas da parede. Mesmo porque ele tinha por onde, se considerarmos a tese da moça lá da Itália de que a Mona Lisa é seu auto-retrato...

A vocação unitotal, panóptica... Na verdade, quem inventou o *Panopticon* foram os artistas do Renascimento com o conceito chamado *Quadro*, regrado segundo uma perspectiva exata, euclidiana, monofocal.

Essa invenção radical, a meu ver, é o resumo do conceito de Clássico em qualquer época. Ser clássico é inventar um sistema unitotal de representação universal e fechado. Mas como os artistas, mesmo os clássicos do Renascimento, são artistas, vão escorregando pelas tabelas e, quando a coisa começa a ficar prepotente, inventam o Maneirismo e o Barroco como outras formas, outros sexos, diria eu, da possibilidade de estilo.

Aí é que vejo um erro no texto de nosso caríssimo Michel Foucault quando, em *Les Mots et les Choses*, introduz observando o quadro *As Meninas* e constituindo, através do olho de Velázquez, um lugar que é do

Renascimento, e não do século XVII. E não há aquilo no quadro de Velázquez, como já pude demonstrar.

Foucault teria sido mais feliz se fosse buscar lá atrás, mas, para ser coerente com o que dizia do século XVII, tomou Velázquez, contemporâneo de Descartes. Mas Velázquez, do ponto de vista de tentativa de pensar o Sujeito, está muito adiante de Descartes, pois, fingindo utilizar a máquina renascentista de representação no Quadro, conceito universal, ele deforma toda a perspectiva e, com jeitinho, constrói – lentamente, através de uma série de quadros, e realizando n’*As Meninas* – um espaço absolutamente torcido sobre si mesmo, onde o ponto de vista de rei não é senão o ponto de vista do Velázquez que lá está representado e fazendo uma contrabanda dentro do quadro.

Vemos, então, que quando há poeta não dá para se brincar desse jeito... A questão trazida por esta apresentação de hoje é importantíssima. Por que, e como, é, tem sido, impossível que qualquer processo dito educacional – seja no movimento genérico de educação artística ou no ensino dentro da escola de arte – não exclua justamente aqueles que teriam sido o exemplo para essa construção? O artista é excluído do processo, disto não há a menor dúvida.

\* \* \*

... Por falar em Virtude, tesão não se ensina. Ensina-se, talvez, o que se faça com ele. Não se trata, na Pedagogia Freudiana, de ensinar coisa alguma, mas sim de fazer o que insiro no que quero chamar de Clínica Geral, e que não precisa ser dentro do gabinete psicanalítico, ou seja, de, pelo menos, criar algum remanso dentro da estrutura que coíbe que apareça a oportunidade de a Virtude comparecer.

Na própria consideração do que é ensinado, didatizado, a suspensão deve ir caminhando junto. O que a escola faz como processo de cretinização – e não é outra coisa isto que se chama de educação: um processo de cretinização absolutamente bem construído – é o fato de transmitir-se a enciclopédia, no

máximo, por pontos de vista diferentes, mas que convivem muito bem na tal da interdisciplinaridade. E sem, no caso da criança na escola, manter um nível de suspensão, uma indiferenciação, em relação àquilo que possibilite, pelo menos, que a Virtude tenha chance de comparecer. Aí é, pois, onde coloco a Clínica Geral e digo que a intervenção do discurso psicanalítico não fica restrito ao consultório. A decepção com a educação através da arte é que isto era nitidamente bloqueado em todos os movimentos do processo.

Escola, situada no regime ministerial da educação, é da ordem do estado. Meu chamamento é no sentido de que se há uma Pedagogia Freudiana, que se chama psicanálise, ela não tem que pensar, como quer, por exemplo, Cathérine Millot, que há incompatibilidade radical, que a educação fica para lá e a psicanálise para cá. De modo algum, pois o analista tem condições de, onde fizer passar o seu discurso, promover essa suspensão, essa suspeita. É isto que chamo de intervenção no nível da Clínica Geral, seja onde for: na cama, na escola...

... Não é possível não ser psicanalista nessa intervenção suspensiva. Quem não é psicanalista, é neurótico de carteirinha... Se transformarmos a suspensão de juízo em mera regra de comportamento, isto passa a ser de nível filosófico. Portanto, há que ser analista, o qual não é o cara que tem consultório, pois este, às vezes, é completamente estúpido. Estou falando do analista *tout court*. Se o sujeito passa a experiência mesmo, tem condições de ocupar esse lugar.

Não confundir analista com o cara que tem emprego de psicanalista. O cara pode ser analista sem mesmo querer ter esse emprego. Ele pode estar empregado em outro lugar, na universidade, por exemplo. Portanto, se há passagem pela experiência do que chamo Cais Absoluto, eu a levo automaticamente aonde for. E isto é uma intervenção. É a única possibilidade de disseminação da Pedagogia Freudiana.

10/SET

## 2. Moby Dick: A Pedagogia de *Ismaelville*

Quero agradecer ao Prof. Marcio Souza Gonçalves pela apresentação das questões de sua dissertação de Mestrado na ECO/UFRJ sobre *Moby Dick*, de Herman Melville.

\* \* \*

A questão da *Imitatio Dei* é em função de uma suposição divina diferente da de Espinosa. Se o movimento, o périplo, do Haver se encaminha decididamente, para o não-Haver ao qual não pode passar – e esta é a experiência fundamental do Haver –, não é na imitação do Haver enquanto tal no seu périplo que encontraríamos a limitação, pois este seria o Deus *sive* natura de Espinosa. Em algum lugar, fazendo uma brincadeira, chamei atenção que, na verdade, tratava-se de um Deus *vel* natura.

Na interseção sonhada de um Sujeito denunciável, por vir, com o próprio Haver no seu périplo, é que se encontraria um lugar de Denúncia de onde se poderia tirar o conceito de Deus. Portanto, Ele não é nem natura, nem onipotência, nem onisciência, pois este próprio Deus, assim sonhado, está sujeito à hiperdeterminação. E no que está sujeito, denuncia-se ali a possibilidade de reviramentos e, logo, de acontecimento que virá a ser nomeado, a ter nome.

Aí está o que se poderia conceituar como Denúncia de Sujeito, o que é da maior importância no nível teórico e clínico para a psicanálise: a extrapolação do assujeitado entre as oposições do Haver para a sua hiperdeterminação, digamos, no caso, marinha. Hiperdeterminação acontecida no campo do peso indiscernível da Verdade. E isto com a possibilidade de algo vir a ser nomeado, dito, como, por exemplo, o livro chamado *Moby Dick* ou a Pedagogia de Ismael na “aprendizagem” da aproximação do não-Haver com assentamento no Real.

A diferença para com Espinosa é que faz toda importância do conceito. É uma maneira de indicar aonde uma divindade é sonhável: no lugar em que eu a possa *imitar*. Imitar significa: que eu possa sofrer a Pedagogia disso. Imitar,

é claro, de dentro do meu percurso, mas na aproximação da interseção – impossível, aliás – entre o próprio Haver e a Denúncia daquele Sujeito. Não é nem entre Haver e não-Haver, pois não-Haver não há, mas entre o próprio Haver e aquilo que se denuncia como que de fora.

Quanto ao conceito de *Falo*, é até possível tomar o trocadilho de Melville, *Moby Dick*, e dizer que é um *dick*, uma piroquinha, móvel, um *dick* voador, um objeto não identificável. E justamente aí o conceito de falo oscila. O falo é, pois, a construção inteira, o Halo, que, aliás, arremeda a constituição inteira do Haver com suas possibilidades de binaridade, mas que decai para a outra oposição impossível. É toda essa estrutura, no seu movimento, digamos, unário em relação ao não-Haver e em sua fractalização interna, todo esse movimento, que chamo de falo.

A brancura do falo, brancura de *Moby Dick*, que Melville se vira para descrever. Aí temos uma exacerbação do falo. Ao horror do branco, Melville assemelha a brancura de uma lápide tumular. A brancura do papel, este é o pior de tudo... O imbecil do Ahab, é o caso de dizer, denega a experiência que passou da primeira vez, denega o que teria aprendido, para ir lá tentar destruir aquilo que era seu campo de aprendizagem. Sua estupidez, parece que ninguém fez Pedagogia para ele...

Ahab funciona exatamente como o escritor que, ao invés de escrever a sua experiência – que é angustiosa, às vezes, ou, pelo menos, horrorosa, diante do branco do papel, quer destruir o papel. O pintor que, ao invés de sujar fecalmente a tela... Lacan, num Seminário em que eu estava presente, disse que o papel em que se escreve é o mesmo que aquele com que se limpa a bunda. Então, em vez de sujar a tela com os movimentos do seu retorno, ele quer destruir a tela: acaba-se com a pintura, com a escrita, com tudo! Ou seja, ele queria, imbecilmente, que o não-Haver houvesse.

Ao mesmo tempo que insistia n'ALEI, Haver desejo de não-Haver, Ahab parece que não aprende que o não-Haver não há. Paradoxalmente, é a insistência no desejo, segundo a sua ALEI de atingir o não-Haver que vai nos indicar, e nos fazer aprender segundo uma Pedagogia, que há que insistir nesse



desejo. Mas como o não-Haver não há, há que retornar. Ahab é aquele que insiste em chegar ao não-Haver na estupidez do não retorno.

\* \* \*

Quem é Ismael? Ismael é Melville. É aquele que conduz a narrativa daquilo que houve: daquilo que ele ouve do que terá havido. Acho *Moby Dick* uma das maiores obras da literatura mundial no entendimento do que se possa pensar sobre a estrutura desta nossa espécie. Se Ismael, como personagem, é aquele que narra, Melville, como escritor, é aquele que desiste de desistir.

... Em termos de experiência, a de Melville foi a de Ahab, mas é experiência, digamos, instruída, que chegou a aprender que só o retorno é possível. Posso pensar a oposição Ahab/Ismael como fazendo parte da experiência de Melville, mas no ato de produzir o texto *Moby Dick* ele é Ismael. A cura é Ismael, e não Ahab. É preciso ter entendimento que Ahab se dana, não diz nada, não narra nada. A experiência é ter quase afundado junto com Ahab.

... Sintoma puro é o livro *Moby Dick*. O que se atravessou aí foi a fantasia Haver desejo de não-Haver. Os materiais da narrativa são sintomáticos, a experiência não. Ou seja, mediante os materiais sintomáticos, ele consegue deixar esse resto, mas a experiência não é armada com o sintoma, ela o ultrapassa.

... Ahab acaba conquistando todos para sua loucura, menos Ismael, que entra no troço, mas sempre com certa perplexidade. Se fosse um mero freudiano – o que não se deve ser mais, porque fica feio –, eu perguntaria: Ahab não é o pai de Melville?

Melville, como foi citado na apresentação, entrou na aventura do barco, na aventura marinha, como opção para a bala na cabeça. Ele podia ter dado um tiro na cabeça ou ter ido ao cinema. Ele foi ao cinema marinho. E nessa Pedagogia, o que se aprende como enunciado legal enquanto resultado da ALEI fundamental, Haver desejo de não-Haver, é: a morte não há. Se não há, dá-se um tiro na cabeça ou se toma um navio? Este é o grande barato de Melville, o romance.

Ele dá uma bofetada na cara do Haver: “Tive uma história assim, minha família foi à falência, meu pai morreu disso, ele era um Ahab... Eu também entrei em desespero, podia meter uma bala na cabeça, entrei na aventura do mar... E de lá trouxe um romance chamado *Moby Dick* e o jogo na cara do Haver como o resto da hiperdeterminação que funda um Sujeito!” Esta é a grande bofetada, a *imitatio Dei*: “Fundo um Sujeito como retorno, e estou dizendo que a morte não há”.

24/SET

### 3. Hiper-recalque e Teoria

Quero agradecer à Profa. Maria Luiza Furtado Kahl por nos apresentar tópicos de sua tese de Doutorado aqui na ECO/UFRJ.

\* \* \*

A presente-ação, a apresentação de um pensamento, o que pode ser? É resto do atual. Mas o que atualiza a possibilidade dessa apresentação? Qual é a experiência do atual? No que essa experiência se dá no Vazio, ela só pode oferecer como resto um presente, *ad*-apresentado, na medida em que esta for a experiência do Um. Aí está a grande questão. Isto é que é a tal experiência do Um.

Por que uma *cura* exige a impostação de si como Um? Isto não tem sido falado aqui no nível da Pedagogia: a impostação de si como Um é a resultante pedagógica da visita ao Cais Absoluto. Mas é aí que cada um possível se estrebucha na multiplicidade, porque não pode considerar a multiplicidade de seus afazeres como suspensão do Outro. Se alguma coisa pode derivar do pensamento de Lacan na relação com a alteridade, é aí que está.

Toda vez que se apresenta um sujeito ao Haver, sujeito ao Inconsciente, o assujeitado, a possibilidade de tornar-se Sujeito dele, *do* Haver, ou *do* Inconsciente, ele (o assujeitado) estrebucha na sua fractalidade. Ou seja, ele insiste em amar. Quando Lacan diz, depois de Freud, que a relação sexual é impossível, pior, que o amor é impossível, o que isto quer dizer? Que a singularidade na experiência do Um não só imita como *é* o Haver. Ou seja, não há Outro.

O jogo perene da transferência – que é, desde Lacan, transferência *ao* Haver, pois, sujeito suposto saber é o Haver (na sua não-relação com o não-Haver), que ele chamou de Deus, por exemplo –, como se o suspende? Onde está a loucura fundamental de quem pensa? É que ele pensa sem Outro.

No processo analítico a pior dificuldade é na fractalidade do mundo o sujeito desistir do Haver por alguns segundos. Se desiste do Haver em sua fractalidade, ele se torna idêntico ao Haver. Então, ele é Deus. Entenderam a grande paranóia da coisa?

O que é “a morte do último homem”? É esse lugar de desistência. A partir daí, morreu o último homem. E o que que há? Há o Haver, absolutamente indiferente, uno e diante da diferença radical para com o não-Haver. Isso é a decretação da morte do último homem: aquele que sabe que relação sexual, amar, governar, tudo, é impossível. É impossível amar segundo as formas fractais do Haver; é impossível governar a fractalidade do Haver...

Mas a grande dificuldade é: aprender a morte do último homem é aprender a Solidão absoluta. Então: amar de ida não é amar de volta. Quando se ama de *ida* para o não-Haver, quando ainda não morreu o último homem, é-se no mínimo neurótico. Este é que é o amor impossível, além de idiota, e que cria todo ódio que distribuímos ao nosso redor. Amar de volta é simplesmente aquilo que Salvador Dalí chamava *O Grande Masturbador*, o masturbador universal. Chama-se: o Haver. É a *benedictio* absoluta. Isto simplesmente porque o Outro não há, não há Outro sexo, não há nada disso.

Vejam, então, o grau de loucura que é a cura. Por isso é que se chama: *lou-cura*. Essa visitação nietzscheana é de um horror, de uma grandeza e de

uma euforia absolutas. Mas, por mais esforço que tenham feito um Freud, um Lacan, etc., a psicanálise, na mão dessas gentes chamadas de analistas *et cetera*, ainda é – e não deixa de ser porque as pessoas não fazem análise, isto é uma evidência – a tentativa de lidar bem na administração dos bens do Haver, da felicidade conjugal com as fragmentações do Haver. Daí, não haver efetivamente psicanálise nesse caso.

Sem a morte do último homem no Cais Absoluto da absoluta Solidão para com o Outro, que não há... Isto é, aliás, um hábito judeu. A gravidez judaica, e depois cristã, da nomeação da alteridade, criou um tapa buraco (*a*) localizado como poder de legislação num Javé absolutamente epilético, ou (*b*) sua suspensão num feminismo cristão. Não encontramos nem a psicanálise, nem Nietzsche, neste lugar aí. É a judificação e a cristianização desse pensamento que dão na bobagem que vemos como a psicanálise no mundo.

A insistência em sustentar um Outro que não há como havendo (*a*) epilepticamente legislante ou (*b*) suspensivo disso numa eterna paixão pela infinitude divina (morre-se na cruz para salvar essa infinitude...), nenhum desses dois lugares tem a ver na psicanálise. Uma das maneiras como o percurso de Freud pode ser lido – e basta ler sua obra completa – é sua tentativa de curar-se de ser judeu. E no que recalca a possibilidade de ser grego, ele treme diante da Pulsão de Morte e dá uma denegadazinha. E se Lacan recupera isto e insiste nesse lugar, ele não deixa de insistir cristãmente.

Antes, estávamos ainda na instância da letra. Não estou dizendo que se possa, porque não se pode, pois não se tratam de imbecis, aprisionar Freud ou Lacan nesse lugar. Mas o referencial pelo qual dimensionam a alteridade, eu diria que: em Freud, é judaico; em Lacan, é cristão. Não confundir o Pleroma nem com judeu nem com cristão, porque não tem isso lá. Prefiro um Buda, se quiserem. E não preciso nem falar de grego, deixemos isto para Heidegger...

\* \* \*

... Freud diz “Tive sucesso onde o paranóico fracassou”. Um maneira precisa de ler isto é que, no que produz um delírio a partir de uma alucinação

primeira, um delírio bem estruturado como teoria, e, no que qualquer teoria tem as mesmas características de um delírio psicótico só que não o é, daí ter sucesso onde o psicótico teria fracassado, Freud se dá conta de que: ‘Embora não esteja produzindo para mim, na deliração da minha história, da minha construção de Cérebro, etc., um hiper-recalque, não posso produzir uma teoria sem a escora mínima de certos pontos ou, pelo menos, de um que, colocado de saída no nível Secundário das formações, para aquela teoria, é como se fosse a incorporação mesma do seu substrato’. Então, para a teoria, um axioma funciona como funciona para um psicótico um hiper-recalque.

A teoria precisa hipostasiar uma colocação como se fosse um dado bruto do Haver. Se não, ela não se constrói. E no que fez isto, terá dado, se o deu, um *passo a mais*. Mas este não é o passo definitivo – por isso, é passo a mais – porque toda a deliração que é a construção dessa teoria, por mais eficaz e necessária que seja num momento dado, peca originariamente por um hiper-recalque produzido artificialmente no seu seio de maneira a sustentá-la. Daí que é possível submeter essa teoria à experiência da análise, na tentativa de suspender e deslocar o seu axioma.

Não há, pois, teoria definitiva. Toda teoria é um delírio. É preciso suspender e deslocar, enquanto fazendo prova de realidade. Montou-se um aparelho teórico qualquer, filosófico, científico, etc., é preciso entender todo o seu processamento para perguntar se a base hiper-recalcante de sua construção é deslocável no momento presente.

Os grandes deslocamentos propostos por Freud foram postos de lado mesmo por ele depois que consegue passar de judeu, com namoros gregos e cristãos, ao pensamento mais refinado – que se dissesse de maneira religiosa, num tempo contemporâneo ao da construção do próprio judaísmo, com base ariana na Índia, como sendo a fórmula do Haver, que hoje estou trazendo de volta – em que um Buda diz que o cúmulo do desejo é: desejar não desejar. Foi isto o que ele ensinou.

Vejam a diferença que para com isso, se tomarmos as fórmulas de Lacan, na formulação masculina do judaísmo em que o cúmulo do desejo é: satisfazer a Lei do Pai. Mosaicamente situado, o judaísmo é absolutamente

perverso. Nele, o cúmulo do desejo não é matar o último homem, e sim obedecer desejosamente a instauração da Lei. Ou seja: existe pelo menos um que diz não, e meu desejo se refere a isto.

Se Jesus Cristo tivesse dito a mesma coisa, ninguém o crucificava, nem judeu, nem romano. Mas ele disse: “Mesmo chamando de Pai a este que vocês querem chamar, Ele é feminino: podemos suspender essa Lei num amor absoluto, num perdão generalizado, na fragmentação de cada um, em vez de fazer Um do estado judaico”. Freud passou por essas coisas todas, de repente, salta dos gonzo do pensamento ocidental e descobre a Pulsão de Morte, que a moça lá, Barbara Low, muito viva, manda ele chamar de Princípio de Nirvana...

Judaísmo tem Deus, no masculino; cristianismo tem Deus, barroco, no feminino; o budismo não tem Deus. Bastou a Espinosa passar por perto para ser expulso do judaísmo. Lacan foi estudar chinês, o Zen, passou por perto, mas continua feminino: o cúmulo do chique é S(~~A~~).

Embora no meu modo de ver, seja maneiro, Lacan tem aquela vocação barroca, e só não se abarroca definitivamente porque desloca um pouco esse cristianismo. A assunção radical, última, dessa Lei se instaura pela alteridade judaica. E a alteridade de Lacan ainda é judaica, nasceu judaica. Não há a menor dúvida, pois ninguém começa escrevendo sobre a família...

Este é um problema de base de todo o pensamento ocidental e psicanalítico. A radicalidade de se pôr ALEI Haver desejo de não-Haver, a única coisa que passou perto foi Buda. O budismo é outra coisa, são seitas, essa coisa misturada com grego, com judeu, aquilo correu o mundo, o Japão... Eu, estou dizendo que a proposta *búdica* de que o cúmulo do desejar é desejar não desejar é o entendimento da ALEI como tal, e não da Lei na alteridade de alguma palavra garantidora disso.

Moisés é completamente submisso, mais é impossível. Há, dentro do judaísmo, a briga entre o decálogo escrito e o que terá Deus falado com ele. É o melhor que os judeus conseguem fazer, pois há uma tradição oral ali: Deus falou umas coisas além de dizer as leis. Então, ele tem uma razão transferencial a seu favor: além das Tábuas que trouxe, Deus lhe disse umas coisas, que ele teria que exprimir um dia. Já é uma pequena abertura cristã...

Não há essa alteridade no pensamento búdico. Isto porque o que é alteridade pura mata o último homem e bota o bicho sentado lá se exercitando a desejar não desejar, e contra a morte porque sabe que ela não há. Os eremitas não são búdicos, pois ficam imitando esse movimento, mas no sentido feminino de atingir a região onde irão se deparar com o Deus da abertura. Eles não estão dizendo que o não-Haver não há com tanta segurança. Não estão dizendo que a morte não há senão como: “Depois dela eu chego lá!”

Jacques Lacarrière, no seu *Hommes Ivres de Dieu*, chega a mostrar que a emergência do momento da Tebaida é em contraposição à masculinização da Igreja em Bizâncio. No que a Igreja estava naquele feminino cristão, tudo bem. Mas, de repente, instaura-se como poder constituído, papal, etc., e, como instituição, pára de ser diferente do judaísmo instalado. Aí, eles dizem: “Não é nada disso, vamos para o deserto procurar Deus de novo”. A razão deles me parece feminina.

\* \* \*

Não é questão de a psicanálise ser ou não religião. Quisera eu demonstrar que a psicanálise é a religião possível. Se a psicanálise tomasse vergonha, entenderia que, pelos fundamentos de sua ação, por seus achados, teria que vir a ser aquilo que chamei de *Arreligião*. Ela teria que vir a ser o movimento novo na face da Terra que insiste nas formações religiosas sem ser religião, insiste nas formações filosóficas sem ser filosofia, como herdeira que é desse lixo que, no entanto, lhe serviu de base. Ou seja, como fundar-se uma arreligião que não seja nem religiosa nem filosófica?

... O não-Haver é uma imanência transcendente, cujo transcendente é reconhecido na sua alucinação em função da catoptria de Cérebro mas reconhecido como não havente. Então, é diferente de dizer: “Tire-se a transcendência e tratemos só da imanência”. É um transcendental que põe um transcendente que, em não havendo, alucina-se mesmo assim, mata o último homem e o enterra na sua terra. Ia enterrar onde? Não há outro lugar. Se a psicanálise tivesse sobrevivência possível, como resultante isto seria, para mim,

o movimento humano de uma nova postura que ultrapassa a religião e a filosofia. A arte, quanto a ela, é perene porque se faz com qualquer coisa: com a merda religiosa e com o cocô psicanalítico...

Se houvesse um movimento freudiano, no dia que as pessoas se derem conta do porquê e como surgiu a psicanálise, seria isto que vemos, por exemplo, no gênio contemporâneo de François Laruelle que, assim como a filosofia pensara na abstinência da religião, resolve pensar na abstinência da religião e da filosofia. Mas, a meu ver, Freud já tinha feito isto. O que a psicanálise trouxe foi a possibilidade de criar-se um grande movimento arreligioso, apolítico. A psicanálise seria Arreligião, Apolítica, nos dois sentidos, na equivocação do termo.

Tiremos esse lixo psicanalítico que aconteceu com Ipas e lacanismos, isto é história, o movimento. A grande inspiração, o grande movimento, seria – se entendermos o que o Pleroma, que é o que explica a que a psicanálise veio, até agora ninguém me explicou melhor – termos a condição de estabelecer um movimento na face do Planeta que mantenha todas as estratégias religiosas, filosóficas, artísticas, científicas, sem ser nada disso. Ultrapassando tudo isso no reconhecimento da absoluta unicidade sem transcendente.

Se a psicanálise tiver futuro, o futuro é este. Não é o futuro da divanização, mas da divinização do último homem falecido. Tenho, há muitos anos, tentado enfiar isso na cabeça de algumas pessoas, mas a paixão terapêutica, profissional, e sobretudo a paixão amorosa, cristã, pela alteridade disponível destrói todo movimento aí possível.

08/OUT

#### **4. Antonin Artaud: Acaso Bestial**

É extremamente importante para mim o destacamento que o Prof. Dr. Aluisio Menezes acaba de fazer na intuição e no rigor de produção de Artaud.



\* \* \*

As metáforas de Artaud são rigorosamente encaixadas. É o destacamento do Um e desses Uns dentro da fractalidade. A grande invenção de Artaud, que acho muito mal tratada ainda, é a anatomia do corpo sem órgãos. Como é ela? É a que desenho como *Revirão*: um desenho do corpo sem órgãos, sem macaco, sem organização.

É a unicidade, a unariedade, dos espaços que não se cruzam porque dançam sem órgãos nas oposições, criando vazios em oposição a uma dissimetria radical. O grande gênio de Artaud é ter descoberto que é por um “acaso bestial” que essa anatomia está metida dentro do macaco. Então, ele tenta limpar a anatomia externa, tirar os órgãos, tirar a organização e mostrar que isso funciona para além do macaco.

Quando ele toma uma posição de repetição, de produção industrial do macaco funcional, que ele chama de “soldado”, se formos dar o nome correto é: o “seqüestro da porra das crianças”. É só ler como metáfora que entendemos. O que faz o tipo de cultura, de sociedade, que ele está criticando? O seqüestro da porra.

Em contraposição, ele põe o “desperdício da porra das crianças”. O nascimento de Heliogábalo, por exemplo, é a porra desperdiçada. Pior, absolutamente indiscernível, pois ninguém sabe qual é a porra que deu em Heliogábalo. Extraí-se disso a pedagogia da porra indiscernível. Falando tecnicamente, ele cria o estatuto da porra indiscernível em contraposição ao estatuto da porra seqüestrada, pelo estado. Tudo isso regido por um corpo sem órgãos, que poderia falar-se com todos os deslocamentos anatômicos, com todas as próteses.

05/NOV



## SOBRE O AUTOR

MD Magno (Prof. Dr. Magno Machado Dias):

Nascido em Campos dos Goitacazes, Rio de Janeiro, Brasil, em 1938.

PSICANALISTA.

Bacharel e Licenciado em Arte. Bacharel e Licenciado em Psicologia. Psicólogo Clínico.

Mestre em Comunicação; Doutor em Letras; Pós-Doutor em Comunicação – pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (RJ, Brasil).

Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Santa Maria (RS, Brasil).

Professor Aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Ex-Professor Associado do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII (Vincennes), quando era dirigido por Jacques Lacan.

Fundador do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro (instituição psicanalítica).

Fundador da UniverCidadeDeDeus (instituição cultural sob a égide da psicanálise). Criador e Orientador de NOVAMENTE, Centro de Estudos e Pesquisas, Clínica e Editora para o desenvolvimento e a divulgação da Nova Psicanálise.

Atualmente, além de sua atividade como Psicanalista, continua o desenvolvimento de sua produção teórico-clínica (*work in progress*) em Falatórios e Oficinas Clínicas, realizados na sede da UniverCidadeDeDeus e publicados regularmente.



## ENSINO DE MD MAGNO

MD Magno vem desenvolvendo ininterruptamente seu Ensino de psicanálise desde 1976, ano seguinte à fundação oficial do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro.

1. 1976: Senso Contra Censo: da Obra de Arte  
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. 216 p.

2. 1976/77: Marchando ao Céu  
Seminário sobre Marcel Duchamp. Proferido na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro (Parque Laje). Inédito.

3. 1977/78: Rosa Rosae: Leitura das Primeiras Estórias de João Guimarães Rosa  
3ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1985. 220 p.

4. 1978: Ad Sorores Quatuor: Os Quatro Discursos de Lacan  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007. 276 p.

5. 1979: O Pato Lógico  
2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 252 p.

6. 1980: Acesso à Lida de Fi-Menina  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 316 p.

7. 1981: *Psicanálise & Polética*

Quatro sessões, sobre *Las Meninas*, de Velázquez, reunidas em *Corte Real*, 1982, esgotado. Texto integral publicado por Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 498 p.

8. 1982: *A Música*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1986. 329 p.

9. 1983: *Ordem e Progresso / Por Dom e Regresso*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1987. 264 p.

10. 1984: *Escólios*

Parcialmente publicado em *Revirão: Revista da Prática Freudiana*, nº 1. Rio de Janeiro: Aoutra editora, jul. 1985.

11. 1985: *Grande Ser Tão Veredas*

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 292 p.

12. 1986: *Ha-Ley: Cometa Poema // Pleroma: Tratado dos Anjos*

Publicados em *O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1988. 249 p.

13. 1987: “Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise”, *Ainda // Juízo Final*

Publicados em *O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1988. 249 p.

14. 1988: *De Mysterio Magno: A Nova Psicanálise*

Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1990. 208 p.

15. 1989: *Est’Ética da Psicanálise: Introdução*

Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. 238 p.

16. 1990: *Arte&Fato: A Nova Psicanálise, da Arte Total à Clínica Geral*  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2001. 520 p., 2 vols.
17. 1991: *Est'Ética da Psicanálise (Parte 2)*  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2002. 392 p., 2 vols.
18. 1992: *Pedagogia Freudiana*  
Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993. 172 p.
19. 1993: *A Natureza do Vínculo*  
Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. 274 p.
20. 1994: *Velut Luna: A Clínica Geral da Nova Psicanálise*  
2ª ed. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 310 p.
21. 1995: *Arte e Psicanálise: Estética e Clínica Geral*  
2ª ed. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 264 p.
22. 1996: "Psychopathia Sexualis"  
Santa Maria: Editora UFSM, 2000. 453 p.
23. 1997: *Comunicação e Cultura na Era Global*  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 408 p.
24. 1998: *Introdução à Transformática: Por uma Teoria Psicanalítica da Comunicação*  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004. 156 p.
25. 1999: *A Psicanálise, Novamente: Um Pensamento para o Século II da Era Freudiana: Conferências Introdutórias à Nova Psicanálise*  
2ª ed. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 224 p.

26. 2000: “Arte da Fuga”  
Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática. Rio de Janeiro:  
NovaMente Editora, 2003. 656 p.
27. 2001: Clínica da Razão Prática: Psicanálise, Política, Ética, Direito  
Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática. Rio de Janeiro:  
NovaMente Editora, 2003. 656 p.
28. 2002: Psicanálise: Arreligião  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 248 p.
29. 2003: Ars Gaudendi: A Arte do Gozo  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 340 p.
30. 2004: Economia Fundamental: MetaMorfoses da Pulsão  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2010. 260 p.
31. 2005: Clavis Universalis: Da cura em Psicanálise ou Revisão da Clínica.  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007. 224 p.
32. 2006: AmaZonas: A Psicanálise de A a Z  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008. 198 p.
33. 2007: A Rebelião dos Anjos: Eleutéria e Exousía  
Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2009. 210 p.
34. 2008: AdRem: Gnômica ou MetaPsicologia do Conhecimento [a sair]
35. 2009: Clownagens [a sair]





Formato

*16 x 23 cm*

Mancha

*12 x 19 cm*

Tipologia

*Times New Roman e Amerigo BT*

Corpo

*11,0 | 16,5*

Número de Páginas

*386*